

A PONTE ENTRE OS DOIS MUNDOS



Wallace William de Sousa







A PONTE ENTRE OS DOIS MUNDOS

Wallace William de Sousa

Todos os direitos desta edição reservados à Editora PenDragon
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa
Mariana Teixeira

Revisão
Nadja Moreno

Diagramação
Rafael Sales

Editor Gráfico
Ricardo Gonçalves

Coordenação Editorial
Priscila Gonçalves

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte.
Renata Brito dos Santos CRB-8/9773

869.9 Sousa, Wallace Willian de
D713s A ponte entre dois mundos / Wallace Willian de Souza. _ Rio de Janeiro:
Pendragon, 2018.

ISBN
978-85-9594-073-4
1. Literatura brasileira 2. Fantasia I. Título.

CDD: 869.9

869.9 Sousa, Wallace Willian de
D713s A ponte entre dois mundos / Wallace Willian de Souza. _ Rio de Janeiro:
Pendragon, 2018.

ISBN
978-85-9594-073-4
1. Literatura brasileira 2. Fantasia I. Título.

CDD: 869.9

Rio de Janeiro – 2018, Rio de Janeiro.

É proibida a cópia do material contido neste exemplar sem o consentimento da editora. Este livro é fruto da imaginação do autor e nenhum dos personagens e acontecimentos citados nele tem qualquer equivalente na vida real.

Direitos concedidos à Editora Pendragon. Publicação originalmente em língua portuguesa. Comercialização em todo território nacional.

Formatos digitais e impressos publicados no Brasil.

PREFÁCIO:

É difícil mensurar o tempo. Em alguns momentos parece que esse livro foi escrito há anos, quando ainda tinha quinze ou dezesseis anos. Em outros, parece que ainda hoje estou escrevendo-o. Ele não é sobre mim, mas reúne diversos pequenos retalhos do que poderiam compor parte de uma vida. É uma fantasia, isso é fato, mas trata de identidade, representatividade, cultura, tradição e, principalmente, juventude. É um romance que fala de juventude da mesma forma que os romances que me fizeram sonhar nessa fase da vida, que me fizeram querer ser um contador de histórias. Acho que por essa razão os sonhos são tão importantes nele. Porque sonhos sempre dão boas histórias. Sonhos são a matéria dos contos de fadas, e ambos são as forças motrizes por detrás deste livro. Contos de fadas fazem parte do reino da mitologia, nossa terceira força. Espero que esta história os ajude a conhecer outros tipos de contos de fadas e mitologias, diferentes daquelas que vemos com frequência na televisão. E quem sabe sugira novas formas de sonhar.

AGRADECIMENTOS:

Gostaria de agradecer à minha amada mãe, Lúcia, que sempre me incentivou, mesmo quando meus sonhos pareciam os mais loucos e delirantes. Minha namorada, Karla, por também me apoiar e pela paciência de servir como leitora. Meu primo Márcio, por ter me apresentado aos universos de Sandman e dos jogos de RPG. Aos meus antigos vizinhos da Vila Alpina, que de alguma forma acenderam a chama do interesse pela riqueza da cultura russa em mim, mesmo que eu mesmo não tenha nenhuma relação direta com ela. Ao Hugo, que através de uma palestra magnífica me despertou o interesse pela cultura Terena. Aos meus amigos, que mesmo que não saibam, de alguma forma serviram de inspiração para como as coisas se organizaram neste livro: Ricardo, Kleber, Marcos, Domenico, Diego, Tatiane, Ricardo, Glauber, José Paulo, Monique, Fabíola, Tiago, Mayra, Samantha. Ao meu falecido pai e avós, que não dividiram esse mundo comigo o bastante para ver este livro publicado, mas que tenho certeza que sabiam que eu poderia conseguir. Às minhas fontes de inspiração: Flávia Muniz, que me fez querer ser escritor com os Noturnos, e Neil Gaiman, que me ensinou o conceito de fantasia moderna. E a todas as culturas do mundo, que nos legaram seus contos, fábulas e mitos, enriquecendo a humanidade com uma beleza nem sempre reconhecida.

***NOTA:** Apesar deste livro tratar de culturas vivas e reais, ele o faz de forma ficcional. Diversos aspectos dos contos e principalmente dos rituais foram adaptados com os objetivos de se adequar melhor à história e de manter o respeito pelas práticas espirituais originais do povo Terena. O livro não tem nenhuma intenção de ofensa a nenhuma das duas culturas, tratando-as com respeito e deixando claro que aqui elas são apresentadas dentro de uma obra de fantasia. Se você, após ler este livro, adquirir interesse pela cultura eslava ou dos índios do centro-oeste do Brasil, sugiro que pesquise através de fontes acadêmicas, ou busque conversar com pessoas pertencentes a essas culturas (ou seus descendentes). Posso garantir que encontrará uma riqueza de detalhes que ficção nenhuma pode fornecer.*

CAPÍTULO I:

INTRODUÇÃO

Ela estava debaixo da água. Sabia que estava. Podia sentir a lentidão e o peso dos movimentos no ambiente escuro e frio. A luz era difusa e ela não saberia dizer a sua origem, mas podia perceber seu cabelo dançando ao redor, assim como o movimento do leve vestido que usava. E respirava. Respirava debaixo d'água. Estava no escuro, tão desorientada que não saberia dizer onde estava o acima e o abaixo; respirava, sentindo a água fria entrando pelas suas narinas e boca, tão líquida quanto se pode esperar que seja, mas seus pulmões agiam com a mesma naturalidade de sempre; inspirava naturalmente e formava pequenas bolhas ao soltar o ar. E ela não temia. Sem medo do escuro, da água, do desconhecido...

Seu corpo flutuava com facilidade, mesmo que ela não soubesse onde estava. No escuro, ela não tinha certeza de nada, mas achava que podia reconhecer filetes de algas entre as sombras. Ou podia simplesmente não saber o que estava vendo. Mas, de alguma forma, ela se sentia bem ali, naquele local escuro e molhado, onde flutuava livremente de um lado para o outro, de lugar nenhum para lugar algum. Ela se sentia em paz. Permitiu-se afundar. Afundou até tocar o solo de terra, passando a reconhecer onde era o abaixo e o acima. Por alguma razão, pareceu a ela surpreendente que a luz, fraca e indefinida, viesse de cima, como se a luz normalmente já não viesse de lá. Mas logo deixou de pensar naquilo e se permitiu sentar na terra, no escuro, nas águas, vivenciando nada além de sua paz.

Em algum momento ela chegou à conclusão que tudo era estranho demais. Onde estava? Essa era uma boa pergunta, mas não tanto quanto outra: como ela estava respirando debaixo d'água? Ora, não era necessário muito para perceber que isso não era normal. Mas ela não sentia medo. Na verdade, muito pelo contrário, ela tinha uma sensação quase de familiaridade com aquela situação. Não havia nenhuma das coisas que povoavam a sua mente nos outros dias da sua vida; aliás, que coisas eram aquelas mesmo? Ali não parecia importar. Na solidão e na escuridão aquática, nada parecia ter mais importância do que si mesma. Ela gostou da sensação. Sorriu, recostada em uma pedra.

Olhou ao redor. Não conseguia ver nada bem, apenas formas sombreadas em um ambiente escuro. Em alguns pontos, via o que podiam ser troncos e raízes de velhas árvores, mas também podia não ser nada daquilo. Ela via formas longilíneas dançando sem sair do lugar, como se fossem algas ou algum tipo de planta aquática, mas também podia não ser. Prestou atenção à sua própria língua e percebeu que a água ali era doce – ou melhor, tinha gosto de água; ela nunca entendera essa questão, pois sabia que a água do mar era salgada, mas nunca tinha achado doce a água dos rios e lagos –, ou seja, não estava no mar. Olhou para cima e viu a luz difusa. Pensou

em subir para ver onde estava, mas decidiu que isso podia esperar. Era bom estar ali, na confortável escuridão, onde apenas ela importava. Talvez fosse um pouco menos solitário se houvesse peixes nadando ao redor. Seria uma forma de companhia. Mas não precisava disso. Ali, no confortável escuro do fundo do rio – ou lago, ou onde quer que fosse aquele lugar –, ela se sentia bem e não se importava em estar sozinha.

— Você não está! – ela se assustou. Teve um sobressalto ao ouvir a voz dentro da água. Uma voz masculina, forte, firme, não uma voz que conhecesse. Olhou para os lados e nada viu. Estava muito escuro. Então tentou falar, mas parou antes de pronunciar qualquer palavra. Era ridículo. Não havia como falar debaixo da água. Ela não era nenhuma mergulhadora profissional, mas brincara o suficiente em riachos e piscinas na infância para saber que isso não fazia sentido.

— Não vai me dizer nada? Não vai me cumprimentar? – a voz veio de novo, tão forte e séria quanto antes. Ela falava com uma dicção perfeita e clara, mas havia algo estranho, algo como um ritmo diferente, entonações diferentes nas sílabas. Ela não sabia dizer se era algum tipo de sotaque ou não. Não respondeu. Continuou olhando para os lados, procurando algo que não sabia se estava mesmo lá. Seu coração batia rápido, e sua respiração formava mais bolhas do que antes.

— Compreendo que não queira me cumprimentar. Formalidades são sempre difíceis. Muitas delas formam compromissos que nem sempre estamos preparados para assumir. Algumas formam compromissos sem que sequer percebamos que o fizemos, veja só! – a voz ficou divertida. – Mas entenda, pequena, o ato da saudação é um sinal de que duas pessoas se encontram em paz. Não é um compromisso de amizade, apenas nos diz que estamos em paz no momento. Não é melhor que estejamos em paz agora?

— Cadê você? – a voz dela saiu fraca, assustada, entrecortada, mas conseguiu ouvi-la debaixo da água. Então ela se sentiu a pessoa mais burra do mundo. Se ela respirava e ouvia ali, por que não falaria? Parecia óbvio que não poderia se guiar pela lógica. Aliás, lógica nunca tinha sido o seu forte mesmo. – Cadê você? – repetiu ela, com mais firmeza.

— Em você – respondeu a voz – estou nos rios que correm por suas veias, estou nos lagos salgados que formam suas lágrimas. Cada vez que você chorou, meu reino se tornou vazio. Cada vez que sentiu raiva, as correntes ferveram ao meu redor. Sua alegria trouxe vida ao seu interior, bem como calor ao recanto do seu coração onde vivo. Eu estou em você e você agora está em mim. Pois assim eu te conheço, em corpo, em alma, medo e alegria, em tristeza e anseio. E aqui ofereço a chance de conhecer a minha morada.

— Eu perguntei onde você está! – ela ergueu a voz. Estava assustada. Não sabia onde estava, não fazia ideia de como podia estar conversando debaixo da água com alguém que não via. Eram bons motivos para ter medo. Levantou-se de forma repentina, olhando ao redor. Não via nada. A cada movimento de sua cabeça seus cabelos dançavam ao redor, obscurecendo ainda

mais a sua visão, cobrindo o seu rosto, sua boca, suas narinas, e ela sentiu dificuldade para respirar. Tentou afastá-los, mas a respiração continuava a falhar. As bolhas que saíam de sua boca estavam se formando de forma muito rápida, mas ela não estava sentindo o ar quando inspirava, apenas a densidade fria e aquosa entrando por suas narinas, boca, traqueia e pulmões. Sentiu o corpo enfraquecer e tudo ficava mais escuro. Não sabia como podia ficar mais escuro, uma vez que ela já não estava vendo praticamente nada, mas ficava. Estava se afogando.

Em desespero, fez a única coisa que lhe ocorreu. Nadou. Nadou para cima, ou pelo menos a direção que parecia ser o cima. Seu corpo estava pesado, ela não respirava, mal conseguia enxergar, mas continuou nadando. No desespero, pareceu ver algo. Algum tipo de luz. O sol, a lua, ou o que quer fosse, não importava, ela só queria sair dali. Seus pulmões cheios de água deixavam de funcionar, seus movimentos cada vez mais fracos, mas ela sabia que era a sua única alternativa. A visão escurecia mais e mais. Ela sentia que não teria forças, mas precisava pelo menos retirar a cabeça da água. Talvez conseguisse pedir ajuda. Talvez alguém a visse. Nadando, ela deu um último impulso para cima, retirando a cabeça da água.

E gritou. Gritou, mesmo com os pulmões cheios de água. Não conseguiu ver nada. Apenas se sentiu caindo de lado. Estranhamente, não afundou. Sentiu o corpo ser parado antes de afundar. Mas não conseguia respirar, experimentando ainda toda a água fria inundando suas cavidades nasais, sua garganta, e seus pulmões desesperadamente precisando expulsá-la. Tossiu violentamente, tentando expelir a água, tentando vomitá-la. Tossiu uma vez, tossiu duas, tossiu três...

E repentinamente seu pai abriu a porta do quarto, aos gritos, preocupado com o que estava acontecendo. A luz do corredor passou pela porta, atingindo-a de surpresa, e tudo o que ela conseguiu fazer foi respirar profundamente, inspirando todo o ar que podia. Ela estava em sua cama. E então começou a chorar, com medo e alívio...

CAPÍTULO II:

A MENINA VINDA DE LONGE

— Sua aparência está horrível! – Tatiana não ligava. Na verdade, era até familiar ouvir aquilo. Desde que chegara naquela escola, quase tudo o que ouvia era bajulação, elogios falsos e busca pela sua atenção. Não era assim de onde ela viera. Na sua cidade, ela não era considerada bonita, não chamava atenção de ninguém e era a pessoa mais ignorada da escola. Mas agora tinha muita atenção e popularidade. Ela não via nada demais em si mesma, mas sua aparência era bem diferente da maioria das outras alunas do colégio, isso era fato. Finalmente ser reconhecida como alguém especial a deixava bastante contente. Ela agora tinha amigos, admiradores, e não se incomodava com a bajulação. Não parecia verdadeiro, claro, mas na maioria das vezes ela optava por acreditar.

— Eu dormi mal, Sandra, me deixa em paz! – ela não havia conseguido voltar a dormir após o pesadelo. Rolou de um lado para o outro da cama, por mais que estivesse cansada e com sono. Quando finalmente parecia que suas pálpebras se fechariam, o despertador tocou. Ela cambaleou pelo quarto e tomou o seu banho matinal, mas mesmo a água gelada não parecia despertá-la; na verdade, a sensação da água fria batendo no seu rosto e correndo pelo seu corpo sempre lhe trazia uma sensação de relaxamento. Ao fechar os olhos, ela se sentia novamente segura, em um local escuro, com a água fria ao seu redor. Ela nunca se perguntava de onde vinha aquela sensação, mas daquela vez não demorou a associá-la com o pesadelo. Não se incomodou com a consciência disso, apenas se permitiu aproveitar o efeito de estar sob a água, mesmo que esta viesse do chuveiro e o escuro fosse suas pálpebras fechadas.

Caso sua mãe não a tivesse chamado, ela poderia muito bem ter perdido o horário da escola. Foi arrancada de sobressalto de seu devaneio pelo grito, engoliu água e a sentiu entrar nos olhos. Tinha passado muito tempo naquela posição, mas não sabia dizer quanto. Apenas não queria ser tirada dela, principalmente de maneira tão abrupta. Por que sua mãe precisava sempre ser tão histérica? Comeu as panquecas, enquanto corria pela casa para terminar de se vestir e recolher o material escolar espalhado pela sala. Acabou recebendo carona do pai, mas ainda chegou atrasada e com as prováveis olheiras de uma pessoa que não dormia direito há uma semana.

— Desculpa, Sandra, eu estou cansada e dormi mal essa noite. Devo estar um porre, mas meu humor fica pior quando não durmo – ela colocou a mão sobre o ombro da amiga, em um sincero pedido de desculpas.

— Tudo bem, gata, mesmo com essa cara de morta-viva, você ainda é a menina mais bonita da escola – Tatiana riu e olhou para o caderno, tentando se convencer daquilo. – O Caetano ainda te manda bilhetes? Ele não para de te olhar, nem hoje, com essa cara saída de um

filme de zumbi.

— Nem que ele escreva um livro! Cara chato, fica me enchendo com isso! E que raio de ideia é essa de ficar mandando bilhetinhos? Poxa, já inventaram formas bem mais eficientes de se mandar mensagens, não contaram pra ele? Via celular, por exemplo! – Caetano era um rapaz popular da escola. Fazia parte do Tiro de Guerra, por isso era comum vê-lo andando fardado pela vizinhança. Era atlético e tirava boas notas na escola, além de ser divertido e sedutor. Mas desde que a garota do Paraná chegara na pequena cidade de Rio Santo, ele não teve olhos para nenhuma outra menina mais.

— Você passou seu número pra ele para isso?

— Claro que não! Ele precisará se esforçar mais para merecer isso – brincou Tatiana, mesmo que olhando de relance para o rapaz alto e bonito sentado no outro lado sala; ele percebeu os risinhos das amigas, claro, e sorriu para Tatiana ao se virar. – Se ele quiser minha atenção, vai ter que fazer mais que isso. Tipo, o meu dever de casa. Isso ele não quer né? – Tatiana ficou mais séria por um momento. – Escuta, você manja dessa matéria da Marlú? Eu não quero repetir de ano. Já repeti uma vez lá no Paraná e foi horrível. Não quero que aconteça de novo.

— Manjo um pouco – respondeu a amiga – mas qualquer coisa pedimos ajuda pro meu irmão. Ele pode ser sonso, mas gosta muito de números.

— Coitado dele, Sandra. Ele já é zoadado por todo mundo, quase não tem amigos, e você ainda chama ele de sonso? E não esqueça, hoje está na moda ser nerd.

— Meu irmão não é um nerd de seriado de televisão, Tati – continuou Sandra –, ele é inteligente, mas ninguém gosta dele e ele não gosta de ninguém. Vai morrer sozinho, isso se não fizer nenhuma loucura. Meu pai acha que ele é veado, mas acho que até os gays o devem achar estranho. Já conversou com ele? Vai, me diz que não acha ele sonso.

— Ele é sonso – Tatiana riu baixinho, concordando –, bem songo-mongo mesmo. Mas ele já deve ouvir isso de todo mundo. Se ele começar a ouvir isso da própria família, o que vai ser dele?

— O André é um caso perdido. Ninguém tem muita esperança que ele seja alguma coisa. A não ser meus pais, claro, que acham que ser inteligente, tirar boas notas e ficar horas no computador são sinais de que vai ser bem-sucedido. Ele deve ficar jogando esse tempo todo, ou então olhando safadeza. Por isso acho que é melhor darmos alguma utilidade pra ele de vez em quando; tipo, nos ajudar a passar de ano.

— Tudo bem, mas não pesa muito na zoação, ou ele pode não querer ajudar. Eu quero passar de ano, e posso precisar dele para isso – as duas riram, mas logo pararam quando a professora de Física entrou na sala. Na maioria das vezes, elas simplesmente ignorariam, mas o ano ainda estava no começo e as duas já sabiam que aquela matéria não seria fácil.



Como em qualquer escola, o pátio no horário do intervalo estava lotado de estudantes, adolescentes agindo de acordo com sua idade. Toda escola tinha os seus excluídos e os seus adorados, e isso não era diferente ali. Os excluídos ouviam piadas, brincadeiras e hostilidades, embora fosse bem pior durante a adolescência dos seus pais. Tatiana não achava certo, na verdade ninguém achava. Ela era uma adolescente como todas as outras, no fim das contas. Um pouco de comportamento transgressor, outro tanto de sentimento de superioridade, um certo prazer em ridicularizar o outro; todos tinham isso, ela acreditava. O irmão gêmeo de sua amiga era um desses casos. Desajeitado, pouco sociável, sempre preso aos seus livros ou telefone celular; não diferia muito dos outros nesse aspecto. Não sofria agressões gratuitas, mas era alvo de comentários e risos, e tinha poucos amigos. Ela já havia conversado com ele, mas não via nenhuma razão para fazê-lo novamente. Não o maltratava, mas não fingia gostar dele.

Porém, lá estava ele, na sua frente, na fila da cantina. Não que fosse um problema, ele era irmão da sua amiga, não deixaria de o cumprimentar enquanto estavam na fila. Até se sentiu tentada a não fazer nada, uma vez que ele estava tão imerso em um livro que sequer teria percebido a sua presença. Mas pensou que era bom trazer a mente dele de volta ao mundo ou poderia esquecer que a fila andava, e acabaria sendo vítima de mais brincadeiras. Espiou com os olhos por cima do seu ombro e viu um monte de palavras estranhas, com alguma coisa em português ao lado delas. Como um dicionário.

— Oi! O que você está lendo, moço? – ela tentava parecer simpática. Na verdade, era até sincera, pois não queria problemas com ninguém e sabia que André não era uma má pessoa.

O rapaz quase pulou de susto. Olhou para trás e viu a amiga de sua irmã sorrindo. Ele se recompôs, ainda aparentando estar envergonhado, e respondeu mecanicamente, voltando os olhos para o livro.

— É um dicionário de língua Terena.

— Você lê um dicionário? A maioria das pessoas só procura palavras nele, você sabe – ela espionou o livro enquanto a fila andava um pouco. – Você e a Sandra são descendentes dos índios dessa tribo, né?

— Nós somos Terena. Se minha irmã tem vergonha de dizer, eu não tenho – ele disse, finalmente olhando para ela. – Minha irmã acha que devemos ser iguais a vocês, todos aqui nessa escola querem ser iguais a vocês. Ninguém mais se preocupa com o que somos.

— Hey, calma, André – Tatiana levantou as mãos, em tom apaziguador –, eu também não sou igual a todo mundo, lembra? Acho que ninguém é igual a ninguém, na verdade. Mas é

importante que saibamos tratar a todos igualmente, tá?

— É isso – respondeu André –, você não entende e não vejo razão para tentar explicar isso para você.

— Talvez porque eu seja a única pessoa aqui disposta a conversar com você, seu babaca. E provavelmente serei a última garota a te dirigir a palavra até o final do ano, por isso era melhor me tratar com mais educação – Tatiana levantou a voz para falar e logo todos ao redor estavam comentando e rindo da situação, deixando André ainda mais nervoso e envergonhado. Ele deixou a fila e saiu sem olhar para trás. Tatiana chegou a sentir uma ponta de arrependimento, mas logo os parabéns e as brincadeiras pelo “lacre” fizeram com que se esquecesse a culpa. A culpa era dele, afinal. Não podia ter sido mais educado?



Ela pegou a carona com o pai no portão da escola. Normalmente ia embora sozinha, mas dessa vez ele se propôs a buscá-la. Ouviu alguns risos e cochichos perto de si. Nem todo mundo na escola gostava dela, pois era a menina diferente e vinda de longe que chamava a atenção de todo mundo. Ela não ligava. Na sua antiga escola, às vezes até queria falar com as meninas que não gostavam dela para tentar ter sua amizade; aquelas pareciam mais honestas do que as da nova escola, que viviam como moscas ao seu redor. Uma popularidade que ela nem sabia se gostava mesmo, mas que aproveitava como uma novidade agradável.

O pai parou a velha caminhonete em frente ao portão da escola. Cumprimentou-o com um beijo, e apertou o cinto de segurança enquanto ele saía. Seu pai, Sansone, era um homem humilde, agricultor de nascença, que tentava parecer amoroso e presente, mas as marcas do cansaço estavam presentes no seu rosto e seus olhos.

— Como foi a aula? – ele perguntou, abrindo um dos seus sorrisos tristes e cansados.

— Foi bom, pai, mas eu não gosto de Matemática e Física. Não vejo utilidade pra essas coisas, pra que temos que aprender isso?

— Eu não sei direito nada disso, Tatiana, e olha o que eu sou. Isso não é importante pra mim, que só sei cuidar da terra, mas hoje tem uns piás estudados que cuidam da terra melhor que eu. Então deve ser importante, tanto pra quem cuida da terra quanto pra quem faz outra coisa – ele olhou de soslaio para a filha. – Mas está conseguindo entender, né?

— Um pouco – ela respondeu, sem olhar para ele –, mas eu a Sandra vamos estudar juntas, e o irmão dela vai nos ajudar. Ele é muito inteligente e entende a matéria.

— O guri se chama André, né? O pai dele acha que ele é bicha – os pais de Tatiana e Sandra trabalhavam juntos. Isso acabou ajudando a amizade entre as duas, pois Sandra visitou

muitas vezes a casa da família paranaense a pedido do pai, para ajudar os recém-chegados a conhecerem a cidade, o comércio local, que lugares deviam frequentar, que lugares deviam evitar. Mas isso, de vez em quando, era um problema, pois quando alguma delas inventava de mentir para os pais, essa mentira precisava ser bem combinada com a outra ou logo seria descoberta, assim que o pai de uma perguntasse ao da outra.

— O que ele é eu não sei, pai, só sei que entende a matéria – ela respondeu, sem encará-lo.
– Mas que coisa horrível de se dizer, pai! Se ele for gay ou não, o que importa? Pôw, dá pra tentar ser menos chucro? Você chama todo mundo aqui de “bugre”, chama um menino que nem conhece de “bicha”! Pelo amor de Deus, dá pra ser menos preconceituoso?

Sansone não tirou os olhos do caminho. Apenas continuou dirigindo em silêncio. Tatiana pensou em pedir desculpas, mas acabou não fazendo. Podia ser só teimosia adolescente, mas ela não achava certo. Ela sabia que tinha diversos comportamentos preconceituosos na escola e com seus amigos, mas tinha consciência que era errado e que todos aprendiam isso em casa. Imaginava que havia diferença entre ver esse comportamento na escola, com colegas da mesma idade, e ouvir a mesma coisa da boca de seus pais. Não sabia se tinha alguma lógica, mas acreditava que o preconceito não deveria vir de casa, mesmo não vendo problema em desenvolvê-lo fora dela.

O pai dirigiu o carro em silêncio por alguns minutos, mas diminuiu a velocidade quando se aproximaram de casa. Sem olhar para ela, perguntou:

— E o pesadelo? Conseguiu dormir depois dele?

— Não – ela não via motivos para mentir.

— Vou falar para sua mãe te dispensar do serviço de casa hoje, aí você pode dormir. Se tiver lição de casa ou trabalho da escola, e não for pra entregar amanhã, deixa pra fazer depois. Se precisar de algum material, é só me falar que eu compro quando sair da fazenda.

— Não tenho trabalho nenhum, só tenho sono, obrigada – ela continuou olhando em frente.

A caminhonete chegou à casa. Era um lugar simples, mas eram ainda mais pobres quando viviam no Paraná. Muitos agricultores do sul do país estavam migrando para o Mato Grosso e Mato Grosso do Sul em busca de terra e trabalho. Sansone encontrou trabalho, mas não terra. Trabalhava para um grande fazendeiro da região, um gaúcho que havia chegado não fazia tanto tempo também. Tatiana não entendia a razão pelo qual o patrão de seu pai havia vindo do Rio Grande do Sul e se tornado rico enquanto seu pai continuava pobre, mas a vida era melhor para eles ali. O salário era melhor, a casa era melhor, o clima era mais quente, a cidade era maior – apesar de ainda pequena –, mas a família sentia falta do senso de comunidade que encontravam nos faxinais do Paraná, onde tudo era compartilhado pelos pequenos produtores. Isso não se aplicava a Tatiana, que preferia a cidade e o calor, ou pelo menos era o que dizia. Mas, por mais que não admitisse, ela também trazia dentro de si mais da colônia do que dizia. Ela era parte da

sua história. E o que somos, no fim das contas, senão o resultado da soma dos componentes de nossa própria história?

CAPÍTULO III:

A FILHA DO MOLEIRO

— ...essa história aconteceu há muito, muito tempo atrás...

— Quanto tempo, baba?

— Muitos anos, meu pequeno, muitos e muitos anos, tantos anos que eu sequer saberia como contar...

— Mais anos que a senhora tem?

— Sim, muitos e muitos anos mais. Mas me deixe continuar a história, sim? Muitos e muitos anos atrás, na terra do outro lado do mar de onde veio nossa família, havia um poderoso rio, o Dniepre, tão grande e forte quanto os rios dessa terra que agora é nossa casa. Mas a terra era muito diferente, com árvores diferentes, grama diferente, céu diferente, estrelas diferentes. Lá o inverno era tão frio quanto o verão aqui é quente, e tudo ficava coberto pela neve por meses, um mar de branco sob as noites escuras. Lobos uivavam e as pessoas se escondiam. A vida não era fácil, pequenino, mas era um pouco mais fácil para os que viviam próximo aos rios. Era normal naquela terra que fossem construídos moinhos de vento nas encostas dos rios. E embora as vidas dos moleiros, os homens que trabalhavam nos moinhos, não fosse fácil também, eles eram respeitados e temidos pelo povo.

— Por que, baba?

— Porque eles conheciam o funcionamento dos moinhos e o processo de transformar o trigo na farinha que usavam para fazer seu pão e sua comida. Por isso, os moleiros eram respeitados e temidos, pois transformavam uma coisa em outra rapidamente, tal como se fossem magos, e eram essenciais para a vida na comunidade. A vida seria muito mais difícil sem eles. E havia um velho moleiro no Dniepre que cuidava de um moinho muito antigo, mas que servia para alimentar toda uma pequena vila próxima. E esse velho moleiro era ajudado por sua jovem filha, uma donzela de grande beleza e que tinha muito amor pelo pai. Porém, um dia, um boiardo estava passando pela região e viu a bela jovem voltando para o moinho. Ele era um homem rico e poderoso, acostumado a ter tudo o que queria, e desejou a jovem no instante em que a viu.

— O que é um “boiardo”?

— É como se fosse um príncipe para os nossos ancestrais. Hoje em dia não existem mais boiardos, mas eles eram muitos na época dessa história, e eram homens muito poderosos e ambiciosos. E aquele boiardo era ainda mais ambicioso do que os outros e não aceitava um não como resposta. E ele foi ao moinho falar com o velho moleiro...

— *Bom dia, velho moleiro, que teu dia seja abençoado. E digo que abençoado ele é, já que venho informar-te que vossa filha foi escolhida para ser minha nova esposa.*

Mas o velho moleiro ficou extremamente assustado com a possibilidade de perder sua

filha para o boiardo.

— Eu o saúdo, meu senhor, e espero que bons ventos o tragam e o levem. Mas peço, por favor, não leve minha filha. Ela é a única pessoa que me resta, que me ajuda e que me faz companhia.

— Não se preocupe, homem. Tua filha será feliz e o senhor receberá um bom dote em prata por ela.

— Mas, meu senhor, prata nenhuma pode compensar a solidão. Peço que reconsidere, se não por mim, por toda essa vila onde homens e mulheres são vossos vassalos. Sou um homem velho, não posso trabalhar sozinho no moinho. Sem a ajuda de minha filha, o povo da vila passará fome.

— Homem, és mais teimoso do que deveria ser. Eu deixarei aqui o preço em prata e ouro pelo dote de vossa filha. Pega o dinheiro e ensina algum rapaz da vila para ajudá-lo com o moinho. Mas tua filha será minha esposa, isso está decidido, ou passarei ambos pelo fio de minha espada. Vai, vai chamá-la!

E aterrorizado com essa terrível ameaça, o velho moleiro foi buscar a filha. Porém, assim que ela viu o boiardo, seu coração quase saltou da boca.

— Pai, vai mesmo me dar em casamento a tal homem velho e maligno? Sou tua filha! Cuido de ti quando estais doente, ajudo no moinho! Como viverás com a minha partida? E eu, como serei feliz com um casamento com tal homem?

Mas o boiardo não ficou feliz com essas palavras. Ele mandou que seus homens a pegassem e amarrassem, bem como a guiassem na direção de sua casa. Ao desolado pai pagou apenas com algumas moedas, alegando que ele não havia educado a filha direito e por isso ela valia menos. E eles começaram sua jornada, mas as terras da região eram vastas e eles não chegariam ao castelo do nobre em um único dia. Quando a noite caiu, decidiram acampar nas costas do Dniepre, uma vez que estavam longe de qualquer vila que pudesse abrigá-los. À filha do moleiro foi prometida uma tenda própria, desde que ela se comprometesse a se comportar. Ela prometeu pelo rio que corria ao lado deles que daquela costa não sairia. Porém sua tenda estava vazia quando amanheceu. Furioso, o boiardo mandou que seus homens a procurassem, tudo isso sob a névoa da manhã nas costas do Dniepre.

O boiardo se perdeu de seus homens na névoa, mas encontrou sua esposa. Ela estava parada na beira do rio, em pé, com seus pés na água, em meio à névoa. Olhou para o boiardo, mas logo lhe virou as costas.

— Mulher, o que está fazendo dentro da água fria? Vai ficar doente! Volte aqui, rápido!

— Não posso, meu senhor boiardo. Não posso mais acompanhá-lo – respondeu a jovem, com uma voz triste. – Não posso mais me casar com o senhor, pois já me casei.

O boiardo ficou furioso, com o rosto vermelho e os bigodes se movendo enquanto ele

bufava.

— *Você se casou com quem? Diga-me com quem e eu o matarei agora!*

Naquele momento, ele finalmente percebeu alguém ao lado dela, alguém que estava encoberto pela névoa até então. Um homem velho e grisalho, de aparência frágil, usando uma túnica vermelha e tendo uma espada enferrujada nas mãos. O boiardo riu daquela visão.

— *Esse é teu marido? E teve coragem de me chamar de velho? Eu nem precisaria esperar muito para que fosses viúva apenas pela natureza. Mas tudo bem, se é o que destino dita, então minha espada não hesitará em beber o sangue de um velhaco desses.*

O boiardo entrou nas águas gélidas do Dniepre e se perguntou como aquela jovem delicada e aquele homem velho podiam estar dentro de águas tão frias. Mas ainda assim, ele sacou sua espada e foi em direção a eles. Ele observou seriamente o velho, certo de que não precisaria de mais do que um golpe para terminar aquela luta...

— E então as águas do rio se levantaram e cobriram o boiardo, afogando-o para sempre! – gritou Tatiana, enquanto jogava uma toalha por cima da cabeça do seu irmão menor e o abraçava para que não pudesse escapar. O garotinho estava tão concentrado na história da avó que nem percebeu a chegada da irmã e agora se debatia para escapar da armadilha. Tatiana deixou que ele escapasse.

— Sua tonta! Eu vou contar pra mamãe, você vai ver!

— Ora, ora, parece que alguém aqui gosta de ouvir velhas histórias de fantasmas, mas não aguenta nenhum sustinho sequer – zombou a irmã.

Ela olhou para o pequeno irmão. Seus olhos estavam cheios de lágrimas e ele evitou encará-la, emburrado. Ela o pegou no colo e abraçou.

— Ivan, Ivanzinho, você está certo. Desculpe, eu fui uma tonta. Não devia ter te assustado. Ele se desvencilhou do abraço da irmã.

— Assustou nada! Eu não me assusto com nada! – e se virou para a avó, que parecia estar se divertindo horrores com a briga entre os dois. – E a senhora não terminou a história. Ela termina assim mesmo?

— Sim, ela termina assim – a senhora parou para pensar por alguns instantes. – Veja, a filha do moleiro se casou com o rio. Quando ela viu que não poderia ser feliz, preferiu viver para sempre nas suas águas.

— E o homem velho?

— O homem velho é o Vodyanoi, o espírito do rio. Ele protegia o rio, o moleiro e sua filha, por isso afogou o boiardo. Agora vá para o seu quarto. Já tivemos histórias demais por hoje. Espero que não sonhe com essa.

O pequeno menino pareceu que ia discutir, mas após olhar para o rosto zombeteiro de Tatiana, acabou indo, tentando parecer um homem. Era uma cena engraçada de se ver. Será que

ela tinha crescido com essa rapidez? E será que tinha esse mesmo ímpeto de querer parecer adulta, mesmo quando mal sabia usar o banheiro direito ainda? Tanta pressa para deixar de ser um pequeno ouvinte de histórias para querer parecer um protagonista das próprias histórias! O seu sorriso carinhoso a levou a pensar se não era jovem demais para pensar nessas coisas. Talvez fosse. Hoje ela tinha sua própria história para contar, mas as velhas histórias que ouviu quando tinha o mesmo tamanho do pequeno Ivan ainda eram bem vivas na sua memória. Talvez fosse nostalgia pela infância, ou talvez fosse o carinho que sentia por quem as contava.

— Baba! – o abraço na avó era forte, embora o que ela recebera de volta fosse bem mais frágil. – Viver para sempre nas águas do rio, baba? Isso seria tão bonito se ela não tivesse se afogado, não é?

— Moya krasotka! – riu a velhinha. – Ivan não precisa saber disso tudo ainda. É bom que as histórias não sejam tão tristes e trágicas na idade dele. Elas devem fazê-lo sonhar, não temer.

— Mas é claro, como se todas as histórias que vocês trouxeram do outro lado do oceano não fossem trágicas e assustadoras quando pensamos nelas depois – Tatiana se abaixou e beijou a testa da sua velha avó, que tantas histórias havia contado para ela na infância. – Mas eu sempre amei suas histórias. Cada uma delas. Você realmente sabe como fazer uma menina sonhar. E essa sempre foi uma das minhas favoritas, principalmente quando a senhora a contava ao redor da fogueira no faxinal enquanto comíamos pinhão.

A velha Kátia sorriu com um agradecimento sincero pelas lembranças que a neta trazia.

— E você? Como foi na escola?

— Ah, tudo normal, baba – desconversou Tatiana, enquanto pegava a toalha que havia jogado sobre o irmão. – Nada de diferente, só o de sempre. Vou tomar um banho antes de almoçar, tudo bem?



A água do chuveiro caía gelada sobre seu corpo. Ela preferia tomar banhos frios, pelo menos desde que havia se mudado. Rio Santo era muito mais quente do que a sua antiga cidade, por isso a água gelada trazia uma sensação relaxante. Os banhos de Tatiana costumavam ser longos – para desespero dos seus pais – por isso. Por mais que já tivesse terminado de se lavar, ela preferia se demorar debaixo do chuveiro, deixando a água atingir seu rosto, ombros e cabelos. Era comum que passasse vários minutos no banho, com os olhos fechados, apenas desfrutando da sensação de paz e sossego que só conseguia encontrar ali, somente ela e a água fria. Por vezes, no escuro dos seus olhos fechados, ela se sentia completamente sozinha no mundo. Em outras vezes, contudo, ela não se sentia só. Imersa na escuridão dos seus olhos fechados sob o

chuveiro, ela quase podia jurar a existência de alguém ao seu lado. Algumas vezes achava que existia algo nadando ao seu redor, tão próximo que poderia esticar o braço e tocar. Outras vezes, quando a água atingia seus ombros e descia pelos seus braços, quase podia sentir o abraço frio de alguém, fechando-se ao seu redor, segurando-a um pouco mais debaixo da água. Contudo, por mais estranha que essas sensações pudessem ser, ela não conseguia sentir medo. No abraço frio das águas, como naquele dia, ela apenas conseguia se sentir protegida e segura...

CAPÍTULO IV:

OUTRA MENINA VINDA DE LONGE

— Essas olheiras são para destacar seus belos olhos azuis?

— Pra começo de conversa, Sandra, eles são verdes. Ou cinzas, sei lá. E você sabe que estou tendo problemas para dormir.

— Ainda, Tati? Escuta, isso está começando a ficar preocupante. Já falou sobre isso com seus pais?

— Não precisa. Não tem nada de errado acontecendo. Só não estou conseguindo dormir, só isso – mais de uma semana havia passado, mas o seu sono ainda estava turbulento. Embora Tatiana não vivenciara um pesadelo como aquele novamente, isso não quer dizer que suas noites estivessem sendo confortáveis. Muitas delas eram assombradas por sensações estranhas. Por vezes, ela se sentia afundando enquanto deitada no colchão, mergulhando cada vez mais na escuridão; em outras, podia sentir os seus movimentos lentos e pesados, como se embaixo da água, e até sentir a sensação de afogamento, apenas para acordar e perceber que era o lençol preso sobre seu corpo e rosto. Contudo, não via razão em se preocupar. Esses pesadelos, por mais frequentes que fossem, não ocorriam todos os dias. E todas as sensações ruins desapareciam com um bom banho frio, mesmo que o sono perdido não fosse compensado.

— Pelo menos me diga que sua falta de sono tem um bom motivo. Talvez um motivo alto, forte, inteligente e que hoje está usando um uniforme do exército na frente da escola – ela disse, guiando os olhos da amiga para a visão de Caetano, que também conversava com seus amigos, mas logo percebeu os olhares da dupla sobre ele.

— É ruim de eu perder sono por causa de um boy, hein! – riu Tatiana, mesmo que respondendo abertamente ao sorriso dele. – É mais fácil ele perder o sono por minha causa! Mas talvez eu aceite um convite para tomar um açaí com o menino; acho que ele merece uma chance – a dupla riu novamente, mas Tatiana logo ficou mais séria. – Acho que é só estresse, gata. Pressão pela escola e coisas assim.

— Se você diz... Só fiquei preocupada, você tem aparecido direto com essa cara de morta-viva na escola e... e... o que é que está acontecendo ali?

Havia uma aglomeração à frente. Na frente de uma escola pública, aquilo só podia significar uma coisa: briga. As vozes exaltadas eram principalmente femininas, o que evidenciava uma briga de garotas. Os meninos, por sua vez, preferiam apenas rir e provocar. Tatiana e Sandra se aproximaram e puderam ouvir melhor os gritos. “Bicho d’água!”, “Fantasma!”, “Princezinha!”, “Leitosa!”, “Metida!”, “Palmito!” Eram ofensas que Tatiana conhecia bem. Ela as ouviu o suficiente quando chegou à escola. Ainda as ouvia ocasionalmente, mas os xingamentos não eram dirigidos a ela dessa vez.

— E então, sua piranha, fala o que veio fazer aqui! Aqui a gente não gosta da sua laia! Devia ter ficado lá no sul junto com a sua gente!

Era Andréa, uma das que costumavam hostilizar Tatiana. Ao redor estavam as suas amigas, todas meninas típicas da região, de forte herança indígena. Ajoelhada no chão, uma menina de pele pálida e cabelos escuros chorava e pedia para que ela parasse. O rosto da garota estava marcado e vermelho, como se houvesse sido estapeado, mas agora seu longo cabelo molhado estava enrolado em um aperto firme nas mãos de Andréa.

— Por favor, eu não fiz nada pra você, me deixa em paz... — a voz da menina era um fio, um sussurro agudo e choroso, quase inaudível por debaixo dos gritos ao redor.

— Não gostamos de gente como você aqui, tentando roubar nosso lugar – a voz de Andréa, por sua vez, era bastante alta e clara. – Vocês chegam todas metidas, com suas carinhas bonitas e arrogância, como se fossem princesas. Como se fossem melhores que a gente...

— Aê! Pode parar com isso! Deixa a gurria em paz!

Tatiana caminhou para dentro do círculo. Se perguntassem a razão de ter se intrometido, ela não saberia dizer. Passaria pela sua cabeça que a menina já tinha apanhado demais, que Andréa era muito maior do que ela. Ou talvez tivesse a certeza de que as palavras de Andréa também eram dirigidas a ela. De qualquer forma, não importava mais. Ela já havia se metido.

— Veio defender a outra metida, princesinha? Ou criou coragem de repente?

— Eu não tenho medo de você, Andréa. Nem eu, nem essa menina fizemos nada pra você. Larga ela.

A adolescente maior acabou por soltar a menina desconhecida, mas apenas para ir na direção de Tatiana. Andréa era maior do que ela em tudo, e Tatiana se perguntou se havia sido mesmo uma boa ideia. Por que ela simplesmente não havia ficado de boca fechada?

— Eu nem queria mesmo bater nessa patricinha nova mesmo. Era contigo que eu queria acertar as contas, sua metidinha. Veio do nada e se acha melhor que a gente, né? Se acha mais rica, mais inteligente, mais bonita, mais importante que a gente, não é?

— Olha, sua marginal ridícula, eu nunca realmente parei para pensar nisso. Mas, agora que você falou, percebi que sou tudo isso mesmo. Não é que você está certa?

— Opa, opa, opa! – um rapaz alto se interpôs entre as duas, com os braços abertos para separá-las. – Não precisamos disso, gente! Vamos, tá na hora da aula.

Não foi uma atitude funcional. A menina maior tentou agarrar Tatiana pelos cabelos, mas Caetano a impediu. Mas conseguiu arranhar o seu braço, o que fez com que Tatiana tentasse o mesmo, aproveitando-se da vantagem de ter o rapaz ajudando. Logo uma estava travada com a outra, tendo o jovem preso no meio, mas não durou muito.

— Muito bem, o que está havendo aqui?!!!

A voz do diretor da escola era mais alta do que todos os gritos de alunos. Rapidamente os

jovens silenciaram. Alguns até saíram furtivamente, já com a fama manchada junto à direção. Inspetores também estavam ali, encerrando a disputa.

— Diretor Cláudio, desculpe, eu estava tentando separar a briga...

— Eu percebi, Caetano. Muito obrigado. Mas que esse comportamento é inaceitável para meninas, isso é – ele fitou as duas adolescentes rapidamente. – Andréa, já para a minha sala!

— Só eu??? – explodiu a garota, bem como os protestos de suas amigas que se aglomeraram ao redor. – Por que só eu?! E essa metidinha branquela?! Ela veio para a briga também! Ela discutiu também! Ela me ofendeu também!

— Eu não quero discussões. Você tem precedentes. Já para a minha sala ou ligo para seus pais. Os demais, já para a aula! Vamos, estamos atrasados!

Por um momento pareceu que Andréa iria explodir. Então ela finalmente baixou a cabeça e seguiu o diretor. A menção a seus pais a derrubou. Ela ainda olhou para trás, procurando seu desafeto. Tatiana, apesar de nervosa, sorriu com o canto da boca ao vê-la indo para a diretoria. Ela viu que Andréa estava com raiva, mas também tinha lágrimas nos olhos.



—...e com isso, podemos avançar para os princípios daquilo que chamamos de Eletrodinâmica. Algum de vocês já estudou a apostila para saber sobre o que falamos? – todo professor conhece a reação de uma sala a essa pergunta. A maioria dos alunos fica no mais profundo silêncio; outros, menos envergonhados, ignoram a pergunta, compenetrados em suas próprias preocupações, como conversas ou telefones celulares. Por vezes, algum bom aluno se prontificava a tentar responder, mas isso não aconteceu daquela vez. Não que fosse inesperado para a professora Marluce. Ela sabia que ninguém o faria – Tatiana? Você poderia, por favor, tentar responder a pergunta?

— Não posso não, professora Marlú – respondeu com uma voz de enfado, após olhar ao redor e perceber que toda a sala olhava para ela. – Acho que ninguém aqui pode, já que ninguém levantou a mão.

— Hmmmmmm – Marluce sempre deixou claro para os alunos que não gostava de ser chamada daquele jeito. A menina paranaense, por outro lado, sempre a chamava assim. Não na frente dela, claro, mas podia ouvir seus cochichos com as amigas. E Marluce esperava muito dela quando chegou, tendo altas expectativas da menina de olhos claros. Mas agora ela a irritava tanto quanto qualquer aluno, ou ainda mais. – Parece que ninguém mesmo vai responder. Vai ver todos acreditam que serão artistas da televisão ou da internet, não é? Afinal, basta ter um rostinho bonito e nenhum talento ou estudo para se tornar um sucesso gravando vídeos que não

dizem nada, não é?



Após a aula, o mau-humor de Tatiana era algo bastante visível, mas a insinuação da professora não era o único motivo. O sono em atraso a estava deixando mais irritada que o normal. Ela até havia feito uma pesquisa na internet a respeito e chegou à conclusão que deveria estar sob estresse, uma vez que tinha dificuldades em diversas matérias. Mas nada disso parecia justificativa o bastante para Sandra.

— Pirou? Tá bem *lôca*? Chapou? Você sabe que a Marlú não gosta de ser chamada assim. E você disse na cara dela, gata! Olha, eu não sei não, viu, mas ela pode querer te ferrar no final do ano por causa disso.

— Eu sei, eu sei, eu sei! Eu vacilei, eu sei! Mas não aguentei. Por que é que ela tinha que escolher justo a mim? Quando foi que pareceu que eu ia entender essa joça? Ela não podia olhar para outro lugar?

— Acho que não. Você sabe, você é a princesinha da sala, tanto para os alunos quanto para os professores...

— Que saco isso! Pelo amor de Deus, deixem de ser bobos! Lá no Paraná eu era tão comum que ninguém olhava pra mim. Aqui vocês me notam porque pareço diferente de vocês, mas de vez em quando isso enche! Vou levar um dia todos vocês lá na colônia para verem que não tenho nada de especial.

— Ainda bem que eu não moro lá – riu Sandra. – Se você sozinha chama a atenção de quase todo mundo, imagina o que aconteceria comigo em um lugar onde todas são iguais a você. Mas você sabe, eles acham que você tem a aparência de uma artista ou modelo...

—E eu não tenho! Eu sou magrela! Sou sardenta! Vocês ficam olhando pra mim como se eu fosse uma estátua! Você e várias outras meninas são bem mais bonitas que eu, mas todo mundo olha pra mim porque sou uma branquela de sobrenome difícil vinda do sul. Depois aquelas marginais ficam me ofendendo e me ameaçando por isso. Nem todo mundo que vem de lá vira modelo, sabia? Acho que vocês são todos míopes! – Tatiana estava realmente irritada. – Além disso, mesmo que eu fosse tudo isso, quem disse que eu teria que entender de Física?

— Eles esperam demais de você – a voz do irmão de Sandra surgiu por trás das duas, mas nenhuma se assustou, afinal, todo o pátio estava barulhento. – Aqui eles nos veem como índios, provincianos, pobres, ignorantes. Você não. Você é sulista, de sobrenome diferente, de cultura vinda do outro lado do mar. Eles olham pra você e veem as pessoas de comerciais de margarina, de filmes, novelas, videocliques, passarelas. Por isso a expectativa deles sobre você é grande.

— Olha, André, eles podem pegar essa expectativa deles e enfiar no rabo! — Sandra gargalhou ao ver a irritação da amiga. — Estou estudando em uma merda de escola pública junto com todos vocês, minhas notas são piores que as suas. Que merda ainda esperam de mim? Além disso, que idiotice essa de ficar julgando as pessoas pela aparência! Não somos todos iguais nessa merda de país?

— Não, não somos — André se virou para sua irmã e pediu que ela avisasse os pais que chegaria tarde. Depois simplesmente saiu andando, sem se despedir.

— Seu irmão é uma besta — Tatiana cruzou os braços, emburrada.

— Eu não digo isso sempre? — riu Sandra. — Mas até que ele falou algumas verdades. As pessoas olham pra você, a menina branquela no meio dos índios e mestiços e logo pensam que você é a maior metida.

— Chega, eu não quero saber mais disso, tudo bem? — Tatiana parou por um momento, mas logo voltou a atenção para a amiga. — Ele vai chegar tarde em casa? Não que eu ache estranho eu ou você chegarmos tarde, mas o André? Ele conseguiu arrumar uma namorada? Ou um namorado?

— Quem dera fosse isso — disse Sandra, rindo ainda mais do irmão. — De uns tempos pra cá ele ficou viciado em coisas Terena. Diz que temos que preservar a tradição dos nossos ancestrais. Agora enfiou na cabeça de querer ser um koixomuneti.

— Um o quê?

—Koixomuneti. É tipo um pajé do nosso povo.

— Nossa, que coisa estranha — Tatiana parou, tentando imaginar o nerd André vestido com penas, mas sem sucesso. — Nada contra, claro, cada um na sua. Mas acho isso tão besta quanto as pessoas pulando fogueiras na Maslenitsa lá na colônia. Sei lá, acho que passou bastante tempo para ficarmos nos apegando ao passado.

—Ai, ai, ai, Tati, só você — riu Sandra, abraçando a amiga. — Minha krasinya! É assim que se pronuncia?

— Krasotka, pelo menos do jeito que a baba fala — ela parou por um momento. — Mas parece que a palavra muda dependendo da situação; é uma coisa sozinha, é outra coisa com o “minha” junto, sei lá. Viu porque eu não curto essas coisas? Não precisamos dessas coisas de índio ou de russo, nenhum de nós é isso mais. Somos jovens, então vamos agir como jovens.

— Isso aí, gatona! — Sandra pensou por um momento. — Mas, ainda falando sobre a sua origem um pouco, eu ajudei a pobre coitada da menina nova enquanto você bancava a doida enfrentando aquele rinoceronte enfurecido. Ela não falou muito, na verdade saiu correndo pouco depois que você se meteu. Mas disse que o nome dela é Irina. É parecido com os nomes da sua família?

— Sim, na verdade é sim. É um nome do leste europeu, assim como os do pessoal no

faxinal. Que coincidência! Mas não é tão incomum isso lá no sul. Deve ser mais uma filha de um agricultor que não conseguiu uma escola com mais filhos de colonos para ela, assim como eu. Bom, que se dane! Ela bem que podia ter sido educada e agradecido! Isso que dá querer ajudar as pessoas...

— Ah, claro, porque você também é um poço de educação... — riu a amiga.

— Eu não sou, mas não preciso ser. Meu brilho é suficiente para não precisar de educação. Pergunta pro Caetano, por quem vocês todas babam, mas só se manifesta para vir em meu socorro. — Tatiana fez uma pose dramática e as duas gargalharam.

CAPÍTULO V: E QUEM PRECISA DE CONTOS DE FADAS?

— Então você tem pesadelos e acha que a culpa é dos barulhos que escuta à noite? Não sabia que os barulhos são justamente aquilo que deveria afastar seus pesadelos? Não? Então vou te contar a razão.

Muito, muito, muito tempo atrás, muito tempo antes de minha avó ser uma mocinha mais nova que você, os avós dos nossos avós acreditavam que todos iríamos nos encontrar, formando uma grande família no Paraíso. Só que nenhum de nós é imune às saudades e à preocupação, e o tempo de separação entre os que vivem e os que morrem era grande e doloroso demais. Era mais difícil ainda para os mortos do que para os vivos. Quando um ente querido morre, os vivos choram e lamentam e se arrependem por não terem dado o devido valor a ele enquanto ainda respirava. Então o enterram e sofrem com a saudade, a ausência e o vazio. Depois vem a noção de que a vida continua e eles vencem a tristeza para continuar. Aos poucos a vida volta ao normal, pois os mortos foram enterrados na terra e na memória, sendo apenas uma fonte de saudade ocasional.

Mas não é assim para os mortos. Eles nos veem do outro lado do véu entre os mundos. Eles sentem saudades de nós, eles se preocupam conosco e não querem que façamos as coisas erradas. E um desses mortos quis voltar para cuidar dos seus filhos, dos seus netos e seus descendentes. Ele quis abandonar o grande salão onde todas as gerações da sua família se reuniam em festa para cuidar dos que ainda viviam nesse lado do véu. O rei do Paraíso dos nossos Ancestrais, Svarog, proibiu, porque há o lugar dos vivos e o lugar dos mortos, mas esse antigo morto o desobedeceu. Então Svarog o expulsou, condenando-o e a todos como ele a cuidar da casa de seus descendentes...

Ivan estava imóvel enquanto ouvia a avó recitar a história, as costas encostadas no sofá e os pés suspensos no ar. A boca estava entreaberta e os olhos arregalados. Tatiana sorriu ao ver a cena quando adentrou a sala e se sentou ao lado dele no sofá, fazendo um cafuné na sua cabeça.

— E o que ouvimos à noite – ela continuou o raciocínio da avó – é o som dele se movendo pela casa. O som pode nos assustar, mas na verdade, ele está nos protegendo. Por isso, nas casas em que o Domovik habita, as pessoas não deviam ter pesadelos. Porque sabem que estão seguras.

— Como ele é? – o pequeno menino quis saber.

— Ele aparece de muitas formas, Ivan – disse a avó. – Mas quase nunca o vemos. Só se ele quiser. Porém, quando opta por aparecer, ele surge como um homenzinho pequeno, mais ou menos do seu tamanho. Seu corpo é todo coberto de pelos brancos e sua barba branca é longa,

até a altura da barriga. Mas se você tiver a sorte de ver a forma verdadeira dele, verá um homem muito grande, maior e mais forte que seu pai, mas com um rosto muito, muito velho. Mais velho do que o meu, e com a longa barba branca na altura do peito.

— E ele pode me proteger de pesadelos? — ele olhou para a irmã —, e a Tatiana?

As duas riram e Tatiana chegou a abraçar e beijar a cabeça do seu irmãozinho. A avó respondeu.

— Antes as pessoas do nosso povo tinham estátuas de madeira do Domovik e davam presentes para ele, principalmente na forma de leite e flores. Mas hoje em dia ninguém mais faz isso e acho que o Domovik ficou meio bravo com a gente. Poucas famílias ainda têm essas estátuas hoje em dia. O pai do meu pai tinha uma, e acho que ela pode estar guardada nas coisas que eu trouxe quando viemos para cá.

— É bem possível, baba, você trouxe um baú inteiro e fechado — riu Tatiana. — Não estamos mais na guerra, não precisamos mais carregar nossas vidas inteiras nas costas quando nos mudamos.

A velha senhora não se ofendeu com a brincadeira da neta, apenas riu.

— Quando se é velho, tudo o que nos lembra a infância e juventude é importante. Nos traz lembranças calorosas em dias solitários. Você saberá disso quando for velha, mesmo que suas lembranças sejam diferentes das minhas.

— E nós podemos pegar a estátua, baba? A estátua do Domovik e dar presentes para ela de novo? — o pequeno Ivan estava empolgado.

— Vocês duas deveriam parar com isso. Ele não precisa crescer com uma superstição que não tem mais nada a ver com a gente.

A voz era de Sônia, a mãe de Tatiana. Ela surgiu através da porta que dava para a cozinha, com um olhar inexpressivo.

— Ivan, para o seu quarto.

O menino baixou a cabeça, mas não discutiu. Sabia que sua mãe era uma pessoa severa, além de não ter sido ensinado a desrespeitar os pais e avós. Apenas desceu do sofá e andou, cabisbaixo, na direção de seu quarto.

— Kátia, a senhora é a avó do Ivan. Tem que participar da criação dele, assim como eu e o Sansone. Mas para que contar essas histórias pra ele? Ainda se continuássemos na colônia tudo bem, mas aqui? Aqui não vivemos junto com nossa gente! Quer que ele se sinta mais diferente das pessoas daqui ainda?

— São só histórias infantis, mãe — interveio Tatiana. — Nada disso vai mudar nada no Ivan. São só histórias para entreter, não vai fazer mal ele ouvir. Ou acha que as crianças aqui não escutam histórias de seus pais?

— Tatiana, pouco me importa como essa gente cria seus filhos. Mas não quero que meu

filho fique ouvindo histórias daquilo que não é mais dele! Se não podemos viver com a nossa gente, então que esses laços sejam cortados de uma vez!

— Sônia, você está sendo injusta – a velha senhora tentou se levantar, mas não conseguiu; estava frágil e cansada. – Você ouviu as mesmas histórias quando era criança. Seus pais vieram do mesmo lugar que eu. Elas te entretiveram quando tinha a idade de Ivan, ajudaram a formar seu caráter e a ser quem é. Por que Ivan não pode ouvi-las também?

— E quem ele é, Kátia? – a voz de Sônia se elevou. – Graças a seu filho, meu marido, ele não tem como saber quem é! Vai ser criado aqui, no meio dos bugres, sendo diferente deles e sem noção de quem é! Seu filho nos trouxe para cá, onde nenhum de nós se encaixa!

— Mãe! Não grita com a baba! – Tatiana se levantou do sofá com um pulo. – Ela só está contando as histórias que conhece para o Ivan! E não devia chamar as pessoas daqui desse jeito! Você está sendo racista!

— E você?! – a mãe, agora furiosa, se voltou para Tatiana. – Agora você parece bem feliz aqui, né? Acho que já se esqueceu de como é viver na colônia. Não devia se preocupar em contar historinhas infantis para ele então! Já que esqueceu tão bem quem somos...

— Eu não esqueci de nada! – foi a vez de Tatiana gritar com a mãe. – Mas meu Deus do Céu, mãe, deixa de ser estúpida! Tudo o que a gente viveu lá na colônia foi muito bonito, mas a vida segue! A gente não pode viver sem interagir com o resto do mundo, sabia? Pena que o faxinal era tão isolado na sua juventude para você não perceber isso! Que é possível lembrar das origens mesmo vivendo em outro lugar! Que é possível lembrar das origens sem virar um louca que nem você!

O silêncio se instalou entre as três. O olhar de Sônia para Tatiana era o bastante. Ela havia passado dos limites. Havia lágrimas nos olhos da avó, não acostumada a ver esse tipo de agressividade na neta. Havia lágrimas nos olhos da mãe, embora a expressão fosse fria e irredutível. Não havia lágrimas nos olhos de Tatiana, contudo. Assim como o irmão, ela simplesmente baixou a cabeça e andou em direção ao seu quarto, mesmo que não tivesse certeza do arrependimento.

CAPÍTULO VI:

MATANDO AULA

— Tatiana, você poderia, por favor, nos ajudar a calcular a massa desse objeto?

Ela foi pega de surpresa pela pergunta. Levou um susto com a voz da professora, que a viu com o livro aberto sobre a mesa e o rosto apoiado sobre as mãos, mas encoberto pela massa de cabelos castanhos. Ela devia pensar que sua querida aluninha estava completamente absorta no assunto da aula. Contudo, se não percebia o cochilo quase descarado de Tatiana, com certeza perceberia a surpresa com a qual ela fora acordada.

— Não, professora, eu passo essa.

A professora olhou para Tatiana com um olhar de reprovação. Ela era uma decepção, com certeza. Ela a tratava bem no início, pois a via como a aluninha preferida desde a sua chegada do Paraná. Obviamente, mais uma que via nela alguma princesa de olhos claros e esperava que ela fosse alguma aluna-modelo. Não demorou muito para que a impressão se desfizesse. Tatiana até achava bom que as pessoas se decepçõessem com ela. Estava cansada de ver gente esperando tanto dela. Se ela fosse uma decepção para a Marlú, quem se importava?

Ela, Beatriz e Iara desceram as escadas em direção ao pátio. As três resmungavam e concordavam que Física era uma matéria completamente desnecessária nas suas vidas. Ela resmungava com as duas, mas menos do que elas. Sandra não havia ido à escola. Tatiana não se sentia bem quando sua amiga não estava junto a ela nas aulas. Ela tinha outras amigas, claro, e gostava delas, mas Sandra era sua confidente. Tinha enviado uma mensagem para ela ainda cedo, mas não havia recebido uma resposta ainda. Estava preocupada, mas não podia sair do colégio mais cedo para tentar descobrir o que tinha acontecido. Além disso, estava mal-humorada e cansada, mas por outro motivo.

Não havia dormido bem de novo. Não que fosse realmente uma surpresa. As suas noites insones estavam ficando, de certa forma, comuns. As mesmas sensações se repetiam regularmente, o afundar lento em águas sombrias na maciez do seu colchão, o sentir do frio gélido das águas em um virar de travesseiro, a sensação de afogamento debaixo dos lençóis. Algumas vezes nem precisava haver um sonho, todas as sensações se manifestavam de forma desperta. Ela sabia em sua mente que não eram reais, mas ainda assim seu íntimo não permitia que ela dormisse e nelas se afogasse. Em algum momento o cansaço a vencia e ela dormia um sono pesado, inquieto e curto. Ainda que acordar gritando de forma desesperada não tenha ocorrido novamente, sua dificuldade em dormir estava ficando nítida para a sua família. Sua mãe até acreditava em uma explicação sobrenatural para o problema. Tatiana, contudo, estava convencida de que era apenas a pressão da sua vida de adolescente.

Uma trombada. Seus cadernos no chão. A trombada, proposital. O derrubar dos cadernos, também. Porém, a mesma pessoa que havia esbarrado nela logo se abaixou para pegá-los. Ela bufou ao perceber quem era. Que coisa mais clichê! Ele poderia ser mais criativo.

— Não vai me agradecer, gringa? – disse Caetano, com um sorriso gentil, enquanto entregava os cadernos recolhidos do chão para ela.

— Sou tão gringa quanto você – ela replicou enquanto os pegava. – Muito obrigada. Por derrubar meus cadernos e depois pegar. Anda assistindo filmes demais, pelo visto.

— Tá, foi mal, Tati – “Tati”? Ela não se lembrava de ter lhe dado essa liberdade. – Me deixa te pagar um refrigerante na cantina pra compensar? Por favor?

As amigas de Tatiana começaram a rir baixinho por detrás dela, mas claro que tanto ela quanto o rapaz perceberam. Isso só fez com que ele aumentasse o sorriso. Caetano, aquele com o qual todas as garotas sonhavam. Alto e atlético, membro do Tiro de Guerra, já andando fardado como um soldado. Inteligente também, com boas notas na escola, simpático, divertido. Para todos Caetano era quase um mito. Só faltava receber uma estátua no meio do pátio. Ela sorriu com o canto da boca.

— Tudo bem, mas isso quer dizer que vou ter que tomar o refrigerante com você do lado?

— Minha companhia faz parte do pacote – o rapaz riu, entendendo o sarcasmo na voz dela.
– Mas claro, podemos transformar isso num opcional, se for o caso.

Tatiana olhou para trás. Suas amigas mantinham olhares encorajadores. Não podia ser tão ruim. Afinal, se todo mundo achava que o Caetano merecia uma chance, por que não agir como uma menina normal? Era melhor não lutar contra a corrente. Sua vida já andava esquisita demais.



— ... e minha mãe escolheu meu nome por causa do cantor.

Os dois estavam conversando já fazia quase uma hora. Tinham decidido matar juntos a aula após o intervalo. Tatiana não duvidava que logo seriam assunto por toda a escola. Ela não se importava. Ela já tinha sido o assunto da escola quando chegou do sul, não se importaria em continuar a sê-lo. Até gostava disso. E ela tinha descoberto que, na verdade, Caetano não era de todo mal. Ela não era boba, sabia bem quais eram as suas intenções, e o modo como ele a olhava deixava isso cada vez mais claro. Mas ele era uma companhia muito divertida e agradável, e ela não sabia se não queria o mesmo.

— Sério? Que brega!

— Sério – ele confirmou, rindo. – Mas e você? Seu nome é normal, eu achava que vocês, que descendem desse povo de longe, tinham nomes mais complicados.

— Tatiana é um nome comum lá na terra da minha avó, esperto. Acho que é um nome comum em muitos lugares. Mas a gente tem nomes normais, na verdade. Pelo menos na maior parte do Brasil. Lá no faxinal ainda tem algumas pessoas com nomes russos e ucranianos, mas está diminuindo. Somos todos brasileiros agora, não tem mais razão para nomes estranhos.

— Eu pensava que você era bem diferente das outras meninas, sabe?

— Isso quer dizer que eu sou igual às outras? – ela riu. – Isso é uma tentativa de elogio?

O rapaz riu junto com ela e continuou, olhando-a nos olhos verdes.

— Pode ser um elogio ou não, só depende do que você quiser que seja.

— É assim que você consegue todas as meninas da escola? – ela continuou rindo, mas de forma gentil. Na verdade, estava gostando da conversa e da companhia. Mas ainda não sabia direito o que queria ou não dele.

— Não todas – ele riu, desconcertado. – Viu só? Você não é igual às outras. Serve como elogio agora?

Os dois riram juntos. Caetano se aproximou mais de Tatiana, e ela não pareceu se importar. Então o alarme de mensagens do seu telefone celular tocou. Era uma mensagem de Sandra.

Não fui para a escola porque não estava me sentindo bem. Anote tudo pra mim e me traga em casa, por favor.

— Quem é? Alguém com quem eu deva me preocupar? – brincou Caetano.

— É a Sandra – respondeu Tatiana, enquanto pegava seus cadernos. – Ela não veio para a aula porque está doente. Tenho que anotar as lições para ela e já perdi a aula de Geografia. Ela tem dificuldades em Matemática, então é bom eu não perder a última aula – disse, levantando-se e olhando ao redor para descobrir se algum inspetor os havia descoberto. Voltou-se para Caetano, que não conseguia esconder a cara de decepção. Sorriu para ele. – Eu adorei a nossa conversa de hoje. Qualquer dia podemos matar mais aula e papear mais – despediu-se dele com um beijo no rosto. E ficou satisfeita em ver que o rapaz havia sorrido, mesmo que ela mesma não tivesse certeza sobre o que estava fazendo.



— Então você ficou com ele? – a voz de Sandra estava tão alta que até Tatiana se assustou.

— Não, eu não fiquei com ninguém – respondeu. – Só matamos uma aula, poxa. Ficamos conversando.

— Mas você tem noção de que amanhã isso será o assunto da escola, não?

— Sim, tenho. E não me importo. Podem falar o que quiser. Se alguém perguntar, eu esclareço, ué.

— Tati, Tati, já que sabia que ia isso ia acontecer, devia ter aproveitado para dar uns beijos. Afinal, é melhor que falem com motivo do que sem – brincou a amiga e Tatiana riu.

— Ah, não sei. Ele foi super legal, sabe, bem cavalheiro, não avançou o sinal, foi educado e divertido. Mas não sei...

— Não sabe o quê? O cara mais lindo da escola e você esnobando assim?

— É, deve ser besteira minha. Quem sabe na próxima?

Tatiana foi para a casa de Sandra após a aula. Avisou ao pai que não precisaria de carona e onde estaria. Ele se ofereceu para buscá-la na casa da amiga, mas ela recusou. Puxa vida, ela sabia andar sozinha. A pequena cidade onde moravam não era tão perigosa, ou pelo menos não mais perigosa do que a maioria. Ela podia voltar para casa sozinha. A família de Sandra não morava longe da sua. Além disso, apesar de ambas viverem em um bairro de baixa renda, não era a pior região da cidade, muito menos a mais perigosa.

O que não mudava o fato de a visita de Tatiana a Sandra parecer ter menos a ver com estudos do que com qualquer outra coisa. Não que fosse completamente inesperado. Tatiana era uma jovem profundamente distraída e imersa em seus próprios pensamentos. Esse aspecto pensativo pode ter colaborado para que alguns professores tivessem expectativas mais altas a respeito dela, mas os devaneios da menina estavam mais voltados para suas preocupações pessoais do que realmente para os estudos. Em suma, ela não era uma das melhores alunas em quase nenhuma matéria. Sandra era um pouco melhor. Ela havia nascido e sido criada ali, como praticamente todos os outros alunos. Ser o centro das atenções havia se tornado um fator para Tatiana, mas não era preocupação para a amiga, que podia se distrair menos com isso. Contudo, nenhuma das duas tinha muito jeito com matérias exatas e reconheciam isso. Não demorou muito para os cadernos estarem fechados e outros assuntos tomarem a atenção das duas.

— E os pesadelos? Pararam?

— O que minhas olheiras dizem? – Tatiana respondeu de forma ríspida. – É só stress, Sandra. Vai passar quando estivermos de férias, você vai ver.

— Gringa, gringa, não me deixa mais preocupada. Tem certeza que não quer procurar um médico?

— Bom, se fizermos uma votação, essa acabaria sendo a opção escolhida – ela sorriu sarcasticamente. – Você e meu pai votam pelo médico. Minha mãe vota por me levar para a igreja, porque acha que tenho algum espírito me assombrando. Ah, claro, e minha avó e meu irmão votam por pedir ajuda aos duendes.

Sandra achou graça.

— Igreja? Duendes?

— É – Tatiana estava emburrada. – Agora minha mãe está frequentando uma dessas igrejas pentecostais. No faxinal não tinha igrejas assim, só a capela ortodoxa. Vou dizer que tudo o que

tinha lá dentro era mais bonito que essas igrejas – ela pensou por um momento. – Acho que minha mãe se sente muito sozinha, por isso vai pra lá. Mas tenho certeza que não é a mesma coisa, sabe? Minha mãe é de uma época em que as mulheres mal saíam do faxinal, falavam russo e ucraniano em casa, tinham os ícones dos santos lá. Aqui não tem nada disso, então ela se entristece de ter perdido os laços com suas origens de forma tão repentina. A igreja é uma forma de tentar não estar sozinha, mas sei que não é a mesma coisa, porque ela nem gosta muito das pessoas daqui.

— Mas você não teve nada disso. Aliás, já chegou arrebatando na escola e ganhando a atenção de todo mundo.

— Eu já sou de outra época. Não sei falar russo ou bulhufas sobre lá, mas acho que a entendo um pouco. Só que ela precisa se acostumar. Até no faxinal as coisas mudaram! E ela quer trocar a comunidade em que nasceu por uma igreja? Se ela começar a ficar louca como aqueles fanáticos, eu vou chiar!

— Sei lá. Meus pais também frequentam a igreja. Eu vou com eles, você sabe, acho bonito ter fé. Mas claro, eles sabem que não vão me transformar numa carola. Tenho muita vida para viver!

— Mas seu irmão não é pajé, ou qualquer coisa assim?

— O nome é koixomuneti. Sei lá, você mesma disse que é estranho pra alguém da nossa idade acreditar nessas coisas. Ele conversa muito com a minha avó, e Deus sabe, não há o que faça aquela mulher entrar em uma igreja! – Tatiana se lembrava da avó de Sandra, uma velha índia que nunca falava com ela, ficando sempre sentada no quintal da casa; ela sempre tentou cumprimentar a senhora, mas era ignorada na maior parte das vezes. – Eles dizem que não deveríamos esquecer quem somos. Mas não podemos ser quem somos e ir à igreja? Só podemos ser quem somos se formos iguais aos nossos ancestrais?

— Se quer saber, eu vou concordar com o André e a sua avó. Pelo menos eles não estão incomodando ninguém com a crença deles, diferente dessas igrejas horríveis, que fazem barulho altas horas da noite e que ficam condenando quem não acredita neles.

Sandra continuava a rir das demonstrações de indignação da amiga.

— Tatiana, minha russinha, minha krasotka! – gargalhou Sandra. – Falei certo agora? Não é questão de acreditar na igreja, mas na crença. E você nem percebeu a sua contradição quando disse que apoia minha avó e meu irmão por se apegarem às nossas tradições, mas ao mesmo tempo acha que sua mãe não devia fazer o mesmo com as dela. Mas você nunca tem dúvidas de nada, né?

— Só em Física – respondeu, emburrada. – E em Química. E Matemática. E em um monte de outras matérias.

— Verdade. E quanto aos duendes?

— Isso é coisa da minha avó. Ela ouviu minha mãe falando que eu estava com algum espírito assombrando meu sono e meu irmão disse que ia pedir ajuda ao Domovik. Ela tirou não sei de onde uma estátua de um duende horroroso e estranho e disse que pediriam pra ele proteger nossa casa. Minha mãe ficou louca, claro, mas não pôde fazer nada, ela é mãe do meu pai e ele sustenta a casa, então o duende ficou. Piorou quando ela disse que eu tinha que fazer uma oferenda de vodca pra ele. Que eu tinha que dar vodca para a estátua de um duende! Eu até faria para agradar, mas minha mãe proibiu. Então eu desconversei. O Domovik está sem a bebida até agora. Espero que ele não seja alcoólatra.

Sandra gargalhou, mas logo adquiriu uma posição mais pensativa.

— Isso explica porque acredita que minha avó e meu irmão estão certos. Eles acham que acreditar nessas coisas é parte do que somos. Pelo visto, sua avó não é muito diferente, mesmo vinda de outro lugar.

— Eu falei brincando, Sandra, deixa de ser boba! Ou você acha que eu acredito que, se der bebida pra um duende do leste europeu vou dormir melhor?

— Não sei. Você fala tão pouco de onde veio. Quando fala, é com desprezo. Sei que muitas coisas que nossos avós trouxeram do tempo deles não servem mais pra hoje em dia, mas acho que foi a primeira vez que vi você falar sobre algo de lá. Pensei que pelo menos isso teria alguma importância para vocês terem consciência sobre quem são, como as coisas dos Terena têm para meu irmão e avó.

— Quer saber mesmo quem sou, Sandra? – respondeu Tatiana, desafiadora, mas sem agressividade real contra a amiga. – Muito prazer, Tatiana Kravinchuck. Quem meu pai, minha mãe, ou minha avó são, isso só diz respeito a eles. Claro que dancei danças de lá na infância, pulei fogueiras na Maslenitsa, fiz montagem de peças na escola. Mas isso não sou eu mais. Eu não sou uma cultura, não sou um povo imigrante, eu sou só eu. E não quero ser outra coisa, se quer saber.

— Sua teimosia é inacreditável, minha krasotka! – riu Sandra. – Mas acho que você está certa. Cada um de nós deveria ser simplesmente o que é, sem se preocupar com as origens de nossas famílias, certo? Como é que você está indo tão mal em filosofia mesmo?

Um travesseiro atingiu o rosto de Sandra.

CAPÍTULO VII:

HERANÇAS

O caminho até a casa de Tatiana era curto, praticamente alguns quarteirões de um lado, uma ponte em arco de aço sobre o afluente do Rio Paraguai que dava nome à cidade e alguns quarteirões do outro. Um percurso de, em média, vinte minutos. Ainda não havia anoitecido quando ela saiu da casa de Sandra, as chances de algo acontecer eram pequenas. Tatiana já tinha feito esse mesmo percurso muitas vezes naquele horário. Havia alguma movimentação nas ruas, vizinhos conversavam nos portões. Mas ela tinha uma sensação estranha naquele dia, uma preocupação que não existia nas outras ocasiões. Ela não sabia explicar a razão, mas sentia que ia passar quando estivesse em casa.

Um quarteirão para a ponte. Ela já podia ser vista no final da rua. Tatiana tinha feito boa parte do caminho e já achava que a sensação era infundada. Enquanto atravessava a rua para percorrer o último quarteirão, contudo, ela ouviu um grito. Olhou rapidamente para o lado. Era Andréa e suas amigas. Elas estavam correndo na direção de Tatiana, gritando e chamando-a pelos apelidos de sempre. Obviamente não era algo amigável, nem haveria como ser, após o incidente na frente da escola. Ela olhou ao redor e viu que não teria chance contra aquelas meninas, nem ninguém para ajudar. Se quisesse escapar de uma surra, precisava pensar rápido. Podia correr de volta para a casa de Sandra e lá pedir para o pai buscá-la. Parecia mais lógico do que correr na direção da ponte e tentar chegar em casa, um caminho bem mais longo. E as meninas estavam se aproximando. Uma delas, a pequena Cássia, já havia ficado para trás e arremessou uma pedra em Tatiana, que chegou a resvalar na sua cabeça.

Sem tempo para escolher, Tatiana optou por pegar o caminho mais longo. Correu na direção da ponte o mais rápido que podia. Ela não era nenhuma atleta, mas acreditava que, com seu corpo esguio e leve, conseguiria manter distância das suas perseguidoras até atravessar a ponte. Estava errada. Ela havia percorrido menos da metade do quarteirão e seus pulmões já pareciam estar em chamas, a respiração difícil, e as meninas já próximas o bastante para tocar seus cabelos. Essa sensação lhe deu um enorme pânico e ela tentou apressar o passo, mas os anos sedentários e o desprezo pela Educação Física fizeram com que esse esforço fosse em vão. Um último impulso e ela tentaria subir os degraus da ponte com Andréa nos seus calcanhares. Outras pedras já voavam, não sendo apenas a pequenina Cássia que as estava arremessando agora. Ela sentiu a mão de seu desafeto segurando-a pelo ombro e puxando-a para trás. Derrubou todo o seu material ao se desequilibrar e cair. Parecia que não conseguiria evitar a surra, afinal.

— Deixem ela em paz!

Por um momento, tudo parou. Todas as meninas se viraram na direção do som. Ali, ao lado

da ponte, estava a outra garota vinda do sul. Ela era pequena e magra, não muito diferente de Tatiana na aparência, mas com longos cabelos negros, molhados como se ela tivesse acabado de sair do banho. Seus olhos eram de um azul espelhado e pareciam faiscar naquele momento. O ataque parou. Andréa não olhava mais para Tatiana, as meninas pareciam ter esquecido a sua existência, e mesmo as pedras caíram de suas mãos. A menina chamada Irina era ainda menor que Tatiana, não representava nenhuma ameaça para aquele grupo. Qualquer uma delas poderia segurá-la, nem precisariam de uma grande como Andréa para isso. Mas ninguém conseguiu fazer nada. Um arrepio pareceu correr as espinhas do grupo, embora nenhuma delas soubesse explicar a razão. Ela era apenas uma garota pequena e magricela, mas nenhuma delas conseguia se mover na sua direção. O silêncio se instalou por um momento, com apenas o som da água corrente do rio atingindo os ouvidos de todas.

Finalmente, Andréa e suas amigas caminharam nervosamente para longe da dupla. Nenhuma delas saberia explicar o medo que sentiram, mas diriam a si mesmas que bater nas duas ao mesmo tempo era demais até para elas. No fundo de suas consciências, tudo o que queriam era esquecer que tinham encontrado a pequena Irina ao lado da ponte. Esta, por sua vez, foi ajudar Tatiana a se levantar.

— Tudo bem? Elas machucaram você?

Tatiana aceitou a mão para ficar de pé e recolheu rapidamente os cadernos e livros junto com a garota desconhecida.

— Está tudo bem. Não precisa se preocupar – com tudo recolhido, as duas se levantaram e finalmente conseguiram se olhar. – Muito obrigada, sem você eu teria tomado uma sova.

A garota chamada Irina riu. Tatiana percebeu que ela era muito bonita, bonita de verdade. Ela sabia que todos a consideravam bonita ali, mas perto da menina recém-chegada, ela se sentia novamente na escola da colônia onde fora criada, onde sua aparência era apenas comum e muitas meninas eram mais bonitas que ela.

— Relaxa, sem problemas. A gente deveria cuidar uns dos outros por aqui, né?

— Uns dos outros? – Tatiana parou para pensar. – Está falando de quem veio do sul? Tem muitos aqui que vieram, mas estudam em outras escolas. Mas são escolas públicas como a nossa, não tem muita diferença...

— Sul? – Irina continuou rindo, enquanto subia as escadarias da ponte. – É, pode ser do sul. Mas do sul veio muita gente, muita gente que os daqui consideram iguais a nós. Eu digo que deveríamos cuidar uns dos outros, nós que viemos do sul, mas antes do sul cruzamos o oceano, navegamos o Mediterrâneo e o Egeu e partimos das costas do Mar Negro! Mar Negro alimentado pelas águas poderosas do Dniepre, onde nosso povo viveu!

Por um momento Tatiana se perguntou se a menina realmente estava em seu juízo perfeito. Ela falava alto, com uma felicidade visível, mas Tatiana não conseguia entender exatamente do

que. Mas ao menos conhecia o Dniepre.

— Minha avó viveu perto do rio Dniepre quando era criança. É disso que está falando? Dos russos? Ucrânianos?

— Que denominações limitantes, Tatiana! Russos, que recebem o nome da dinastia dos Rus de Kiev, que hoje fica na Ucrânia. Hoje são lugares diferentes, com uma história triste a separá-los, mas eles não entendem que o que os separa nos enfraquece, tira a nossa identidade! Russos, ucranianos, bielorrussos, todos somos parte de um único todo!

— Olha, eu acho bem legal você ter todo esse orgulho da nossa origem, mas nosso povo já veio pra cá faz muito tempo, gata. Nós, os alemães, italianos, japoneses, africanos, tantos outros. Somos todos brasileiros agora.

— Ah, somos? Brasileiros! Nem esse nome é daqui! Aqui eram as terras dos Guaná e dos Mbayá e nenhum deles a chamava de Brasil. Hoje os descendentes deles se misturaram com descendentes de iberos e seguem uma religião nascida na Judeia. Nem mesmo eles sabem mais quem são. Não tem mais identidade! É isso o que você quer ser? Veja como esses “brasileiros” te tratam! Eles olham pra você e veem uma ameaça! Porque você ainda sabe quem é!

— Olha, guria, eu não sei exatamente do que você está falando. Aquelas meninas são umas marginais, umas arruaceiras, mas o resto das pessoas aqui é bem legal, viu? – Tatiana não apenas estava duvidando se a menina estava bem da cabeça, como também estava começando a ficar incomodada com a estranheza da situação. – E eu sei quem sou. Meu nome é Tatiana, apesar de você já saber disso. E, pelo que sei, seu nome é Irina. Acho que podemos terminar essa conversa aqui. Já fomos apresentadas.

Tatiana se virou para ir embora, mas Irina rapidamente tomou a sua frente.

— Ah, as pessoas legais! As pessoas legais por interesse! Que olham para você e reconhecem a sua imponência, a mesma imponência que eles perderam de seus ancestrais! Hoje eles lamentam seu passado, frequentam escolas de brancos, fazem trabalhos de brancos, rezam em igrejas de brancos, querem ser brancos. Por isso bajulam você. Por que não podem ser quem são? E mal sabem eles que o mundo dos brancos que conhecem não é mesmo dos brancos. Olhe esse rio! – ela segurou Tatiana pelo braço e apontou para o rio. – Para nosso povo, esse rio canalizado e morto, apenas servindo ao homem, seria a morada do antigo Rei Sob as Águas, o Vodianoy, servido pelas Russalki, suas esposas, e assombrado pela Mavka, a mulher afogada!

Estranhamente, a cabeça de Tatiana pareceu ficar leve enquanto ela fitava o rio, como uma espécie de tontura. Ela parecia não ter forças para resistir ao aperto da outra garota e via as águas cada vez mais perto, mesmo estando acima da ponte; então pareceu a ela estar vendo, entre as águas turvas do rio, mulheres nadando; mulheres nuas e pálidas, nadando suavemente no fundo das águas. Ela desviou o olhar por um momento e viu, nas margens, uma mulher esfarrapada, também pálida, com roupas rasgadas e braços e corpo inchados; seus olhos expressando nada

além da pura morte, a língua arroxeadada saltando para fora de uma boca escancarada. Tatiana, enojada, voltou os olhos uma vez para o rio e pareceu ver algo no fundo, algo brilhante, imóvel, como um antigo sepulcro com um corpo deitado; um corpo de um homem forte, de vestes rubras e bem trabalhadas e um bigode vasto cobrindo a boca. Seus olhos estavam abertos e Tatiana teve a nítida sensação de que eles olhavam para ela. Irina continuava, dessa vez segurando Tatiana pelos cabelos.

— Não desvie o olhar! Esse rio outrora foi a morada de uma grande serpente, uma serpente que perambulou por toda essa região – e Tatiana, olhando para o rio, pensou tê-lo visto se movendo e serpenteando, como se fosse uma gigantesca cobra; essa visão parecia ter quebrado o seu torpor e ela começou a chorar. – Essas são as heranças esquecidas! As nossas e as deles! Mas tanto nós quanto eles nos afastamos delas e agora estamos cada dia mais fracos, cada dia mais longe do que éramos, cada dia mais perdidos...

Tatiana se desvencilhou do aperto de Irina, empurrou-a e desceu correndo a escadaria da ponte em direção à sua casa. Ela não entendia o que havia acontecido. Não sabia quem era aquela garota ou o que quer que tinha visto. Apenas sabia que preferia ter apanhado das outras meninas a ter passado por aquilo. Ela ainda chorava quando chegou em casa. As lágrimas demorariam para deixar de correr...

CAPÍTULO VIII:

EM UM TEMPO FORA DO TEMPO

Mato Grosso do Sul, primeira metade do século XX

*Sons de chocalhos, sons da floresta.
Sons de pés pesados marcando o ritmo.
Sombras de homens, homens sábios,
Dançando em círculos, cantando canções.
Quatro varas marcando o terreno
Quatro varas para os cantos do mundo.
Cada canto do mundo saudado,
Seus espíritos honrados com dança e canção.*

O inverno chega. O vento e a cerração mostram sua face. A colheita acaba. A tribo e a terra se recolhem. Os koixomuneti dançam. Os xumonó e sukirikionó também dançam, respectivamente pintados de vermelho e verde. A dança continua. Itaaká e kipahê dos tempos ancestrais em mãos. A música continua. Tambores, flautas e varas de bambu marcam o ritmo junto aos pés. Uma dança desde o início dos tempos. Uma dança dos últimos filhos da antiga nação Guaná. Ao redor, as quatro direções do mundo. E dançando com eles, os Ilhakuokovo, os espíritos ancestrais dos sábios de outrora. Qualquer estranho que olhasse a Kohixoti Kipaé, a “Dança da Ema”, não os veria. Mas para os Terena, filhos dos Guaná, a sua presença é tão óbvia quanto a do sol e da lua. E eles dançam. E eles cantam. Como fizeram antes. Como esperam fazer no amanhã.



Quando já era tarde da noite, a Oheokoti continuava, mas seus principais ritos já haviam sido realizados. Algumas pessoas ainda dançavam e cantavam, mas agora em grupos menores e dispersos. Outros apenas conversavam e festejavam enquanto bebiam o chichi, a antiga bebida feita de milho e mel. Assim era um pequeno grupo, sentado perto da fogueira principal. Apesar de perto de todos, ninguém interromperia aquela conversa. Ali se sentava o mais velho Koixomuneti da tribo, o curandeiro e sacerdote, com um itaaká¹ em uma mão e o kipahê² na outra. Do seu lado direito, o mais velho dos Xumonó, os temidos gozadores e zombeteiros, com seu corpo pintado com desenhos em vermelho e sorriso agressivo enquanto bebia o chichi. Do seu lado esquerdo, o mais velho dos Sukirikionó, os sábios, conselheiros e sérios, com seu corpo pintado de padrões em verde e olhar concentrado. Não há um sem o outro, por isso não há bem e mal. Ambos representam as facetas da vida, e nenhum é mais importante que o outro, por mais

que tentem superar um ao outro o tempo todo. Mas assim é na vida. Há os xumonó e os sukirikionó entre os Terena porque há os xumonó e sukirikionó dentro de cada homem e mulher. Sentado à frente do koixomuneti da tribo estava um homem que havia sido elevado ao final da Dança da Ema. Ele era um dos Naati, dos nobres da tribo, um jovem e talvez seu maior líder. E para que não se diga que era um grupo pequeno, cem gerações de Ilhakuokovo, os espíritos dos antigos koixomuneti, se reuniam ao redor desses quatro homens. Talvez não estivessem visíveis para todos, mas nenhum dos últimos filhos dos Guaná duvidaria da sua presença.

— A Oheokoti está bonita, não? – perguntou o naati.

— Bonita pra quem? Pra você? Os ancestrais sabem, antes era muito maior e mais bonita – zombou o xumonó.

— O que ele quer dizer é que a festa antes tinha mais gente. Muito mais gente, muito mais jovens. Agora, só os velhos ainda festejam. Os velhos e as crianças. Mas as crianças um dia crescem e vão embora. Ficam só os velhos, e os velhos não ficam pra sempre – completou o sukirikionó.

— Mas ainda assim, foi bonita. Foi o melhor que nosso povo pôde oferecer. Tenho certeza que os ancestrais ficaram satisfeitos. O que acha, grande koixomuneti?

— A oferta deve ser do melhor, mas o melhor de uma pessoa não é o melhor de outra pessoa. Da mesma forma, o melhor de uma época não é o melhor de outra época. Para a nossa época foi o melhor. Eles estão satisfeitos.

O xumonó gargalhou, uma gargalhada sarcástica e azeda, tanto com amargor quanto com a tontura provocada pelo chichi.

— O melhor de agora! O melhor de agora é pior que o melhor dos tempos de meu pai! O melhor dos tempos de meu pai é pior que o melhor dos tempos do meu avô! O melhor do tempo dos nossos filhos será pior que o nosso melhor? Haverá um melhor a dar no tempo dos nossos netos, então?

— O tempo deles pertence a eles – disse o sukirikionó. – Quando for a nossa vez de sermos ancestrais, devemos receber as homenagens com justiça. Julgaria mal teus netos e bisnetos quando eles fizeram tudo ao alcance deles pelo nosso povo?

— Bah! – continuou o xumonó após mais um gole chichi. – Só digo que o nosso melhor pode não ser o bastante. O melhor deles pode não ser o bastante. O melhor que nosso povo pode fazer pode ser só uma pedra velha e corroída à beira de um rio caudaloso. Uma hora ela se vai e ninguém se lembrará dela.

O naati ponderou por um momento.

— Mas então o que podemos fazer, se não o nosso melhor? Muitos dos jovens, até dos adultos, estão aderindo aos modos dos brancos. Acreditam no deus dos missionários, ignoram os velhos modos, ignoram os espíritos dos ancestrais, os Ilhakuokovo, os Koipihapati, ignoram até

o Yurikayuvakai, o pai do nosso povo. O tempo passa, meu senhor e aconselhador, mas os novos braços dos rios são livres para desbravar novas matas e nutrir nossas terras. Quanto a nós, só podemos manter o nosso rio belo e forte, para que menos desses córregos e riachos se separem de nós.

— Então é isso – disse o sukirikionó, resignado e entristecido. – Tudo passa. Logo tudo isso vai ser esquecido. Os Ilhakuokovo, os Koipihapati, os espíritos dos animais, da terra, dos ancestrais. Apenas a crença dos brancos vai ficar. A crença no deus que veio do outro lado do mar e que não permite que se acredite em mais nada.

O koixomuneti pegou a bebida com o xumonó e bebeu um gole generoso. Limpou os lábios com o braço.

— Está errado. Os brancos vêm até nós e tentam nos tirar a crença. Dizem que não existe nada além do seu deus e seu filho pregado na cruz. Dizem que o resto, se existe, é maligno. Eles dizem que não acreditam no Yurikayuvakai, no Vanuno, nos espíritos da terra e dos animais, nos Ilhakuokovo e Koipihapati. Podem dizer isso à vontade, mas é meia verdade. Porque eles não acreditam nos nossos espíritos ancestrais, mas trouxeram seus próprios espíritos ancestrais do outro lado do mar. Eles não acreditam nos espíritos da floresta, dos rios e da terra, mas seus ancestrais acreditavam, e esses espíritos hoje se escondem nas nossas matas, dividindo espaço com os nossos. Eles dizem que não há nenhum deus além daquele descrito no livro, mas a cada conto ou história contada de seus ancestrais eles trazem seus deuses esquecidos para mais perto da nossa terra. Eles acreditam. Eles não admitem, mas acreditam. Acreditam nos deles, mesmo os negando. Acreditam nos nossos, mesmo os negando.

— Do que está falando, sábio koixomuneti? Bebeu demais, foi? – riu o xumonó.

— Estou dizendo, meu amigo, que tudo muda e tudo morre, mas lembranças demoram mais a morrer. Pode ser que um dia não exista mais ninguém para fazer a Oheokoti. Os brancos também não fazem mais as festas antigas para os espíritos deles. As festas antigas deles mudaram com a igreja. Ninguém faz mais os ritos antigos deles como eram feitos no outro lado do mar, muitos e muitos anos atrás. Mas eles ainda vivem, porque ainda são lembrados. Estão nas histórias deles, nos contos que eles trouxeram, nas canções que cantaram para suas crianças. Enquanto essas histórias existirem, eles serão lembrados. Lembranças são difíceis de matar. E enquanto vivem as lembranças, vivem os deuses. Deles ou nossos.

CAPÍTULO IX:

AFUNDANDO

Os tons são tudo. Azul se torna verde, claro se torna escuro. Tudo muda a partir de uma alteração do olhar. Isso pode ser difícil de se perceber no mundo da superfície, com sua multiplicidade de formas para se contemplar e diferentes fontes de iluminação, mas no mundo das águas subterrâneas os tons são tudo. O claro está acima e vai gradualmente diminuindo quando se vai olhando para baixo. O azul límpido da superfície vai se tornando um verde vegetal conforme se aproxima mais de regiões com farta flora marinha, principalmente algas. Ainda assim, é um mundo também vasto de formas, de vida, de cores. Apenas a sua percepção depende dos tons, mas não vê-las não significa que não estejam lá. Pelo menos era nisso que Tatiana acreditava enquanto nadava de forma solitária através dos variantes tons do seu mundo submerso.

Então ouviu risos. Risos sob as águas. Viu então surgir, dentro do seu mundo de tons claros e escuros, verdes e azuis, um grupo de garotas nadando em sua direção. Garotas bonitas, de pele pálida e cabelos longos, que nadavam com naturalidade e graça espantosas. Nuas, todas elas. Contudo, antes mesmo de conseguir estranhar a situação, Tatiana percebeu que também estava nua. Por um momento se envergonhou e, ao ver as estranhas se aproximando, tentou esconder seu corpo com as mãos. Isso gerou apenas mais risadas. Risadas amigáveis de garotas nuas que agora nadavam ao seu redor. Nadavam acima dela, abaixo dela, brincando enquanto riam. Não pareciam ter vergonha nenhuma e sua alegria era contagiante. Mesmo sem perceber, Tatiana começou a rir junto com elas. E fizeram sinal para que se juntasse a elas. E ela foi, esquecendo-se da vergonha. Entre os tons do mundo submarino elas nadavam, para cima, para baixo, para lá, para cá. Às vezes em círculos, como uma dança de mergulhadoras de nado sincronizado. Outras vezes, como um cardume, uma matilha marinha de irmãs. Nenhuma palavra. Apenas risos, diversão e alegria.

Mas Tatiana percebeu que, por mais que explorassem quase todo o mundo aquático onde estavam inseridas, estavam se lançando cada vez mais para os tons escuros das profundezas. Brincando cada vez mais próximas da grande negritude do desconhecido. Inicialmente ela tentou tomar a iniciativa e levá-las para mais próximo da superfície. Elas seguiram a sua companhia recém-encontrada, mas ainda assim, parecia que não importava o que fizesse, ainda assim elas continuavam levando-a para os tons sombrios das profundezas. Ela ouvia as risadas e as expressões alegres, mas não conseguia evitar uma sensação de mal-estar relacionada àquela escuridão.

— Venha! Venha!

Ela começou a ouvir as vozes agudas chamando. Estranhamente, ela não conseguia responder. Por mais que tentasse, as suas tentativas de falar apenas produziam bolhas de ar. Ela tentava se afastar do grupo de garotas sorridentes e risonhas, mas elas continuavam nadando, dançando e brincando ao seu redor. Em alguns momentos, uma delas puxava um dos seus pés para baixo; em outro, outra delas se apoiava em seus ombros e a levava cada vez mais para o fundo; e em outros, a mera confusão gerada pelo nado rápido das mulheres pálidas ao seu redor, fazia com que ela perdesse a direção e acabasse indo para baixo. E ela estava cada vez mais dentro dos tons escuros.

— Venha conosco, Tatiana! Venha!

Tatiana não queria. Contudo, por mais que ela tentasse se afastar, mais arrastada para baixo ela era, em meio a brincadeiras, empurrões, puxões e risadas. Risadas na escuridão da profundidade das águas. Risadas cada vez mais debochadas em uma escuridão cada vez maior. Tatiana estava confusa e perdida, além de já não saber mais onde era o acima e o abaixo. Contudo, ainda percebia a escuridão aumentando e sabia que aquilo não era bom. Por mais que lutasse, protestasse e nadasse, nada fazia com que a escuridão diminuísse. Porém, seu medo se tornou terror quando ela finalmente olhou para baixo e pôde ver o solo.

Ali ela podia ver o que parecia ser um homem, deitado como se estivesse sendo velado, ainda que não houvesse nenhum caixão a envolvê-lo. Suas vestes eram rubras e esfarrapadas, mas que pareciam ter sido luxuosas em algum passado distante. Seu rosto e mãos eram cinzentos, granulados e inchados, com uma aparência pútrida, como se ele estivesse morto havia muito tempo. Ainda assim, ele conservava um grosso bigode negro que lhe cobria a boca, bem como longos cabelos negros presos sob um tipo de chapéu alto e sem abas de veludo vermelho. As mulheres continuavam brincando e levando-a na direção dele, como se tudo não passasse de uma travessura inocente.

— Venha! Venha! Venha conosco, Tatiana!

E por mais medo que sentisse, ela não conseguia mais desviar os olhos daquela visão. Não conseguia mais resistir aos apelos das garotas que nadavam ao seu redor, e elas a levavam em direção ao corpo submerso. E ela não conseguia fazer nada para impedir, por mais que quisesse, por mais aterrorizada que estivesse. Estava sendo guiada indefesa em direção à escuridão e não conseguia sequer resistir.

Ela fitou o cadáver submerso enquanto era levada em sua direção. Viu que seus olhos estavam abertos. Eram tão negros quanto a escuridão ao seu redor. Tão negros quanto a escuridão que parecia engolfá-la. Era a escuridão? Ou eram os olhos que agora a devoravam no mundo subterrâneo? Ela não sabia dizer, só sabia que precisava fugir, subir de volta para o mundo de nuances claras. Mas não conseguia. As mulheres a levavam cada vez mais para baixo. Ela se perguntou quando foi que elas mudaram tanto. Ela as viu como belas e divertidas garotas

com esvoaçantes cabelos negros. Agora elas tinham bocas abertas em ângulos impossíveis, com dentes pontiagudos e brilhantes, e olhos gigantescos, redondos, negros como os de um peixe abissal. Seus cabelos negros também esvoaçavam ao redor, aumentando a escuridão e ela já não conseguia ver a luz. Olhando para baixo, via os olhos negros do homem morto olhando para ela. Ela sabia que olhavam para ela. Sua respiração começou a falhar e ela soltava centenas de bolhas de ar ao redor. Ainda assim, a única noção que tinha como certa era a da escuridão aumentando ao seu redor, engolindo-a totalmente, por mais que tentasse fugir...

Tatiana abriu os olhos, ainda aterrorizada com a escuridão ao seu redor. Logo percebeu, contudo, que sua respiração ofegante estava inspirando ar, não água. Estava no seu quarto. Ela tentou respirar aliviada, mas havia algo de estranho. As imagens do pesadelo pareciam nítidas na sua mente. Não se desvaneciam como em um sonho normal. As águas. O cadáver vestido em rubro. As mulheres de cabelos escuros. Ela conseguia ouvir até mesmo suas risadas. Podia ver seus rostos, tanto como belos e sorridentes, quanto como monstruosos e deformados. Rostos que, enquanto humanos, eram tão semelhantes ao de Irina. Um arrepio percorreu sua espinha. As lágrimas do que havia acontecido à tarde não tinham secado ainda. O medo que sentiu ainda estava vivo e agora invadia seu sono.



Tudo aquilo ocorreu em uma sexta. Tatiana não saiu de casa no final de semana. Não entrou na internet, só atendeu mensagens de Sandra, respondendo sempre de forma evasiva. Mal saiu do quarto, mas poucos de sua família perceberam. A mãe, claro, estava ocupada demais com a sua nova vida, uma vida que lhe dava tanto desgosto que não conseguia deixar de anunciá-lo aos quatro ventos. O pai também estava ocupado demais, contando trocados e tentando descansar o corpo da semana de trabalho; a vodca e a cachaça ocupavam uma grande parte dos seus pensamentos durante o domingo, uma parte grande demais para ele se preocupar com a filha. A avó e o pequeno Ivan perceberam o comportamento estranho da jovem, mas ela não estava disposta a falar daquilo com ninguém. O que ela diria, afinal? Que havia sido salva de uma briga de rua por uma garota louca que a havia feito ver coisas estranhas nas águas de um rio? E quem acreditaria, a não ser Ivan?

Seus sonhos retornaram no final de semana, piores do que antes. Esse foi apenas o primeiro. Não eram mais as sensações perturbadoras que impediam o seu sono, mas visões cada vez mais aterrorizantes de um mundo aquático que sempre parecia pacífico de início, mas que se transformava em um turbilhão de acontecimentos bizarros, envolvendo mulheres pálidas que se transmutavam em seres monstruosos, corpos humanos inchados que deixavam os rios em busca

de vidas humanas e do cadáver vestido de rubro. Os pesadelos se alternavam, sempre com pequenas alterações, mas com o mesmo efeito: impedir que ela dormisse. Assim, as noites do seu final de semana foram as mais turbulentas e assustadoras desde o primeiro pesadelo. Seu pai e avó iam até ela para acalmá-la e ajudá-la a dormir, apenas para mais um pesadelo tomar sua mente e acordar desesperada novamente. Foi um final de semana de noites insones e assustadoras, e dias cansados, sonolentos e preocupados.

Ainda assim, ela sentia que sua vida não podia parar. Ela precisava de realidade, de um cotidiano mundano, ser uma pessoa com uma vida normal. Por isso decidiu que iria para a escola na segunda-feira. Seu sono conturbado fez com que perdesse a hora. Saiu correndo de casa, com o café da manhã meio tomado e muita pressa. O pai sugeriu que ficasse em casa naquele dia, mas ela ignorou. Precisava daquele momento de normalidade. Atrasada, não encontrou Sandra no caminho, como era o normal. Conseguiu passar pelos portões da escola apenas porque a inspetora de alunos a viu correndo no fim do quarteirão. Gastou alguns minutos recuperando o fôlego e então olhou o celular. A primeira aula já havia começado. Decidiu que não entraria na sala naquele momento e que podia respirar por alguns minutos no pátio, junto com uma classe que estava em aula vaga. Andou pelo pátio. Conhecia alguns alunos, outros não. Não eram da sua sala, mas ela não se importava. Não estava com ânimo para conversar com ninguém. Apenas usaria aquela sala para se esconder da diretoria, como tantos alunos faziam.

Então o impacto. Os livros dela jogados no chão novamente. Já estava começando a achar aquilo repetitivo. Chegou a pensar que era Caetano. Talvez até recebesse bem a sua divertida companhia. Mas era Andréa, junto com suas amigas. Normalmente ela teria discutido, mas aquele não era um dia normal. Ela estava fragilizada com tudo o que havia acontecido desde a sexta-feira. Ficou paralisada na frente das três meninas.

— E então, princesinha, cadê a sua amiga? Não tem ninguém para te ajudar hoje? — zombou Andréa.

As outras riram. Tatiana não sabia o que sentia. Queria sentir raiva, queria poder explodir com elas, mas não conseguia. Sentia um enorme cansaço, uma grande tristeza e medo, muito medo, um medo que só aumentou com a citação a Irina. Ela olhou para os lados, procurando a pequena menina de cabelos escuros, mais por medo de que ela realmente estivesse por ali do que por esperar sua ajuda. Não a encontrou. Seus olhos se voltaram para a grande Andréa e sua visão embaçou. As lágrimas começaram a descer pelo seu rosto. Ela se sentiu ridícula por estar chorando, mas não conseguiu evitar. Acabou tendo resultado. As meninas apenas a deixaram ali, chorando, indo embora rindo e zombando, talvez por medo, talvez por receio de mais represálias por parte da direção da escola.

Tatiana se abaixou para pegar os cadernos e livros e logo viu alguém ajudando. Ao levantar os olhos, percebeu que era André. Ele a ajudou com os cadernos em silêncio e ela não

fez nada para mudar isso. Só quando os dois estavam novamente em pé, perguntou:

— Tudo bem?

Tatiana finalmente conseguiu explodir. Seus olhos se encheram de lágrimas novamente, e sua voz saiu embargada e alta, quase gritando com o irmão da amiga.

— Não! Não está tudo bem! Desde que eu cheguei nessa maldita escola essas vadias não me dão paz! Eu não fiz nada para elas! Eu não tenho culpa se elas não são bonitas ou legais! Eu nunca tratei ninguém aqui com preconceito, não sei porque tenho que passar por isso! Se eu quisesse poderia chamar todos vocês dos piores nomes, mas eu não faço, então por que eu tenho que aguentar isso?

André olhou bem para ela. Na verdade, todo o pátio olhava para ela. Seu rosto, que já estava vermelho, começou a queimar. Tatiana baixou a cabeça e ia se afastar, mas André a segurou pelo braço.

— Acho que precisamos deixar algumas coisas claras. Você quer saber por que elas te tratam assim? Pois bem, então eu vou te dizer a razão.

Ela se virou para ele em posição defensiva, mas André continuou, em uma voz mais firme que o normal para ele, ainda que baixa e gentil.

— Olhe para você. Olhe para elas. Você é a diferente aqui. O problema é que você não é só diferente. Você é o diferente que todo mundo gosta. As pessoas olham pra você e veem as apresentadoras de programas infantis, as atrizes famosas de filmes de Hollywood, as mocinhas das séries de televisão. Elas se olham no espelho e não veem nada disso. Não importa o quão bonitas, inteligentes ou legais sejam, elas nunca serão populares ou admiradas como você, porque toda a mídia vende uma ideia de que ser como você é mais bonito e adequado, mesmo que não represente a maior parte da população. A sua presença aqui é uma prova de que elas são inadequadas, uma prova viva e palpável, diferente das celebridades que elas encontram na televisão ou internet. É estranho que elas reajam?

— Reajam?? Olha aqui, André, eu não fiz nada para elas para que se possa chamar isso de “reação”. E se elas não têm autoestima, o que eu tenho a ver...

— Tem tudo a ver – interrompeu André. – Veja, ninguém está dizendo que você é uma pessoa ruim ou que fez mal para alguém. Mas a reação não é contra você. É contra todo um mundo que diz que meninas brancas de olhos claros são mais bonitas do que elas. Aliás, não só mais bonitas. Acham que vocês recebem uma educação melhor do que nós, que são mais inteligentes do que nós. Vocês têm mais chances do que qualquer um de nós no mercado de trabalho, vocês têm mais chance de mobilidade social. Em tudo o mundo joga na nossa cara que vocês são mais apropriados que nós. O que nos resta? Bajular vocês? Tentar ser como vocês? E os que não querem isso? Simplesmente devemos nos recolher e aceitar nossa insignificância?

— Você está sendo injusto, André. Hoje em dia vemos várias modelos e atrizes de origem

indígena por aí...

— E elas sempre são retratadas como algo “exótico”, como se pessoas como elas fossem raras e as como você fossem comuns. Não duvido que você fosse comum de onde veio, mas não é assim no resto do país. Índios, negros, mestiços, nós somos a maioria aqui, mas não somos representados assim em nenhum lugar! Quando se lembram de nós, é com estereótipos, generalizações e como peças de museu, nunca como pessoas e culturas vivas e ativas na sociedade! Talvez não seja um problema em grandes centros, onde existem pessoas de mil origens diferentes, mas e aqui? Aqui, onde a maior parte da população é de indígenas? Nós somos os primeiros habitantes dessa terra, tivemos nossa cultura destruída e hoje temos que tentar ser iguais a vocês? Não temos direito a ser quem somos e sermos representados na sociedade? Vocês vão sempre representar todo o país, mesmo quando se preocupam tanto em manter sua cultura vinda do outro lado do mar?

— André, você fala em estereótipos, mas faz a mesma coisa comigo! – a voz de Tatiana já não tinha raiva, apenas uma tentativa desesperada de ser compreendida. – Eu não tenho culpa de ter nascido onde nasci! Eu sinto muito que o mundo seja assim, mas a culpa não é minha! Você está sendo injusto comigo! Eu não estou mantendo cultura nenhuma! Eu não estou usando roupas tradicionais, participando de festas tradicionais, falando uma língua que vocês não entendem! Ninguém faz isso mais, nem lá no faxinal, e muito menos eu! Eu sou tão normal quanto a sua irmã, ouvimos as mesmas músicas, falamos das mesmas coisas, temos as mesmas preocupações! Por favor, é tão difícil parar de me culpar pela forma que o mundo tratou vocês e vivermos o aqui e agora?

O final da fala de Tatiana era quase uma súplica. Seus olhos ainda estavam lacrimejantes. Ela voltou à escola apenas para se sentir normal novamente, mas a única coisa que a fala de André a fazia pensar era em Irina. André percebeu o desespero da garota e estava prestes a perguntar se estava tudo bem com ela, quando uma sombra surgiu ao seu lado.

— Opa, olha só o que temos aqui! – disse Caetano, enquanto abraçava a jovem; ela não recusou o braço, mas André não saberia dizer se era por gostar do garoto popular ou por precisar desesperadamente de conforto naquele momento. – Esse frango está te incomodando, amor? A gente pode resolver isso aqui mesmo.

Ela olhou para André. Por um momento cogitou em realmente deixar que Caetano o surrasse; mas ao olhar para o garoto frágil e inteligente, não conseguia sentir raiva. Ela sabia que ele não tinha dito nenhuma inverdade, por mais que ansiasse por alguma mentira confortável que lhe trouxesse alento. Virou-se para o rapaz que era admirado por todas e que já agia como se fosse seu namorado.

— Não, Cah, obrigada. Eu que não estou bem. O sinal vai tocar daqui a pouco, só me deixa ir para a minha sala.

E o sinal tocou. Ela se desvencilhou do abraço forte do rapaz e foi para a sala, sem olhar para trás. E os dois rapazes se entreolharam, confusos.

— Aê, continua incomodando ela e eu te quebro, firmeza? – ameaçou Caetano.

— Ah, faça-me o favor, ela nem é tudo isso! Vocês estão tão preocupados com seus padrinhos e nem se tocam que essa menina está cheia de problemas. Mas de boa, se é assim que prefere, nem abro mais a boca perto dela. Tenho mais o que fazer.

E também foi para a sua sala.

CAPÍTULO X:

O VELHO MUNDO AINDA VIVO

— Você está pronto?

— Sim, estou.

— Então vamos começar.

André se aproximou da menina que estava sentada na esteira de palha no chão. Tocou seu rosto e percebeu a temperatura elevada. Assentiu para ela, empurrando sua cabeça para baixo, fazendo com que se deitasse de costas para o chão, olhando para o céu claro daquele dia quente, quando o verão se encaminhava para seu final. Saiu do seu lado, voltando na direção dos anciãos ao redor. Procurou pelo sol; ele já começava o seu ciclo descendente em direção ao crepúsculo. Olhar para ele doía os olhos, mas precisava se acostumar. Ao menos um pouco. Fez uma prece silenciosa, mas ao perceber os olhares reprovadores dos anciões, repetiu a oração em voz alta, na língua dos filhos da Nação Guaná. Ela pedia que o sol iluminasse o seu caminho para que o espírito protetor da menina deitada no chão, o koipihapati, pudesse ajudá-la e trouxesse a cura.

Ele se aproximou do índio mais velho, que lhe estendeu uma pequena vasilha. Bebeu o conteúdo de um gole só, mas fez uma careta ao sentir o gosto. Logo começou a tossir, provocando risos em alguns homens que observavam. Os anciãos, contudo, não esboçaram nenhuma reação em seus rostos sérios; ao perceber isso, André se esforçou para recobrar a compostura. Voltou-se para outro dos anciãos e pegou com ele um cachimbo grande, cheio de um fumo aromático. Ele o levou em direção à menina deitada e colocou a boca hesitante no forninho do cachimbo; tinha medo de se queimar, mas nada ocorreu. Então soprou, vendo a fumaça saindo pela outra ponta do instrumento, desenhando formas no ar. Soprou mais uma vez, fazendo com que a fumaça se espalhasse por cima e ao redor da menina. Então pegou seu kipahê e abanou a fumaça ao redor dela, juntando-a sobre sua cabeça e rosto, enquanto cantava uma oração mais antiga que qualquer um dos anciãos. Apesar do acúmulo de fumaça sobre seu rosto, ela não tossiu. Isso pareceu a ele um bom sinal. Agora era a hora da parte mais difícil.

Ele pegou seu itaaká e começou a agitá-lo e girá-lo, em um ritmo único e hipnótico. Quando pareceu constante, ele começou a cantar uma melodia, uma oração chamando seu koipihapati. A melodia era um contraponto ao ritmo, mas ambos se mantinham constantes. André tentava não pensar que aquilo não fazia sentido. Ele era um rapaz do mundo atual, mas acreditava naquilo que a avó havia ensinado. Ele não podia ter dúvidas. Tinha que fazer o seu melhor. Bom, fazer o seu melhor era o que ele mais tentava na vida, não seria diferente agora, mesmo com a pressão no estômago. Os Terena não faziam mais o chichi havia décadas, então acabavam substituindo a antiga bebida sagrada pela cachaça dos brancos. Ele se perguntava se aquilo era apropriado, mas tentou não pensar nisso. Apesar de todas as dúvidas, ele agora só

devia pensar no seu trabalho. Na canção, no ritmo, no que deveria acontecer.

Ele continuou e nem saberia dizer por quanto tempo. Podiam ter se passado alguns minutos, podiam ter se passado muitos. Mas então ele sentiu algo. Uma sensação de deslocamento involuntário, algo semelhante a uma descida de elevador. Ele se perguntou se era aquilo que devia sentir ou não, mas não tinha como parar e perguntar aos anciãos. Decidiu que aquele seria o sinal. Levantou-se, mas manteve o cântico e o ritmo. Seus olhos buscaram o sol e o brilho ofuscou sua visão, mas buscou manter a concentração. Começou a dançar. Um pé após o outro. Começou a dançar um círculo ao redor da menina. Ainda cantando no mesmo ritmo. Ainda balançando a itaaká no mesmo ritmo. Ainda tentando olhar para o sol, mas baixando a cabeça quando o brilho o ofuscava demais. Ainda cantando uma oração tão antiga quanto seus mais antigos ancestrais, um chamado à cura.

Sua barriga queimava e pesava com a grande quantidade de bebida, mas ele tentava ignorar. Sua cabeça estava leve, talvez pelo efeito do álcool. Havia uma forte pressão sobre suas costas, e ele acreditava que devia ser a posição em que dançava. Mas não conseguia fitar o sol, nem sabia dizer se seus movimentos estavam coordenados ou se estava mantendo o ritmo. A dúvida o atingiu. Afinal, ele era um jovem educado e inteligente, frequentava a escola e era bom aluno. Por que fazia aquilo? Por que estava se rendendo àquela superstição? Não fazia sentido nenhum, a menina precisava de um médico, não de alguém soprando fumaça e dançando ao seu redor. Por que ele estava fazendo aquilo?

“Porque é o que você é”. A conclusão o atingiu como um golpe no estômago. Literalmente no estômago, uma vez que sentiu a bebida subir de novo logo após. Teve que se segurar e engoli-la de novo. E continuou dançando. E cantando. E tocando. E olhando para o sol. Ele não sabia dizer se havia chegado a essa conclusão sozinho, mas sabia que aquele não era o momento de parar. Do lado de fora, os Terena observavam o jovem dançando, cada vez com mais êxtase, cantando com cada vez mais força, fitando diretamente o sol. E eles sabiam que o koipihapati estava ali, o espírito guardião do rapaz. E ele continuava a dançar, cantar e tocar, e nem percebia que sua pronúncia da língua antiga havia mudado, que o som de seu itaaká havia deixado de ser apenas ritmo para se tornar uma música ao qual toda a floresta respondia com suas folhas, que cada pisada de seus pés fazia com que toda a terra soasse. Ali ele era o jovem André, mas também era mil ancestrais que vinham atrás, seguindo a linhagem do seu povo.

O rapaz dançou até que o sol sumisse ao final do crepúsculo. Então retornou aos anciãos, parecendo tonto e com o corpo totalmente molhado de suor. Aceitou sem pestanejar a água que lhe fora oferecida e então se permitiu cair de costas no chão, enquanto eles se sentavam à sua frente. Ele se levantou, também assumindo uma postura sentada, segurando a cabeça com uma das mãos.

— Digam à mãe dela para preparar uma garrafada com gengibre, alho e abacate — ele disse,

em uma voz cansada, mas ainda na língua Terena – Isso fará com que ela sinta calor e transpire. O mal sairá no suor e ela deve se sentir forte novamente em breve – ele suspirou e se levantou, olhando para as estrelas no céu; finalmente, completou em português –, mas se ela não melhorar logo, aconselho mesmo que a levem para o hospital.

Os anciãos Terena começaram a rir e aplaudir o jovem rapaz. Ofereceram a ele mais cachaça, o qual ele recusou, mas aceitou um novo gole de água. Ele se permitiu deitar de costas na terra, olhando diretamente para as estrelas. Os Terena ao seu redor conversavam animadamente e riam. A menina havia sido despertada e levada de volta para a sua família. E ele havia passado no teste.

CAPÍTULO XI: NÉVOAS NO CAMINHO

Sandra não foi para a escola naquele dia, então Tatiana preferiu ficar isolada. Ela tinha outras amigas, mas não com a mesma confiança. Até elas perceberam que havia algo de errado com ela e tentaram puxar conversa, mas logo desistiram. Tatiana podia ser bem rude quando queria ficar sozinha, por isso respeitaram a sua vontade. Ficou mais aliviada quando percebeu que não tinha visto Irina em nenhum momento. Ainda assim, estava muito cansada e sonolenta, além de confusa e amedrontada. Em muitos momentos ela tentava racionalizar a situação e dizer a si mesma que era ridículo o medo que estava sentindo de encontrar a pequena menina, que tudo o que tinha visto era sua imaginação, provavelmente piorada pelos pesadelos e pelas loucuras da cabeça de Irina. Ainda assim, a sensação de incômodo e medo não foi embora totalmente em nenhum momento.

Ela voltou para casa e passou o resto do dia no quarto. Depois do final de semana de isolamento, talvez a sua família estivesse se acostumando. Talvez achassem que era alguma crise adolescente. Aliás, talvez fosse mesmo, ela não saberia dizer. Só sabia que não estava se sentindo bem e o final de semana só havia piorado a situação. Ela se sentia prestes a enlouquecer. Não que parecesse que alguém ligasse. Nem a avó ou Ivan a procuravam agora. Talvez também tivessem chegado à conclusão que ela era um caso perdido. Normalmente ela teria ao menos cochilado na tarde que passou no quarto, principalmente exausta como estava. Não aconteceu. Tinha medo demais de dormir, mesmo lutando contra o sono durante todo o dia. Sabia que não o venceria para sempre, mas queria evitá-lo enquanto pudesse. Ao anoitecer estava ainda mais esgotada.

Ela só veria a família na hora do jantar e as conversas ali eram apenas um hábito por educação, não tinham qualquer intenção de simpatia ou profundidade. O pai e a mãe estariam muito cansados e teriam muitas coisas na cabeça, então perguntariam aos filhos como havia sido o dia, mas ela não tinha certeza de que sequer ouviriam as respostas. Então falariam rapidamente sobre seus dias e, novamente, ninguém ouviria realmente. Falariam sobre a cidade, mas não diriam nada que todos já não soubessem. Conversariam rapidamente sobre as notícias da política nacional, mas nenhum deles realmente se interessava ou entendia o que ocorria; ao final, sempre ocorreria o entendimento mútuo de que todos os políticos são ladrões, sem nenhuma percepção aprofundada sobre o assunto. Fugir desse roteiro não era comum. E Tatiana realmente não queria ser aquela que o faria.

— Não, pai, eu não estou bem – ouviu-se dizendo em resposta à pergunta do pai.

Toda a família olhava para ela agora. Parecia que prestavam atenção, no fim das contas. Ela sentiu o rosto corar, mas agora havia dado o primeiro passo. Quem sabe eles pudessem

realmente ajudar. Baixou a cabeça e começou.

— Eu não estou conseguindo dormir e já faz algumas semanas. Eu estou tendo pesadelos, sonhos tão horríveis que não me deixam voltar a dormir à noite. E agora eu estou esgotada e com medo. Tudo me irrita e me assusta, e tenho medo que meus pesadelos estejam começando a me afetar quando estou acordada.

Ela manteve a cabeça baixa, sem poder ver direito os olhos que a encaravam. Um pequeno momento de silêncio se instalou, o pai foi o primeiro a quebrá-lo.

— Tem certeza que não é só cansaço, filha? Não estou duvidando, mas vocês, jovens, têm a vida muito corrida e agitada, muitas obrigações na escola e entendimento de como o mundo funciona. Se não for isso, tudo bem, acho que podemos procurar um médico. Um psicólogo, não é? Um desses médicos que cuidam dessas coisas.

O pai de Tatiana era uma pessoa muito simples e não tinha certeza se realmente havia uma especialidade médica para o que achava ser o problema da filha. Ainda assim, estava genuinamente preocupado com ela e manteve a voz gentil. Logo após, contudo, a sua esposa explodiu:

— Psicólogo? Psicólogo? Sabe o quanto vai demorar para ela conseguir ser atendida por um psicólogo na rede pública? Principalmente nesse fim de mundo em que você enfiou a gente?

— Sônia, por favor – Sansone era um homem de meia idade, ainda forte e vigoroso, mas estava esgotado; era como se a vida tivesse retirado todo o seu entusiasmo e ele vivesse apenas para trabalhar e cuidar da família. – Ela nem respondeu ainda. E não sabemos o quanto pode demorar, talvez ela só precise de alguns dias de descanso e licença da escola. E se for necessário, podemos procurar um psicólogo...

— Pagar um psicólogo, você quer dizer! – Sônia disse, levantando-se da cadeira bruscamente. – Mal consegue colocar o que comer na nossa mesa e pagar as contas e agora acha que pode pagar um psicólogo? Vai tirar dinheiro de onde?

Tatiana se encolheu. Não era o que ela queria que ocorresse, mas sabia que podia acontecer. E agora, tomada pelo arrependimento e pela vergonha, ela apenas se encolhia, esperando a briga passar.

— Podíamos dizer para a Tati pedir a ajuda do Domovik! – interveio o pequeno Ivan, ansioso para tentar parar a briga dos pais. – Pra mim funcionou! Eu não tenho mais pesadelos!

O rosto de Sônia enrubescceu ao ouvir as palavras do filho e então ela finalmente se virou para a avó e disparou:

— E você! Você também não ajuda em nada! Aposto que suas histórias ridículas têm tudo a ver com isso!

Sansone estava tentando se manter conciliador, mas sua mãe, Kátia, estava pasma com a acusação.

— Por favor, Sônia, isso é ridículo. São contos infantis, todos nós os ouvimos quando éramos crianças. Tatiana já é bem crescida e sabe distinguir...

— Como sabe que ela sabe? Quando foi a última vez em que parou para conversar com sua filha? Ela não devia ser maior do que o Ivan! Mas você está sempre ocupado, trabalhando, trabalhando e trabalhando. Agora nos trouxe para esse inferno onde não conhecemos ninguém e ninguém nos conhece! Qual utilidade dessas malditas histórias aqui? Se vai cortar nossas raízes, que corte de uma vez!

— Mãe, por favor, para com isso... – a verdade é que Tatiana nunca parou para pensar se os contos de fadas que tanto ouvia de sua avó tinham algo a ver com aquilo, mas sabia que não seria aquela situação que iria mudar alguma coisa. Contudo, Sônia não estava disposta a recuar.

— Kátia, eu proíbo você de contar essas histórias demoníacas para meus filhos novamente. Vou levar Tatiana e Ivan para a igreja a partir de agora. Não quero mais essas coisas na nossa família.

Kátia tentou se levantar, mas tinha muita dificuldade em fazê-lo. Suspirou, cansada e entristecida, mas ainda conseguiu dizer:

— Histórias demoníacas, Sônia? Por que você acha que elas fazem mal? Sansone as ouviu quando criança, você as ouviu quando criança da sua mãe. Não há nada de demoníaco no meu filho ou em você, nem nas nossas histórias. Você está escarrando na sua infância.

— Eu escarro onde quiser, sua bruxa velha! Escarro na minha infância, onde me ensinaram que era importante saber as tradições da nossa gente! Escarro na infância onde me ensinaram que eu seria feliz! Me ensinaram tudo isso e agora me jogam nessa terra de índios, onde nada do que aprendi na infância vale alguma coisa! Onde nenhum de nós é feliz, onde estamos longe de tudo o que conhecemos! Que seja, que essas histórias não sejam demoníacas! Ainda assim, do que elas valem aqui? Nessa terra cheia de bugres? Quando você morrer, seremos todos brasileiros e poderemos esquecer todas essas ilusões que vocês nos ensinaram!

E então começou. Kátia calou-se, chocada demais para acreditar no que ouvia. Sansone se levantou, exigindo respeito pela sua mãe. Sônia respondeu de forma ainda mais agressiva, descarregando toda a sua frustração. Ivan começou a chorar, sem entender realmente o que ocorria. E Tatiana se encolheu mais e mais, tão arrependida e envergonhada de ter citado os pesadelos que não sabia exatamente o que fazer. Ela se levantou da mesa e deixou a cozinha. Correu para seu quarto, trancando a porta e escondendo-se debaixo das cobertas. Ela chorava, mas não apenas com lágrimas descendo pelo rosto. Chorava desesperada, um choro alto e angustiante que seria percebido por todos, caso não estivessem ocupados gritando uns com os outros. Um choro de arrependimento, sim, mas também de medo, de receio de que ninguém na sua família pudesse ajudá-la. Chorava perguntando-se porque aquilo estava acontecendo com ela.

E chorou por muito tempo, até que o esgotamento se tornou mais forte. Não sabia dizer se o choro durou mais do que a discussão ou o contrário, mas é fato que, em dado momento, não havia mais nenhum dos dois. Apenas o silêncio na casa. O silêncio e o escuro. Ninguém veio ao seu quarto ver se estava bem. No silêncio e no escuro ela acabou por dormir...



Tudo parecia branco. Branco e frio. Tatiana andava por um mundo de branco e frio. Encolhia os braços arrepiados, sentindo o vento e a umidade sobre eles. Ao menos não estava debaixo d'água. Sabia disso, pois andava normalmente por aquele mundo branco. Seus pés tocavam a terra úmida e gélida, suas lágrimas haviam congelado sobre seu rosto. Havia vento, mas não havia a lentidão de movimentos submersos ou a possibilidade de nadar. Na verdade, ela parecia estar perdida dentro de uma névoa, uma bruma espessa, úmida e fria. Tentou aguçar a visão e pôde perceber silhuetas de árvores ao seu redor. Ela podia avançar, desde que com cuidado. Ela não se lembrava de ter estado naquele lugar antes, mas não tinha vontade de voltar. Atrás estava sua vida, sua família, suas incertezas e temores. Era melhor continuar andando dentro da imensidão branca da névoa gélida. Não parecia que os gritos de seus pais a alcançariam ali.

A névoa não era uniforme. Ela dançava ao seu redor, formando espirais e desenhos. Em alguns lugares ela era mais fina, e Tatiana podia reconhecer árvores e ao seu redor, árvores estranhas, de folhagem escura que se acumulavam sobre sua cabeça. Em outros pontos, ela era tão densa que Tatiana não conseguiria ver a própria mão se estendesse o braço. Ainda assim, a névoa não parecia assustá-la. Havia algo de quase familiar naquela situação. Ela sabia que nunca havia estado ali, mas de alguma forma parecia se lembrar de lá. Não apenas da névoa, das árvores e das rochas, mas tudo. Ela parecia conhecer até mesmo os sentimentos e memórias daqueles que ali teriam passado. Ela não sabia como, mas era como se mil anos de viajantes através daquela floresta deixassem suas impressões, queixas, medos e amores ali, e Tatiana conhecia cada um deles...

A névoa gélida cobria tudo, mas homem louro vindo de terras distantes não se incomodava. Sua terra natal não era tão diferente daquela. Na verdade, era ainda mais fria, com névoas mais espessas. O inverno era longo e escuro em ambos os lugares, com o sopro de Skadi tingindo a tudo de branco ao redor, mas ele parecia mais gentil ali. A terra era mais fértil também, com a possibilidade de grandes plantações e rebanhos. Tudo isso era mais difícil em sua terra natal. Por isso os homens do norte desceram em direção ao sul, em busca de riquezas, glória, mas também de um novo lar. Ali, nas costas do Báltico e descendo o Dniepre,

encontraram homens embrutecidos e guerreiros. Alguns deles eram capazes de expulsar os nórdicos e escarnecer sobre os seus mortos. Porém, a maioria era de fazendeiros, e mesmo que não lhes faltasse coragem, careciam do preparo para as invasões nórdicas. Os variags, como eram chamados, chegavam de surpresa, pegando suas pequenas comunidades e vilas de surpresa ou saqueando propriedades isoladas. Antes que os filhos dessa terra estranha conseguissem se reunir e preparar suas defesas, os homens do norte já haviam partido.

Porém, descendo o Dniepre, as coisas estavam mudando. Os homens do norte estavam encontrando terras vastas demais para serem deixadas nas mãos de uma população tão pequena de fazendeiros. Ali, o ouro e a prata não eram um espólio abundante, mas havia uma terra rica e fértil esperando para ser cultivada. Assim, os homens do norte começaram a se estabelecer cada vez mais ali. Parecia um absurdo ignorar os sinais que Jord estava dando a eles, seu corpo fértil esperando pelos arados. Os nórdicos tomavam esposas do povo local, muitas vezes massacrando suas famílias no processo. Outros retornavam para o norte, avisando do destino dos que ficaram. Isso fazia com que cada vez mais nórdicos migrassem em direção ao sul. Não demoraria para que uma grande invasão ocorresse ali. Os homens do norte tomariam aquela região para si e os nativos iriam se curvar ou morrer. Parecia um bom plano, simples e eficiente. Odin estaria orgulhoso de seu povo.

O guerreiro na névoa, contudo, não tinha certeza se seguiria esse caminho. Ele era um homem renomado, um guerreiro cujas histórias seriam cantadas pelos skalds, poderoso e respeitado. Ele havia feito sacrifícios pessoalmente a Odin e Thor antes de partir para o sul, assim como fizera em todos os ataques do seu povo. Ele fora abençoado muitas vezes com sorte, saúde, força e grandes espólios. Ainda assim, nunca sossegou, sempre buscando por mais. Para ele, não bastaria um simples lugar no Salão dos Mortos. Ele queria que Odin o saudasse pessoalmente, mostrando o seu lugar junto aos deuses e outros heróis lendários. Por isso ele não se sentia bem junto aos nativos daquela terra. Eles não tinham respeito pelo Pai de Todos e os Aesir. Tinham deuses estranhos, esculpidos em troncos de árvores, alguns que pareciam poderosos e guerreiros, mas que não eram dele. Além disso, ele já era casado e queria constituir família na sua terra. Sua esposa era a mulher mais bela em toda a região, com uma sabedoria antiga e muita força no trabalho, tanto que alguns se perguntavam se ela era realmente da raça dos mortais, uma besteira do qual ambos riam enquanto tomavam o hidromel e se aqueciam perante a fogueira. Ele nunca a abandonaria. Retornaria em definitivo, rico e poderoso, para se tornar um novo Jarl. Sua lenda estava criada, os deuses lhe permitiriam descansar e liderar outros homens para a glória.

Mas agora ele precisava encontrar o seu jantar. Era difícil pescar na névoa, mas ele já o tinha feito na sua terra natal. Ele só precisava encontrar o rio, o poderoso Dniepre, que trouxera seu povo para a fartura e riqueza. Era preciso tomar cuidado. Não era uma época de

correnteza poderosa, mas ele precisava encontrar uma área profunda o bastante, porém sem cair na água. A névoa densa tornava isso difícil, mas ele conseguia ouvir o som da água, então não estava longe. Bastava avançar com cuidado. A névoa tornava tudo indistinto, como sombras e silhuetas escuras. Ele sabia que eram apenas árvores no seu caminho, mas fez todo o caminho com o arco preparado em mãos. Em algum momento, todas as silhuetas desapareceram perante ele, deixando apenas a brancura confusa e dançante da névoa fria que molhava seus cabelos e barba e se misturava com seu hálito. Uma confusão momentânea, pois ele logo entendeu que estava dentro de uma clareira, uma grande clareira. O rio não estava distante, pelo menos até onde ele podia perceber pelo som. Continuou seu caminho em frente, finalmente ficando preocupado com o seu retorno. Aquela névoa estava durando tempo demais, mas ele ainda esperava que ela se dispersasse antes do seu retorno. Caso contrário, precisaria sinalizar com a voz para seus companheiros de acampamento, o que lhe parecia bastante humilhante. Mas não pensaria nisso naquele momento. Precisava do seu jantar primeiro.

O guerreiro percebeu o rio se aproximando, mas uma alta silhueta escura também estava no seu caminho. Será que estava andando em círculos e retornando em direção às árvores? Isso parecia impossível para ele. Continuou andando em direção ao rio, aproximando-se da silhueta. Mesmo que fosse mais uma árvore, isso não impediria que ela estivesse no final da clareira e próxima ao rio. E o som das águas estava cada vez mais próximo. Enquanto se aproximava, pôde perceber a névoa se tornando mais e mais fina. Isso foi um alívio para ele. Poderia voltar facilmente sem ela. E conseguiu perceber finalmente o que era a alta silhueta escura que se elevava à sua frente. Um dos ídolos entalhados em tronco de árvore. Atrás dele, o Dniepre corria. O guerreiro de cabelos louros parou para contemplar o ídolo, um homem de bastos bigodes e rosto severo esculpido de forma rústica. Nas suas mãos ele trazia um cesto cheio do que pareciam ser peixes, mas uma espada estava entalhada no seu flanco. Um pescador e um guerreiro. Um arrepio percorreu sua espinha. Ele apertou o seu pingente com o Mjolnir com a mão direita e tentou controlar a respiração. O arrepio era apenas o frio. Odin e Thor não permitiriam que os deuses desses estranhos povos do leste fizessem algum mal a um guerreiro como ele.

— O nome dele é Vodianoy.

A voz feminina repentina quase faz com que seu coração pulasse pela boca. Ele se virou rapidamente para a esquerda. Uma mulher se sentava em uma pedra ao lado do rio. Ela se vestia como uma das jovens locais, com um vestido branco e bordados vermelhos no colo, nas mangas e na bainha. Seus cabelos eram negros como uma noite sem lua, mas os olhos eram tão azuis quanto os de sua bela esposa. Além dela apenas a névoa, que persistia apesar de estar se dissipando na outra direção. O guerreiro falhou em apontar a flecha ao ouvir a voz, mas não dispararia agora em uma mulher sozinha e desarmada. Ela desceu da pedra e caminhou na

direção dele, com um olhar suplicante.

— Eu o assustei? Por favor, meu senhor, não era a minha intenção. Eu me perdi em meio a essa névoa maligna e queria voltar para casa. Só peço que não me machuque.

O guerreiro a olhou. Ela era tão bela quanto a sua esposa, mesmo tendo uma aparência mais frágil. Sua pele não tinha marcas e seus cabelos eram muito bem cuidados, então ele pensou que talvez ela não fosse simplesmente uma camponesa perdida.

— Você! Como fala a minha língua?

— Vocês, homens do norte, estão vindo faz tanto tempo que aprendemos um pouco da sua língua, senhor. Vocês vêm, matam nossos homens, escravizam nossos filhos, tomam nossas mulheres, se estabelecem em nossas terras e nos tem como vizinhos. Como não aprenderíamos um pouco de vocês?

A mulher realmente falava com um estranho sotaque. Suas sílabas eram longas, mas ela sabia as palavras apropriadas. Isso fez com que o guerreiro tivesse a certeza de que ela tinha tido boa educação, talvez sendo filha de um dos chefes locais. Talvez ela até valesse algum resgate. Talvez ela pudesse ser tomada como escrava também. Ele baixou o arco. Foi bom não tê-lo usado, mas agora precisava ter certeza de que ela estava sozinha. Era importante que não houvesse muito barulho até então, ou ele poderia estar sozinho em uma luta com os nativos. Ela não podia ter medo antes que ele pudesse silenciá-la.

— O que você faz aqui? Há uma névoa forte, é perigoso para uma mulher sozinha estar aqui, na beira do rio em um clima assim – o homem louro disse enquanto se aproximava.

— Vim fazer o mesmo que o senhor. Por que mais alguém viria ao rio? Mas o medo da névoa me trouxe aqui. Eu achei que estaria segura ao lado da imagem do Vodianoy, que ele podia me proteger até que a névoa se fosse.

O guerreiro não conseguiu evitar a gargalhada.

— Seu deus a protege? Como ele pode protegê-la se, ao chegar perto de sua estátua, você acaba de encontro com um nórdico?

— O Vodianoy não é um deus – replicou a mulher, com um olhar sério, algo que fez com que o homem louro risse ainda mais.

— Não deve ser mesmo, mulher, não deve ser. O que quer que ele seja, não pode proteger você de um servo de Odin, o Pai de Todos e este sim um deus! – a mulher se encolheu, parecendo intimidada com a bravata do homem do norte. – Mas não se preocupe, não pretendo machucá-la. Precisa de ajuda para ir para casa? Eu te levo.

Ele se aproximou da mulher. Poderia fingir levá-la de volta para a vila e então derrubá-la. Seu lugar seria com os homens do norte. Talvez ela aquecesse sua cama naquela noite. Depois, se fosse confirmado que ela era uma mulher importante, eles poderiam pedir um resgate ou fazer uma barganha. Ele poderia comer peixe seco ou partilhar da caça e pesca de outro

homem. Isso parecia muito melhor do que uma mera pescaria.

Porém, ao segurar o seu braço, uma sensação estranha o tomou. Algo semelhante a uma letargia. De repente, tudo parecia ocorrer em câmera lenta. Sua mão não conseguia apertar o braço também. Estava frágil, fraca e formigando. Com a outra mão ele tentou limpar os olhos, mas parecia que a neblina havia se fechado de novo. Ele não conseguia mais ver nem o chão sob seus pés, nem o rio; via apenas a mulher e o ídolo de madeira atrás dele. Ele olhou nos seus olhos azuis e viu que ela sorria. Sentiu seus braços envolvendo-o em um abraço, mas seus movimentos não respondiam. De alguma forma, ele percebeu que era muito parecido com o primeiro momento em que viu a mulher, uma vez que ele não conseguiu apontar a flecha, mesmo sendo essa a sua reação imediata.

— Sua... casa? Onde... ela é? – o guerreiro conseguiu balbuciar.

— Aqui. No rio – ela respondeu. – Você veio pescar. Eu também. Mas nossa pesca é diferente.

E ela o beijou. Por um momento, ele até tentou desfrutar do beijo. Sentiu-se um pouco mais forte, o suficiente para abraçá-la. Isso até perceber que estavam na beira do rio. Em um segundo estavam caindo. A queda pareceu demorar demais. Mas em algum momento ele sentiu as águas gélidas do Dniepre, que pareciam perfurar sua carne como facas. Nesse momento ele pensou em reagir, mas estava totalmente preso pelo abraço da russalka. Que triste fim para um guerreiro renomado como ele. Seu destino era morrer na riqueza, como um Jarl que passou seus valores e histórias para toda uma nova geração. Ou talvez de espada em punho, em batalha. Mas morria agora pela feitiçaria de uma terra estrangeira. Olhou uma última vez na direção para onde estaria a margem do rio. Pensou ter visto sua esposa. O cabelo louro, os olhos azuis, a aparência de mulher forte e trabalhadora. Mas era impossível. Ela havia ficado no norte. Certamente seus olhos o enganavam na hora da morte. Mas ainda assim, no seu último movimento antes de ser tomado pela escuridão, ele estendeu a mão em sua direção, em uma tentativa de tocá-la...

A mulher com rabo de vaca olhava entristecida enquanto seu companheiro afundava nas águas do Dniepre. Ele era um guerreiro tão grandioso, havia conseguido tantos feitos! Os skalds cantavam suas obras, as runas o protegiam da magia, por tantas vezes os deuses o haviam favorecido! Sua lenda era tão grande que até uma mulher de um povo de além dos homens veio a ele. E agora tudo isso desapareceria na névoa, sua lenda levada pelas águas do rio. Como os deuses podiam permitir que isso acontecesse?

— Seus deuses o protegeram enquanto puderam, isso é fato – a mulher se virou para a sombra ao seu lado. Onde deveria estar o pilar entalhado havia um homem, alto, com grandes bigodes negros e roupas nobres e de tons vermelhos e púrpuras. – Mas essa terra tem seus próprios deuses. Aqui ainda somos mais fortes. Aqui a Kolovrat ainda é mais forte que o Mjølñir

– o homem não se virou para a mulher com rabo de vaca, permanecendo de olhar fixo no homem que afundava.

— Nosso povo virá em maior número em breve – a mulher replicou. – Aí descobriremos se o que prevalecerá será a Kolovrat ou o Mjolnir. Mas essa não será minha vingança. Minha vingança virá quando for a vez de seu povo migrar. Um dia seu povo migrará e serão eles que estarão em uma terra nova, com novos deuses e entes. Nesse dia vocês estarão em desvantagem. Nesse dia você se lembrará de mim.

A névoa se dispersou com o último suspiro do guerreiro louro que afundava. A noite havia chegado e a costa do Dniepre estava vazia. Não havia ninguém ali. Apenas a floresta, o rio e o ídolo antigo.

Apenas isso e Tatiana, que não sabia como, mas havia acompanhado tudo, sentindo o frio da névoa, ouvindo cada palavra, vendo cada um dos presentes...

CAPÍTULO XII:

OS MAIS VELHOS

O homem se sentava ao pé de uma árvore, cortando fumo com uma faca. O homem se sentava ao pé de uma árvore, uma árvore no meio da mata. Usava camisa branca e calça social, mas os pés eram descalços. A camisa branca com os botões abertos, as barras das pernas da calça dobradas na altura das canelas. O homem se sentava ao pé de uma árvore, seu rosto pintado de vermelho de um lado, de verde no outro. Na sua testa, uma corda feita de palha. O cabelo, comprido atrás. O homem se sentava ao pé de uma árvore, vestido como homem branco, mas Guaná para qualquer um que o visse. Mas ninguém que fosse até a mata o veria, nem a árvore. Ainda assim, o homem se sentava ao pé de uma árvore, cortando fumo com uma faca.

O sapo se esgueirou na direção do homem, o pequeno sapinho vermelho. O sapo se esgueirou na direção do homem, e saltou rapidamente em sua direção. O homem olhou para o sapo, o sapo olhou para o homem. O homem nada disse, voltando a cortar o fumo. O sapo o rodeou, curioso. O homem olhou de soslaio para o sapo vermelho, mas voltou a cortar o fumo. O sapo pulou de um lado para o outro na frente do homem, como que buscando sua atenção. O homem olhou para o sapo, mas logo voltou a cortar o fumo. O sapo se esgueirou na direção do homem, e então ficou sobre duas pernas. Olhou para o homem com empáfia, e então começou a dançar. Dançou para lá, dançou para cá, dançou na frente do homem e para o homem. E o homem riu.

— Salve, ‘seu’ Sapo! – disse o homem, ainda rindo. – Ainda me lembro da última vez que fez isso. Da última vez, trouxe a fala aos homens.

— Nem todos os homens – respondeu o sapo, mal-humorado. – Nem todos os homens aprenderam sua fala através do riso. Por isso tudo é tão triste e sério hoje.

— Isso é verdade – concordou o homem. – Homens de outros lugares, mas que vivem aqui agora, junto aos nossos. A maioria hoje usa a fala desses outros homens, penso se não é por isso que andam esquecendo a alegria – concluiu, pensativo.

— A alegria não é a única coisa que estão esquecendo – concluiu o pequeno sapo, sentando-se emburrado. – Mas está feito. Eu os chamei.

— Chamou, pequeno sapo? Então eles deveriam estar aqui, não?

— Não deve julgar a todos por você, Yurikayuvakai, Pai dos Homens – disse a Ema, que vinha andando na direção dos dois, enorme e poderosa. – Alguns são mais ocupados que outros.

E eles vieram. Os mais antigos. Voando sobre a Ema vinha o Bem-Te-Vi, tão pai dos homens quanto o Yurikayuvakai, cantando e circundando a área. Andando atrás dela vinha um grupo de porcos-espinhos com espinhos incandescentes, queimando com o fogo da própria Terra,

resmungando em sua própria língua, com certeza nada que fosse muito educado. Longe deles vinha um coelho, com medo desse grupo irascível e flamejante. Atrás de todos eles vinha uma gigantesca cascavel, que se movia sinuosa e cujo som de um trovão a acompanhava; era o Vanuno, deus das águas, ainda temido e reverenciado.

— Talvez o pai de “alguns” homens, Ema – respondeu o Yurikayuvakai. – Se eles ainda lembrarem disso, claro.

— Não lembram – cantou o Bem-Te-Vi. – Eu voo, eu vejo, eu conheço. Eu me lembro de quando aponte para o Yurikayuvakai onde os homens estavam enterrados. Eu os percebi, ele os desenterrou. O Sapo Vermelho os ensinou a falar, eles riram e disseram que tinham frio – ele olhou para o homem e desaprovou suas roupas. – Mas não importa as roupas que usem, eles ainda são o povo que veio à luz por nossa conta.

— Besteira! – o maior dos porcos-espinho resmungou. – Vocês os tiraram do buraco, ensinaram a falar e a rir. Como agradecem? Esquecendo! Hoje, os koixomuneti são fonte de vergonha para os que antes buscavam sua sabedoria. Acabou para mim! Basta a Ema trazer o sinal e nossos espinhos queimarão novamente as raízes do céu! E dessa vez não falharemos, o céu virá abaixo e Ema poderá ciscar e terminar com eles! Até o Yurikayuvakai, pai da sua raça, hoje se veste como um homem de terras distantes que se curva para o deus escrito na folha de papel!

— Visto-me assim para andar entre meus filhos, Toqueore – respondeu calmamente o homem –, mas dentro de mim ainda vive o Sukirikionó e o Xumonó, dentro de mim ainda vive toda a tradição dessa raça de homens. Eu sou raiz, eles são galho. Se não se lembra disso, é bom que o fogo não tenha sido mantido com você e os seus.

O porco-espinho guinchou e logo ele e todos os seus companheiros eriçaram os pelos endurecidos e pontudos, uma nítida ameaça ao homem.

— Não fosse o Coelho, eles nunca teriam tido o fogo. Nunca teríamos que passar por isso!

O coelho, que permanecia em silêncio, amedrontado com os Toqueore, os irascíveis Porcos-Espinho Flamejantes, se posicionou ao lado do Yurikayuvakai em busca de proteção; o homem acariciou o seu pelo macio, enquanto olhava sério para os terríveis seres que agora guinchavam e eriçavam os espinhos.

— Coelho não tem nada a ver com isso. Quem afastou nossos homens daquilo que ensinamos a eles foram aqueles que vieram de longe, de além das grandes águas. Com ou sem fogo, quando esses outros homens chegassem, o destino seria o mesmo – o Yurikayuvakai se levantou, mostrando a todos o quanto era alto e poderoso; os porcos-espinho se encolheram, o Bem-Te-Vi pousou em reverência, o Sapo se curvou, e apenas a Ema e o Vanuno permaneceram impassíveis, pois mesmo o Yurikayuvakai reconhecia que alguns eram iguais e outros superiores a ele. – Eis o que digo! Digo que não segui Bem-Te-Vi na mata e cavei o buraco onde estavam

os homens para ter escravos! Digo que não vi o Sapo Vermelho ensiná-los a falar através do riso para que me servissem, mas para rir com eles! Estou triste que estejam abandonando a tradição que a eles ensinamos? Estou, mas eles são livres para isso! Os homens podem fazer o que quiserem, pois foi isso que ensinamos! Se o deus que foi pregado na cruz é quem lhes traz conforto e esperança, então devemos entender que essa é a escolha que fazem. Talvez ele traga respostas a eles que ainda não temos. Não está em nosso poder mudar a mente daqueles que optam por voltar seus ouvidos em outra direção. E não é esse o nosso assunto aqui e não foi para isso que foram chamados. Nosso assunto aqui não é aqueles que se voltaram ao deus da Judeia, mas aqueles que o trouxeram até eles.

Os animais olharam para o homem, como se finalmente entendessem o motivo de terem sido convocados. O chefe dos Toqueore resmungou, displicente:

— Acho que a idade está te fazendo mal, Yurikayuvakai. Você diz que não vê problemas nos homens abandonarem a tradição que ensinamos a eles. Você diz que não vê problemas que o povo que foi tirado das trevas por você se volte para o deus da Judeia. Mas diz que devemos nos preocupar com aqueles que vieram de longe. Por que? Quer que os tomemos para nós da mesma forma que o deus deles tomou os nossos homens para si?

O homem não se incomodou com a impertinência do porco-espinho. Apenas se virou para todos e continuou:

— Queria que fosse simples assim. Não é. Os homens e mulheres que vieram do outro lado do mar seguem o deus da Bíblia e assim ensinaram os nossos homens e mulheres a fazer. E se essa for a escolha deles, muito bem. Que pai não quer que seus filhos sejam felizes? Se os escritos trazidos de longe trazem felicidade e conforto aos nossos filhos, devemos impedir que tenham acesso a isso? Obviamente não queremos ser esquecidos, mas não é essa a questão aqui. A questão é que essa raça de além-mar não é muito boa em seguir seu próprio deus – os animais o observaram, curiosos com suas palavras. – Eu ando entre eles e aprendi sobre seus modos e suas histórias. Eles vieram ao nosso povo e aos outros povos dessa terra e trouxeram o deus deles, ensinando seus modos aos nascidos desse solo. Só que eles esquecem que esse deus que eles trazem aos povos daqui não é deles também. Veio de mais longe ainda. Eles tinham seus próprios deuses antes.

— Então, não contentes em esquecer seus próprios deuses, eles chegam e fazem com que os homens dessa terra esqueçam os deles?

— Essa é a questão, Toqueore – continuou o Yurikayuvakai. – Eles não esqueceram. Eles fingem que esqueceram, mas não esqueceram. Não totalmente. Mas ainda os carregam para aonde quer que vão. Eles o carregam consigo em suas canções de ninar e em suas histórias para crianças. E eles vieram até aqui, junto com seu povo. Aliás, com seus povos, pois eles também são muitos. Assim como eles erram ao chamar todos os povos dessa terra de “índios”, nós

erramos em chamar a todos eles de “brancos”. Tribos diferentes, com histórias diferentes e deuses diferentes. E todos aqui. E pouco felizes em se tornarem apenas contos infantis. Os próprios deuses dos brancos são cada vez mais esquecidos, mesmo sendo trazidos até aqui pelos pais, e pelos avós, e pelos bisavós, e pelos trisavós. E algumas das tribos deles, as menores de suas tribos nas nossas terras, são as que mais lutam para não perder suas identidades, mas são quem as perde mais rápido quando se encontram com a cultura dos homens brancos mais numerosos. Os deuses desses são os mais insatisfeitos.

— Eu não entendo o que quer, grande Yurikayuvakai – respondeu o irritante porco-espinho. – Por que temos de nos preocupar? Se os deuses e ancestrais dos brancos vieram com eles, o problema é deles. Se estão sendo esquecidos agora, o problema é deles. Não temos nossos próprios problemas para cuidar?

Vanuno sibilou e seu som pôde ser ouvido como um vento por toda a floresta. Seu guizo chacoalhou e trovões foram ouvidos em toda a região. O porco-espinho se calou e o próprio Yurikayuvakai baixou a cabeça em reverência. Ele e a Ema eram os mais velhos presentes, os mais poderosos, os mais temidos.

— Nos preocupamos porque eles estão aqui. Porque eles vieram junto com seu povo e estão aqui. E não conhecemos todos. Cada vez que um deles de uma tribo diferente vem para cá, seus espíritos ancestrais vêm para cá também. E não sabemos o que querem – a grande serpente se curvou e ficou de frente ao Yurikayuvakai. – Eu vi dois deles, dois que nunca tinha visto antes. Um homem pálido, de bigode farto, vestido em rubro e negro. Parecia morto há tempo demais, mas ainda lembrado. Junto com ele estava uma mulher d’água. Como as daqui, mas diferente. Jovem, mas mais velha que o mais velho branco que aqui pisou. O que faremos com eles, Yurikayuvakai, Pai dos Homens e Aquele que Anda Entre Eles?

O homem olhou para a Ema, a Ema olhou para o céu. Então falou Aquela que Habita as Estrelas:

— Não posso falar por esse povo. Posso falar pelo nosso povo, que me louva e que me encontra nas estrelas, temendo o dia em que descerei à Terra para ciscar até que nada reste. Mas se minha morada é nas estrelas, então ninguém mais apropriado do que eu para falar ao regente dos céus, Itokociche. E disse Ele: vem o dia e vem a noite. A noite depois do dia sempre traz o novo, o dia depois da noite também. O velho está no dia que veio antes da noite e na noite que veio antes do dia. As noites e os dias não voltam atrás, sempre andando em frente. Os tempos antigos se foram. Pode ser que um dia os filhos dos Guaná se voltem a nós novamente, pode ser que não. Pode ser que os brancos um dia possam ir embora, pode ser que não. Mas agora eles estão aqui, seus deuses e espíritos junto com eles. Isso não pode ser mudado.

O Yurikayuvakai se levantou, mas manteve a cabeça baixa e a expressão pensativa.

— Senhora Ema falou e trouxe a palavra de Itokociche, regente dos céus! Os assuntos do

mundo dos homens não são os mesmos que os nossos. Os brancos são agora parte dessa terra, assim como os negros e como todos os que vieram com eles. Isso não pode ser mudado. Eles trouxeram seus espíritos com eles, isso não pode ser mudado. Mas qual o papel eles terão nessa terra, isso não está claro. Aos homens, deixemos o mundo dos homens. Sobre os outros, digo que é nosso papel observar até saber o que buscam.

Todos assentiram às palavras sábias do Yurikayuvakai. Cada um partiu para sua casa, mas com a certeza de que tinham muitos motivos para se preocupar.

CAPÍTULO XIII: UM DIA APÓS O OUTRO

O dia seguinte sempre vem, não importa o que tenha ocorrido no anterior. Assim, no dia seguinte, a mãe de Tatiana retornou a seus afazeres, o seu pai retornou ao trabalho, e o mesmo podia ser dito a respeito de sua avó e irmão. Quanto a ela, também retornou à escola. Na verdade, não acordou abruptamente após o sonho com o guerreiro na névoa; pelo contrário, teve uma noite de sono pesado e alentador, apesar da estranheza da situação. Quando despertou ainda estava cansada, mas bem mais descansada do que nos últimos dias. Contudo, nem tudo parecia tão bom. Ninguém perguntou nada a ela sobre a briga no dia anterior. Na verdade, ninguém sequer dirigiu a palavra a ela no dia seguinte. Sua mãe sequer respondeu o seu “bom dia”, simplesmente deixando o prato com o café da manhã perante ela. Obviamente, palavras muito duras tinham sido ditas na noite anterior. Tatiana se culpava por isso, mas o sono da noite anterior havia sido tão bom que ela preferiu esperar. Naquele momento, ela se sentia bem. Quem sabe, com um dia após o outro, tudo voltasse a ficar bem.

Não foi exatamente o que ocorreu. Os sonhos retornaram na noite seguinte, bem como nas que vieram depois. Eles estavam se tornando mais variados. Agora, além do mundo aquático subterrâneo, com suas mulheres pálidas e o Vodianoy – e agora ela reconhecia claramente o ser dos contos de fadas de sua avó no cadáver vestido de rubro, pois o tinha visto junto com a mulher com o rabo de vaca –, havia também a floresta à beira do rio, onde homens e mulheres morriam afogados na sua frente, levados ao fundo das águas pelas mesmas mulheres pálidas. As Russalki, agora ela podia nomeá-las. Seres do folclore eslavo que ela conhecia de contos infantis. Era irônico pensar que sua mãe parecia ter alguma razão. Ainda assim, não tinha o menor sentido. Eram histórias da carochinha. Ela era uma garota crescida, não tinha porque ter pesadelos com aquilo. Ainda assim, eles povoavam a sua mente, noite após noite, impedindo seu sono e fragilizando suas emoções.

O que mudou foi a atitude de todos em relação aos pesadelos. Desde a noite de sexta-feira, Tatiana estava tendo pesadelos consecutivos. Durante o final de semana, seu pai e sua avó foram até ela para acalmá-la, mas, depois da briga de segunda-feira, nenhum deles voltou a fazê-lo. Seu pai perguntava pelos seus sonhos de manhã, quando ela estava com os olhos inchados de sono e choro. Sua avó o fazia à tarde, quando chegava esgotada da escola, sem forças para nada além de desabar no sofá ou na cama, onde ela se afogava em novos pesadelos. Ela dizia a ambos que estava bem. Não queria mais brigas, nem ser responsável por mais problemas na sua família. Além disso, quem acreditaria naquilo? Que pesadelos de contos de fadas não a estavam permitindo dormir? Até ela achava ridículo. Por isso, apesar do cansaço visível, do esgotamento crescente, da irritação constante e de um medo que aumentava a cada dia, ela continuava dizendo

a si mesma que aquilo passaria e continuaria a viver uma vida normal.

Sandra não concordava. Ainda que não soubesse o que ocorria com a amiga, ela percebia as olheiras, o cansaço e mesmo o medo que ela sentia. Tatiana desconversava quando ouvia alguma pergunta sobre seu estado, mas não conseguia esconder que não estava bem. E a preocupação da amiga crescia. Caetano também pareceu perceber algo de diferente, mas ela insistiu que estava bem e ele não perguntou novamente. Parecia mais simples lidar com ele, mesmo que o seu interesse parecesse diminuir a cada dia. Ele ainda a procurava, mas não parecia mais ter o mesmo entusiasmo e olhava para ela de um modo diferente, quase com pena. O seu namoro sequer havia começado, mas já parecia estar em crise. Ela não tinha como se preocupar com ele naquele momento. Não naquele estado. Ao menos Irina não a incomodou. Chegou a vê-la na escola, mas parecia que a pequena menina de cabelos escuros não tinha mais nenhum interesse nela. “Nada como um dia após o outro”, assim diz o ditado. Os dias de Tatiana eram uma mistura de medo, cansaço, sono e irritação, mas ela insistia em tentar manter uma aparência de vida normal. De qualquer forma, quem acreditaria nela? “Nada como um dia após o outro”.

Na sexta-feira, ela voltou à casa de Sandra para estudar. Não que elas realmente tenham estudado algo. Tatiana estava esgotada, triste e mal-humorada. Sandra percebia isso, mas sabia que a teimosa amiga não contaria o que estava acontecendo, então acabaram falando sobre outros assuntos. Falaram sobre a escola, sobre as amigas, sobre as “inimigas”, sobre os professores e sobre Caetano; aliás, principalmente sobre Caetano. Sandra não parecia ter nenhum ‘crush’ na escola – embora chamasse a atenção de muitos meninos –, então principalmente ouvia a amiga falar sobre o jovem. Na verdade, isso era comum nos dias em que se reuniam para “estudar”. Dessa vez, contudo, Tatiana expressava menos entusiasmo. Ela acreditava que o rapaz não tinha mais interesse nela. Ainda que não parecesse especialmente triste por isso, ainda estava um tanto decepcionada. Sandra a ouviu, aconselhou e consolou, mesmo que o que quisesse mesmo era falar sobre a palidez, olheiras, cansaço e olhar amedrontado da amiga. Mas como ela não queria falar disso, Caetano servia como assunto para fazê-la se sentir melhor.

Quando Tatiana estava indo embora, contudo, o receio retornou. Fazia uma semana desde o ocorrido. Uma semana após ter sido perseguida, uma semana após ter se encontrado com Irina, uma semana após as visões na ponte. E se tudo se repetisse? Ela saberia como lidar? Parada na frente do portão, ela pensava nisso. Em algum momento, respirou fundo e decidiu que não havia o que temer. Tudo o que havia acontecido antes se devia à sua insônia e indisposição. Agora ambas estavam bem piores, é verdade, mas ela conseguia racionalizar a situação. Nada aconteceria. Pelo menos, ela tentava acreditar naquilo com todas as suas forças. Ainda assim, não encontrava coragem para abrir o portão.

— Com licença, Tatiana, posso falar com você um pouco?

Ela se virou. Era André. Era estranho, uma vez que ele nunca tinha feito questão de falar

com ela. Ainda assim, era o irmão de Sandra e já tinha sido gentil antes, além de ainda estar na sua casa.

— Oi, André, posso ajudar em alguma coisa?

— Na verdade, eu gostaria de saber se podemos te ajudar. Poderia vir comigo?

Ele a levou de volta para os fundos da casa, para onde normalmente sua avó estava. E ela estava. A velha índia com a aparência séria. Fumava um cachimbo com algum fumo aromático e forte, que não era do agrado de Tatiana. A fumaça encobria a face sisuda e enrugada da mulher. Ela devia ter a mesma idade da sua avó, se não fosse ainda mais velha, mas parecia bem mais robusta e vigorosa. Ainda assim, ela parecia que não ia mover seu corpo pesado do banco onde se sentava, tragando o cachimbo, soltando fumaça e cantando uma velha canção do qual Tatiana não entendia uma palavra. Tanto ela quanto André ficaram olhando aquela cena pelo que pareceram ser longos minutos. Quando Tatiana estava prestes a perguntar o que estavam fazendo ali, a mulher olhou para ela. Um olhar frio, pouco amigável, sério. Não havia um sinal de sorriso nos lábios da mulher que agora a fitava.

André fez um sinal para que ela se aproximasse da avó. Tatiana achou aquilo muito estranho, mas obedeceu. Ela não sentia medo da mulher, por mais bizarra que a situação parecesse.

— Oi. Tudo bem com a senhora?

Não houve uma resposta, pelo menos não uma que usasse palavras. Ela simplesmente pegou o cachimbo e o tragou profundamente, soprando uma grande quantidade daquela fumaça sobre ela. Tatiana tossiu e abanou os braços, tentando afastar a névoa que se formou perante ela, mas André correu e segurou suas mãos. Algo na expressão dele dizia que ela não devia fazer isso. A velha índia pegou então um estranho bastão adornado de penas e com ele espalhou a fumaça ao redor de Tatiana. André a soltou, acreditando que ela ficaria quieta agora. A mulher então largou o cachimbo e pegou um instrumento parecido com um chocalho de cabaça. Ela não se levantou, apenas rodou o instrumento, produzindo um som monótono e contínuo, em contraponto com uma canção que era mais murmurada do que cantada, enquanto movia o que restava da fumaça com o bastão. Ela não sabia o que estava acontecendo, mas não queria desrespeitar a avó da amiga, por mais que estranhasse aquilo tudo. Não havia medo nela, contudo. Não daquilo.

O ritual não durou muito. Em pouco tempo a velha mulher voltou a se recostar na parede, soltando os dois instrumentos no chão. Alcançou o cachimbo e o acendeu novamente, ainda que pitando-o somente de leve agora. Então olhou para André e ele se aproximou dela. Disse algo no ouvido dele, algo que ela não conseguiu ouvir de todo, mas mesmo que tivesse escutado tudo, não haveria como entender, uma vez que parecia estar em língua Terena. Então se recostou novamente na parede, olhando de relance para Tatiana, o olhar sério de sempre, antes de

novamente parecer se perder nos seus pensamentos.

— Ela disse para você se acertar com a sua família, principalmente com os mais velhos, aqueles que vocês trouxeram do outro lado do mar. Aí você poderá dormir em paz novamente.

Uma agitação tomou conta de Tatiana. Como ela poderia saber sobre isso? E do que ela estava falando? Como assim, “se acertar com os mais velhos”? Contudo, antes que ela conseguisse verbalizar qualquer pergunta, André segurou seu braço. A expressão dele era clara. Era hora de partir. Olhou na direção da velha senhora indígena, mas ela não parecia estar prestando atenção mais. André acompanhou Tatiana até o portão.

— O que ela quis dizer com isso, André? O que você quis dizer com isso?

— Eu não sei. Queria saber, juro. Mas tenho certeza que você encontrará uma resposta. Afinal, ela tem a ver com você e sua vida, e você certamente sabe mais dela do que eu.

Ele virou as costas para ela e voltou para dentro. Tatiana estava mais confusa do que nunca, não tendo entendido nada do que havia acontecido. Como a avó de Sandra sabia sobre os sonhos? O que ela sabia sobre sua família? E o que era aquilo que ela havia feito? Ela teria que voltar para casa sem as respostas? Era o que parecia. Ela se virou e deu os primeiros passos, mas então se deu conta de mais uma coisa estranha. Sandra não falava a língua Terena, mas ainda se comunicava normalmente com a avó. Se ela falava português, por que falou na língua indígena no ouvido de André, sendo que Tatiana não entenderia de qualquer forma?

Tatiana foi para sua casa com essas dúvidas em mente. Sua vida já andava tão estranha e agora isso? Caminhou pela rua em direção à ponte com a mente fervilhando. Não se preocupou em olhar para os lados para ver se Andreia e suas amigas espreitavam. Apenas caminhou em direção à ponte, sem nada além das palavras da avó de Sandra e André na cabeça. Porém, prestes a chegar à ponte, viu o que menos queria ver.

Irina estava ali, parada ao lado da ponte. Parecia aflita, de braços cruzados e cabelos molhados como sempre. Ela olhou ansiosamente para Tatiana, um olhar de preocupação que em nada lembrava a agressividade e loucura da última vez. Se é que Tatiana podia dizer o que era loucura ou não. Ela se aproximou lentamente, não tendo nenhuma intenção de interagir como Irina. Mas sabia que a pequena menina de cabelos escuros não estava ali à toa. A sensação de incômodo voltou, bem como o medo quase irracional que sentia da garota que também tinha vindo do sul. Quanto mais se aproximava, mais o medo aumentava, chegando a sentir o coração palpitar e o corpo formigar. Em frente à ponte, tudo o que Tatiana queria era atravessá-la sem olhar para os lados, sem olhar para Irina...

— Eu quero falar com você – chamou a pequena menina. – Eu acho que começamos mal naquele dia, mas queria pedir desculpas. Acho que ainda podemos ser amigas.

Pronto. Estava feito. Ela sabia que aconteceria, mas a voz de Irina fez sua respiração falhar e seus pelos se eriçarem na nuca ainda assim. Seu coração já estava disparado, mas Tatiana

tentou manter a compostura. “É apenas uma garota”, ela dizia a si mesma. “Não há razão para ter medo de uma garota pirada”. Respirou fundo e então se virou.

— Eu não sei se quero a sua amizade – respondeu bruscamente –, e estou atrasada para ir para casa, então se me dá licença...

— Eu não quero seu mal, Tatiana. Por favor, acredite em mim. Juro que só quero uma chance de conversar. Você conseguiu fugir da última vez, porque não conseguiria agora?

Tatiana se voltou para ela furiosa. A vontade que tinha era de agarrar aquela garota e jogá-la na água. Ela sabia do que havia acontecido, sabia o que Tatiana havia visto nas águas da última vez. Talvez soubesse de todo o mais também.

— E por que eu deveria fugir, Irina? Por que parece que todo mundo aqui sabe o que está acontecendo comigo menos eu? Você, a avó da Sandra, o André, parece que todos vocês sabem o que acontece dentro da minha cabeça, menos eu!

Irina deu um risinho, enquanto se escorava em um dos pilares da entrada da ponte.

— A velha índia é esperta. Mas é claro, ela não esqueceu de quem é. Tenho certeza de que gosta muito da sua amiga Sandra, mas a verdade é que ela não é muito inteligente. Pelo menos, não como o irmão dela, que decidiu lembrar de quem é mesmo quando todos os outros esquecem.

— Escuta aqui, não vou deixar você ofender a Sandra desse jeito!

— Desculpe, desculpe, não foi essa minha intenção. Na verdade, nem é esse o assunto, apesar de ser parecido – ela olhou para Tatiana que havia cruzado os braços em posição defensiva. – Já disse, não tenho a intenção de te fazer mal. Mas vou falar de forma que você entenda. Por que você prefere ser como a Sandra ao invés de ser como André?

— Do que você está falando, menina? Eu não quero ser nenhum deles. Já basta ser eu.

— Sim, eu sei. Mas não é nesse sentido. Veja, você opta por ser uma garota fútil, metida a mimada, que é bajulada por outras garotas fúteis e metidas a mimadas. Mas você é uma pobretona que vai mal na escola, sua vida é restrita a fofocas, séries de TV, música de baixa qualidade e rapazes. Nesse aspecto você é como Sandra. Mas você não foi criada para isso. Você cresceu em um pedaço da nossa terra dentro desse país, conheceu nossos contos, aprendeu nossas músicas, nossas danças, nossas festas, nossa cultura. Da mesma forma, André aprendeu a cultura dele. Porque você joga isso fora? Você odeia tanto assim o que é?

— Eu não odeio nada! Tenho muito orgulho de quem eu sou! Mas a vida não é só isso! Essas coisas não são mais parte da minha vida! Não são parte da vida de ninguém mais! São importantes para minha vó, talvez para minha mãe também, mas não para mim. Eu nasci aqui nesse país, minha cultura é a desse país. E não só o lugar, mas a época também. Eu não nasci na Europa Oriental quase um século atrás, nasci no Brasil de hoje, é isso que tenho que ser.

— E o que é a cultura brasileira senão um grande retalho de várias culturas do mundo?

Portugueses, espanhóis, africanos, italianos, alemães, japoneses, tudo derrete e se mistura nessa terra quente, gerando o que chamamos de “brasileiro”. Qual é o mais brasileiro, qual é o menos, sendo que todos ajudaram a construir o que esse país é hoje? Mas nem todos são lembrados. Os seus avós cruzaram o oceano por nada? Se a cultura do brasileiro é um misto de tantas outras culturas, por que a nossa sempre é vista como estrangeira? E por que ela e tantas outras são esquecidas, especialmente pelos jovens? Isso vale para a nossa, assim como vale para as dos nativos. Casos como o de André são raros e excepcionais para o povo dele, assim como você poderia ser para o nosso.

Tatiana estava ficando profundamente irritada com aquela conversa. Estava tão nervosa que sua raiva superava o medo. Ela não queria a amizade daquela garota estranha. A cada palavra trocada, maior era a certeza dela de que Irina era louca de pedra.

— Muito obrigado, mas não estou interessada. Pode ficar com o posto de caso excepcional para o nosso povo antes que eu...

Naquele momento, Irina se virou abruptamente na direção do rio. Tatiana também olhou, curiosa para saber o que poderia ter causado aquela agitação súbita. E ali viu uma cobra. Cascavel, pelo que Tatiana conseguia lembrar, uma vez que havia sido criada no interior. Mas estava a uma distância segura, bastava que se afastassem, pois a cobra não iria persegui-las. Não havia razão para tamanho susto, ainda que Tatiana não entendesse como Irina a vira de tão longe.

— Afaste-se de mim! Eu não sou um dos seus! Afaste-se de mim ou vai se arrepender!

Irina gritava para a cobra como se esta pudesse entendê-la. E, de fato, a cascavel parecia olhar diretamente para ela. Chegou a levantar a cabeça e a ponta da cauda, bem como a chacoalhar o guizo. Nesse momento, o som de um trovão atingiu o bairro, de forma tão sincronizada que qualquer um poderia dizer que havia sido o som do próprio guizo da cobra sendo chacoalhado. Uma forte chuva totalmente inesperada se iniciou. Irina fugiu, aterrorizada, mas Tatiana não sabia dizer se era medo da chuva ou da cobra. Ela ficou alguns instantes ali, fitando a cobra, debaixo da chuva. Mas esta se virou e foi embora, praticamente sem dar atenção a ela. E a chuva caía...

CAPÍTULO XIV:

TEMPESTADE E BONANÇA

Tatiana chegou correndo em casa, já bastante molhada pela chuva repentina. Adentrou o quintal completamente confusa com o final do seu dia. Pegou uma toalha na área de limpeza e foi em direção ao banheiro, pretendendo tomar um banho quente. Passou por sua mãe na cozinha, que a viu molhada de cima a baixo:

— Você tinha que ter tomado chuva? Não podia ter prestado atenção no céu?

Tatiana respondeu com empáfia.

— Se você não percebeu, mãe, a chuva começou de repente. Ninguém estava preparado para ela. E isso nem foi a coisa mais estranha do dia, mas é claro que você não quer saber o restante, né? – e adentrou o banheiro batendo a porta.

No banho Tatiana pôde relaxar. A sensação da água quente caindo sobre seus ombros e correndo pelo seu corpo lhe fez muito bem. A verdade é que se se sentia bem debaixo da água. Até achava que os sonhos tinham algum sentido, uma vez que ela sempre se sentira assim dentro da água, desde a infância. Não fossem as mulheres-peixe, os cadáveres e as vozes, talvez ela não achasse nada de estranho. Ela podia ficar debaixo do chuveiro por horas, sentindo a água correr pelo corpo, cabelos, rosto, com os olhos fechados, apenas ela e a água. Na escuridão das pálpebras fechadas, na sensação relaxante do banho, ela perdia facilmente a noção do tempo e espaço, deixando sua consciência fluir para além do mundo racional. Escuridão e água, ainda que fossem seus maiores medos, também seus maiores alentos.

— Porque é a esse mundo que você pertence.

A voz masculina de novo, forte e dura, mas sem grosseria ou ameaça. Ela se assustou, imaginando quem seria o dono dela. Seria o Vodianoy, o antigo monstro aquático do folclore eslavo? Era o que imaginava, ainda que parecesse ridículo acreditar em seres de contos de fadas falando com ela.

— Você vem até aqui com tanta facilidade. Não precisa de muito para adentrar o Reino das Águas, é quase natural para você. Não percebe que esse é o seu lar? Não percebe, a cada vez que vem aqui, que está voltando para casa? O que há para você na superfície? Uma vida rasa, de pessoas rasas, enquanto você tem a profundidade de um grande rio. Em algum momento você entenderá que aqui é o seu lugar, e poderá abandonar essa vida e casca mortais que te aprisionam.

Tatiana abriu os olhos repentinamente. O dia havia sido estranho demais e aquilo parecia o ápice. Ela ouviu a voz claramente, como se ele estivesse ao seu lado, escutou cada palavra, mesmo que não entendesse o seu significado. Abandonar a vida e a casca mortais? O que isso queria dizer? Ela iria morrer? Tatiana fechou o chuveiro apressadamente e logo se enrolou nas

toalhas. Saiu correndo do banheiro, trombando com seu pai no caminho. Ele a segurou pelos ombros e ela não conseguiu esconder as lágrimas.

— Tatiana, o que aconteceu? Você estava no banheiro fazia mais de uma hora! Agora me sai chorando! O que aconteceu?

Tatiana não conseguiu responder. Apenas deixou as lágrimas correrem e pousou a cabeça no ombro do pai, que prontamente a abraçou.

— Minha filha, foi outro pesadelo, foi? Calma, minha querida, nós vamos procurar ajuda, você vai ver, eu prometo.

Tatiana não respondeu, apenas se permitiu desabar em lágrimas nos ombros do pai. Sônia veio da cozinha apressada e, vendo a situação, não aguentou.

— De novo! Essa menina está ficando louca! E que ajuda você quer procurar? Uma que não podemos pagar? Pelo menos a igreja é de graça!

Sansone não respondeu. Não queria discutir com a esposa. Apenas continuou abraçado com a filha. O pequeno Ivan também veio e os abraçou.

— Tati, vamos dar um presente ao Domovik? Não lembra da história que a vovó contou? Ele vai te proteger e você vai conseguir dormir.

Ao ouvir isso, Sônia não aguentou. Pegou Ivan pelo braço e o encheu de palmadas. A criança começou a chorar, mas logo recebeu a ordem de ir para o quarto, que obedeceu prontamente e correndo. Mas Sansone não gostou do que havia acontecido.

— Sônia, o que é isso? Ele é uma criança e só está preocupado com a irmã!

— Eu não estou? Só que essas malditas histórias que essa bruxa da sua mãe conta estão deixando eles assim! Eu já proibi que ela contasse essas besteiras para ele, que o deixasse esquecer disso tudo. Não precisamos mais disso aqui, não é mesmo? Não viemos aqui para construir uma nova vida? Então deixemos o velho morrer! Porque estou achando que só construiremos uma nova vida quando sua maldita mãe morrer!

Naquele momento, Sansone soltou o abraço de Tatiana. Todos olharam para a porta. Ali estava a Kátia, a velha senhora, frágil, e que havia ouvido tudo o que fora dito. Havia lágrimas nos olhos azuis e tristeza no rosto envelhecido. Ainda assim, ela não discutiu. Apenas virou-se lentamente e voltou para onde estava, onde não incomodaria ninguém.

Sansone começou a discutir com Sônia, exigindo novamente respeito pela sua mãe. Tatiana foi para o seu quarto novamente, onde uma vez mais desatou a chorar. Tudo era parecido demais, igual demais à sexta-feira anterior. Os medos, as brigas, Irina. Principalmente Irina. O que estava acontecendo com a sua vida? Desde que essa garota havia surgido, nunca mais tinha tido paz. Os sonhos começaram antes, é verdade, mas Irina havia tornado tudo uma loucura. E os sonhos? De onde vinham? Das histórias que sua avó contava? Mas ela nem acreditava nelas! Tatiana não entendia o que estava acontecendo e não via nenhuma solução no seu caminho. Então ela se

contentava em se trancar no quarto e chorar. Chorar o quanto podia, até perder a noção do tempo.

— Tatiana? Posso entrar?

Era o seu pai, falando da porta do quarto. Tatiana não respondeu, mas ele entendeu que poderia entrar assim mesmo. Sentou-se na cama ao lado dela.

— Parece que algo de bom vai sair disso, pelo menos para você e Ivan. Como não há clima para sua mãe terminar o jantar, vamos pedir pizza.

Tatiana não respondeu à tentativa de humor de seu pai. Apenas se manteve deitada, agarrada ao travesseiro. As lágrimas não tinham parado de cair, nem os soluços tinham cessado. Sentiu a mão do pai acariciando sua cabeça.

— Nós vamos procurar ajuda, filha. Eu prometo. Vamos dar um jeito. Não importa o que sua mãe tenha dito, sempre é possível dar um jeito.

— Vamos dar um jeito em que, pai? – ela respondeu, mesmo sem levantar a cabeça ou olhar para o pai. – Em mim? Só em mim? E quem vai dar um jeito na gente?

Ela se virou e sentou na cama, finalmente olhando para seu pai.

— Você pensou em tudo quando nos trouxe para cá, pai? Tinha certeza de que era o melhor para a gente?

Sansone abaixou a cabeça.

— Eu não sei, Tatiana. Realmente não sei. Tinha tanta gente vindo do sul para cá. Parecia uma boa coisa, um emprego melhor, uma cidade nova. Você é uma menina do mundo moderno, foi criada com a internet, antenada com tudo, achei que não teria problemas para se adaptar. Nem você, nem seu irmão.

— Eu não tive. Mas e a mãe? E a baba? Você não pensou que estaria tirando delas tudo o que conheciam? Que elas estavam saindo de um mundo que era todo delas para um lugar onde seriam completas estranhas?

— Mas, filha – a voz de Sansone era triste –, isso aconteceria de qualquer forma. Nem lá no faxinal as coisas são as mesmas. Ninguém mais fala russo ou ucraniano, só minha mãe e as pessoas da geração dela. Eu entendo um pouco, mas quase não usava mais lá. As pessoas, principalmente os jovens como você, estão largando todo esse negócio de imigrante. Somos todos filhos do Brasil agora, como você sempre diz.

— Sim, pai, eu sei. Mas eu sou jovem, entendo isso. Minha mãe e minha avó não. Elas viviam lá e tinham amigos da mesma idade, que viam as coisas de forma parecida. Quando elas vieram para cá, não tinham mais nada disso. Minha avó, coitada, sem amigos, agora se agarra a tudo o que lembra o faxinal e a terra de onde veio. Músicas, contos, histórias. Minha mãe está ficando mais louca do que eu, não sabe se ama o mundo de onde veio ou se devemos cortar todas as relações com ele.

Sansone baixou a cabeça.

— Eu não tinha como saber. Agora eu sei, claro, mas não posso mudar isso mais. A única coisa que posso fazer é trabalhar o máximo que posso e dar a vocês uma vida melhor. Eu sei que não sou perfeito, que tenho muitos defeitos, mas acredite em mim, isso é tudo o que mais quero da vida. Mas ainda preciso pensar em um modo de conseguir o perdão da sua mãe. Da sua e da minha.

Tatiana se sentou ao lado do pai.

— Como está a baba?

— Está arrasada. Realmente acredita que está fazendo mal para você ou Ivan. Eu já conversei com ela, mas está difícil. Ivan está com ela agora.

— Mamãe não tinha o direito de dizer aquilo.

— Não. Não tinha.

— Você acha que ela pode estar certa? Que as histórias infantis da vovó podem estar fazendo mal para mim e o Sansone?

— Não sei, filha, o que você acha?

Tatiana pensou por um momento.

— Acho que não – mentiu; o pai precisava do apoio dela naquele momento, não daquilo que ela acreditava ser a verdade. – Afinal, eu sou grandinha para acreditar em contos de fadas. E nem a vovó acredita de verdade. Ela continua a contar essas histórias porque é importante pra ela. Ela não quer perder o vínculo com a infância.

Sansone sorriu e abraçou a filha.

— Eu acho que você está certa. E eu fico muito feliz por ter uma filha tão inteligente e compreensiva – quando Tatiana respondeu o abraço, ele continuou –, você sabia que eles estão se preparando para visitar o Domovik escondidos?

— Ahn? – perguntou Tatiana, confusa.

— Já que sua mãe os impediu de falar sobre o assunto, eles irão até o jardim durante a noite para fazer a oferenda a ele, ou como quer que chamem. Sabe, seria uma boa forma de mostrar a eles que se importa.

— Mesmo que não acredite?

— Ninguém acredita. Bom, talvez só o Ivan. Mas não sei se a crença é realmente importante, ou o efeito que traz. Não acredito que um duende vindo de longe pode curar doenças ou nos fazer ricos, mas acredito que meus pais, avós e bisavós faziam essas coisas por uma razão. Talvez apenas porque era algo feito em família, algo que os mantinha unidos. Mesmo que fosse apenas por isso, não valeria a pena?

Tatiana sorriu e se permitiu ficar abraçada com o pai por mais alguns momentos. Pelo menos até que a pizza chegasse e todos fossem jantar.



E eles foram. A pizza acabou, os pais foram dormir, mas, na calada da noite, três sombras se esgueiraram pelo jardim no escuro da noite. Tão furtivos quanto podiam, alcançaram a moita onde havia sido postada a estátua do Domovik. Não fizeram muito barulho. Nenhuma palavra precisava ser dita. Apenas uma tigela onde foi colocado um pouco de farinha e trigo. Ao lado, foi posto um copo cheio de vodka por Tatiana. Cada um dos objetos foi colocado com um desejo. O desejo de Tatiana, obviamente, foi pela paz no seu sono, porém ela não acreditava nisso. O desejo que ela acreditava que podia ser realizado pelo Domovik era pela paz na sua família; e ali, junto de sua avó e seu pequeno irmão, ela acreditou que realmente era possível.

Na escuridão bem ao lado deles, em um lugar tão escuro que eles nunca poderiam ver ou sequer ouvir, o pequeno homem observava. Apesar do seu tamanho diminuto, ele acompanhava a cena com a postura de um nobre que recebe uma dádiva de um igual. Fazia muito tempo desde a última vez.

— O que você faz por aqui? Vamos, suma! Aqui não é seu lugar!

— Aqui é exatamente o meu lugar – respondeu o Domovik para Irina – pois esta família se colocou sob minha proteção.

— Eles não acreditam mesmo nisso, seu duende intrometido! Não acreditam em você! Só estão fazendo isso para agradecer o pirralho e a velha que não larga do passado! Seu tempo passou!

— Pode ter passado, mas do mesmo passado que eu vim, veio também você, veio também seu mestre, todos do mesmo passado que a velha se recusa a largar. E o que é a crença? Sem ela nenhum de nós estaria aqui. Estamos vivos aqui por aquela que você chama velha, mesmo que apenas por suas histórias. Porém, eles acreditam. Podem não acreditar em mim, mas acreditam que estão fazendo isso por uma razão. Então acreditam em algo e isso torna nosso compromisso válido – a pequena garota sibilou para o Domovik, mas ele não pareceu se importar. – Você pode dizer ao seu mestre que essa casa está sob minha proteção. Assim o é e assim será.

Naquela noite, Tatiana foi dormir cedo, logo após a sua atividade secreta com a avó e o irmão. Foi dormir feliz e de coração leve, pois mesmo tendo desobedecido a mãe, fizeram algo como uma família. Pouco importava que nenhum deles realmente acreditasse naquilo, importava a ação, o estar junto, o agir como tal. E tendo a certeza de que havia feito um bem para os dois, Tatiana pôde dormir em paz. E em paz o seu sono permaneceu.

CAPÍTULO XV:

AS REGRAS DO MUNDO ANTIGO

Irina nadou pelas águas escuras entre os mundos, entre o aqui e o ali, entre o lá e o acolá. Nadou pelas férteis águas do Mato Grosso, chegando às frias águas do Dniepre. Como ela fez isso? Talvez por ter nadado por caminhos diferentes dos que o homem conhece, caminhos pelos quais as fronteiras geográficas pouco importam. E ali, nas águas frias e escuras, ela chegou ao seu lar, sendo recebida por suas irmãs, as Russalki, as mulheres d'água do mundo eslavo antigo.

— Seja bem-vinda, Irina. Esperávamos a sua volta – as belas mulheres d'água se cumprimentaram com beijos e abraços.

— Eu também esperava por voltar. Como ele está?

Não houve resposta, pelo menos não uma que pudesse ser dita com palavras. O humor do seu mestre raramente era acolhedor, mas recentemente vinha se tornando explosivo e errático. Estava preocupado com seus planos. Não gostaria de saber das últimas notícias, mas a missão de Irina era informá-lo. Por isso, adentrou ainda mais a caverna subterrânea, enquanto suas irmãs a acompanhavam, cabisbaixas e com um temor visível.

E ali, sentado em seu trono de pedra, vestido em rubro e púrpura e com bastos bigodes, se sentava o Vodianoy. É verdade que o carmesim de sua túnica estava pálido e esfarrapado, é verdade que seu poderoso rosto era um reflexo envelhecido e cinzento de um passado outrora glorioso, é verdade que sua coroa era um adorno maltrapilho de um antigo símbolo de poder. Ainda assim, era possível perceber a glória dos dias passados que outrora havia adornado aqueles ossos velhos, aquele rosto decrépito e de olhos mortos. A jovem russalka nadou na direção do seu senhor e se ajoelhou diante dele, tendo suas irmãs na retaguarda.

— Salve, meu antigo senhor. Eu retorno de minha missão.

O corpo imóvel do antigo nobre estremeceu. Bolhas se formaram com o movimento. O pescoço se virou para ela com um pesado estalo. Seus olhos mortos e fundos a fitaram. Seus lábios apodrecidos mal se moveram, mas uma voz profunda foi ouvida em toda a profundidade daquele mundo subterrâneo.

— Fale.

A russalka hesitou por um momento, mas finalmente falou.

— Temos problemas. Não podemos mais abordar a garota nos sonhos. O Domovik cuida daquela casa agora.

Houve um momento de silêncio. As Russalki ficaram apreensivas, como se antecipassem o que estava por vir. Os dedos magros e cinzentos do Vodianoy foram os primeiros a se mover, enterrando-se nas pedras do trono subterrâneo. Bolhas começaram a subir, enquanto a água gélida começava a esquentar rapidamente e a terra parecia tremer. A carne morta do rosto do

antigo Rei Sob as Águas se deformou em uma expressão de fúria inumana. Ele nada disse, mas nada precisava ser dito. Todo o mundo aquático o temia, e suas esposas mais do que todos. Irina ainda tentava controlá-lo.

— Meu senhor, por favor, me escute! Tenho certeza de que há alguma maneira! O senhor é muito poderoso, com certeza é muito mais poderoso do que aquele duende intrometido! Com certeza conseguiremos...

— Cale-se.

A agitação parou de forma tão abrupta quanto começou. As bolhas subiram ou desvaneceram, o tremor pareceu parar. A expressão do Vodianoy, contudo, não pareceu suavizar, ainda que sua profunda voz parecesse mais entristecida do que raivosa.

— Poder? O que tem o poder a ver com isso? Quão tolas são vocês para achar que poder tem algo a ver com isso? Achar que isso é sobre poder? O que é o poder, se comparado ao propósito?

O rosto do Vodianoy adquiriu um ar pensativo, como que buscando uma memória muito antiga, uma mais antiga do que qualquer pessoa poderia lembrar. Uma memória de uma história que não fora contada por muitos anos e que não era conhecida por ninguém.

— Eu me lembro de quando conheci esse bastardo, pequeno bastardo...

No velho mundo, às costas do Dniepre, as famílias mantinham seu pacto para com os seres mas antigos do mundo. Os velhos deuses já eram esquecidos em sua maioria. Não se ouvia mais louvores a Rod, não eram mais acesas as rodas de fogo a Svarog e Perun. Alguns ainda eram lembrados, como Zemlya, a eterna mãe da terra e protetora do povo; outros sobreviviam de forma a serem aceitos dentro da fé da cruz, como Kupala. Mas existiam aqueles que nunca tinham sido chamados de “deuses”, que não eram tão cultuados, mas sim temidos e aplacados.

Lidar conosco era fácil para os missionários. Diferente dos grandiosos Perun, Svarog, Bielebog e Kupala, que eram amados pelo povo, nós éramos temidos, pois vivíamos no mundo desconhecido pelo homem. Nas profundezas da floresta vivia o Leshiye, grandioso Leshiye, terrível Leshiye, tão assustador e temido pelos homens, aplacado pelos temerosos que deixavam seu quinhão para poder adentrar seus domínios, um lembrete da reverência do homem antigo às árvores e seus segredos! E eu, terrível e aterrorizante sob as águas! Não, o povo não nos amava, mas nos respeitava e por isso nos aplacava. Porém, por não sermos amados, a igreja teve facilidade em nos tornar demônios. Isso nos permitiu viver dentro da crença da cruz, de certa forma.

E havia uma família nobre que vivia às costas do Dniepre, que já havia adotado a cruz por muitos anos, mas que ainda mantinha um velho pacto com as forças antigas de sua terra. Uma vez a cada nove gerações, um dos seus herdeiros era dado às águas, ao meu mundo, a mim. Esse

acordo fortalecia a todos nós. Eu me tornava mais vivo, meu reino se tornava mais belo, mais vivaz, e os pescadores enfrentavam águas mais gentis e tinham uma fartura maior de peixes para suas famílias. Não era pelo sangue, mas pelo propósito. A chegada da cruz demorou a mudar isso, mas mudou. Inicialmente, as mudanças foram ignoradas pelo povo da região. Depois, os nobres passaram a ofertar filhos de camponeses, algo que era um rompimento do pacto. Depois, a solenidade do sacrifício foi trocada por testes de força, de nado contra as correntes. Então surgiram as canoas. Ninguém mais sequer dizia o meu nome. Nosso pacto estava perdendo a importância. Então, em uma época em que nossa relação estava tão desgastada que a privação atingia ambos os lados, um irmão mais novo veio a mim e me prometeu seu irmão mais velho em troca do retorno da fartura do rio.

Eu aceitei a renovação do pacto. Enviei uma das minhas Russalki para seduzir o irmão mais velho, conforme havia sido combinado. Eu sabia que o irmão mais novo tinha desejos além da mera fartura do rio para seu povo. O coração dos homens não tem segredos para alguém como eu. Eu sabia que ele desejava também a herança de sua família. Eu sabia que ele desejava também a jovem noiva de seu irmão. Mas se ele pudesse trazer de volta a relevância de nosso acordo, eu não me importava. Ele mereceria a recompensa. O pobre irmão mais velho não conseguiu resistir aos encantos de minha jovem esposa, que o convenceu a me encontrar à beira do Dniepre, dizendo que eu era seu pai e que ele precisava me pedir sua mão em casamento antes que fugissem. Tudo de acordo com o plano concebido pelo irmão mais novo, que aguardava junto a mim.

Porém, antes que eles sequer chegassem a mim, outro chegou. Um nobre altivo, a cavalo, de barba branca e espada na cintura. Ele veio diretamente a mim, não apenas podendo me ver, mas também sabendo quem eu era. E eu sabia quem era ele. O Domovik. Não se deixem enganar pela imagem que ele mostra. Um poeta irlandês uma vez disse sobre os seres de sua terra, “não se deixem enganar pela aparência das fadas, pois tudo nelas é enganoso, principalmente o seu tamanho”. O mesmo vale para o Domovik, que optou por aparecer perante mim, não como um pequeno homem de pelos brancos pelo corpo e barba vasta, mas como um poderoso nobre, no auge do seu poder. Uma condição do qual eu já não gozava fazia muito tempo.

— Parta daqui, Vodianoy, você não o terá – disse o Domovik.

— Eu o terei, como parte do antigo pacto. Parta você, Domovik.

— Não posso. É meu dever protegê-lo. Esse é o meu propósito.

Ele desceu do cavalo e puxou a espada. Nossas lâminas se encontraram algumas vezes, mas eu não tinha a força para bloquear seus golpes, que eram como clavas de gigantes. Golpe a golpe, ele me forçava para trás e, por fim, me pôs de joelhos. Ele me fez jurar que não incomodaria novamente o irmão mais velho, nem a sua família. Que o antigo pacto que o povo tinha comigo não era mais do que uma lembrança ruim naquele momento e que não tinha mais

um propósito a ser retomado. Já ele, que tinha um pacto vivo com a família da noiva do irmão mais velho, ainda tinha seu propósito a seguir. Por isso ele me venceu. Eu sou mais velho, mais forte, mais poderoso, mas que não tinha mais nenhuma razão para existir a não ser como uma memória ruim.

No final o pacto ainda foi alimentado. Quando o casal chegou e não me encontrou, o irmão mais novo resolveu se vingar do mais velho por conta própria. Mas eu deixei uma última ordem à minha russalka. Com uma palavra, ela paralisou o irmão mais novo e o encantou com sua magia e beleza. Liberou o mais velho do feitiço, que acompanhou embasbacado enquanto a mulher que o seduzira levava o seu irmão mais novo para as profundezas do Dniepre. Ele retornou para sua noiva e não deve ter contado nada do que ocorreu. Mas a memória permaneceu, com ele e comigo. Pois foi assim que conheci o Domovik. Foi assim que ele me venceu. Pois ele ainda tinha um propósito, enquanto eu não...

CAPÍTULO XVI:

A PISCINA

A semana começou cheia de dúvidas para Tatiana. O seu final de semana havia sido pacífico, inclusive no sono. Ela dormiu muito bem, na verdade, uma sensação que não tinha há dias. O clima na sua casa obviamente não era bom, mas era impossível não notar um alívio por parte de todos ao ver que ela estava conseguindo dormir em paz. Não teve mais alucinações no banho também, mas ela se preocupava agora em não demorar demais debaixo do chuveiro. O medo não havia ido embora de todo. Na verdade, algo no fundo da alma de Tatiana fazia com que acreditasse que tudo havia apenas começado. Ainda assim, o seu cérebro tentava racionalizar a situação e ela permanecia dizendo a si mesma que tudo estava normal, que seus sonhos eram apenas sonhos, e que as estranhezas de Irina eram problema apenas dela.

Ela sabia que a escola seria seu teste. Apesar de tudo o que havia ocorrido, ela ainda se sentia segura em casa. Mesmo que sua família parecesse estar ruindo, ela ainda sentia que a sua casa estava segura das torrentes e marés tempestuosas de sua vida. Mas na escola ela não tinha os conselhos da avó, o carinho de Ivan, a proteção do pai, nem mesmo as paredes do quarto para protegê-la. Ainda que parecesse o ambiente mais mundano possível, onde ela teria contato com tantas pessoas que não teria motivo para medo, era justamente ali onde podia encontrar o que mais temia: Irina. Ainda assim, no início da semana, Tatiana não permitiu que os receios a impedissem de viver. Irina era apenas uma menina louca, nada mais do que isso. Não deixaria que aquilo destruísse a sua vida. Ao menos era o que tentava dizer a si mesma.

Ela chegou à escola normalmente. Passou pelo portão e andou pelo pátio. Sorriu para as pessoas que conhecia e recebeu sorrisos de volta. Ignorou os olhares de antipatia de Andréa e suas amigas. Mas percebeu alguns olhares diferentes do normal. Algumas poucas pessoas a olhavam com estranheza. Outras demonstravam pena. Será que sua situação já havia chegado aos ouvidos de todos? Mas apenas Sandra sabia sobre seus sonhos, e ela não falaria sobre isso com qualquer um. Quando percebeu que alguns dos olhares mostravam um certo deboche, com risinhos ocultos por detrás, ela soube que havia algo errado. Foi então que ouviu a voz da amiga:

— Você é muito cara-de-pau! Não pode ver uma menina mais branquinha, né? Faz bem pra sua imagem de garanhão, né? Só que a Tati é muito mais que isso, seu otário!

Seus olhos procuraram a origem da discussão. Encontraram Caetano ouvindo uma bronca de Sandra. Ao lado dele estava Irina. Ao lado não. Abraçada com ele. Debochando da fala da sua amiga.

— É? E porque ele está comigo e não com ela, sua otária? Devo ter algo que ela não tem.

A cabeça de Tatiana parecia girar. Ela precisou firmar os pés no chão para não cair. Suas

mãos estavam frias e ela podia imaginar que estava ainda mais pálida que o normal. Sandra continuava defendendo a amiga:

— Ah, sim, você provavelmente é vadia, algo que ela não é, por isso esse babaca acabou preferindo você! Afinal, homem sempre prefere a que é mais fácil...

A multidão se aglomerava ao redor para ver a discussão. Muitos já olhavam para Tatiana, embora não parecesse que algum dos três a tivesse visto. Ela sentiu então seu rosto esquentar e pôde supor que ele havia mudado do pálido para o vermelho. Respirou fundo. Ela havia pensado o caminho todo que não permitiria que Irina tornaria sua vida em um inferno. Era hora de deixar isso claro.

— Chega, Sandra, não precisa se rebaixar – ela interveio, puxando a amiga pelo braço.

O olhar de Tatiana deixou Caetano sem ação, ainda que Irina a encarasse com um risinho de lado. O olhar das duas se cruzou rapidamente, mas Tatiana fez o possível para não demonstrar medo. Logo os seus olhos se voltaram para Caetano.

— Então é assim? – ela perguntou simplesmente. O rapaz deu um risinho sem-graça, mas respondeu de forma clara.

— Ah, você sabe... Você é muito enrolada. É como dizem, “quem não dá assistência, abre espaço para a concorrência”.

— Ah, sei sim – ela respondeu, olhando direto nos olhos dele. – É como dizem, “quando a marmita é de graça, o mendigo se lambuza”. Ainda bem que isso aconteceu a tempo.

E saiu puxando a amiga pelo braço, sob os aplausos da multidão de alunos que adorava aquele tipo de “lacre”.



O clube era um projeto de lazer da prefeitura de Rio Santo, sabendo que a cidade era escassa em entretenimento para os jovens. Como em quase tudo no país, contudo, o superfaturamento da obra e o péssimo planejamento de infraestrutura deixaram o clube inacabado. O enorme complexo de piscinas, quadras e elevação da cultura local nunca ficou totalmente pronto, sendo que apenas duas piscinas estavam funcionais. Uma delas infantil, de pouca profundidade, que costumava ser aberta apenas nos finais de semana, e a outra bem maior, quase do tamanho de uma piscina olímpica, com um alto trampolim, que costumava ser usada ao longo dos dias, principalmente pelos jovens. A piscina era tão frequentada que era quase uma extensão da escola, principalmente nos dias mais quentes, e era comum a presença de Tatiana e suas amigas ali. Pelo menos até o início dos pesadelos. Mas agora ela estava mais do que decidida a retomar sua vida. Ela, Sandra e suas outras amigas, Beatriz e Iara, conversavam à

beira da piscina após a aula. A verdade é que ela tinha dúvidas se deveria ir, mas as amigas a convenceram. Diziam que ela precisava de diversão após a decepção com Caetano e o argumento, bem como o dia quente, acabou vencendo.

— Mas não é possível que o babaca do Caetano tenha trocado você por aquela magricela!

— Sim, você é a princesa da escola! Lembram da Marlú quando a Tati chegou na cidade? “Ah, meu Deus, ela parece uma artista! Você deveria ser modelo!”

— É, isso até ela descobrir que sou uma toupeira em Física – Tatiana completou, emburrada. – Mas não se preocupem. Tenho certeza que meus olhos verdes vão fazer com que ela me passe de ano...

— É, mas é melhor começarmos a pensar em alguma alternativa para quem não tem belos olhos verdes; aliás, até para quem tem e não sabe se seu charme vai conquistar a professora – brincou Sandra. – Meu irmão topou nos ajudar com a matéria. Até você, Tati, pra você ver que ele não guarda rancor.

Tatiana pensou no seu encontro com André e a avó e a sensação de estranheza e medo ressurgiu, mas ela fez o possível para não mudar a atitude que havia adotado para todo o dia: a de não permitir que esses receios e episódios estranhos atrapalhassem a solidez da sua vida normal.

— É, eu já percebi isso. Não que tenhamos nos tornado amigos.

— Aí já é pedir demais, gata. Ele não é amigável nem com a família, imagina contigo, que o fez passar a maior vergonha.

— Eu achei bem-feito – continuou Beatriz. – Poxa, a Tati vai lá, toda prestativa a dar alguma atenção a ele, e ele dá uma daquelas?

— Tati, se você chegar com chocalho, com uma pintura na cara e com umas penas na cabeça, é capaz de ele pedir desculpas. Ele pode até gamar, hein? – citou Iara e as quatro riram bem alto.

— Deus me livre! Além disso, ele fez questão de mostrar que não gosta de mim e que não me considera igual a vocês. Deve achar que sou algum tipo de alienígena ou sei lá. Deixo ele pra vocês, pelo menos ele gosta de quem descende de índios.

— Ele leva isso tudo muito a sério – Sandra continuou, pensativa. – Não que eu ligue, mas meus pais se preocupam com ele, acham que ele é uma esperança de futuro para a família. E agora ele fica querendo balançar chocalhos. Nada contra, sempre aprendemos que nossa cultura é muito bonita, e deve ser mesmo. Mas não traz emprego nem sustento pra ninguém.

— Nem é a mesma coisa que dançar a noite inteira na balada – disse Iara.

— Até o chão! – completou Beatriz e as quatro riram. – Mas chega de velharia. Vamos nadar – e pulou na piscina, logo seguida por Iara. Tatiana e Sandra ficaram sentadas na borda.

— Está tudo bem, Tati? – Sandra perguntou para a amiga. – Você adora nadar, mas nem parece estar com vontade. Quer conversar sobre o Caetano?

A verdade é que ela não sabia o que dizer. Não sabia dizer o que sentia, não sabia dizer o que pensava. Certamente estava chateada com Caetano, mas não parecia estar tão triste quanto pensava que estaria. Na verdade, ela sentia muito mais um estranhamento, o incômodo ao qual ela estava se habituando. Por que logo Irina? O fato de ser uma menina bonita não explicava. Não depois de tudo o que havia ocorrido entre as duas. Havia decidido que não daria mais atenção a ela, mas como poderia se Irina estava em todo lugar?

— Nada, é só estranho. Mas acho que foi bom, não é? Assim já corto tudo o que não presta da minha vida de uma vez – ela sorriu para Sandra, mesmo sendo um sorriso cansado. – Vamos nadar, gatona, se não as duas virão nos buscar.

O mundo parecia todo azul para ela. Azul e belo. Seus cabelos uma vez mais dançavam ao redor de sua cabeça, pousando muito lentamente sobre os ombros. Ela nadava, com seus movimentos lentos, livres da gravidade, de forma absolutamente graciosa e despreocupada. Uma vez mais ela estava debaixo d'água e uma vez mais ela não sentia medo. Ela podia ver um grande azul profundo ao seu redor, sentir a água fria sobre seu corpo, sentir a pressão e a densidade da água tornando seus movimentos lentos, mas não conseguia ver o fundo. Na verdade, ela não conseguia ver nada além do azul e das pequenas bolhas de água que sua respiração formava. Uma vez mais ela não parecia assustada por conseguir respirar debaixo da água.

— É porque você está em casa.

A voz masculina novamente. E uma vez mais ela se assustou. Era o Vodianoy? As bolhas que surgiam da sua boca e narinas por ocasião de sua respiração começaram a aparecer em grande quantidade, e ela tentou se virar para descobrir de onde vinha a voz, quase se afogando realmente, não pela água, mas pela camada de cabelos castanhos que cobriu o seu rosto enquanto se virava. Mas nada viu. A voz uma vez mais vinha de lugar nenhum. Mas ela conseguia outro efeito além de assustá-la: ela a fazia raciocinar e pensar no quão absurda era a situação. Estar embaixo da água, respirando, em um lugar que não sabia sequer onde era, sozinha...

— Não se assuste. Não vou te fazer nenhum mal – a voz continuava grave e forte, mas não havia nenhuma agressividade nela. – Apenas respire normalmente, sem se desesperar. Você tem medo, mas é uma sensação que conhece. Todos os seres humanos respiraram líquidos durante toda a gestação. Não há nada de errado com isso, apenas respire com calma e não se desespere.

— Cadê você? Por que eu não consigo te ver?

— Sabe por que você se sente tão bem na água? Porque dentro dela você tem a sensação de estar no útero, o último local realmente seguro que conheceu. Enquanto estava no útero, sob a proteção de sua mãe, nada podia te acontecer, ou assim você acreditava. Aqui, na água, você está novamente nessa segurança líquida. É onde se sente bem e protegida.

— Não quero saber disso! Quero ver você! Não quero ficar conversando debaixo d'água

com uma voz que vem do nada! – as bolhas começaram a surgir rapidamente de novo. Diferente da voz que falava com ela, sua própria voz saía abafada e difícil de compreender, como era apropriado para alguém debaixo da água.

— Com todo esse medo que sente, não terá como me ver. Para conseguir isso, você tem que raciocinar. Tem que sentir. Lembra-se de nossa primeira conversa? Onde eu disse que estava?

Tatiana nesse momento estava confusa, respirando com dificuldade. Estava sentindo a água fria nas suas narinas, boca e garganta, resfriando todo o caminho até os pulmões, que tentavam expulsá-la. Sua visão foi ficando turva, e o belo azul submarino foi ficando cada vez mais escuro, e ela sentiu seu corpo começar a afundar. Apesar disso, ainda conseguiu pronunciar uma última frase:

— Em mim...

CAPÍTULO XVII:

RUSSALKA

O mundo era escuro debaixo da água, mas a ausência de visão não significava ausência de sensações. As águas do Dniepre eram tão frias que pareciam perfurar a carne como agulhas invisíveis e onipresentes ao longo do corpo. A água gélida entrava pelas narinas e boca, gerando uma sensação de sufocamento frio e doloroso, enquanto os pulmões tentavam a todo custo colocá-la para fora. Muitas pessoas buscavam a morte, mas o afogamento talvez fosse uma das piores formas. Não era rápido. A sensação sufocante daria ao suicida tempo o bastante para se arrepender da escolha. Se fosse feito em um local pequeno, como uma tina ou banheira, as chances de que a pessoa levantasse a cabeça e desistisse era grande. Nas profundas e turbulentas águas do Dniepre não.

Irina se debatia, mas não conseguia lutar contra a corrente. Era o meio da primavera, quando a neve acumulada do inverno derretia e alimentava a torrente do rio. Era o meio da primavera, a estação dos casamentos, e Irina se debatia, lutando contra a torrente gélida. Com o tempo, não teve mais forças para se debater, deixando-se tragar pela escuridão. Seu corpo cansado não conseguia mais lutar contra o peso da água. Suas mãos e pés estavam dormentes. Seus pulmões não conseguiam mais expulsar água e a falta de oxigênio estava tornando sua mente turva. “Vai acabar logo”, pensou ela. Após os desesperantes momentos iniciais, ela chegava a dar as boas-vindas ao final que se aproximava.

— E por que você vem até meu reino, de livre e espontânea vontade?

Ela se assustou com a voz. Procurou pela pessoa que falara com ela, mas não encontrou nada além de escuridão. Contudo, ela sabia quem falava. As pessoas daquela época ainda não tinham esquecido totalmente.

— Eu venho para me poupar do sofrimento da vida! – exclamou ela, mesmo sem saber como havia feito aquilo debaixo d’água. – Eu venho poupar a mim mesma de uma vida de infelicidade e de vergonha para minha família.

— E como sabe que sua vida seria infeliz? – a voz parecia interessada no que ela tinha a dizer.

— Eu sei! – choramingou Irina. – O homem que eu amo foi enviado para guerrear e pode nunca voltar! E minha família providenciou para que eu me casasse com seu tio! Como poderia ser feliz casada com um homem velho e cruel, ainda mais quando amo seu sobrinho?

— O futuro não pertence a homens ou mulheres. Não pode dizer que seria infeliz sem saber o que ocorreria. E não sabe – diante do choro de Irina, ele continuou –, você sabe que os suicidas não alcançam o Paraíso?

— Sim – soluçou ela.

— Então sabe que as portas do Paraíso estão fechadas para você? Sabe que nunca encontrará o Deus para quem reza? Sabe que nunca ceará junto com seus ancestrais? Sabe que o destino de sua alma é incerto, podendo vagar para sempre pelo mundo dos homens, afogada na morte assim como afogada foi em vida?

— Sim.

— Então nada tenho a dizer mais. Está consciente de seu destino. Está tudo bem. Adeus.

Ela não conseguia ver ou ouvir nada, mas podia sentir que o dono da voz se afastava. Podia sentir sua consciência desvanecer e a morte chegar. Ainda assim, algo precisava ser dito. Juntando as forças que lhe restavam, Irina gritou:

— Mas não está tudo bem! Eu sou jovem! Eu não cometi o mal a ninguém! Eu ajudei meus pais, eu cuidei de meus avós! Eu vivi a vida de uma mulher honesta e é isso que recebo? A opção entre a morte ou infelicidade? Essa é a escolha que me resta?

De alguma forma, ela se sentiu mais forte ao dizer aquilo. Até readquiriu a sensibilidade do seu corpo, embora não fosse a sensação mais agradável do mundo. Repentinamente, seus olhos pareceram ser inundados por um brilho de luz, algo que parecia tão desagradável quanto a escuridão das profundezas do rio. Porém eles se adaptaram e ela percebeu em pouco tempo que podia ver dentro da água, tão claramente quanto fora dela. Ela estava próxima do solo, onde um homem de aparência poderosa, vestido em rubro e púrpura, como um nobre do mundo antigo, a olhava. Seu manto dançava sob a água, assim como dançavam seus cabelos negros e a boca por debaixo do basto bigode sorria para ela. Ele estendeu a mão, e ela aceitou.

— Sempre há outra escolha para aqueles que sabem onde procurar.

No dia seguinte, todos os homens da vila estavam procurando por Irina. Eles se dividiram em grupos desesperados em busca da garota. Os caminhos de todos levavam à costa do Dniepre. Seu pai a encontrou caída dentro da água. Dentro da água ele pegou seu pequeno corpo, abraçou e chorou a morte de sua filha. Mal percebeu quando a onda o levou. Seu noivo prometido a encontrou em pé sobre uma rocha, bem no meio do rio, nua. Louco de vergonha e desejo, ele partiu para resgatá-la. Percebeu o quão profundo era o Dniepre quando a água já estava no seu pescoço e já não tinha forças para resistir à corrente. Seu amado, seu amante, a encontrou sentada à beira do rio. Ela se levantou e ficou de frente a ele, que pedia mil perdões por ter que partir, pois era seu dever como homem e como soldado. Irina o abraçou e disse que o compreendia, mas que não podia deixá-lo partir sem um último beijo. Quando seus lábios se tocaram, ele sentiu a força de todo um rio tomar o seu corpo. Sentiu sua força falhar, sentiu sua visão escurecer e sentiu o ar ser expulso dos seus pulmões, como se estivesse se afogando em um rio caudaloso. Seu corpo caiu, morto e arroxado aos pés da pequena garota. Com todos os três, os homens que estavam junto a eles nada fizeram, enquanto a jovem simplesmente voltava para sua nova

morada no fundo do rio. Pois as pessoas daquele tempo ainda não haviam esquecido tudo...

CAPÍTULO XVIII:

PROFUNDEZAS

Os pais de Tatiana chegaram correndo ao pronto-socorro. Encontraram a filha deitada em uma maca, mas bem. Um afogamento, de acordo com os médicos, possivelmente ocasionado por uma câimbra. As amigas confirmaram a versão, dizendo que ela, que sempre gostara tanto de nadar, simplesmente afundou durante um mergulho e não voltou mais para a superfície. O salva-vidas foi obrigado a entrar em ação e a resgatou, cuidando dos primeiros socorros ali mesmo. Com Tatiana já consciente e após expulsar a água dos pulmões, a ambulância foi chamada. No final, tinha sido apenas um susto. Toda a explicação tinha sentido.

Só esqueceram de levar em consideração a opinião da afogada. Ela insistia que “ele” estava lá, debaixo d’água, junto com ela. Que tinha sido “ele” o responsável pelo seu afogamento. De acordo com o médico, isso poderia mesmo ocorrer, que a falta de oxigenação no cérebro poderia trazer alucinações. A família tentou confortá-la, mas não havia muito o que pudessem fazer pela garota assustada. Ela falou a respeito das vozes, mas ninguém fez mais do que olhá-la com pena. Aliás, como poderia ser diferente? Todas as explicações estavam ali, claras como a luz do dia. Eles fizeram de tudo para convencê-la de que não tinha passado de uma alucinação, talvez relacionada aos seus problemas para dormir. Chegaram a perguntar se ela poderia ficar internada até se recuperar um pouco mais. Ela não aceitou. Estava com muito medo para ficar sozinha, então, desacreditada ou não, voltou com os pais para casa.

O caminho de volta foi silencioso. Ela não queria falar com nenhum deles. O pai até tentou animá-la, repetindo todos os argumentos do médico. “É uma alucinação”, “você ficou muito tempo debaixo d’água”, “a lembrança do seu pesadelo pode ter sido residual”, e até mesmo “uma alucinação por afogamento é semelhante à causada por apneia do sono, por isso acha que ouviu a mesma voz”. Isso não mudou a visão de Tatiana a respeito de nada, apenas deixou seu humor ainda pior. O que o pai dela entendia disso? Ele era um agricultor bronco, não tinha que ficar repetindo as palavras de um médico, já que nem entendia o seu significado. Ficou em silêncio até chegar em casa, quando entrou pela porta bufando.

— Tatiana! Moya Krasotka! Como você está? Eu estava preocupada, muito preocupada com você! – foi quando ela desabou. Agarrou-se firmemente à sua velha avozinha e começou a chorar, soluçando convulsivamente. E chorou, chorou e chorou ainda mais, sem conseguir falar nada, enquanto a velha e frágil senhorinha a segurava com toda a pouca força que tinha. – Shhhh, não precisa falar nada, minha pequena. Pode chorar, chora o que tem que chorar. Eu também choro. Eu estava preocupada com você, mas choro de alegria em saber que está bem.

Os profundos olhos azuis da velha senhora estavam profundamente marejados, mas o

sorriso nos seus lábios finos indicava o alívio de ver a neta bem. Tatiana se agarrou com ainda mais força à sua avó, baixando o rosto sobre seu ombro, ainda chorando. A velha senhora a segurou com carinho e sussurrou no seu ouvido.

— Eu sei o que você precisa para se sentir melhor. Eu preparei blini com kvass pra você, que eu sei que vocês, jovens, adoram.

Por um momento, todos os medos sumiram da mente de Tatiana. Para a sua avó, a velha Katarina – Kátia, para os íntimos – tudo era tão simples! Era só fazer as panquecas típicas, bem como o terrível “refrigerante” feito de beterraba – que nunca nenhum neto teve coragem de dizer a ela o quão horrível era – conhecido do leste europeu, se sentarem em família para a refeição e nada haveria a temer. Tatiana sabia que não era assim, mas sabia também que a sua avozinha acreditava genuinamente naquilo; e ela riu, não por debochar dessa crença, mas por saber que ela a mantinha por amar a sua família mais que tudo e queria fazer sua parte para que ela estivesse bem. Ela queria acreditar nisso também, por isso, rindo, mas com os olhos cheios de água, ela abraçou a sua avó, não mais com medo, mas com todo o carinho do mundo.



A refeição não retirou os medos de Tatiana, mas pelo menos serviu para acalmar um pouco os seus nervos. A sua mãe não disse uma palavra ao longo da refeição, mas o pai e a avó fizeram de tudo para agitar os ânimos da garota assustada. Não era algo que ela sentia que fosse funcional, mas sabia também que o que eles tentavam fazer era para o bem dela. Embora preferisse que ficassem calados como a mãe – o que seria um possível reconhecimento de que havia algo errado –, ela sabia que isso não aconteceria, então pelo menos reconheceu o esforço deles. Ivan era o mais silencioso junto com a mãe, mas lançava longos olhares preocupados para a irmã, que tentava consolá-lo com sorrisos tristes e cansados. Após a refeição, Tatiana partiu para seu quarto, com a intenção de descansar, mesmo sabendo que demoraria a dormir. O medo não permitiria.

— ... ela precisa de um médico, será que você não entende? Sua filha precisa de ajuda e você só sabe reclamar que não temos dinheiro para isso...

— Não temos mesmo! Como você iria pagar um psicólogo para ela? Acho mais fácil sua mãe parar de encher a cabeça da nossa filha de besteiras!

A primeira voz era do pai, a segunda da mãe. Eles gritavam um com o outro. Tudo o que ela já tinha ouvido antes. “Ela não tem mais idade para acreditar em contos de fadas”. “Ela precisa ir para a igreja para tirar os encostos”. “Nunca teremos dinheiro para um psicólogo, então ela não tem que ter doença de rico”. “Nunca devíamos ter saído da colônia”. Tatiana enfiou a

cabeça debaixo do travesseiro e voltou a chorar. Ela não queria nada daquilo. Não queria que seus pais brigassem por causa dela. Não queria que a mãe menosprezasse a avó. Mais do que tudo, não queria mais pesadelos ou alucinações. Só queria que sua vida voltasse ao normal. Queria voltar a pensar apenas em Física, meninos e nas amigas, não em vozes que surgem debaixo da água. Aquilo não teria um fim?

— Tatiana? Posso entrar?

Era a sua avó. Estava na sua porta, trazendo uma bandeja em suas mãos trêmulas. Sobre a bandeja, uma chaleira e duas canecas. Ela viu o rosto choroso e os olhos vermelhos de Tatiana, abriu um sorriso gentil e entrou, praticamente ignorando os gritos que ocorriam nos outros cômodos da casa. Sentou-se ao lado dela, colocando a bandeja sobre o criado-mudo. Acariciou os cabelos da neta.

— Shhhh, não precisa falar nada, minha querida. Sabe o que dizem, não sabe? Que quando nada vai bem, nada é melhor do que um bom chá, não é? Então vamos tomar chá, só nós duas, e esperar que as coisas melhorem.

E Tatiana riu da confiança da sua avozinha, mesmo que fosse um riso cheio de lágrimas nos olhos. E as duas riram juntas enquanto compartilhavam as xícaras de chá, mesmo que sem trocar uma palavra. Palavras eram desnecessárias, uma vez que elas só queriam aquilo que a velha Kátia sugeria: beber chá e esperar que as coisas melhorassem. A despeito dos gritos no restante da casa. A despeito de todos os medos. E Tatiana dormiu com a cabeça no colo da avozinha, apesar de tudo, com um sorriso no rosto. E seu sono foi pacífico e sem pesadelos...

CAPÍTULO XIX:

KOIXOMUNETI

Pé após pé batendo no chão. A fogueira no centro, as quatro direções honradas ao redor, os herdeiros da nação Guaná dançando em roda entre os dois, itaaká em mãos fazendo contraponto ao ritmo das pisadas. Os ritmos de chocalho, dos pés, dos cantos, formavam uma harmonia hipnótica na noite, um ritmo que era ecoado pelo farfalhar das folhas sob a brisa quente. A tribo e a terra em união, cantando um ritmo tão antigo quanto as próprias tribos Guaná. No centro da roda, sentado de frente para a fogueira, um jovem se balançava para frente e para trás, cantando sua própria melodia, rodando seu próprio itaaká. André cantava enquanto a tribo cantava, mas André não estava onde a tribo estava.

André andava pela floresta, por caminhos que não se lembrava de ter andado antes. Os sons dos cantos, pisadas e chocalhos estavam distantes, como se ele tivesse se afastado muito, mas o seu itaaká ainda estava em mãos. Era perigoso andar pela floresta à noite e André não queria se perder. Mesmo assim ele cambaleou na direção do desconhecido, mas ainda cantando, ainda girando o itaaká. A melodia iria protegê-lo ou pelo menos é o que fora dito a ele. A noite estava muito quente, um calor tão intenso que ele não parava de transpirar. Ou seria o calor da fogueira? Ele não saberia dizer, uma vez que não conseguia sequer identificar onde estava, não reconhecendo nenhuma das árvores no escuro da noite, ou dos olhos que se escondiam por detrás delas para observá-lo. Ele apenas sabia que precisava continuar em frente, cantando e girando o itaaká.

O som do rio veio aos seus ouvidos. Ou seria o som do próprio itaaká? Ou dos itaakás da tribo, tão distantes atrás dele? Ou o mero farfalhar das folhas sob o vento quente? Não importava, o calor era insuportável. Para André, qualquer perspectiva de água era um alento. Continuou na direção do som, ainda cantando, ainda girando o itaaká. E ali, na escuridão da noite, a lua sozinha iluminava as águas do rio. O rio vasto e negro salpicado pela prata da lua. O desejo de André era de se jogar nas águas para se refrescar, tamanho era o seu calor. Não importava a escuridão, não importava que não soubesse exatamente onde estava, que não soubesse sequer como era a correnteza ou profundidade do rio ali. Ele estava sem camisa, apenas de bermuda, mas, ao chegar à borda do rio, ele parou. Lembrou-se de tudo o que aprendera enquanto estudava com os anciões Terena. Tudo merece reverência. O calor era insuportável e ele transpirava de forma intensa, temendo uma desidratação. Ainda assim, o rio merecia uma reverência, então ele voltou a girar o itaaká e a cantar.

E o rio se levantou para saudá-lo. A imensidão negra se ergueu, ocultando a lua e as estrelas e tornando tudo ainda mais escuro. A água escorria do corpo escamado, brilhando com a

luz da lua que refletia nas costas da gigantesca serpente. Um trovão foi ouvido por ele, um trovão causado apenas pelo som dos guizos da sua cauda. Esta baixou a cabeça em direção a André.

— Você veio... – o Vanuno sibilou.

— Sim, eu vim.

— Hoje em dia tão poucos vêm. Alguns tem medo. Outros não tem interesse. Os koixomuneti caminham para o esquecimento.

— Ainda assim eu vim.

André fitou a serpente, a serpente fitou André. A sua cauda chacoalhou e trovão respondeu novamente. Ele ainda sentia calor, mas um estranho resfriamento parecia estar tomando conta do seu corpo suado.

— Você tem noção do que quer? Faz isso de livre e espontânea vontade? Sabe qual a sua missão?

— Sim, meu senhor, eu sei – André parou para organizar os pensamentos. – Minha missão é guardar o conhecimento dos Terena. Minha missão é guardar a história e tradição dos Terena. Minha missão é conhecer o caminho do mundo do espírito como os Terena conheciam. Minha missão é trazer a cura e o auxílio aos filhos dos Terena que me procurarem.

A serpente fez um minuto de silêncio, como se considerasse as palavras de André, então disse:

— E não há nada de errado no que disse?

André ficou confuso, não sabendo a resposta que poderia dar. A sensação de frescor havia passado e o calor voltava, fazendo com que a transpiração recomeçasse. A sua cabeça parecia rodar e doer, bem como seus olhos pareciam arder. A imagem do poderoso deus Vanuno estava na sua frente, mas parecia desvanecer cada vez mais. A serpente-cascavel continuou.

— Quando o Yurikayuvakai desenterrou seu povo, não havia outros homens nessas terras. Por isso vocês não eram Terena. Não eram Guaná. Eram apenas os “homens” e nessa época já havia os koixomuneti. Depois conheceram outros homens e se tornaram Guaná. Depois os Guaná se dividiram e vocês se tornaram Terena. Mas no tempo em que eram apenas os “homens” os koixomuneti já estavam entre vocês. A missão do koixomuneti era essa, cuidar, lembrar e guiar os homens.

André terminou por cair de joelhos, cansado e transpirando muito. Ainda assim se permitiu abaixar a cabeça em humildade.

— Eu entendo a lição, meu senhor.

O chocalho da cascavel soou mais uma vez e o trovão o acompanhou. A chuva fria atingiu o corpo de André, que se permitiu cair na terra. Sua visão escureceu por um momento, mas a água fria trazia um ânimo que o reanimava. Ele se virou, ficando de costas para a terra que umedecia, sentindo os braços sendo levantados pelos Terena que dançavam até poucos instantes

atrás. Abriu os olhos e viu a fogueira ainda acesa, apesar da chuva. Permitiu que os seus companheiros de tribo o levantassem, mas procurou pelos anciãos com os olhos. Debaixo da chuva, eles o olhavam com aprovação. Ela era o sinal. Vanuno o havia aprovado.

CAPÍTULO XX:

A PONTE

Alguns dias se passaram após o afogamento de Tatiana. Dias de cuidados, principalmente a nível emocional. Ela não tinha sequelas físicas, mas estava muito assustada. Seus pais concordaram em afastá-la da escola até o momento em que se sentisse melhor, ainda que não tivessem chegado a um acordo sobre mais nada. Ironicamente, suas noites foram de sono pesado e sem sonhos, o que ajudou na sua recuperação. Sua coragem e confiança voltavam aos poucos, ainda que recheadas de dúvidas. Algumas noites de sono faziam milagres por alguém cujo maior problema era justamente o dormir. Logo estava retomando os mesmos pensamentos do dia do afogamento. Ela voltaria a ser uma pessoa normal. Certamente não pretendia voltar tão cedo à piscina, mas não permitiria que o medo a vencesse. Obviamente essa confiança era sombreada pelo medo e a incerteza, mas ela novamente estava disposta a não permitir que sua vida fosse destruída por pesadelos e dúvidas. A mudança era visível até mesmo para seus pais, que pareciam se impressionar com a força de vontade da própria filha. Assim, quando ela pediu a permissão para estudar na casa de Sandra, eles aceitaram, ainda que com relutância.

Para ela aquilo era um grande ato de coragem. A verdade, contudo, é que ela tinha mais curiosidade do que realmente coragem. Os piores momentos da loucura que havia se tornado sua vida, pelo menos até o afogamento, ocorreram quando voltava da casa de Sandra. Agora ela se sentia forte, descansada e viva novamente, mesmo que cheia de dúvidas sobre o que era real e o que era apenas sua imaginação. Por isso decidiu ir. Precisava ver com seus próprios olhos. Precisava testar ela mesma o que sua vida estava se tornando. Se nada acontecesse, ela aceitaria que tudo havia passado e voltaria a ser a Tatiana de sempre. Se algo ocorresse, contudo, talvez ela nunca mais tivesse coragem para sair de casa. Ela decidiu que o risco valia a pena, por mais medo que sentisse de encontrar Irina novamente.

O abraço que recebeu de Sandra deu a Tatiana a certeza de que havia feito a escolha certa. Elas se falaram pela internet nos dias em que esteve em casa, mas ela não percebeu o quão preocupada estava a amiga até o momento em que se encontraram. O abraço forte e sincero, sem palavras, trouxe um pouco mais de força à garota que se sentia tão perdida. E naquele dia, após se certificar de que Tatiana realmente estava bem, elas realmente se dedicaram aos estudos. Sandra era uma pessoa discreta; embora Tatiana sentisse que ela estava muito curiosa sobre o que a amiga estava passando, nenhuma pergunta mais pessoal foi feita. Ela também evitou falar sobre as fofocas da escola, uma vez que tinha medo que a situação de Caetano e Irina fosse uma das razões dos problemas de Tatiana. Ela preferia assim. Mesmo que Sandra fosse sua confidente, ela ainda não tinha certeza se conseguiria se abrir sobre aquilo. Não queria ser vista

como louca por sua amiga mais querida. Assim elas apenas estudaram o melhor que podiam, e conversaram trivialidades. Tatiana ficou grata por isso.

Quando chegou o momento de ir para casa, Tatiana não conseguia esconder sua apreensão. Suas mãos tremiam enquanto ela abraçava a amiga com força. Lágrimas vieram aos seus olhos e Sandra quis que ela ficasse mais um pouco, mas Tatiana decidiu que não era preciso. Ela precisava enfrentar o que sua vida tinha se tornado. Mesmo que não tivesse nenhuma esperança de não encontrar Irina no caminho. Ela sabia que aconteceria. Ela acreditava que só precisava de coragem para enfrentá-la. Assim Tatiana se despediu de Sandra e caminhou em direção ao portão.

— Posso falar com você um pouco?

Ela também esperava por isso. André vinha na direção dela. Tatiana cruzou os braços em posição defensiva, decidida a não deixar que fosse levada a qualquer outro lugar que não a sua casa.

— O que você quer, André? Se quiser que eu participe de outra das macumbas da sua avó...

— Primeiro, não é macumba – interrompeu ele – e esse é um termo extremamente preconceituoso, por acaso. Segundo, não preciso da minha avó para ver que existe algo de muito errado com você.

— E o que você tem a ver com isso? Acha o quê? Que suas macumbices de índio vão fazer alguma diferença?

Ele não pareceu se ofender, mas olhou firmemente nos olhos verdes de Tatiana, tão sério quanto podia.

— Não sei, mas acho que vejo uma pessoa que precisa de ajuda e que não está tendo. Eu não posso garantir que posso ajudar, mas também percebo que seus problemas têm uma origem bem diferente do que estão pensando. O que quer que esteja te assombrando não está no corpo nem na cabeça, mas no espírito. Estou certo?

A verdade é que Tatiana não sabia responder. Até então tinha a certeza de que estava ficando louca, mas não aguentava mais gente opinando sobre sua vida. Mais lágrimas vieram aos seus olhos, mas ela já estava cansada de coisas estranhas acontecendo com ela.

— André, pouco me importa se você é um pajé ou o que quer que seja! Não me interessa! Você não me conhece! Você não sabe nada sobre mim! Pelo amor de Deus, me deixa em paz!

André continuou fitando seus olhos. Então finalmente olhou para baixo e disse.

— Pois bem, eu deixo. Mas estamos aqui, se precisar.

Ele caminhou para dentro da casa. Tatiana bateu o portão e caminhou na direção da sua própria, mas sabendo no fundo da sua alma que ainda haveria algo para acontecer.



Ela sabia o que iria ocorrer antes mesmo que acontecesse. Apesar do dia quente na cidade, ela se encolhia, cruzando os braços, como se os primeiros ventos frios do inverno estivessem chegando. Caminhava apreensivamente, sem olhar para os lados. Ao avistar a pequena ponte de metal, não se impressionou ao ver Irina no seu topo. Esta sorriu ao ver Tatiana, um sorriso que trouxe a ela medo e calafrios. Mas não podia recuar agora. Ela sabia que isso ocorreria e sabia que poderia passar por ela incólume, não importa o quão estranho ela agisse. Baixou a cabeça, sem nenhuma intenção de parar ao passar pela ponte.

— Medrosa! É por isso que é tão fácil entrar nos seus sonhos.

Tatiana parou. Ela sabia. De alguma forma sabia. Não apenas sabia, mas havia acabado de dar a entender que tinha algo a ver com seus sonhos. Irina continuou, parando ao lado dela no alto da ponte em arco.

— Eu sei como é. De verdade. Ter medo. Perder o controle da própria vida. Não saber para onde ir ou a quem recorrer. Ninguém entende, ninguém sabe dizer o que está acontecendo com você. Bom, eu sei. Por isso posso dizer que sou a única pessoa que te entende no mundo.

Tatiana então se virou para Irina, com os olhos marejados, mas com atitude desafiadora.

— E o que está acontecendo, sua vadia? Vamos, quero ver você me dizer, já que é a única pessoa que me entende no mundo!

Irina deu de ombros, recostando-se no corrimão da ponte, observando-a.

— Para que serve uma ponte? – Tatiana ficou confusa com a pergunta, mas a própria Irina respondeu. – Ela serve para ligar um lugar a outro. Duas margens separadas por rios, por abismos, por espaços vazios.

— Do que você está falando, sua louca? O que isso tem a ver comigo?

Irina explodiu em gargalhadas, mas logo se recompôs e continuou.

— Não sou eu quem está pegando fama de louca – disse ela, ainda rindo –, mas tudo bem. Vou ignorar essa grosseria. Afinal, estou aqui por você.

— Por mim?

— Bom, sim e não – ela se aproximou até ficar frente a frente com Tatiana. – Você é uma menina arrogante e não muito esperta, por isso não pense que é lá muito especial. Mas há algo em você, não só em você, mas em sua família. Sua avó te contou os velhos contos de nossa terra na infância, da mesma forma que ouviu da mãe dela. Ela não acredita nos contos mais do que você, assim como a mãe dela também não acreditava. Mas elas amavam essas histórias como parte de sua própria terra e família. Quando sua avó veio para cá, bem como os demais

imigrantes, ela não queria deixar seu passado para trás, então acalentou esses contos como um pedaço de sua terra natal que trazia. E não é que ela estava certa? – gargalhou a pequena menina.

Tatiana se sentia confusa, muito mais do que parecia ter se sentido alguma vez na sua vida, mas, ao mesmo tempo, uma fagulha de entendimento parecia surgir na sua mente. Velhos contos de fadas que ela ouvira na colônia, histórias vindas do outro lado do mar e que ainda eram ouvidas na sua casa, contadas pela sua avó, agora para o pequeno Ivan, mas que foram seu deleite na infância.

— Você... você é uma russalka? Uma mulher da água?

Irina sorriu, um sorriso realmente amigável, apesar dos frios olhos azuis.

— Bingo. É isso. Eu sou uma russalka. Eu sou um conto de fadas do Velho Mundo. Eu sou um fantasma de uma mulher afogada que busca levar os homens ao mundo das águas subterrâneas. Eu sou também um antigo e louvado espírito da fertilidade, ainda que poucos consigam ainda se lembrar desse aspecto.

Tatiana demorou para formular a frase seguinte, mas finalmente conseguiu dizê-la em voz alta.

— E você é a esposa do Vodianoy.

O sorriso de Irina desapareceu. Ainda assim, o seu semblante sério mostrava a concordância.

— Mas por quê? O que foi que eu fiz para vocês? Por que estão fazendo isso comigo?

A pequena garota de cabelos negros se aproximou de Tatiana e acariciou seu rosto, olhando-a profundamente nos olhos.

— Porque você acalentou nossas lendas na infância. Assim como sua avó. Assim como seus ancestrais. Você teve nossas histórias no seu coração, mesmo que tenha esquecido disso. Mas esses contos ajudaram a te formar. Nós somos parte de você. Você tem medo de morrer, Tatiana? – Tatiana estava assustada e seus olhos estavam marejados novamente, mas conseguiu balançar a cabeça afirmativamente. – Nós também. Nós mais do que vocês, mesmo que vivamos vidas tão longas e diferentes dos breves suspiros que são as existências mortais. Mas não morremos como vocês. Morremos quando somos esquecidos. Quando deixamos de ter um propósito para existir. Se estamos vivos aqui e agora, é porque vocês, que realmente amaram nossas histórias, nos deram um motivo para estar.

Tatiana criou coragem e afastou a mão que acariciava seu rosto.

— Isso é um absurdo! Você deve ser ainda mais pirada do que eu achava se pensa que vou acreditar nisso! Se isso é verdade, porque só você aparece aqui, na minha frente? Onde está o Vodianoy, se ele é real mesmo?

Irina voltou a dar um risinho.

— Ah, isso é uma coincidência incrível. A nossa manifestação depende muito da força da

crença em nós ou do nosso propósito. O Vodianoy só pode se manifestar para você, uma vez que você deu a ele um motivo para existir. Afinal, era sua lenda favorita na infância. Ele também pode se manifestar para sua avó ou seu irmão, mas como são um bebê e uma velha com o pé na cova, nenhum deles seria muito útil. Não, ele precisava de alguém no auge de suas capacidades – Irina acariciou novamente o rosto de Tatiana. – Uma ponte. Não está orgulhosa? Você é uma ponte entre o mundo antigo e esse lugar degenerado. Seu acalantar pelas antigas lendas da costa do Dniepre garantiu isso.

— E você? – perguntou ela, assustada.

— Ah, é, a coincidência! Nosso povo carregou as lendas das mulheres d'água para onde foi. Quando chegou a esse país, encontrou lendas locais sobre mulheres d'água também. Outros povos que vieram para cá também trouxeram crenças em mulheres d'água, enquanto essa terra também tinha as suas próprias. Assim, é possível dizer que aqui a crença em mim é poderosa, uma vez que boa parte dos povos que aqui vivem tem lendas sobre mulheres d'água. Principalmente em tempos mais recentes, quando os detalhes das lendas individuais vão se perdendo e o conto nativo vai ficando cada vez mais difícil de diferenciar do nosso. No fim das contas, não importa se a nossa lenda é das russalki e a nativa é da Iara. A maioria das pessoas de hoje em dia mal saberia a diferença. Assim, posso me aproveitar dessa crença local e surgir no mundo da superfície.

Tatiana afastou a mão dela do seu rosto pela segunda vez.

— Tudo bem, sua piranha d'água, vamos supor que eu acredite nisso. O que vocês querem? Ficar me assombrando o resto da vida? É isso?

Irina riu, divertindo-se com a tentativa de demonstração de coragem de Tatiana.

— Quem dera fosse isso, seria bem mais fácil. Mas você não é tão importante assim. É apenas uma garota burra que, por acaso, aprendeu a dar importância a contos antigos. Mas claro, estamos com você por uma razão. Queremos que você nos fortaleça. Que traga força à nossa existência. Que nos dê um propósito para existir, como era na antiga costa do Dniepre.

Tatiana não sabia o que dizer. Estava confusa, mas sabia que aquela conversa não levaria a algo bom. O que ela queria dizer com aquilo? Decidiu que era melhor não esperar para saber. Afastou-se de Irina, pronta para sair correndo para sua casa. Mas a outra continuou.

— Eu sabia que seria assim. Infelizmente você é burra demais para perceber a honra que estamos concedendo. Mas tudo bem, vamos ver por quanto tempo você conseguirá fugir da sua herança.

— Você é louca! – gritou Tatiana – Completamente louca! E está querendo me arrastar para sua loucura. Mas não vou deixar que isso aconteça, ouviu? Você não vai me enlouquecer!

E ela se virou, pronta para correr daquela ponte na direção da sua casa. Mas foi como se seu rosto batesse contra uma parede. Tatiana caiu sentada com a trombada, derrubando seus

cadernos no chão.

Era Andréa. Andréa e suas amigas. Ela olhou repentinamente para trás, mas Irina não estava mais lá. Na verdade, era como se ela nunca tivesse estado naquela ponte.

— Falando sozinha, princesinha? Bem que a escola inteira anda dizendo que você está ficando maluca.

Tatiana tentou pegar seu material, mas uma das amigas de Andréa, a pequena e cruel Cássia, pisou na sua mão. Assim que ela a afastou, a mesma menina chutou os cadernos para fora da ponte. Tatiana olhou enquanto eles caíam em direção às águas do rio, mas logo sua cabeça foi puxada para trás pelos cabelos. A torção da mão de Andréa no longo cabelo castanho a forçou a se levantar, então a grande garota mestiça a bateu contra o corrimão da ponte, machucando suas costelas e tirando seu fôlego.

— É hora de acertarmos nossas contas de vez, princesinha – disse Andréa, sussurrando ao seu ouvido. – Vocês tomam tudo da gente. Aqui nossos pais são empregados de gente como você, seus pais são donos de terras e a gente não tem nada. Vocês têm escolas melhores, vocês têm mais chances na vida, vocês aparecem na TV, nos filmes, em todo lugar. Nós não temos nada, mas a gente se acostuma. A gente se acostuma a viver no mundo de gente pobre e fazer o possível pra melhorar de vida, mas aí aparecem vocês de novo, se enfiando no nosso meio, no meio de gente pobre, chamando a atenção dos professores e ficando com os poucos meninos bons, que ficam babando pela sua aparência de apresentadora de programa infantil. Cada vez que nos acostumamos a ser o que somos, aparecem vocês para tirar um pouco mais da gente. Vem até nossa própria casa para esfregar na nossa cara que somos piores que vocês.

Uma menina chamada Clara pousou a mão sobre o aperto de Andréa, tentando afrouxá-lo um pouco.

— Déa, acho que já chega. Ela já entendeu. Não precisa de tudo isso.

— Precisa sim! – gritou Andréa. – Se essas metidinhas vão ficar vindo para nos incomodar, precisam saber quem manda aqui! Essa daqui vai aprender agora! – a pressão do corpo de Andréa sobre o de Tatiana aumentou, e ela não conseguia retirar a menina maior de cima de si, por mais que tentasse; então ela sentiu a outra mão da sua rival segurando a cintura da sua calça e percebeu, aterrorizada, o que estava para acontecer. – Ouvi dizer que você gosta de nadar, princesinha. Espero que seja verdade, para o seu bem.

Tatiana se debateu o máximo que podia, mas não era páreo para Andréa. Gritou também, o máximo que pôde, mas parecia que ninguém a ouvia. Por um breve instante ela se perguntou por que ninguém havia passado pela ponte enquanto ela falava com Irina. Será que ela teria algo a ver com aquilo também? Não teve tempo o bastante para pensar. Logo estava caindo por cima do corrimão da ponte, caindo em direção às águas do rio...

CAPÍTULO XXI:

VODIANOY

O mundo estava escuro novamente. A sensação era tão familiar que ela nem mesmo se sentia realmente surpresa. A escuridão, o silêncio, o frio das águas subterrâneas, o calmo afundar em um mundo tão diferente do seu, tudo aquilo falava profundamente ao seu espírito, algo tão diferente da agitação do mundo exterior. Ali ela não tinha que fingir, não tinha preocupações, não tinha quem a incomodasse, ao menos ao que parecia. No fundo da sua alma ela sabia que aquilo não era verdade, sabia que alguém a estava observando naquele mundo subterrâneo. Mas a paz que sentia ali era tão grande que não conseguia deixar de pensar em nunca voltar à superfície novamente.

— Você não precisa.

A voz novamente. De certa forma, até esperava por ela. Sabia que a paz no mundo aquático era ilusória e que sua presença ali atendia a um objetivo. Porém, ao procurar pelo dono da voz, dessa vez teve uma surpresa: ela podia vê-lo. Não tão distante dela, próximo de uma fonte de luz esverdeada, ela podia ver a silhueta negra de um homem. Isso era uma novidade. Ela nadou em sua direção. Por algum motivo, ela se sentiu segura em se aproximar dele, mesmo imaginando quem era. Ou talvez fosse apenas a ansiedade em terminar logo com seu tormento.

— Seja bem-vinda, Tatiana.

Sua voz retumbava nas águas, grave como a de um barítono, ainda que não fizesse sentido nenhum que ela pudesse ser ouvida debaixo da água. O homem era alto e tinha porte reto. Usava uma túnica rubra ornamentada de púrpura e um manto negro que balançava com o movimento das águas. Do seu cinto pendia uma espada e sobre sua cabeça havia um estranho chapéu vermelho, sem abas e alto, que pouco fazia para evitar que o longo cabelo negro dançasse com as águas. Seu rosto era magro e pálido, assim como eram suas mãos, mas o seu porte indicava que era alguém poderoso, como um rei. Um basto bigode cobria sua boca e seus olhos negros eram frios.

— Quem é você?

— Você sabe.

Repentinamente, tudo retornou à sua memória. A conversa com Irina na ponte. A chegada de Andréa e suas amigas. Ser jogada no rio. E ela sabia quem ele era.

— Eu morri? – perguntou ela, amedrontada.

— Não, eu não permitiria isso. Na verdade, estou aqui para oferecer a você a chance de nunca morrer.

— Mas eu não entendo! – Tatiana começava a se desesperar. – Eu não sou nada demais! A

própria Irina disse isso! Por que isso está acontecendo comigo?

— Porque você pode – a voz grave do homem não carregava nenhuma emoção. – Porque você pode ser minha ligação com esse lugar e essa época. Porque você me conhece e pode ser minha ponte.

— Não! – gritou Tatiana, gerando uma enorme quantidade de bolhas ao seu redor. – Até onde eu sei, você não passa de um conto de fadas russo que minha avó ouvia e resolveu nos contar! Volte pra onde é seu lugar e me deixe em paz!

— Meu lugar é com você, Tatiana – ele respondeu, finalmente parecendo mostrar alguma emoção na voz; uma mistura de tédio com uma melancolia antiga. – Você sabe o que é existir por milhares de anos? Perto da minha vida, a sua não passa de um simples suspiro. Eu fui homenageado e temido. Eu recompensei o povo quando ele me celebrou, pois esse era o antigo pacto. Então o pacto foi quebrado. As pessoas passaram a esquecer os deuses do seu povo. Eu comecei a ser esquecido. Tem ideia de como é? Existir por séculos, ficando cada vez mais fraco, a ponto de um dia se tornar apenas uma memória ruim? Os sábios entre os seus vivem se perguntando a sua razão de existência. “Qual o sentido da vida?” Bom, eu tinha um sentido em minha existência e isso me foi tirado!

Enquanto o Vodianoy falava, sua voz ficava mais e mais raivosa e bolhas começavam a nascer ao seu redor. As águas pareciam responder ao seu temperamento, ficando mais turvas e com a corrente mais forte. Tatiana estava aterrorizada. Ela estava diante de um monstro de conto de fadas. Era como estar perante o Bicho-Papão, descobrir que ele é real. Ela não podia continuar ali. Era loucura demais. Tentou nadar para cima em uma tentativa de fuga, mas o ser que ela conhecia da infância a segurou pelo pé, com um aperto firme e gélido.

— Me solta! – gritava Tatiana enquanto se debatia. Mas o Vodianoy simplesmente a arremessou de volta ao chão. A densidade da água diminuiu a velocidade da sua queda, mas não conseguiu evitar a tontura.

— Você não pode fugir de mim, pois eu estou dentro de você. Sua família me trouxe a esse lugar. Você me dará um novo propósito para existir. Aqui, nessa terra onde existem tantas crenças, um novo ente surgirá nessas águas. Sim, e você será recompensada. Chega de toda essa vida rasa de adolescente que vive. Eu te trarei a profundidade das eras...

O som de um trovão atingiu o mundo subterrâneo. O chão tremeu e as águas se remexeram, tornando os movimentos difíceis para Tatiana, quase como se ela fosse pega em um rodamoinho. Acima, a luz do raio parecia distante, mas assustadora quando vista por debaixo das águas escuras.

— Ela é minha! Você não tem nada a ver com isso! Volte para o lugar de onde veio! – gritava o enfurecido Vodianoy, olhando para cima.

Repentinamente, Tatiana começou a se sentir sufocada, como se a magia que a permitia

respirar embaixo d'água estivesse passando. Ela percebeu que o Vodianoy não estava mais prestando atenção nela, então resolveu nadar para cima, em direção à superfície. O terrível ser vindo dos contos de fadas da sua avó ainda esticou o braço tentando alcançá-la, mas um segundo trovão atingiu o mundo aquático, um segundo raio cortou o céu, um segundo tremor atingiu as águas. Foi então que uma segunda voz masculina, também poderosa, mas completamente diferente, falou:

— Esse rio é meu. Essa terra é minha. Eu decido quem vive e morre nele. Eu decido que ninguém morrerá nele. Não assim. Não hoje.

Tatiana pôde ver a expressão de ódio no rosto do Vodianoy enquanto subia em direção à superfície. Ela não se importou, o ar começava a faltar nos seus pulmões. Ela não imaginava que aquele rio fosse tão fundo. A verdade é que ela acreditava que ele era raso, mal permitindo o nado. Mas agora ela lutava para atingir a sua superfície. Com um grande esforço, ela conseguiu forçar o corpo para fora da água...

Apenas para perceber que o rio realmente era raso. Na verdade, ela conseguia ficar em pé e manter a cabeça e ombros para fora das águas. Caminhou com dificuldade até a margem, tossindo a água no caminho. Ao conseguir subir à margem gramada, ela se arrastou, exausta e chorando. Estava encharcada e suja, mas não se importava. Naquele momento ela teve a certeza absoluta de que, não importava o que fizesse, não importava o quanto acreditasse, ela não voltaria a ter uma vida normal. Se encolheu na grama suja e enlameada, temerosa e assustada, chorando sonoramente. Ninguém veio ajudá-la.

Foi quando ela ouviu um som. Algo parecido com um chocalho. Ao abrir os olhos, viu de frente a ela uma cobra. Uma cascavel. Um novo medo, súbito e repentino veio sobre ela. A cobra não parecia uma ilusão de uma mente perturbada. Ela parecia olhar diretamente para os olhos Tatiana, um olhar curioso e atencioso. Apesar de não parecer agressiva, Tatiana sabia bem o risco que corria se fosse picada. Por que diabos ninguém aparecia? Não era possível. Mesmo que a região fosse pouco movimentada, não parecia lógico que tanta coisa ocorresse e ninguém sequer passasse por aquele rio. Então a cobra ergueu o corpo e Tatiana presumiu que fosse o prenúncio do ataque. Fechou os olhos. Mas tudo o que ela fez foi balançar o guizo. O som de chocalho foi seguido pelo som de um trovão.

Tatiana então abriu os olhos. A cobra se afastava, mas o céu do final de tarde estava pesado, como que prestes a desaguar numa tempestade. Mas ele havia estado claro durante todo o dia. Tatiana permaneceu naquela posição até que as primeiras gotas começaram a cair, poucos instantes depois. Então ela se levantou, ainda confusa, mas com a certeza de que precisava de ajuda. Mas ela não achava que essa ajuda viria de sua família. Cambaleando debaixo da chuva, ela fez o caminho de volta para a casa de Sandra.



A chuva já era forte no momento em que ela chegou na casa da amiga. Não foram necessários mais do que alguns minutos para que ela se tornasse uma tempestade. Quando Sandra viu a amiga suja e encharcada no portão, correu para abri-lo. Levou uma toalha para secá-la e protegê-la da chuva, mas a toalha não podia protegê-la da tempestade que a assolava por dentro. Assim que o portão foi aberto, Tatiana abraçou sua amiga, desaguando em choro debaixo da chuva. E, como se palavras não fossem necessárias, Sandra retribuiu o abraço forte, debaixo da chuva, sabendo que Tatiana precisava como nunca daquela força.

Permaneceram ali, em frente ao portão, por longos minutos, Tatiana chorando no ombro de Sandra, mas a chuva não parecia que passaria, então Sandra a segurou pelos ombros e perguntou:

— Tati, o que aconteceu? Você está imunda! Vamos pra dentro, você precisa se secar!

Mas Tatiana agarrou os ombros da amiga de forma desesperada e olhou profundamente nos seus olhos, um olhar de puro desespero.

— André! Eu preciso falar com o André! Ou com a sua avó! Qualquer um deles, Sandrinha, eu preciso de ajuda! Por favor...

Sandra não entendeu a razão pelo qual ela precisava falar com o seu irmão, alguém que ela sempre desprezou. Mas logo percebeu que ela precisava sim de ajuda, uma ajuda que Sandra nunca negaria. Abraçou Tatiana pelo ombro e a levou para dentro.

— Shhhhhh, gatona, não se preocupe. Eles estão aqui em casa. Mas primeiro vamos tomar um banho quente e colocar uma roupa seca, tudo bem? Não quero que você fique doente.

Tatiana estava mais assustada do que Sandra jamais havia visto alguém na vida. Ela estava aterrorizada, na verdade. Não conseguia parar de chorar e soluçar. Precisou acompanhá-la no banho, uma vez que ela implorava para que não fosse deixada sozinha no banheiro, mas Sandra o fez sem questionar. Emprestou roupas secas para a amiga e levou as outras para serem lavadas. Preparou um chá quente enquanto deixava Tatiana descansar no seu quarto e falou com seu irmão. Preparou sanduíches simples de pão de forma; a família era pobre, mas ela não negaria nada à Tatiana. Então foi levar a refeição para o quarto. Tatiana comeu o lanche com prazer, não apenas pelo sabor, mas também porque a comida a distraía do que havia acabado de acontecer.

— Tati, já falei com o Dé. Ele vai subir aqui com a vó daqui a pouco. Você não quer me contar o que aconteceu?

Tatiana olhou para ela e olhos se encheram novamente de lágrimas. A expressão assustada voltou e o rosto empalideceu. Ainda assim, ela tentou responder algo, mesmo com a voz embargada.

— Ai, Sandrinha, pelo amor de Deus, me desculpa! Não queria envolver vocês nisso! Seus pais vão ficar nervosos, mas eu não sabia mais a quem recorrer...

— Shhhhhh, calma, minha linda – disse Sandra, após abraçar Tatiana uma vez mais. – Eu nunca negaria ajuda a você, sabe disso, não é? Não se preocupe, sei que faria o mesmo por mim. Não se preocupe, meus pais estão na igreja e duvido que voltem logo, graças a essa chuva repentina. Não haverá problemas, prometo. Vamos cuidar de você.

A porta do quarto se abriu. Entraram André e sua avó, a velha índia de rosto sério. Ele logo pegou um banco para que ela se sentasse, o que fez pesadamente, mas sem tirar os olhos de Tatiana. Pegou o cachimbo em mãos e o acendeu, o que fez com que Sandra fizesse uma expressão de desagrado. André fechou a porta do quarto e se recostou na parede, o nerd magricela de sempre, mas que agora parecia dominar a situação.

— Então você tem um problema, certo? Pois bem, estamos aqui. Pode começar a nos contar, desde o início. Mas já deixo avisado: não nos esconda nada ou não poderemos ajudar.

Tatiana assentiu enquanto Sandra olhava para seu irmão com os olhos arregalados. Ela nunca vira André falando com tamanha certeza e autoridade. Arregalou ainda mais os olhos enquanto ouvia a história de Tatiana. E ela não escondeu nada. Desde o primeiro pesadelo, passando pelas dificuldades no sono, os encontros perturbadores com Irina, os problemas na sua casa, os dias recentes de paz, as alucinações no banho, na piscina e, finalmente, o último encontro com a assustadora garota, a briga na ponte e a visão do Vodianoy. André e sua avó – que só então ela descobriu que se chamava Isildinha, ainda que nenhuma tenha feito menção de cumprimentar a outra – ouviram atentamente a história, o garoto sempre pedindo por mais detalhes; quais as histórias contadas pela avó de Tatiana, se ela tinha praticado alguma superstição de proteção, quem era o Vodianoy, as russalki e o Domovik. Seus olhos se estreitavam cada vez que ela citava a cascavel e o trovão que a seguia.

Após quase duas horas de relato, Sandra se levantou.

— André, você não pode estar levando isso a sério! – virou-se para Tatiana e a agarrou pelos ombros. – Tati, pelo amor de Deus! Você precisa de ajuda! Seu pai não disse que ia procurar um psicólogo?

— Ela precisa de ajuda sim – pela primeira vez a velha índia falou, após assoprar uma nuvem de fumaça da boca –, mas não tem médico no mundo dos homens pra curar isso. Ela precisa de outra ajuda.

— André, faça-me o favor, você não acredita nisso! Eu sei que você gosta dessas coisas, mas o tempo dessas superstições passou! Você é um rapaz culto, puta merda!

— Ela é sua amiga, não é? – respondeu André. – Avise os pais dela que ela dormirá aqui essa noite. Amanhã eu a levo para casa – virou-se para Tatiana. – Aqui você estará segura. Talvez possamos te ajudar. Mas, por hoje, descanse – ajudou a velha avó a se levantar, e então se

virou para Sandra. – Eu e a vó precisamos conversar. Confie na gente, Sandra. Sei que você gosta dela, e nós só queremos ajudar.

Tatiana não conseguiu dizer nada, apenas permaneceu aninhada no abraço de Sandra. Já esta não parecia acreditar em nada do que fora dito, nem pela amiga, nem pelos parentes. Ainda assim, nada respondeu, uma concordância silenciosa. Tatiana ficaria ali naquela noite. E a chuva continuava a cair...

CAPÍTULO XXII:

LENDAS TRAZIDAS DO OUTRO LADO DO MAR

O dia seguinte amanheceu estranho para Tatiana. O seu sono havia sido calmo e imperturbado, mas não havia mais como fingir que não havia algo de errado. Na verdade, tudo estava errado na sua cabeça. Não apenas nos seus sonhos e alucinações, não apenas com Irina, mas também com todo o resto. Ela não conseguia deixar de se sentir culpada por ter envolvido a família de Sandra naquilo tudo, além de finalmente perceber que sua própria família nunca acreditaria nela. Como se não bastasse, havia Andréa e suas amigas; elas a odiavam tanto a ponto de jogá-la de uma ponte ou Irina tinha algo a ver com aquilo?

Assim, ela tomou o seu café da manhã com a família de Sandra de forma educada, mas silenciosa. Agradeceu a gentileza com o qual fora tratada pelos pais da amiga e tentou retribuir ajudando com a louça na cozinha. Ainda assim, ninguém negaria que havia algo de errado com a garota vinda do sul, no seu ar distante e amedrontado. Sandra se comprometeu a permitir que André e sua avó ajudassem Tatiana, embora não tivesse certeza do que estava fazendo. A verdade é que nem Tatiana tinha certeza. Recorreu a André em um momento de desespero, mas agora não estava tão certa assim de que tinha feito a escolha correta. Contudo, não via meios de voltar atrás.

André a acompanhou até em casa. Ainda que a ideia principal fosse mantê-la em segura, observando qualquer coisa suspeita, ele ainda tinha outros planos. Queria falar com a avó de Tatiana e descobrir o máximo possível sobre o Vodianoy e outros mitos de sua terra-natal. Ele tinha algumas suspeitas, mas nada que tivesse dito a ela.

Quando chegaram, foi a avó de Tatiana a recebê-los:

— Tatiana! Você chegou, minha filha! Estava preocupada! Quando a chuva caiu ontem, todos ficamos preocupados!

— Está tudo bem, baba. Eu fiquei abrigada na casa da Sandra. Eles até mandaram o André para cuidar de mim no caminho de volta.

A velha senhora pegou as mãos do jovem rapaz indígena e as segurou firmemente.

— Muito, muito obrigada por cuidar dessa menina! Ela ainda me mata de preocupação! Existe algo que possamos fazer para agradecer?

— Na verdade, há sim, dona Kátia – respondeu André, um tanto sem jeito. – Sua neta me disse que a senhora conhece muitas histórias da sua terra. Eu gostaria de ouvir algumas, se não for incômodo.

— Minhas histórias? – a velha senhora ficou surpresa. – Mas são só contos infantis, acho

que não são do interesse de jovens como vocês...

— Eu gosto de contos infantis – respondeu André, sorrindo e segurando firmemente as mãos Kátia. – Acredite em mim, eu sei que há muitas coisas importantes e bonitas que os contos infantis ensinam e acho que aqueles que os mantêm vivos ajudam a manter o mundo mais vivo e encantado.

A velha senhora pareceu um tanto desconcertada, mas também profundamente lisonjeada; era até possível perceber o vestígio de lágrimas nos seus olhos azuis. Tatiana nunca tinha percebido o quão importantes eram os contos para a sua avó até aquele momento. Ela sorriu para André.

— Então entra. Vamos, entra. Não há jeito melhor de contar velhos contos russos do que na mesa da cozinha, comendo blini e tomando um bom chá.

André olhou para Tatiana, que deu de ombros, rindo.

— Você provocou, agora vai ter que aguentar. Pelo que ela diz, tudo o que os russos gostam de falar tem de ser conversado na cozinha. Pelo menos espero que goste de panquecas.

Os três se sentaram na mesa da cozinha. As panquecas já estavam prontas para Tatiana, mas como ambos já haviam tomado café da manhã, não foi preciso fazer mais. Eles passaram boa parte da manhã ali, ouvindo os contos de fadas de Kátia, que estava absolutamente lisonjeada com a atenção que André dava a eles, tornando-os mais e mais ricos e detalhados. Ainda que seu objetivo fosse apenas conhecer as lendas do Vodianoy e das russalki, ele demonstrou interesse por todos, pedindo por mais detalhes e comentando todos eles, como se fosse uma criança sendo alimentada. Quando o horário do almoço se aproximava, ele se levantou para se despedir. Pegou as duas mãos da senhora, que estava genuinamente agradecida pela companhia.

— Dona Kátia, não sabe o quão agradável foi essa manhã. Aprender sobre os contos e histórias da sua terra foi incrível. Agora preciso ir – e beijou as duas mãos delicadamente –, mas espero sinceramente que possamos voltar a conversar.

— Sempre será muito bem-vindo nessa casa, André. Venha e conte as histórias do seu povo também.

Ele assentiu. Tatiana o acompanhou até o portão.

— Pensei que não gostasse de europeus.

— Ela é uma pessoa interessante.

— E eu não sou? Você realmente sabe como fazer uma garota se sentir bem.

André riu.

— Ela sabe quem é. Ela carrega toda uma tradição antiga dentro dela, o que é uma grande responsabilidade. Diferente de você, que só usufrui dos benefícios que a genética e a sociedade te trouxeram. Sua avó e eu somos mais parecidos do que eu e você.

— Sei – continuou Tatiana –, e descobriu algo útil em todas essas histórias?

— Muita coisa, inclusive coisas que você já teria descoberto se prestasse atenção nelas. Mas acho que posso te dizer que está segura. Seu sono não foi perturbado na sua casa nos últimos dias, pois ela está protegida.

— Sei. Eu estou na mesma escola que uma russalka. O Vodianoy está atrás de mim. E você quer que eu acredite que um duende russo está protegendo minha casa? – Tatiana disse com sarcasmo. – É, não parece estranho que eu tenha pedido ajuda a um pajé. Minha vida não faz mais sentido mesmo.

— Koixomuneti, não pajé – respondeu André. – E acredite ou não, eu creio que estará segura dentro de casa. Infelizmente, não posso afirmar pelo que acontece fora dela e você não pode ficar aí a vida toda. Mas farei o possível para descobrir como te ajudar. De alguma forma, acredito que os deuses dessa terra também te protegem, embora não consiga imaginar a razão disso.

— Meu charme, beleza e personalidade cativante?

— Nenhum deles é tudo isso – replicou André, ao qual Tatiana respondeu mostrando a língua. – Mas ainda assim, eu ficaria o máximo de tempo possível dentro de casa. Pelo menos até descobrirmos algo para parar isso. Talvez seja possível ir para escola, se andar junto das aglomerações, mas nunca por ruas isoladas ou vazias. E o mais importante: evite aquele rio. Agora preciso ir, mas entrarei em contato logo.

André se virou para ir embora, mas Tatiana o chamou.

— André, por que está me ajudando?

Ele não teve tempo de responder. A aparição da mãe de Tatiana foi tão súbita que ela até poderia se perguntar se ela não era também uma entidade sobrenatural.

— Então você não está bem para ir para a escola, mas para dormir na casa de amigos você está. Seu pai te dá muito crédito, mocinha – então ela se virou para André, olhando-o de cima a baixo. – “Amiga”, não é? Não me admira. A gente faz de tudo para criar uma filha com bons valores e quando menos esperamos ela está dormindo na casa de um bugre...

— Mãe! Que absurdo é esse? Peça desculpas agora pro André!

Mas ele já havia dado as costas. Caminhava silenciosamente em direção à sua própria casa. E ela não pensou se ele, Andréa e tantos outros não tinham motivos de ter reservas em relação à sua família. Ele havia sido ofendido de forma racista por sua própria mãe! Isso depois de tudo o que estava fazendo por ela. Ela se virou furiosa para Sônia, mas a própria mãe estava ainda mais. Não adiantaria discutir naquele momento, então ela simplesmente bufou e entrou na casa em direção ao seu quarto.

CAPÍTULO XXIII: DEBATE ENTRE OS ANCIÕES

O cheiro de fumo era forte no ar, ainda que a sala não parecesse ter qualquer outra qualidade especial além disso. Apenas uma sala simples de uma casa ainda mais simples, com algumas cadeiras espalhadas. No chão, o que parecia ser uma esteira de palha abrigava alguns objetos, como chocalhos, bastões adornados com penas de ema, cachimbos. Objetos ancestrais do povo Terena, filhos da nação Guaná. Nas cadeiras, homens e mulheres sérios, descendentes dos antigos habitantes da região. Vestidos com calças, camisas, como homens de seu próprio tempo. Ainda assim, seu propósito ali era muito antigo.

— Por que você quer trazer uma garota branca até a Oheokoti?

André sabia que não seria fácil convencer o Conselho Geral da tribo daquilo. A maioria deles vivia muito bem na sociedade urbana, mas quando se tratava da Oheokoti, a festa mais sagrada do seu povo, eles se tornavam reticentes e arredios.

— Ele deve estar gostando da menina! É sempre assim, você ensina, ensina, ensina e, no final, eles saem atrás do rabo de saia de uma garota branca – o mais velho xumonó, um dos temidos gozadores da tribo, estava nitidamente alcoolizado. Não que isso prejudicasse a acidez da sua língua. Apesar das roupas comuns, seu rosto carregava as tinturas vermelhas que marcavam sua posição.

— Não. Eu quero trazê-la porque ela precisa de ajuda – respondeu André.

— Nós também. Eles são um dos motivos – o velho xumonó tinha raiva do homem branco. Diferente dos sukirikionó, que eram vistos como os “mansos” e sábios, os xumonó eram conhecidos pelo seu humor ácido e temperamento agressivo.

— Mas o problema dela pode vir a ser problema nosso – interveio Isildinha. – Os espíritos que a família dela trouxe vieram de muito longe. Um dia podemos ter de lidar com eles.

— Bah – foi a vez do koixomuneti mais velho intervir –, os brancos têm seus próprios espíritos, espíritos que eles mesmos ignoram. Os brancos portugueses, os brancos espanhóis, os brancos italianos, todos eles vieram para cá com seus espíritos. Nenhum deles nos incomoda. Por que seria diferente com esses daí?

— Sábio koixomuneti, eu entendo o que quer dizer. Mas digo, nenhum espírito dos brancos se manifestou de forma tão agressiva antes...

— Eu não duvido, Isildinha, eu não duvido! Mas mesmo que ele seja agressivo, ele não é problema nosso! Que ela procure a solução entre seu próprio povo!

André parecia pronto a protestar, mas Isildinha pousou a mão sobre seu ombro.

— Senhores anciões, sabemos que estamos pedindo algo difícil. Mas temos razões para acreditar que o próprio Vanuno está protegendo essa menina.

O xumonó caiu na gargalhada, mas o koixomuneti e o ancião sukirikionó, até então em silêncio, permaneceram sérios.

— Até onde sabemos, a menina pode estar mentindo. Ou inventando. Ou delirando. Existem cascavéis por aqui. Ela pode ter visto qualquer cobra. Por que o Vanuno estaria protegendo uma branca? Justamente quando precisamos tanto?

— Mas ora, eu digo que deve ser verdade! – zombou o xumonó. – O Vanuno deve proteger a menina. Então ela está protegida pelos deuses! Tanto melhor, não precisa da gente. Menos um peso nas nossas costas.

Então foi a vez do sukirikionó falar, a voz calma e a tintura verde no rosto, como era natural da sua posição.

— Isildinha e jovem André. Vocês dois são motivo de orgulho para nosso povo. Vocês continuam as tradições quando elas estão sendo esquecidas. Mas entendam, trazer um intruso, justamente um dos responsáveis pela nossa degradação, para o nosso festejo mais sagrado... isso é grave... não podemos aceitar, a não ser que tenham um motivo muito importante para isso. Caso contrário, não é problema nosso.

Isildinha baixou a cabeça, mas André preferiu se levantar. Dessa vez ela não o impediria. Deixaria que o neto falasse. Ele era um koixomuneti, no fim das contas, e deveria ser capaz de responder pelas próprias palavras.

— Quando eu recebi o título de koixomuneti, honrados senhores, eu falei com Vanuno. Ele me perguntou qual era o papel de um koixomuneti. Eu disse aquilo que aprendi, que deveria servir ao povo, preservar sua memória e tradição, usar a sua mágica e trabalhar por sua cura. Ele me disse que eu estava errado. Mas não nos papéis que eu acreditava serem apropriados a um koixomuneti, mas a quem eu achava que tinha de servir. Pois eu disse isso tudo sobre os Terena. Mas nosso papel não é apenas com os Terena. Os Terena são apenas um dos muitos filhos dos Guaná. E nosso papel não é apenas com os filhos dos Guaná. Por quê? Porque os velhos mitos ensinam – enquanto falava, André andava pela sala para ilustrar a importância de suas palavras. – Quando o Yurikayuvakai andava pela floresta e o Bem-Te-Vi apontou a ele o monte onde os homens dormiam, eles falavam sobre os homens, não só sobre os Terena ou os Guaná. Fomos nós a aprender a rir e a falar com o Sapo Vermelho, mas não somos apenas nós a sermos humanos. Se somos homens, os outros filhos dos Guaná também são homens. Se os outros filhos dos Guaná também são homens, os outros filhos dessa terra, índios como nos chamam, também são homens. Se os outros índios também são homens, os filhos de outras terras também são homens, sejam homens brancos, negros ou o que forem – então ele se virou para os anciões. – Não fomos nós a considerar pessoas de outras origens como sendo menos que homens. Se não ajudarmos Tatiana, estaremos agindo como eles agiram conosco. Será que caímos tão fundo a ponto de não nos tornarmos melhores do que os que nos derrubaram?

Os membros do Conselho Geral da tribo se entreolharam. O velho xumonó se levantou. Era o momento de votar a presença de Tatiana na Oheokoti.

CAPÍTULO XXIV:

O RETORNO

A segunda-feira chegou, como sempre chegava. Como André havia dito, as noites foram livres de pesadelos. Não quer dizer que tivessem sido calmas. As visões e alucinações foram substituídas por preocupações e medos, algo impossível de ser evitado naquela situação. Seguindo os conselhos de André, ela não falou nada aos pais sobre o que estava ocorrendo, mas sentia a falta de poder conversar com alguém sobre o que a atormentava. Ela falou com Sandra pela internet, e sua confidente escutou, mas não entendia a situação. Na verdade, apesar da demonstração de confiança no seu irmão, ela não conseguia esconder que achava tudo aquilo uma grande loucura. Ela queria poder falar com André, mas Sandra a informou que ele não estava em casa. Assim, apesar da ausência de pesadelos, seu final de semana foi repleto de temores.

Ainda assim, quando a segunda-feira chegou, ela se permitiu uma vez mais ser tomada pela coragem. André havia dado a recomendação de não andar sozinha, mas citou que provavelmente não seria incomodada se estivesse junto à multidão. Ela não sabia se acreditava nisso, uma vez que seus piores momentos ocorreram em lugares públicos, como a piscina e a ponte, mas ainda assim achava que poderia evitar situações de risco se evitasse o rio e estivesse atenta à presença de Irina. Ela acreditava que, se desistisse de viver sua vida, eles teriam vencido. Por isso preferia acordar cedo e se vestir para ir para a escola do que se esconder no seu quarto até o contato de André.

Não foi uma decisão unanimemente bem recebida na sua casa. Enquanto tomava o banho – apressadamente e com o maior cuidado para não se permitir relaxar debaixo da água agora –, ela podia escutar a discussão dos seus pais.

— ... mas Sônia, se ela está se sentindo bem, deveria ir para a escola!

— Ela não está se sentindo bem! Ela só quer ver o menino índio! Vai saber se esses problemas não são coisas que ele está colocando na cabeça dela! Você sabe como essa raça é, cheia das macumbas...

— E o que você quer que eu faça? Que tranque ela em casa? Porque, caso não tenha percebido, aqui quase todo mundo é bugre, índio ou mestiço! Ela não vai poder falar com mais ninguém?

— Ela não ia precisar se meter com essa gente se você não tivesse trazido a gente para cá! A culpa é sua! Se ela se misturar com essa raça, a culpa é sua!

Não adiantou Tatiana explicar várias vezes que não tinha nada com André. A verdade é que o discurso seria provavelmente o mesmo se ela tivesse apresentado Caetano. Ela nunca tinha

pensado na sua própria família como racista, mas agora achava que estava se acostumando com isso e que os apelidos pejorativos que seus pais usavam para se referir aos moradores locais eram apenas o começo de algo muito mais problemático.

Ela se vestiu rapidamente e tomou o café da manhã mais rápido ainda. Pediu a carona do pai, pois não se sentia plenamente segura de fazer o caminho sozinha. O pai aceitou de bom grado e também prometeu que a buscaria na saída. Isso parecia deixar a mãe menos preocupada, mesmo que sua preocupação fosse fundamentada no puro preconceito.

O caminho para a escola foi tranquilo e silencioso. Tatiana não falaria do ocorrido com o pai, embora ele olhasse ansiosamente para ela, como que buscando as palavras para perguntar algo. Mas ao observar a expressão da filha, ele sempre recuava e engolia seco. Falou apenas quando parou a velha caminhonete na porta do colégio:

— Tem certeza? Posso te levar de volta pra casa, se quiser.

— Tenho, pai – respondeu Tatiana, ainda que em um tom distante e cheio de incertezas. – Vai ficar tudo bem, desde que você venha me buscar na saída – olhou para ele, com olhar sério. – Por favor, não se atrase.

Ele prometeu que não se atrasaria. Despediu-se da filha com um beijo no rosto e saiu com a caminhonete. Tatiana, por sua vez, caminhou para dentro dos portões da escola. Segurava seus novos cadernos junto ao peito, quase como se acreditasse que eles poderiam protegê-la de algo ou alguém. Sua cabeça baixa passava pela multidão sem olhar para os lados. Ela não pretendia chamar a atenção de ninguém, mesmo sabendo que isso era quase impossível. No pátio as pessoas já a observavam. Obviamente o ocorrido na piscina ainda estava na memória de alguns, outros talvez tivessem ouvido sobre a ponte, provavelmente da boca da própria Andréa. Ela não se importaria. Só queria chegar até sua sala em paz.

Mas seu caminho foi obstruído. Por um momento, a respiração de Tatiana parou. Pensou no que estava fazendo ali. Não devia ter ido para a escola, era um absurdo. Era óbvio que não teria paz. Levantou os olhos e logo viu quem estava à sua frente, por mais que já imaginasse. Andréa e suas amigas riam dela.

— E não é que a vadiazinha sabe nadar mesmo? – zombou a grande menina. – Sabe que até achei que tínhamos nos livrado de você?

Tatiana tentou desviar, mas uma das meninas barrou seu caminho. Ela percebeu que outra faria o mesmo se tentasse ir para o outro lado. Ela não tinha opção além de ir para trás. Ela já havia enfrentado Andréa, mas isso havia sido antes dos pesadelos se intensificarem, antes do Vodianoy e de Irina. Mais do que isso, havia enfrentado Andréa por Irina. Será que estava tudo nos planos dela? A verdade é que agora ela tinha medo demais para conseguir repetir o feito.

— E então, piranhazinha de olhos bonitos, você vai só fugir? Está com medo? Acha que vamos te jogar de novo da ponte?

Tatiana continuava andando para trás, olhando para os lados em busca de alguma ajuda. Os alunos já se aglomeravam, claro, pois pareciam pressentir quando uma briga estava para começar. Mas, repentinamente, um braço envolveu Tatiana em um abraço protetor.

— Some daqui, Andréa. Deixa ela em paz.

Era Sandra. Sandra, a sua melhor amiga e confidente, aquela que nunca a deixaria sozinha. Tatiana não queria demonstrar o quão fragilizada estava, mas acabou por se deixar envolver no abraço da amiga. Ela conseguiu ver André ao lado dela.

— E só você vai me obrigar, piranha? Porque seu irmão veadinho não vai fazer nenhuma diferença.

André se adiantou, ficando de frente para Andréa. Ele tinha o telefone celular em mãos.

— Talvez eu não faça diferença, mas talvez seus pais façam, Andréa – ele disse, desbloqueando o celular; o som da própria voz atingiu Andréa como um soco, enquanto ela admitia ter jogado Tatiana da ponte. – Já foi enviado para um grupo para o áudio não ser perdido caso o celular se quebre “acidentalmente”. Acho que o diretor pode gostar de ouvi-lo, não acha? Ou quem sabe a polícia? Você repetiu de ano muitas vezes, Andréa, acho que já deve ser maior de idade para responder por isso, não?

Andréa se aproximou de André, colocando o dedo em frente ao seu rosto.

— Não tenta foder comigo, seu veadinho, você não sabe quem eu conheço e que poderia te dar sumiço.

— Que bom, então deixa a menina em paz e ninguém precisa ferrar ninguém. Cada um para o seu lado.

Andréa cuspiu no chão em frente a André, mas não fez mais do que isso. Virou suas costas para os três e foi embora. Ele olhou para Sandra de forma silenciosa e ela entendeu o recado. Havia acabado por ali, era hora de levar Tatiana para a aula.



O dia passou rápido para Tatiana. Verdade seja dita, ela prestou muito pouca atenção no que os professores tinham a dizer. Sua cabeça estava perdida em outras preocupações. Sandra esteve ao lado dela durante todo o tempo, mas não sabia o que dizer à amiga, então o dia foi mais silencioso até mesmo entre as duas confidentes. Não que Sandra acreditasse que houvesse algo a ser dito. O que ela diria? “Olha, amiga, sei que está passando uma fase difícil com os fantasmas trazidos pelos seus ancestrais, mas fica forte, tudo bem?” Na cabeça da menina simples de origem Terena, mas filha do mundo atual, tudo aquilo não passava de loucura.

As coisas não melhoraram muito no intervalo. Sandra e Tatiana continuavam lado a lado,

mas o silêncio entre elas era constrangedor. Logo Iara e Beatriz se juntaram a elas e Sandra aproveitou a chance para conversar sobre assuntos normais, típicos de meninas da idade delas. Até houve tentativas de trazer Tatiana para a conversa, mas ela não conseguia pensar naquilo naquele momento. Perguntava-se se um dia voltaria a se interessar pelos mesmos assuntos que elas. Moda, música, rapazes, baladas... tudo aquilo parecia tão distante naquele momento, como se talvez nunca mais voltassem a fazer parte de sua vida. Para não incomodar a conversa de suas amigas, ela preferiu ir até a cantina comprar refrigerante.

Um momento de descuido. Com tantas preocupações passando simultaneamente pela sua cabeça, ela acabou por esquecer a principal delas. Antes que conseguisse chegar à fila da cantina, acabou se encontrando diretamente com Caetano e Irina.

— E olha quem encontramos aqui. Pensei que já tinham te internado em um hospício.

Tatiana olhou para os lados buscando ajuda enquanto Irina ria. Caetano parecia um tanto desconfortável com a situação, mas se mantinha abraçado à sua nova namorada.

— Como você está pálida, querida. Parece que viu um fantasma. Ou será que está com medo de alguma coisa? – virou-se para Caetano. – O que foi que você viu nela mesmo?

Caetano olhou para Tatiana, mas ela não sabia dizer o que o rosto dele queria dizer. Não sabia se expressava desprezo, pena ou apenas confusão. No final, ele puxou Irina pelo braço, tentando ir embora.

— Vamos. Temos mais o que fazer para nos preocuparmos com ela.

Mas Irina o segurou. Continuava olhando Tatiana nos olhos, os azuis fitando os verdes.

— Vamos depois que ela disser do que tem tanto medo. Será que finalmente percebeu que não importa o quanto seu reino encantado seja protegido, o mundo fora de sua casa ainda é perigoso?

Tatiana não conseguia responder Irina. Estava assustada demais para isso. Ela sabia que poderia encontrá-la na escola, mas a sensação quando realmente ocorreu era muito mais aterrorizante do que ela pensava. Suas mãos transpiravam e ela não conseguia fazer nada a não ser andar para trás. Estava prestes a sair correndo, mas André parou ao seu lado.

— Acho que todos temos nossos refúgios. Alguns mais seguros que outros. Sabe como é, um refúgio protegido pelo Domovik está mais seguro do que uma toca no fundo de um rio está do Vanuno...

A expressão de Irina se transformou do sarcasmo debochado para puro ódio, mas Caetano interviu.

— Do que está falando, seu veado? Quer que eu quebre sua cara para me explicar?

André pegou Tatiana pelo braço e a puxou, não sem antes se virar para Caetano.

— Pergunte à sua namorada. Isso se ela tiver uma resposta.

Os dois se afastaram rapidamente da outra dupla. Caetano os acompanhou com um olhar

confuso, mas o de Irina assustava até mesmo André. Algo precisava ser feito para deter aquela criatura ou ela se tornaria um problema ainda maior, ele tinha certeza disso. Quando estavam longe o bastante, Tatiana tentou agradecê-lo.

— André, muito obrigada de novo. Eu não sei o que faria sem...

— Ou você é a pessoa mais imbecil do mundo ou é a que tem mais coragem – interrompeu André. – O que não faz diferença nenhuma na prática, uma vez que o excesso de coragem também pode ser burrice nesse caso. Eu não disse que estaria segura na sua casa?

— Sim, mas eu não queria ficar me escondendo deles para sempre. Eles achariam que estou com medo!

— Acabou de dar uma bela demonstração de que não está – completou ele, emburrado. – Bom, eu tenho novidades para você. Você foi aceita na Oheokoti.

— Na quê?

— Oheokoti. É a nossa festa mais sagrada. Lá você poderá encontrar a cura e o que te protegerá dessas coisas que vocês trouxeram para cá.

Tatiana não conseguiu esconder a alegria. Pulou sobre André, abraçando-o.

— Meu Deus, André, muito obrigada! Muito obrigada! Muito obrigada mesmo! Nem sei como agradecer por tudo o que tem feito por mim!

— Pode começar me soltando – disse o jovem koixomuneti, desvencilhando-se do abraço. – Ela ocorrerá daqui duas semanas. Você pode ir com a gente, assim estará mais segura. Não estou fazendo nenhuma promessa ou garantindo nada. Estou apenas oferecendo a possibilidade de se encontrar com quem realmente pode te ajudar. Você entende isso?

— Sim – ela assentiu. – Qualquer ajuda é bem-vinda, André, de verdade.

— Pois bem. Eu te passo mais informações nos próximos dias. Você consegue ficar longe de problemas até lá?

André se afastou de Tatiana quando a sua irmã chegou. Apesar do ocorrido, ela não conseguia esconder a esperança e a mudança de humor. Ela encontraria ajuda. Agora só precisava saber o que era a Oheokoti...

CAPÍTULO XXV:

DE ALÉM-MAR

Os dias que precederam a Oheokoti passaram rápido para Tatiana. Ela se recusou a deixar de frequentar a escola, o que foi bem visto pelo pai. Irina não a incomodava diretamente, mas sempre sorria sarcasticamente para ela enquanto passava agarrada a Caetano, que parecia cada vez mais constrangido. Porém, era óbvio que a razão para isso era que Tatiana nunca estava sozinha. Sandra e André estavam sempre por perto, por isso a pequena garota de cabelos escuros apenas espreitava, como que esperando uma chance de um novo bote. Já André passou os dias alimentando Tatiana com informações sobre a Oheokoti, principalmente sobre os modos que precisaria demonstrar na festa indígena. Estava muito grata a tudo o que ele e sua avó estavam fazendo por ela. Em nenhum momento ele citou a grosseria da sua mãe, mas ela estava profundamente envergonhada por aquilo. Pensava em como poderia compensar aquele constrangimento quando tudo acabasse. Já Sandra continuava ao seu lado, por mais que achasse difícil acreditar em tudo aquilo. Tatiana tentava agir normalmente junto a ela e suas outras amigas, mas era difícil evitar que o assunto surgisse quando estavam sozinhas, o que gerava longos momentos de silêncio entre as duas. Por mais que se esforçasse, Sandra não conseguia evitar a descrença.

Na sua casa, as coisas mudaram pouco. Uma vez mais houve um relaxamento sobre sua condição. Ela estava acostumada com isso. Era normal na sua infância alguém ficar doente, atrair a preocupação de todos, mas esquecerem de procurar os médicos ao menor sinal de melhora. Afinal, para que ter trabalho – e gastos – se estava passando, não é? A suposta melhora de Tatiana permitiu que os ânimos se acalmassem um pouco, ainda que nunca voltassem totalmente ao normal. Mas o que era pior, ao menos no seu ponto de vista, era não saber como dizer aos pais que iria em poucos dias para uma cerimônia indígena. Com certeza sua mãe teria um colapso, embora ela duvidasse que o pai também permitisse. E por não saber como avisá-los, Tatiana passava os dias ansiosa, como que esperando um momento certo que nunca chegaria. No final, ela tinha certeza que seria proibida de ir e precisaria fugir mesmo. Além disso, havia uma outra preocupação, ainda mais recorrente: ela deveria usar magia indígena para lidar com seus fantasmas estrangeiros?

E essas preocupações muitas vezes se tornavam visíveis. Era normal que Tatiana passasse tardes inteiras trancada no seu quarto, perdida apenas em seus pensamentos, medos e planos de fuga. E obviamente esse comportamento não passaria em branco. Em uma dessas tardes solitárias, ela percebeu a porta do seu quarto se abrindo.

— Vai acabar criando mofo, moya devushka.

Era sua avó. Sua querida avozinha, que sempre se preocupou tanto com ela. Tatiana podia estar em um momento ruim e com um péssimo humor, mas nunca a trataria mal.

— Desculpa, baba, mas não tenho muito o que fazer lá fora.

— Não tem muito o que fazer lá fora? Mas isso é um absurdo. Está sol e calor. O dia está bonito. Eu só aceitaria isso se a gente ainda vivesse lá na Terra Mãe, quando de vez em quando a gente tinha um metro de neve na porta de casa e um vento de gelar o osso. Aqui não tem desculpa.

Tatiana sorriu para a avozinha, enquanto encolhia as pernas para que ela se sentasse na cama.

— Eu acho muito bonito como vocês se referem ao lugar de onde vieram. “Terra Mãe”. Todos os russos faziam isso na sua época, baba?

— Ah, eu não sei, devushka – riu Kátia. – Faz muito tempo. Fomos criados falando assim, mas faz muito tempo. Acho que ninguém mais deve falar assim na Rússia hoje, mas entre a gente acaba escapando.

— Mesmo porque aquela região não é mais da Rússia, acho – Tatiana disse, pensativa. – Agora é Ucrânia, ao que parece. Ou voltou a ser Rússia, sei lá, lugar mais complicado.

A velha Kátia riu.

— Sempre foi. Mas veja, as fronteiras nacionais são uma coisa, as fronteiras de língua são outra, as fronteiras de proximidade são ainda outra. Quando saímos de lá, já havia sangue ruim entre russos e ucranianos, já havia rivalidade entre eles. Mas na minha região éramos russos, duas quadras adiante eram ucranianos. Nós falávamos as duas línguas, comprávamos uns dos outros, víamos nossas crianças brincar juntas e, até onde lembro, contávamos histórias parecidas e cantávamos canções parecidas. Então acho que pouco importa se hoje é Rússia ou Ucrânia, para mim sempre será “Terra Mãe”, assim como essa terra deveria ser para vocês.

Tatiana manteve o sorriso. Conversar com sua avó fazia muito bem para ela, principalmente naquele momento de tensão.

— Deve ter sido difícil deixar tudo o que conheciam para trás, não foi?

— Foi. Foi muito difícil. Não só a terra, afinal, nem sempre tínhamos tudo o que precisávamos. Tivemos períodos de fome. Os alemães tinham partido, mas o regime soviético havia voltado a ser parte das nossas vidas. Nós não o entendíamos, mas nos diziam que era um regime feito por trabalhadores e para os trabalhadores. Nós acreditamos nisso, acreditamos que seria bom. Afinal, como não podia ser bom se era feito para os trabalhadores? Havia os que não acreditavam, mas nós não os entendíamos também. Éramos pessoas simples, trabalhadores rurais, industriais. Não sabíamos nada sobre política, isso era coisa de gente culta, das cidades grandes. Enquanto as pessoas do leste apoiavam o regime soviético, as pessoas do oeste o condenavam. Não pensávamos que poderia ser tão ruim. Nossa história, pelo que sabíamos, era

sempre feita de muitas discordâncias. Mas então os soviéticos começaram a levar embora as pessoas que discordavam e falavam contra o regime. Diziam que as levavam para o norte, para lugares que seriam considerados frios até para nós, para prisões e campos de trabalho. Nós não entendíamos, mas não parecia certo. O regime não era para os trabalhadores? Aqueles homens não eram trabalhadores? O que importava então que discordassem? E a vida não era um conto de fadas. O regime podia ser para os trabalhadores, mas não tornava a vida mais fácil. Passamos fome em vários invernos, ainda que o governo sempre dissesse que não nos faltaria nada. De fato, não faltava para evitar a morte, mas não havia para desfrutar a vida. Foi quando decidimos ir embora.

Tatiana já tinha ouvido aquela história, mas ela não se opôs a ouvir de novo. Ela sabia que contá-la fazia bem para a sua avozinha.

— E como foi isso, vovó?

— Bom, a gente sabia que muitas famílias tinham partido para a América durante a guerra. Naquela época era mais fácil, com toda a convulsão e insegurança. Mas na minha época, a guerra já tinha acabado e precisávamos tomar cuidado. Mas tomamos mais cuidado para não esquecer quem éramos. Nenhum de nós realmente queria ir, mas a vida nos obrigou. Nós nos despedimos de amigos, parentes, amores, com promessas de que nos reencontraríamos, mas que sabíamos não serem verdade. Pais se separando de filhos, casais recém-casados, pessoas que se conheciam a vida toda e que não conheciam ninguém mais. Decidimos que não apenas partiríamos, mas que carregaríamos a nossa terra o melhor que pudéssemos conosco. Fizemos uma grande festa, uma como nunca havia sido feita. Ela unia todas as nossas tradições, para que partíssemos com elas frescas em nossos corações. A Maslenitsa já havia passado, mas ainda saltamos as fogueiras, nos mascamos e dançamos. Ainda faltava muito para a Noite de Kupala, mas acendemos as velas e as colocamos para navegar, decoradas em flores. E as jovens, tão lindas com as coroas de flores nas cabeças, enquanto os rapazes vestiam suas roupas mais tradicionais. E contamos todas as nossas histórias ao longo da noite, guardando-as em nossos corações jovens. Guardamos porque não eram só histórias. Elas eram as lembranças que traríamos de nossos pais e avós, de pessoas que nos conheciam desde o nascimento, mas que não veríamos novamente até a morte. Podíamos encontrar novos lares, mas nunca poderíamos substituir as pessoas, por isso essas lembranças eram tão importantes – Kátia parou por um momento, com os olhos azuis cheios de lágrimas. – Eu não devia estar falando disso para você, minha filha, sua mãe já me proibiu...

Tatiana pegou as mãos da velha senhora e olhou diretamente nos seus olhos.

— Você nunca me faria mal. Nem você, nem nada que contasse – ela não tinha certeza de que era verdade, mas nunca deixaria que sua avozinha tivesse dúvidas. – Estou ouvindo porque quero e agora quero ouvi-la até o final.

Kátia enxugou os olhos e sorriu para a neta. Então continuou.

Naquele dia até os soldados soviéticos beberam e festejaram com a gente. E eles eram nossos pais, filhos, sobrinhos, primos, vizinhos. Apesar das leis duras, sempre era possível conseguir uma rota de fuga. Com alguns documentos arranjados, e toda a bebida e cansaço do dia anterior, conseguimos entrar em um navio de cargas que nos levou até o Mar Negro. Apenas um punhado de famílias. Nós chorávamos enquanto víamos a costa e tudo aquilo o que éramos se afastando. Havia o temor de que os barcos militares nos parassem, mas não aconteceu. A viagem correu tranquila, quase como se fôssemos abençoados no caminho. Algumas crianças até diziam que viam as russalki, as mulheres d'água, nadando nas águas do Dniepre até chegarmos ao Mar Negro; outras diziam que viam o rosto de um severo, mas gentil, homem barbado nas águas. E acho que acreditávamos nisso tanto quanto elas.

Logo chegamos à Bulgária, onde parte da carga foi descarregada e mais famílias surgiram, mais famílias desesperadas que deixavam suas vidas em troca da esperança em um novo mundo. Nem sempre nos entendíamos e nem falávamos a mesma língua, mas cantávamos nossas canções, eles cantavam as deles, partilhávamos nossas histórias. Apesar da dificuldade com o idioma, sempre havia algum viajante ou pessoa estudada que falava a língua do outro. E logo as crianças, tanto de origem russa, ucraniana ou búlgara, estavam falando das mulheres d'água que nos acompanhavam da costa.

Então veio a passagem pela Turquia e a Macedônia. Famílias turcas se juntaram a nós, ainda mais diferentes que as búlgaras, com religião diferente, mas que também tinham esperanças e também cantavam. E naquele momento as noites no navio eram recheadas de canções em russo, ucraniano, búlgaro e turco, cada um no seu canto, mas todos com as mesmas esperanças. As crianças se davam melhor umas com as outras, e não era incomum voltarem contando histórias de espíritos da areia que eram feitos de fogo, bem como de gênios nos quais os antigos navegadores punham confiança para ter vento, mesmo que nosso barco não fosse à vela. Quando finalmente chegamos ao Egeu, recebemos famílias gregas. Naquele momento, o barco finalmente estava ficando cheio. Gregos e turcos não se gostavam, e o clima ficou mais azedo. Ainda assim, as crianças continuavam se misturando e falando sobre mulheres d'água na costa, bem como agora surgiam histórias de cavalos formados pelas ondas do mar.

Então entramos para o Mediterrâneo e a viagem finalmente começou a ficar longa. Já não tentávamos mais conversar uns com os outros, apenas entre os nossos, e olhávamos uns aos outros com desconfiança. Eu não entendia o porquê. Pelo que todos diziam, já estávamos fora do território soviético, não corríamos mais risco. Mas o medo e o receio deram lugar à desconfiança e ao preconceito. Não cantávamos mais, a não ser as crianças. Adoecemos. Muitos, de todos os povos amontoados naquele navio, não sobreviveram à travessia do Atlântico. Mas as crianças sempre voltavam a nós, lembrando-nos de nossas canções e cantando novas, muitas vezes em idiomas que nem elas entendiam direito.

Acho que tudo o que passamos no navio foi uma preparação para quando chegássemos ao Brasil. Se não conseguíssemos viver com um punhado de famílias de três, quatro povos diferentes, como viveríamos aqui, com centenas deles? Estávamos tão preocupados com ‘nós e eles’ e esquecemos que todos ali queriam as mesmas coisas, sonhavam sonhos semelhantes. Estávamos tão preocupados em manter nossas canções que nem nos preocupamos em saber se as canções deles eram belas. Acho que as crianças deram o melhor exemplo naquela viagem. Quer dizer, não esquecer nossas canções não significava que não poderíamos aprender novas, não é?

Tatiana olhou sorrindo para sua avó, com uma certa diversão nos olhos, mas com o sorriso mais honesto do mundo.

— Com certeza, dona Kátia. Mas me corrija se eu estiver errada, mas na época dessa viagem, você era criança ainda. Não lembra de nenhuma canção búlgara, turca ou grega para cantar para mim?

E aquela tarde foi passada assim, ouvindo melodias do qual a velha Kátia só se lembrava parcialmente, lembrando ainda menos das letras das canções. E aquilo fez um enorme bem para as duas. Para a velha Kátia, havia o retorno a tantas sensações e momentos da sua juventude. Para Tatiana havia a resposta para um de seus dilemas. Não esquecer as próprias canções não significa que não possa aprender novas.

CAPÍTULO XXVI:

OHEOKOTI

O dia da Oheokoti chegou com uma grande carga emocional para Tatiana. Ela sequer conseguiu dormir na noite que a precedia, tamanhos eram sua ansiedade e temor. Justamente por não saber o que a aguardava, ela se enchia de esperanças, mas também tinha medo do desconhecido, tanto a ponto de desejar que o dia não chegasse. Afinal, a sua casa estava segura e nada grave havia ocorrido nos últimos dias. Irina continuava na escola, exibindo Caetano como um troféu, mas não havia sequer voltado a dirigir a palavra a ela. Apesar dos olhares gélidos, a garota realmente se sentiu tentada a esquecer o assunto. Ela poderia viver com olhares frios. Mas a verdade é que ela sabia que não podia evitar. Irina não permaneceria para sempre apenas lançando olhares, enquanto Tatiana não podia passar a vida inteira apenas indo e voltando da escola, com o pai a levando e buscando. No final, ela precisava passar pela Oheokoti. Ela tinha dúvidas de que o rito indígena poderia realmente fazer alguma diferença; na verdade, até tinha medo de que ela caísse irremediavelmente nos caminhos da loucura se participasse daquilo. Apesar de tudo isso, ela sabia que algo precisava ser feito.

Ela convenceu os pais a deixá-la dormir na casa de Sandra. Foi difícil para a mãe, mas o pai e a avó conseguiram convencê-la. Sansone conhecia o pai de Sandra e tentou trazer o máximo de segurança possível para Sônia, ainda que nem sempre do melhor jeito. No final, convenceu a esposa alegando que era impossível que André tivesse interesse em Tatiana.

— Não faz sentido, Sônia, o guri é veado. É só olhar para ele, para o jeito dele. Teria mais medo do Ivan perto dele do que da Tatiana.

Apesar de aquilo ter convencido a mãe, fez com que o sangue de Tatiana fervesse. Ela só não explodiu com o pai naquele momento porque precisava da permissão para ir até a casa de Sandra. Era uma mentira, claro. Assim que Sansone tivesse partido, iriam para a Oheokoti. Ela não duvidava que o pai de Sandra contaria isso para ele na semana seguinte, mas até então tudo já estaria feito. Assim, ela ficou o caminho todo apreensiva e nervosa na caminhonete do pai. Ele chegou a pedir desculpas por ter usado o termo pejorativo com o qual se referiu a André, imaginando que a filha o estava recriminando novamente por seus preconceitos. Ela se aproveitou das desculpas para justificar o mau humor e para permanecer em silêncio ao longo do caminho. Porém, quando a caminhonete parou em frente à casa de Sandra, ela sentiu o seu coração apertar. Olhou para o pai. Ela sabia que, no momento em que descesse do veículo, não haveria volta. Ela tinha tanto medo. Não sabia se voltaria. Não conseguiu se despedir da mãe, da avó, do irmãozinho. Todos aguardavam a sua volta no dia seguinte. Seu pai pareceu perceber sua angústia e a abraçou.

— Tatiana, você tem certeza? Quer voltar para casa comigo? Tenho certeza que a sua amiga vai entender.

Ela abraçou o pai com força. Apesar das lágrimas que vieram aos seus olhos, ela não se permitiu chorar abertamente. Seu pai não podia perceber quanto medo ela tinha. Então, lutando mais consigo mesma do que com o pai, ela se desvencilhou do abraço, olhando-o com um sorriso tão cansado e triste quanto o dele.

— Sim. Eu preciso desse tempo.

Ele assentiu. Assim, ela desceu do carro com a mochila nas costas. Contudo, ela ainda hesitou por um momento perante o portão. Olhou para trás.

— Pai?

A caminhonete já fazia o seu caminho. Ela a viu se afastando. Ela queria dizer para o pai que o amava. Nunca parecera algo importante para ela, mas naquele momento era tudo o que queria. Mas a caminhonete se afastava. E ela se virou novamente para o portão e tocou a campainha.



Sandra a recebeu em casa, amiga como sempre. Ela a levou para dentro e Tatiana pôde perceber que André e Isildinha estavam prontos também, com mochilas bastante carregadas. André parecia tão nervoso quanto ela. Não era a sua primeira Oheokoti, mas era a primeira em que participaria como Koixomuneti. Já a velha índia Terena continuava com a aparência severa e silenciosa. Eles aguardavam outra carona, que estava para chegar, para levá-los até a aldeia Terena. Ela não ficava longe da cidade, mas também não era perto o bastante para irem a pé. Tatiana, ao olhar para as mochilas, percebeu que não havia uma para Sandra. Ela olhou para a amiga com um olhar de susto e palavras não foram necessárias para que esta a entendesse.

— Eu não vou, gata. Desculpa, mas vai precisar encarar essa sem mim.

— Mas Sandra... você é a única pessoa que conheço lá... a única que confio... e vai me deixar sozinha assim?

— O “lá” não é meu lugar. Desculpa, mas eu não tenho talento pra essas coisas estranhas. Na verdade... – Sandra falava escolhendo as palavras com cuidado, mas não escondia a tristeza – na verdade, eu preferia as coisas como eram antes, quando não tínhamos essa preocupação. A escola, as meninas, os meninos, a Marlú, eu podia lidar com tudo isso. Mas com isso agora... com isso eu não consigo. Meu sangue pode ser Terena, mas eu sou só uma garota normal de uma cidadezinha. E vendo você agora, percebo que não quero ser outra coisa.

Tatiana estava perplexa e não sabia o que dizer. Mas Sandra foi até ela e a abraçou.

— Minha avó e meu irmão estarão com você. Eles te trarão de volta. Só volte a ser quem você era. Por favor, não volte sem isso...

Tatiana demorou a responder o abraço, mas finalmente encontrou dentro de si a coragem para isso. Abraçou fortemente Sandra, tentando demonstrar confiança à amiga.

— É para isso que estou indo, gata.

O caminho até o local onde ocorreria a Oheokoti não foi dos mais fáceis. Logo uma caminhonete, ainda mais velha que a do seu pai, chegou, buzinando na frente da casa de Sandra. André, Isildinha e Tatiana se despediram da amiga. Seus pais, muito religiosos, obviamente não aprovavam que o filho fosse para essa reunião, por isso sequer foram se despedir. Se André sentia algo por isso, não demonstrava. A caminhonete estava cheia, sendo que eles tiveram que subir na traseira para conseguir ir. Algumas pessoas já se sentavam ali também, todas de clara origem indígena ou mestiça. Elas ajudaram Isildinha a subir na carroceria e então o caminho se iniciou. Não foi preciso muito para saírem da cidade, mas os quilômetros de estrada de terra batida e poeira em meio a plantações e matagais deixaram Tatiana nervosa. Contudo, nenhum dos indígenas parecia incomodado com o percurso, então ela tentou relaxar. Após mais de uma hora de estrada mata adentro, eles finalmente chegaram à aldeia.

Ela era muito diferente do que Tatiana esperava. Na verdade, não fosse por algumas poucas construções tradicionais, ela nunca imaginaria que aquilo era uma tribo indígena. Havia casas de alvenaria, a grande maioria muito simples, boa parte faltando o reboco nas paredes. O chão era de terra e crianças corriam ao longo do lugar, sujas e usando shorts e bermudas, a grande maioria descalças. Os telhados eram de palha em sua maioria, mas alguns eram de telhas velhas e quebradas. Algumas mulheres vestidas com vestidos simples e lenços nas cabeças carregavam água para as casas. Não parecia haver saneamento básico adequado. Os homens andavam pela terra, a maioria sem camisa, apenas usando bermudas e chinelos. A energia elétrica chegava até a aldeia, mas não a todas as casas. O olhar de Tatiana ao redor não escondia uma grande decepção. Ela não esperava encontrar tamanha pobreza ali. A situação parecia até pior do que nas áreas mais pobres do faxinal onde crescera. Uma sensação de insegurança crescia dentro de si. Insegurança e desgosto. Ela já tinha ouvido falar que a vida nas comunidades indígenas não era fácil, mas realmente não era aquilo que esperava.

A situação piorou quando Isildinha a pegou pelo braço, apontando uma grande cabana à frente. Ela entendeu que era para lá que deveriam ir. Por que ela simplesmente não falava português? As duas começaram a caminhar naquela direção, até que Tatiana percebeu que André não ia junto. Estava indo em outra direção, para uma espécie de tenda aberta e enorme, com quatro pilares de bambu ao redor. Isildinha percebeu a aflição da menina, e falou pela primeira vez na língua dela:

— O menino vai participar dos processos dos homens. Você vai participar dos das

mulheres. Cada um tem seu próprio trabalho, cada um tem sua própria mágica.

Sem sua família, sem Sandra, e agora sem André. Tatiana estava realmente preocupada e bastante arrependida de ter aceitado. Infelizmente, parecia tarde demais para desistir. Ela foi guiada pela índia de aparência severa até a grande cabana – praticamente um galpão – com teto de folhas de palmeira, onde se reuniam diversas mulheres. A maioria delas já passava dos cinquenta anos, havendo pouquíssimas jovens, embora ela não pudesse afirmar com certeza dentro daquele ambiente escuro, abafado e cheio de fumaça de tabaco e da fogueira acesa no centro. Ela tossiu e seus olhos começaram a lacrimejar com a fumaça. Isildinha apontou para uma esteira no chão e Tatiana se sentou, com a velha índia do lado.

— Aqui é a tenda das mulheres. É aqui onde trabalhamos os mistérios que só as mulheres conhecem. É aqui que você será preparada.

Ela olhou ao redor. As mulheres se sentavam em roda, mas afastadas da fogueira, todas um tanto nas sombras da grande cabana. Algumas estavam tecendo algo com palha, principalmente as mais jovens. Outras estavam mexendo algo em jaras de cerâmica finamente trabalhada; após algumas mexidas, as jaras começaram a ser passadas entre as mulheres do círculo. As mais velhas cantavam uma melodia estranha que não parecia ser em qualquer língua, enquanto giravam e agitavam chocalhos de cabaça. Pela roda também eram passados cachimbos grandes e fumegantes e todas pitavam profundamente antes de passá-los para as outras. Isildinha pegou uma quantidade de palha preparada em uma pilha e entregou para Tatiana.

— O que eu faço com isso?

— Esteira. Não tem habilidade para trabalhar parede ou teto com palha, então comece com uma esteira – apontou para a esteira onde ela estava sentada. – Olha como ela é feita e faça igual – apontou para uma menina jovem que tecia com palha. – Olha como ela faz e faça igual.

— Mas eu nunca fiz isso na vida!

— Você tem olhos e tem mãos. Então você consegue fazer. Vamos!

Enquanto isso, Isildinha pegou um chocalho e ela mesma começou a girá-lo e a cantar a mesma melodia que as outras mulheres. Tatiana, por sua vez, não entendia a razão de ela precisar fazer aquilo. Começou a tentar trançar a palha a partir das formas que via na esteira em que estava sentada, mas cada vez que acreditava estar fazendo algo certo, se perdia e precisava começar de novo. Após alguns minutos, uma das jaras de cerâmica que era passada em círculo chegou às suas mãos e Isildinha mandou que ela bebesse. Ela sentiu o gosto forte queimando pela sua garganta e aquecendo até o estômago. Quase derrubou a jarra enquanto se contorcia e fazia caretas, mas finalmente a passou para Isildinha.

— Meu Deus do céu, o que é isso?

— Cachaça com mel – respondeu Isildinha, desconsiderando o desconforto da jovem.

— Cachaça? Eu sou menor de idade, sabia?

— Sabia. Por isso não deve beber.

— Então por que me mandou beber?

— Porque hoje não é um dia normal. Você está na tenda das mulheres. Aqui você age como mulher, não como criança. Agora volte ao trabalho.

E se levantou para jogar algumas ervas de cheiro forte na fogueira. Logo sua fumaça se espalhou pela cabana, tornando os aromas ainda mais agudos para Tatiana. Ela sentia um peso no estômago, ocasionado pela forte bebida alcoólica consumida. Lembrava do que os adultos diziam, de que bebida não combinava com estômago vazio.

— Escuta, não vamos comer não? Eu não tomei café da manhã.

— Vamos. Na hora certa. Até lá, você trabalha.

E voltou a girar o chocalho de cabeça e a murmurar a melodia. Tatiana sentia a barriga queimando, mas sabia que qualquer discussão seria inútil ali. Tentou observar como as outras jovens trabalhavam e tentou imitar. Inicialmente não teve sucesso, mas após sucessivas tentativas, parecia que ia aprendendo aos poucos a tecer a palha em algo parecido com uma esteira. Então veio o cachimbo. Ela olhou para Isildinha, mas o olhar em resposta dizia que não haveria discussão. Ela tragou o cachimbo e logo tossiu. Sentiu o mundo girar, mas tentou se recompor. A velha índia já havia retirado o cachimbo de sua mão, enquanto ela continuava tossindo. Percebeu que não devia ter tragado, mas não tinha experiência com essas coisas. Demorou para se recuperar, mas deu de cara com o olhar da avó de Sandra. E voltou a tecer a esteira.

Não saberia dizer quanto tempo ficou por ali. Só sabia que o trabalho era difícil e complexo, mas foi ficando gradualmente mais fácil e, em algum momento, era quase automático. Também não sabia dizer em que momento começou a murmurar a melodia junto com as outras mulheres. O cachimbo e o jarro passaram por ela outras vezes, todas causando os mesmos efeitos desagradáveis, mas percebeu que o trabalho a desviava das sensações. A tenda era escura e abafada e ela transpirava muito, assim como todas as mulheres lá dentro. A fome incomodava também, embora ela se esforçasse para não pensar naquilo. Em algum momento da tarde, ela sentiu a cabeça ficando leve e uma tontura a atingiu. Ela imaginou que fosse sua pressão caindo, mas olhou ao redor e viu que todas as mulheres ali continuavam seus trabalhos. Algumas balançavam as cabeças, outras pareciam esgotadas de cansaço, todas banhadas em suor, mas nenhuma parava seus afazeres. Ela decidiu que não pararia também e voltou a tecer e a cantar.

A luminosidade que vinha da porta já começava a diminuir quando a primeira jovem se levantou. Ela parecia ter terminado sua esteira. Deixou-a no chão e começou a andar ao redor da fogueira, com o corpo curvado e batendo o pé no chão. Ela seguia o ritmo da canção que as outras mulheres murmuravam. Ao vê-la, as outras começaram a cantar mais alto, mesmo que não parassem o trabalho. Não demorou para que mais uma mulher se juntasse a ela. Alguns minutos

depois, mais outra. Enquanto o dia escurecia lá fora, as mulheres começavam a sua dança do lado de dentro. Tatiana nem percebeu quando abandonou a esteira e foi para a dança. Elas dançavam de uma forma no círculo em sentido do sol, dançavam de outra forma no sentido anti-horário. No sentido horário, batiam os pés e cantavam a melodia antiga, girando ao redor da fogueira. No sentido anti-horário, se abraçavam em roda, aproximando-se do fogo, batendo os pés. E variavam entre uma forma e outra. E Tatiana já não conseguia pensar em nada. Quando dançava o sentido horário, era tomada por um êxtase único, uma vontade de ser o próprio movimento, esquecendo-se de tudo aquilo que a atormentava, sentindo-se forte e capaz de tudo, sua cabeça leve e os pensamentos fluindo. Quando dançava o sentido anti-horário, era como se um choque a atingisse, mas não a incomodava, sentia a energia das mulheres ao seu redor, sua própria força e suas próprias inseguranças sendo absorvidas pela terra; era como se uma força poderosa corresse através delas, fortalecendo-as e que continuaria a correr enquanto dançassem daquela forma, abraçadas, unidas e cantando.

Tatiana não saberia dizer por quanto tempo dançou. Sentiu que foi retirada da dança com o corpo formigando e cheio energia e então sentada em frente à mulher mais velha. A indígena, que parecia tão frágil, pegou uma cuia com um unguento vermelho escuro e pintou seu rosto com uma mão firme, desenhando padrões geométricos na pele pálida. Então finalmente foi permitido que ela tomasse um copo de água. Ela se sentou ao lado de Isildinha, ainda tremendo e formigando.

— A esteira ficou boa?

— Não – respondeu Isildinha, sem olhar para Tatiana. – Mas ficou boa para quem nunca fez uma.

Tatiana olhou e percebeu que poucas mulheres ainda dançavam. A maioria estava pegando as esteiras e objetos e levando para fora da cabana.

— Vamos para fora agora?

— Vamos – respondeu Isildinha, enquanto cachimbava. – Agora que seu corpo e seu espírito estão preparados, é hora de realmente buscar a sua cura.

Capítulo XXVII: A Dança Entre os Mundos

Elas saíram do galpão. Do lado de fora, naquela que parecia ser uma cabana aberta e sem paredes, os homens também preparavam algo. Alguns já dançavam ao redor de uma fogueira, muito maior do que aquela que estava na cabana das mulheres. Dançavam e cantavam, usando chocalhos iguais aos das mulheres. As melodias eram outras, o ritmo era outro, a dança era outra. Em alguns momentos, os homens deixavam a roda e ficavam todos de frente para um dos quatro pilares de bambu, dançando, cantando e tocando, mas sem sair do lugar. Então voltavam para a roda e retomavam a dança. O corpo de Tatiana ainda vibrava e ela via aquela dança agora com uma grande fascinação.

André se aproximou dela e de Isildinha, carregando um jarro de bebida. Ele agora estava vestido com uma saia branca de tecido e um cinto ornamentado que a prendia. O torso nu mostrava a magreza do garoto, mas a sua postura e as pinturas colocavam uma inegável imponência a ele. Ele olhou para ela e para a avó, mas Isildinha foi a primeira a falar.

— Ela vai dançar?

— Vai – ele disse, enquanto olhava para Tatiana. – Essa jornada não pode ser feita por nós. Só podemos abrir a porta. Ela mesma terá que fazer o caminho – ele entregou a ela o jarro. – Antigamente, seria o chichi, uma bebida sagrada feita de milho e mel. Hoje, improvisamos.

— Eu já bebi na cabana das mulheres – ela disse, pegando a garrafa. André apenas olhava sério para ela. Um gole generoso e uma careta. De fato, aquilo era ainda mais forte que a anterior. Mais adocicado, mas também mais forte. Sentia a garganta queimar, a língua amortecer e o calor na barriga. Repentinamente, ela se sentiu enjoada. Muito enjoada. Não havia comido nada durante o dia inteiro e só havia colocado a estranha mistura de bebida e mel para dentro do corpo. Sua cabeça rodava e ela tinha dificuldades em se equilibrar. Ela quase podia dizer que era a sensação de estar bêbada, mesmo que nunca tivesse estado assim antes.

André a pegou pelo braço e a levou em direção a um dos pilares de bambu que sustentavam a cobertura de folhas de palmeira. Ele era todo marcado com um padrão de desenhos geométricos, mas nada que ela entendesse o que significava.

— Esse pilar é o portão do leste. Ele se volta para tudo aquilo que está além das grandes águas, do Oceano Atlântico. Inclusive, a terra dos seus ancestrais. Claro, não há apenas isso nessa direção. A África e outros países europeus também estão nesse caminho. Então, quando dançarmos na direção desse pilar, tente trazer à sua mente a terra natal da sua avó. Pense na sua família, nos contos que ela te ensinou, em tudo o que te lembre essa terra. Entendeu?

— André, eu estou enjoada e com tontura. Eu não vou conseguir dançar.

— Sim, você vai. No início vai ser difícil. Depois vai piorar. Mas quando conseguir deixar essas limitações, você dançará entre os mundos. E aí poderá encontrar a resposta.

Tatiana foi colocada na roda. Algumas mulheres entraram também, o que mostrava que o momento de separação entre os processos masculinos e femininos havia acabado. A dança começou devagar, com todos de braços dados. De certa forma, impediria que a falta de equilíbrio de Tatiana a derrubasse, mas os passos batendo os pés no chão e o corpo curvado tornavam a ânsia ainda pior. Eles giraram algumas vezes ao redor da fogueira, deixando a garota ainda mais tonta, mas dessa vez ela sequer conseguia pensar em parar, uma vez que seus braços estavam firmemente segurados pelos dois homens ao seu lado – e nenhum deles era magricelo como André. Só restava dançar. Em algum momento, o qual ela não conseguiu determinar, a roda se desfez e eles começaram a dançar perante um dos pilares. Ela nem sabia qual era aquele pilar, só sabia que não era o leste, no qual tinha de prestar a atenção. Na dança eles encurvaram ainda mais o corpo, batendo os pés firmemente no chão e batendo palmas, alternando com batidas das palmas nas pernas. Tatiana fez o seu melhor para imitar os movimentos, mas o enjoo a incomodava muito. Não sabia por quantos minutos havia ficado naquela posição quando seus braços foram novamente pegos e ela foi levada de volta para a roda. Uma vez mais girando, uma vez mais perto do fogo, uma vez mais ficando tonta e começando a transpirar. De alguma forma, contudo, o enjoo pareceu diminuir, ainda que a tontura não. O pilar seguinte era o oposto ao que deveria prestar atenção, então ela deduziu que deveria ser o oeste. Eles dançaram perante o pilar, cantando enquanto batiam palmas, batiam as mãos na terra e as erguiam para o céu, tudo seguindo o ritmo da canção. Uma vez mais Tatiana demorou a se acostumar com os movimentos, mas quando achou que os estava aprendendo, foi levada de novo para a roda, para mais um momento de dança juntos, de girar e bater os pés. Veio o terceiro pilar, no qual todos soltaram as mãos e dançaram em círculos, girando e saltando ao redor com os braços semiabertos, como se imitassem o movimento de animais, como aves de rapina. Dessa vez o retorno à posição da roda foi tão natural que Tatiana se surpreendeu. Após mais uma sequência de rodas e cânticos, a cabeça dela estava realmente tonta, seu corpo tremia e formigava, mas nada além disso passava pela sua cabeça. Então veio o pilar do leste, aquele no qual ela deveria se concentrar. Na dança para o leste, eles se deram as mãos, andando para a frente e para trás, cantando e marcando o ritmo com os pés. Tatiana tentou pensar nos mitos antigos que havia escutado na infância, mas sua cabeça estava confusa e a visão trêmula.

A roda recomeçou. Apesar do cansaço, do suor, da tontura e da visão turva, ela não pensava em parar. Cantava junto com os filhos dos Guaná, cantava as melodias que eram mais antigas que a chegada do seu povo a esse continente. Dançava, pisando e marcando o ritmo, como se fizesse isso há anos. E na dança para o pilar sul, que agora ela sabia claramente qual era, ela sentia menos pressão no estômago e conseguia curvar o corpo e bater as mãos. Quando foi puxada em direção à roda, sentiu algo diferente, um vento gélido, mais frio do que jamais tinha sentido, nem mesmo na sua região sul natal. Chegou a ouvir o som do vento uivando em seus

ouvidos, mas ele logo passou quando estava novamente na roda. Então veio o pilar do oeste, em que os movimentos saudavam a terra e os céus. E pareceu a ela, durante os movimentos, ela saudava uma cordilheira montanhas, muito mais altas do que qualquer uma que ela tivesse visto no Brasil, negras e com o cume nevado. Mas quando ela piscava, percebia que apenas a aldeia estava à sua frente. E ela retornou à roda. Quando dançou a dança do pilar norte, era como se as sombras de diversos animais dançassem junto a ela, o que ela não chegou a estranhar, preferindo apenas dançar com os guarás, macacos, lagartos, coiotes e águias que vinham girar junto dela. E ela retornou à roda. Quando ela fez a dança do pilar leste, o chão parecia menos firme sob seus pés cansados e o horizonte parecia se mover em ondas. Ela percebia o grande mar na sua frente ou era apenas o resultado da sua mente esgotada?

O terceiro ciclo da roda começou e, no pilar sul, ela já não via mais uma aldeia pequena e pobre no centro-oeste brasileiro. Ela encarava as imensas campinas, pastos e prados do mundo sulista, muito além do seu Paraná natal. Ela sentia o vento frio que trazia a neve ao inverno, via os espíritos dos Kaingang, Mapuches e outras tribos indígenas do extremo sul do mundo. E ela continuou olhando enquanto dançava e cantava até que uma águia, a maior que ela já vira, voou em sua direção, uma visão tão divina quanto assustadora. E ela retornou à roda, dançando e cantando. No pilar oeste, ela via os índios de além do Chaco e do rio Paraguai, outros herdeiros da nação Guaná, separados pelas fronteiras artificiais dos brancos. Via também Guaranis, via um mundo de florestas até chegar às gigantescas montanhas do oeste, a Cordilheira dos Andes, encontrando as cidades habitadas pelos Incas e outros povos, louvando o sol na forma do poderoso Inti. E ela sentiu o calor de Inti aquecendo seu rosto, bem como a luz ofuscando os seus olhos, o que a fez recuar e retornar à roda. No pilar norte, ela viu as tribos perdidas da Amazônia, que ainda não tinham contato com o homem branco. Ela dançava e via um homem-boto dançando com ela. Ela dançava e via uma mulher d'água, tão diferente de Irina, dançando junto a ela. Uma serpente emplumada, gigantesca e gloriosa, dançava ao redor deles e do pilar, enquanto lobos e búfalos da América do Norte corriam através dos dançarinos, bem como membros de todas as tribos ao norte. Aquele lugar era um portal, uma passagem para todas as tribos do mundo. E ela retornou à roda, continuando a dançar e cantar.

Ela finalmente se voltou para o pilar leste. Ela decidiu que se concentraria em algo sólido e palpável, algo mais real do que os contos de fadas da sua infância. E eles dançaram, indo para frente e para trás, até o momento em que Tatiana percebeu novamente o mar à sua frente. Ela o encarou, como se quisesse atravessá-lo. Naquele momento, ela não sabia mais se dançava, cantava, ou estava parada. Ainda conseguia ouvir a música, sentir o ritmo nos pés, mas por algum motivo ela se via parada perante o mar escuro e noturno. Um trovão soou. Ela ficou apreensiva, mas não sentia medo. Sabia o que estava por vir. De alguma forma sabia. Ela não se assustou quando a cascavel se levantou das águas, gigantesca. Seu corpo era tão grosso quanto

um ônibus, sua cabeça se erguia mais alto que um prédio. Ela olhou diretamente para Tatiana, com metade do corpo fora das águas.

— Você sabe quem eu sou?

A voz da serpente era tão poderosa quanto o trovão que a acompanhava, mas não demonstrava agressividade.

— Você é o Vanuno, o deus das águas.

A serpente pareceu assentir.

— Eu sei o que busca. Mas não é aqui que encontrará.

— E você pode me ajudar?

— Se estiver disposta a fazer a jornada.

Ela se perguntou do que ele falava. Ela não tinha ido fazer nenhuma jornada. E se não conseguisse voltar? Chegou à conclusão que nada ali fazia sentido. Ela estava dançando ao redor de uma fogueira, possivelmente bêbada e em jejum, e do nada estava conversando com um deus indígena das águas. Sua vida havia saído dos trilhos há muito tempo. Talvez fosse o momento de abraçar esse caos. Pelo menos ali estavam se propondo a ajudá-la. Respirou fundo e assentiu. A cobra baixou a cabeça até ela.

— Suba.

E ela subiu, ainda que não soubesse direito o que estava fazendo. Logo estava navegando velozmente através do mar sentada em cima da cabeça de uma cobra gigante. Trovões soavam no céu, os relâmpagos iluminavam a escuridão quase total, e as negras ondas salpicavam seu rosto com água fria. Parecia que ela não estava mais na aldeia mesmo.

— Segure-se. Não caia – disse o Vanuno. – Se cair nessas águas, nem eu poderei levá-la de volta.

Tatiana assentiu e se segurou nas escamas gigantescas da grande serpente. Então perguntou.

— Para onde vamos?

— Encontrar seus ancestrais. Na sua terra ancestral.

Tatiana não sabia se ria ou se desesperava. Estava navegando pelo oceano em cima de uma cobra gigante para encontrar seus ancestrais. Realmente, se havia alguma lógica a ser abandonada, aquele era o momento. Optou por rir. Não uma risada comum, mas uma gargalhada. Gargalhou até o momento em que olhou para os céus negros, faiscando com raios. E nas trevas que formavam seu horizonte, ela pensou ter visto um pássaro voando. Um pássaro vermelho, gigantesco e flamejante, com uma longa cauda de penas multicoloridas. O Pássaro de Fogo. Mais um dos contos infantis da sua avó. Ela coçou os olhos, pensando que via coisas, mas apenas pôde se abaixar quando a ave flamejante passou acima dela. Ela conseguia sentir o calor e o vento quente de suas asas e se agarrou ao Vanuno para não ser jogada nas águas.

— Já disse. Segure-se.

Tatiana havia parado de gargalhar com o susto, mas logo voltou a rir. Uma risada mais contida, mas que a permitia se segurar nas escamas da cobra sem cair.

— Ok. Estamos indo para a Rússia. Quer dizer que passaremos por todo o Oceano Atlântico e pela Europa antes de chegarmos?

— Não. Os caminhos pelos quais andamos são diferentes daqueles do mundo físico. Mais rápidos. Mais diretos.

— Entendi. Nenhuma chance de conhecer Paris, certo? Bom, nem dinheiro eu tenho. Aliás, nem falo francês também...

Foi quando ela olhou à frente e viu uma luz. Parecia que havia uma fogueira acesa, uma fogueira grande e várias outras menores. Pensou que estava voltando para aldeia, mas se lembrou que ela não ficava na costa. Ou ficava? Ela sequer conseguia se lembrar agora, mas a aproximação deu a ela a certeza de que não era a aldeia Terena. Havia um festejo, mas as músicas eram diferentes. Ao invés de chocalhos, ela podia ouvir tambores, balalaikas e flautas. As melodias eram familiares aos seus ouvidos. Eram canções que ela ouvira na infância, nas festas do faxinal.

O Vanuno a levou até a costa e permitiu que ela descesse. Ela podia ver claramente. Era uma festa tradicional do seu povo. As roupas tradicionais estavam lá, usadas por homens e mulheres que dançavam ao redor da fogueira. Havia uma profusão de comida e bebida e Tatiana conseguia sentir até o cheiro dos pães, das panquecas e da carne sendo assada. Um grupo de mulheres jovens, algumas muito jovens, andou na direção deles, carregando tábuas enfeitadas com flores e velas acesas. Elas não pareciam perceber Tatiana e o Vanuno. Uma delas, muito jovem, praticamente uma criança, parou bem ao lado dela e colocou sua tábua nas águas do rio. Ficou de pé enquanto a via andar, sorrindo com uma esperança infantil. Era uma criança muito bonita, com cabelos louros trançados e olhos profundamente azuis.

— Você a conhece.

Tatiana percebeu ao seu lado um homem alto, de longos cabelos e bigodes brancos. Ele se vestia como um antigo cossaco, com uma túnica preta com arabescos em dourado, uma pesada ushanka de peles na cabeça e com uma espada pendendo pela cintura. Seu olhar para Tatiana era gentil.

— Ela é... a minha avó? – Tatiana estava incrédula.

— Sim. Muito tempo atrás. Quando ela ainda acreditava. Hoje ela ainda carrega o desejo de acreditar. Por isso ainda estou na sua casa, mesmo que não seja a mesma coisa.

— Você... tá me zoando? Você é o Domovik? Você não devia ser um duende?

O homem riu, uma risada gentil, mas de um poderoso nobre do mundo antigo.

— Duende foi a forma que assumi quando não era mais necessário. Minha importância

diminuiu, meu tamanho também – brincou ele. – Somos aquilo que é apropriado ao nosso tempo. As russalki já foram espíritos de fertilidade e bondade. O Vodianoy foi um provedor como Vanuno. Os séculos não foram gentis conosco. Alguns, como eu, se adaptam. Outros, como eles, se revoltam.

Tatiana percebeu uma mulher surgindo das águas. Nua, com a pele tão clara quanto a lua que os iluminava. Seus cabelos longos, sua beleza certamente sobrenatural. Ela dava a direção às várias pequenas tábuas luminosas nas águas, que dançavam como pequenos barcos. Ela era uma russalka, assim como Irina, mas parecia muito mais antiga, nobre e altiva do que ela. Foi o Domovik quem falou.

— Não. Ela não é como Irina. Ela é tão antiga quanto os primeiros homens a se estabelecerem nesse rio. Ela não esqueceu quem é. Olhe para ela – a mulher nadava e se divertia, rindo enquanto movimentava as tábuas com velas na água. – Isso é ser uma russalka. Uma guia e uma mensageira entre os mundos. Pena que muitas das mais novas tenham se esquecido.

O Domovik olhou na direção da festa e Tatiana seguiu o seu olhar. Ela percebeu que um grupo vinha na direção deles. Um homem que parecia não conseguir andar em linha reta cambaleava atrás. Ele tinha o cabelo e barba negros com tons de grisalho e uma aparência fria e agressiva, mas enquanto cambaleava, desaparecia atrás de alguém e surgia do outro lado com o cabelo e barba louros e aparência gentil. Um homem imenso e barbudo, vestido de armadura e com um chapéu de peles parecia liderar a comitiva, com uma mulher altiva e de cabelos trançados cor de trigo ao seu lado. Um outro barbudo, também de aparência feroz e carregando um machado vinha junto, bem como uma mulher absurdamente bela o acompanhando, uma beleza que Tatiana sequer pensava ser possível. Bela também era a adolescente que vinha do outro lado, com o cabelo louro em uma grossa trança de lado. O pássaro de fogo voava ao redor e Tatiana sabia que estava diante de algo muito antigo e solene. A mulher mais velha, com os cabelos cor de trigo e que acompanhava o homem de armadura se aproximou de Tatiana e pegou suas mãos.

— Dobro pozhalovat! Seja bem-vinda.

Olhou para a mulher. Ela tinha uma aparência gentil e maternal, com olhos cor de mel e sorriso calmo. Ao se aproximar, contudo, percebeu que seu cabelo não era apenas da cor do trigo. Ele era de fato formado por ramos de trigo, que era o que dava a forma de tranças a ele. Ela já não sabia mais no que acreditar, mas a reconheceu assim que percebeu isso.

– Você é a Mãe Terra? Matka Syra Zemlja?

Ela gaguejou ao dizer o nome, tentando se lembrar da pronúncia da avó. A mulher riu.

— Eu tenho muitos nomes. Esse é o mais conhecido. Mas pode usar o da sua língua nativa mesmo. Você não aprendeu a língua da sua avó, então deve ser difícil pronunciar os nossos nomes.

Ela olhou para o grupo que acompanhava a mulher e entendeu, embasbacada, que estava diante dos deuses dos seus ancestrais. Ela não sabia como agir perante eles, não sabia o que pensar, não sabia o que dizer. Sua voz saiu como um fio.

— Vocês vão me ajudar?

O homem cuja aparência alternava entre cabelos claros e escuros tomou a frente.

— Isso depende – sua aparência estava severa. Tinha cabelos negros, e sua voz era rouca e agressiva. – Podemos cuidar do Vodianoy. Eu mesmo adoraria esmagar aquela cabeça traiçoeira com meu martelo, mas você terá que fazer a sua parte.

— Fazer a minha parte? Do que está falando?

O homem de armadura tomou a frente. Ele era o mais alto de todos e parecia ser o líder, ainda que a primeira a falar tenha sido a Mãe Terra. O seu olhar parecia refletir o céu, as estrelas, a lua e o sol, mudando de cor, mas sempre se mostrando luminosos. Ele era o Rei dos Céus, Svarog, aquele que regia a terra dos ancestrais.

— Não estamos mais nos primórdios do mundo, Tatiana. Mesmo na antiguidade, raramente andávamos abertamente entre os homens. Ao invés disso, emprestavamos nossa força aos campeões e eles podiam vencer os grandes desafios que eram seu destino.

— Que destino? – disse Tatiana – A própria Irina disse que não tenho nada de especial!

— Todos são especiais, se assim quiserem – disse a mulher de beleza inacreditável; seus olhos eram da cor do céu e seu sorriso era debochado. – E todos temos um destino a cumprir. Se ele será memorável ou não, só depende de cada um. Se a pessoa tem uma dose saudável de vaidade ou não. E você tem.

— Lada está certa – disse o homem de armadura. – Você pode fazer isso.

— Fazer o quê? Pelo amor de Deus!

— Enfrentar o Vodianoy – respondeu ele.

Tatiana estava incrédula. Ela estava lá para pedir ajuda. E agora queriam que ela enfrentasse aquela monstruosidade sobrenatural!

— Vocês estão loucos! Eu estou aqui para pedir ajuda, não para arrumar mais problemas para minha cabeça!

— Filha, me escute... — tentou continuar a Mãe Terra, mas foi interrompida por Tatiana.

— Não! Não tenho que escutar nada! Eu vim participar dessa loucura porque me disseram que eu encontraria quem me ajudasse! Quem me protegesse! Se vocês são os deuses dos meus ancestrais, não me impressiona que tenham sido abandonados! – e se virou para o Vanuno. – E o mesmo vale para você! Se eles não podem me ajudar, você muito menos! Não é um deus daquela terra?

O silêncio se instalou entre ela e os presentes. Não havia nenhuma expressão entre eles, a não ser a raiva de Tatiana. A mulher de grande beleza virou as costas e voltou para a festa ao

redor da fogueira, seguida pelo homem de machado e a adolescente com a trança. O pássaro de fogo também voou para longe. Repentinamente, Tatiana ficou tonta. A música que ela escutava ao longe pareceu mudar, da melodia das balalaicas para o ritmo dos pés dos filhos dos Guaná batendo no chão. Mas o Vanuno falou.

— Eu posso protegê-la – ele disse olhando Tatiana nos olhos; então, voltando-se aos deuses ainda presentes, repetiu. – Eu posso protegê-la.

— Temo que não seja tão simples, Vanuno das Terras Distantes.

— O tempo dela aqui está terminando. Ela deve voltar ao mundo dos homens. Eu digo que posso protegê-la, se me derem a permissão.

Por um momento, pareceu que Svarog ia protestar, mas o homem de aparência alternante, agora na face loura e de aparência gentil, interveio.

— Não importa o quão longo seja o inverno, o verão sempre o segue. A menina tem medo. Precisa de proteção. Deixem-na desfrutar da proteção e reclusão que o inverno dá e que ele receba seu último quinhão. Em algum momento virá o verão.

Svarog se virou para Matka Zemlja, que por sua vez baixou a cabeça.

— Que seja então. Vanuno dos Rios do Povo Guaná, concedemos a proteção dela a você e aos seus.



Tatiana despertou com um susto. Abriu os olhos e viu André tentando lhe dar água através de uma garrafa. Apesar de ele segurar sua cabeça para cima, ela engasgou e tossiu. Virou-se de lado e acabou por cuspir toda a água que lhe fora dada. Passou alguns segundos tentando voltar a respirar, até que finalmente sentou. Estava de volta à Oheokoti. Percebeu que estava deitada em uma esteira, com o corpo totalmente suado e dolorido. A cabeça doía também, assim como o estômago. Ficou impressionada por não ter vomitado após a água entrar à força pela sua garganta. A brisa fria da noite, contudo, lhe trazia uma boa sensação de relaxamento. Ela voltou a se deitar de costas, tentando organizar os pensamentos.

— O Vanuno nos disse para proteger você. Foi o que fizemos.

Ela se virou para André e percebeu que ele estava tão suado e cansado quanto ela. Seus olhos estavam fundos e ele parecia esgotado até para falar. Foi quando ela olhou ao redor. Vários dos índios mais velhos estavam ao redor dela, incluindo Isildinha e a velha que havia pintado seu rosto. Estava fora da barraca, a céu aberto, vendo as estrelas. Nos seus pulsos, pulseiras com sementes. No seu pescoço, um colar com um adereço de cerâmica. Ao longo do seu corpo, pinturas com padrões geométricos estavam desenhadas, em suas pernas, sua barriga, seus braços.

Ela imaginou que o rosto também deveria estar pintado. André pegou uma garrafa com um líquido estranho e cheio de folhas.

— Falta apenas algo para encerrar. Beba isso e o Vanuno cumprirá sua parte do acordo e o trabalho da nossa tribo com você estará completo. Você estará protegida.

Ela pegou a garrafa. Imaginava se aquilo iria queimar como as outras bebidas. O seu estômago não iria aguentar. Contudo, ela não tinha muito mais o que fazer. Depois de tudo o que passara, tudo o que vira, nada mais a assustava. Pegou a garrafa e tomou um gole generoso. Logo começou a tossir e sentiu a garganta e o estômago queimando. Sentiu a bile subir e a vontade de vomitar, mas segurou. Não que tivesse problemas com o vômito, mas não queria passar por tudo aquilo como uma menina fraca. Levantou a cabeça e tossiu. Tossiu mais algumas vezes e percebeu que estava chorando. André a abraçou.

— Meu Deus, meu Deus, meu Deus...— choramingou ela no ombro de André. — Tudo o que eu vi...

— Foi o que precisava ver — André completou. — Agora acabou.

Ela chorou por mais alguns minutos no ombro de André. Então, se desvencilhou do abraço, segurando-o pelos ombros. Olhou nos seus olhos, ainda que os próprios olhos estivessem cheios de água.

— Muito obrigada — e virou-se para os anciões presentes. — Muito obrigada, a todos vocês.

Os velhos Terena assentiram, ainda que com os rostos fechados. Isildinha fez um sinal para uma menina, que trouxe um tipo de pão seco feito de milho para Tatiana. Ela o comeu sofregamente, bebendo a água que André havia trazido. Ela sentia o peso no estômago e percebeu que não deveria comer tão rápido, apesar da enorme fome que a afligia. Ela não se importava. Pela primeira vez em semanas, finalmente se sentia livre. Ela não havia sequer voltado para casa, mas por algum motivo, confiava no que havia acontecido. Depois de tudo o que havia visto, confiava em Vanuno e na magia dos Terena. Confiava que tudo havia acabado.

CAPÍTULO XXVIII:

A VOLTA PARA CASA

O retorno na manhã seguinte mal foi percebido por Tatiana. Ainda no final da Oheokoti, ela acabou se deixando cair no sono. Ao amanhecer, foi quase carregada até a caminhonete. Dormiu o caminho inteiro. Estava esgotada e se sentindo mal. Mesmo que não tivesse vomitado, seu estômago continuava com uma pressão desagradável, ainda que tivesse diminuído um tanto depois que ela comeu. O corpo também doía, possivelmente pela enorme carga de esforço do dia anterior. Porém, seu sono foi imperturbado, a não ser pelos solavancos da caminhonete nas estradas de terra do Mato Grosso do Sul. Ao chegar à casa de Sandra, contudo, ela foi acordada. O dia havia nascido, mas ainda era cedo. Quando entraram na casa, Sandra e os pais ainda dormiam. Tatiana, por sua vez, estava em um humor exultante, apesar das dores. Ela realmente sentia confiança de que estava livre. Se pedissem que explicasse o que havia ocorrido na Oheokoti, ela não saberia sequer por onde começar e sabia que ninguém acreditaria. Mas ela acreditava. E estava livre. Por isso decidiu que precisava voltar para casa. Ela se desculparia com Sandra pela internet mais tarde, mas precisava ir para casa. Sentia uma necessidade enorme de fazer o caminho de volta. Sentia que precisava passar pela ponte sem ter medo de Irina.

E ela o fez. Caminhou pela rua que levava da casa de Sandra até a ponte naquela manhã de domingo. Alguns vizinhos andavam pelas ruas, afinal, era uma manhã de domingo normal. A maioria era de pessoas que iam para a igreja, ainda que não só. Aquilo deu a ela uma confiança ainda maior. Sempre que encontrava Irina, as pessoas estranhamente sumiam enquanto conversavam, por mais normal que fosse o dia. Não era o que parecia que ocorreria. E como que um presente divino lhe fosse concedido, ela avistou a ponte. Não havia sinal da pequena menina de cabelos escuros. Apenas a ponte em arco de metal que ela atravessara tantas vezes antes dos sonhos. Ela sequer percebeu o quão apreensiva estava ficando. Não percebeu a mudança na própria respiração, não percebeu que havia apertado o passo. Apenas pensava naquilo. Em atravessar a ponte.

E chegou até ela. Nada havia acontecido. Não havia sinal de Irina ou de qualquer outra coisa. Apenas pessoas normais, andando para lá e para cá, ocupadas com suas próprias preocupações. Ela percebeu que seu corpo formigava e que ainda tinha a sensação de medo. Toda a coragem e euforia de poucos minutos atrás havia sumido. Ela parou perante a ponte e a encarou por longos minutos. Olhou várias vezes para os lados, procurando por Irina. Nenhum sinal. Respirou fundo várias vezes, buscando coragem. Lembrou-se de tudo o que ocorrera no dia e na noite anterior e buscou a coragem que tinha até há pouco. Então conseguiu colocar o primeiro pé no degrau. Nada ocorreu. Vagarosamente, subiu degrau após degrau. Seu corpo

tremia e ela olhava constantemente para os lados, mas nada acontecia. Os degraus acabaram, iniciando a plataforma. Ela respirou fundo novamente e andou. Eram apenas alguns passos, mas cada um deles era uma luta a ser vencida. Contudo, nada acontecia. Não havia sinal de Irina.

Ao chegar à metade da ponte, contudo, ela parou. Virou-se para o rio. Era apenas um rio comum, canalizado, poluído. Não havia razão para temer. Não sabia como aquilo tudo podia ter ocorrido. Não importava. Havia acabado. Não havia ali nenhuma Irina, nenhum Vodianoy. Ela estava exatamente na metade da ponte e sabia que, se passasse para a outra metade, nada mais a impediria de chegar em casa. E ela, parada ali, no meio da ponte, encarando o rio, acabou por respirar fundo e gritar:

— Eu estou livre de vocês! Vocês perderam! Seus merdas! Vocês não conseguiram! Vocês perderam e agora não podem chegar perto de mim! Voltem para onde vieram, seus bostas! Eu estou livre de vocês, bando de perdedores esquecidos!

E ela percorreu o restante do caminho correndo. Desceu os degraus aos saltos e ignorou completamente as pessoas que a olhavam com estranhamento. Correu até sua casa gargalhando, ainda que seus olhos derramassem lágrimas que ficavam para trás. Ficavam para trás, como tudo o que havia ocorrido. Ela havia passado pela ponte. Irina e o Vodianoy não apareceram. Eles eram passado. Ela correu para casa em uma felicidade louca, gargalhando e chorando, mas tendo a certeza de que estava livre.



Ela chegou em casa poucos minutos depois. Estava esgotada, não apenas pela corrida, mas também pela noite anterior. Permitiu-se recuperar o fôlego antes de entrar. Então entrou. Ao passar pela porta da sala, encontrou seus pais e avó sentados. Seus olhos pousaram sobre ela. Não havia sorrisos ou boas-vindas ali. Principalmente da parte de sua mãe. Esta olhou para Tatiana de cima abaixo. Viu a sua filha suja de terra, com os cabelos desgrelhados e cheia de pinturas indígenas pelo corpo. Braços, pernas, rosto. Ela foi a primeira a se levantar, não contendo mais o desgosto.

— Virou índia agora? Eu disse para o seu pai que você não tinha interesse nenhum em “amigas”, queria mesmo era se enfiar com o menino índio no meio do mato. Ainda bem que o pai dele nos avisou disso. Não tem nem vergonha. Chega aqui pintada como uma selvagem e cospe naquilo tudo que ensinamos a você...

Tatiana sabia que aquilo poderia acontecer, mas não esperava tão cedo. Esperava que o pai de Sandra demorasse até o início da semana para contar ao seu, mas não foi o que aconteceu. Agora ela teria que ouvir as recriminações da mãe e do restante da família por ter mentido. Ela

estava preparada para isso. Mas se havia algo para o qual ela não estava preparada, era para continuar ouvindo os acessos preconceituosos de sua mãe.

— E se eu tiver virado? Pelo menos agora estou bem integrada, diferente de você! Vê se acorda! Você não nasceu na Europa, eu não nasci na Europa! Ela não tem nada a ver com a gente mais! Se quer fingir que é russa, tudo bem, volta pro faxinal e continue mentindo pra si mesma! Mas não venha se meter com quem prefere viver a nossa própria realidade e no mundo atual! — com a coragem recém adquirida após a Oheokoti, Tatiana jogou a mochila no chão e ficou frente à frente com a mãe. — Vamos lá, vamos brincar de ser imigrantes do leste europeu. Quem sabe isso faz nevar no Brasil e a vizinhança comece a combinar com o seu calor maternal.

O pai de Tatiana se levantou, mas a garota já havia se encaminhado para fora da sala. Sônia estava sem palavras, assim como Kátia. Tatiana, por sua vez, partiu para o banheiro. Passou pela área de limpeza antes para pegar uma toalha e então se banhou. Estava tão empolgada com toda a coragem e empolgação que estava sentindo que sequer se lembrou de tudo o que havia passado nos banhos. E quando se lembrou, percebeu que não havia ocorrido nada. Nada além da relaxante sensação de um bom banho frio, para lavar o corpo e esfriar a mente. Nada além disso. Riu novamente. Não sabia quantos banhos havia tomado com medo da água de um chuveiro. E agora desfrutava alegremente daquele banho. Por um momento, preocupou-se em retirar as marcas da cerimônia da noite anterior, mas Isildinha e André garantiram que ela poderia lavá-las; as pinturas não estavam mais no corpo, mas encravadas na própria alma dela e não havia nada que pudesse retirar sua magia. Ainda assim, ela ficou um pouco chateada ao ver os resquícios da tinta escura descendo pelo ralo junto com a água suja.

Voltou ao seu quarto e colocou uma roupa limpa. Então se jogou na sua cama com um prazer que há muito não sentia. Só então percebeu o quão esgotada estava. Precisava dormir e muito. Mas não seria problema agora. Agora ela estava livre. Porém, enquanto preparava seus lençóis, a porta do seu quarto se abriu.

— Tatiana? Podemos entrar?

Eram seu pai e sua avó. Ambos tinham a aparência preocupada. Na verdade, seu pai parecia nervoso, ainda que não tanto; é fato que a vida de agricultor havia retirado dele até a capacidade de sentir raiva, embora parecesse estar com o rosto severo naquele momento. De qualquer forma, aquilo também era esperado e ela sabia que não poderia dormir antes de resolver essa questão.

— Olha, gente, eu sei que menti. Peço desculpas, mas eu queria ir no evento dos Terena. Poxa, é um negócio diferente e quantas vezes temos a chance de participar de algo assim? Fora que me fez super bem, estou me sentindo muito bem depois de tudo...

— Está se sentindo bem o bastante para desrespeitar sua mãe? — Tatiana se calou. — Escuta, se você tivesse me pedido para ir nessa coisa...

— Você não deixaria! — ela interrompeu. — Você é tão preconceituoso quanto ela!

— Tatiana! — Sansone elevou a voz. — Você não é ninguém para me julgar! Você dorme debaixo do meu teto e come da comida que eu coloco na mesa! Eu não sou preconceituoso! Eu trabalho com esses bugres! Eu convivo com eles! Se não deixaria você ir é porque me preocupo...

— E porque não confia neles! Porque acha que, por serem pobres e não parecerem iguais a nós, eles são perigosos! Acha que são piores do que somos! O que é isso se não racismo?

— Chega! — gritou Sansone, já com o rosto completamente vermelho. — A partir de agora você não sai de casa sem a minha permissão! Você só vai de casa para a escola e da escola para casa, entendido? E já que está tão bem e desbocada, pode voltar para a escola amanhã mesmo!

E saiu do quarto, sem esperar a resposta. Kátia se sentou na cama ao lado de Tatiana, com um olhar visivelmente preocupado.

— Taniushka, Taniushka, o que aconteceu? Você não é de responder assim aos seus pais.

Tatiana respirou fundo e olhou cansada para a avó.

— Eu sei, baba, desculpa. Eu sei que errei e que não devia ter mentido. Mas eles também não podem ficar destilando esse preconceito, poxa! Se não fosse isso, eu teria ouvido a bronca calada e pedido desculpas.

— Não é porque eles estão errados que você pode falar assim com eles. Eles podem estar errados, mas o erro deles é na intenção de proteger você. Porque eles amam você e não querem que nada te aconteça.

— Eu sei, baba. Eu sei que não fiz certo. Depois eu peço desculpas pra eles. Prometo.

A velha senhora olhou para os cansados olhos verdes da neta e acabou por sorrir.

— Tudo bem, moya devushka. Você parece cansada. Está mesmo se sentindo melhor?

— Sim, estou — Tatiana estava voltando a sentir a alegria de minutos antes. — Estou me sentindo bem e feliz como há muito não me sentia, baba. Obrigada.

E abraçou a velha senhora, que obviamente retribuiu o gesto.

— Então vou te deixar descansar. Só uma última pergunta. Essa alegria toda tem a ver com o rapaz índio que você trouxe aqui?

Tatiana gargalhou da insinuação da avó.

— Não, baba. André foi uma companhia maravilhosa e me deu muita força, mas não dessa forma que a senhora, e provavelmente os meus pais, pensam.

A senhora deu uma risadinha, enquanto se levantava da cama com dificuldade.

— Pois bem. Acho que seus pais vão ficar mais calmos com essa informação. Eu, honestamente, acho um desperdício de um rapaz inteligente e que gosta tanto de histórias...

E Tatiana gargalhou da afirmação da avó, que também ria enquanto saía do quarto. Após isso, ela apenas se deitou, com o espírito alegre e leve, ainda que com o corpo esgotado. E

dormiu pesadamente, sem interrupções ou sonhos. Um sono de descanso puro e simples. Exatamente como ela esperava e queria que fosse...

CAPÍTULO XXIX:

RETORNO À VIDA

O pedido de desculpas aos pais foi de pouca utilidade para Tatiana. Sua mãe continuava nervosa, mesmo após ter ouvido de Kátia que ela não tinha nenhum interesse em André. Permaneceu o dia em silêncio, sem dirigir a palavra à filha. O pai parecia mais flexível e aceitou o pedido de desculpas, mesmo que não tivesse retirado o castigo. Ela não se incomodou. Sabia que ele o retiraria ao longo da semana, assim que soubesse que a filha estava bem. Assim, ela passou o restante do domingo em paz, brincando com Ivan e ajudando a avó nos afazeres domésticos. A sua noite foi calma e sem temores e ela confiava que seria assim. Depois de tudo o que passara na Oheokoti, ela não temia nada.

Porém os receios retornaram ao amanhecer. Ainda existiam coisas que precisavam se acertar na sua mente. Uma delas era Irina. Ela estava segura e se sentia bem, mas como seria se aproximar dela na escola? Assim, a sua manhã foi um tanto perturbada por preocupações, ainda que não tivesse nenhuma dúvida de que precisava ir à escola. Precisava confiar nos Terena e no Vanuno. Precisava colocar a magia dessa terra à prova contra aqueles que a atormentavam. Assim, apesar do semblante preocupado e distante, Tatiana se vestiu para a aula. Resolveu que era o momento de mais mudanças, dessa vez na parte visual. Usou um colar-gargantilha de origem Terena que havia recebido de presente na Oheokoti. Ela se prendia frouxamente ao pescoço e da sua frente desciam dezenas de tiras ornamentadas com miçangas feitas de grãos e sementes secas, formando padrões geométricos que se misturavam com os da faixa principal. Uma pulseira tradicional de palha ornamentada e um brinco longo adornado com penas e miçangas ajudavam a compor o visual, bem como a maquiagem para tentar deixar os olhos mais amendoados. Ela se sentiu satisfeita ao se ver no espelho, ainda que pretendesse voltar a procurar os Terena e comprar mais adereços. Era uma forma de homenagear o povo que a ajudou.

Aceitou a carona do pai até a escola. Ele ainda estava preocupado com ela, apesar de ter mantido o silêncio durante todo o caminho. Obviamente, também estava chateado com os modos dela no dia anterior. Ela não insistiu. Sabia que passaria. Quando a caminhonete parou na frente da escola, ela deu um beijo no seu rosto e desceu. Entrou no prédio olhando para os lados. Procurava Irina, obviamente. Cumprimentou os conhecidos, ignorou os desconhecidos, e percebeu que muitos ainda a olhavam com o olhar de estranhamento de antes. Não era de se admirar. Ela tinha a fama de alguém que estava enlouquecendo. Ela não se importava. Ela se importava com Irina. E não a encontrava, por mais que olhasse ao redor. Foi então que ouviu o grito.

— Hey! Princezinha!

Era Andréa. De novo. Ela se preocupava tanto com o seu martírio sobrenatural que esqueceu daquele que permanecia no mundo dos vivos. A garota grande de origem mestiça parou na frente de Tatiana e brincou com as tiras que desciam da sua gargantilha.

— Hoje é Dia do Índio e eu não sei? Ou resolveu se fantasiar para se disfarçar entre os normais?

Tatiana estapeou a mão de Andréa, afastando-a do seu colar.

— Ou talvez eu só fique melhor usando esse colar do que você. Afinal, que vergonha deve ser para os seus ancestrais. A menina branca fica bonita com o artesanato do seu povo, enquanto você não deve deixar de ser horrorosa nem com toda a arte do mundo.

Andréa puxou Tatiana pela camisa, mas a menina menor conseguiu soltar o puxão. Ela não tinha medo de Andréa naquele momento. Nenhum. Mas a garota maior também não.

— Minha avó trabalha com esse tipo de artesanato, sua vaca. Você está desrespeitando a cultura do meu povo. Não tem direito de usar isso.

— E você tem, Andréa? – a voz de André surgiu da multidão de alunos que já se aglomerava. – Você nunca deu a mínima para a cultura do seu povo. Agora, porque Tatiana está usando nossas joias, você vem fingir que se importa? Quando foi a última vez que você fez algo pelos Terena mesmo?

Sandra já havia se posicionado ao lado da amiga para defendê-la, enquanto a grande garota se voltava para o mirrado André, furiosa.

— Qual é o seu problema, paspalho? Você vive falando pra todo mundo sobre cultura, apropriação cultural e outras merdas, e agora vai simplesmente deixar uma menina branca usar a arte da sua tribo?

André se virou para Tatiana e suspirou.

— Ela não está usando com desrespeito. E ela recebeu esses presentes dos próprios Terena, durante o Oheokoti. Você não estava lá. Você nunca esteve em uma Oheokoti. No que me diz respeito, nesse momento ela é mais Terena que você.

Por um momento, pareceu que Andréa fosse explodir. Então ela simplesmente deu as costas para o trio e foi para a sua sala. E Sandra se virou para Tatiana.

— Gata, acho que você está louquinha. Muito bonito o artesanato Terena e tal, mas peitar a Andréa assim já é perder a noção, não é não?

— Ah, cansei de fugir, amore. Toda hora essa vadia vem me encher o saco. Não tenho paciência pra isso mais. Não quero fugir mais de ninguém. Nem dela, nem de Irina...

André e Sandra perceberam a incerteza na voz de Tatiana. Porém André tinha notícias.

— Quanto a isso, acho que não deva se preocupar. Hoje dei uma passada na secretaria da escola e dei uma olhada nos registros escondido. Não há nenhuma Irina ali. Não é que ela tenha sido transferida ou coisa assim. É como se ela nunca tivesse estado na escola. Confirmei com um

professor da sala dela. Ele se lembra dela, mas estranhou o fato de parecer que seu nome havia sumido da lista de chamada. Acho que ela não vai voltar.

Tatiana não conseguiu conter a alegria com a notícia. Abraçou e beijou as bochechas de André seguidamente.

— Eu não acredito! Obrigada, Andrézinho! Obrigada! Obrigada! Obrigada! Significa que estou livre dela de uma vez! Significa que vocês realmente me livraram dela! Significa que acabou!

André se desvencilhou do abraço, um tanto desconcertado, mas sorrindo.

— É o que esperamos. Aconselho aguardarmos mais algum tempo até termos certeza. Mas acho que é possível dizer que não nos preocuparemos mais com ela aqui na escola.

— Certo – Tatiana concordou, mas sem conter a empolgação; então olhou rapidamente para o lado antes de continuar. – Bom, acho que, se ela não é mais problema, acho que o certo é colocar as coisas de volta nos eixos. Beijos, até mais!

E saiu, deixando os dois irmãos. Logo a viram se aproximando de Caetano e se sentando ao seu lado. Não demorou para que o bonito rapaz respondesse ao sorriso da jovem paranaense e logo estavam conversando. Provavelmente ele se desculpava pela forma como a tratara enquanto estava com Irina.

— Caetano? – perguntou-se André.

— É, de acordo com o que vocês dizem, Tatiana está livre do que a atormentava – esclareceu Sandra. – Então acho que podemos esperar que a velha Tati esteja de volta.

E os dois irmãos foram para a sala, enquanto parecia que Tatiana estava para matar aquela aula...



...e o Yurikayuvakai andava pela floresta, procurando a origem do som que havia escutado. Era estranho para ele, pois naquela época ainda não existiam homens para fazer barulho, e os únicos sons que ele conhecia eram os das matas. Mas ele continuou procurando o som desconhecido que havia escutado, um som que nunca tinha ouvido antes nas matas. Mas por mais que ele procurasse, ele não encontrava o local de origem do som. Foi então que o Bem-Te-Vi surgiu voando ao redor de Yurikayuvakai, voando e perguntando a ele, com sua voz de canto.

— Salve, Yurikayuvakai! Parece perdido, vagando no meio das matas.

— Salve, senhor Bem-Te-Vi! – respondeu o Yurikayuvakai. – De fato, perdido estou. Ando a esmo pela floresta, buscando um som que aqui ouvi, mas que não sei a origem. Ai de mim, que

não sei a origem de tal som, mas que está oculto em meio às matas.

— Então digo que está com sorte, porque eu posso te levar até a origem do som.

E o Yurikayuvakai seguiu o Bem-Te-Vi através da mata, ambos procurando a origem do som. E logo eles chegaram a um monte de terra, um que parecia um formigueiro. E o Yurikayuvakai começou a cavar, cavar e cavar aquele monte de terra, até que encontrou, bem lá no fundo, um grupo de homens e mulheres escondidos. Eles estavam nus e assustados, e não conseguiam falar com o Yurikayuvakai. Então ele pediu que o Bem-Te-Vi ensinasse os homens a falar, mas o pássaro tentou, tentou e não conseguiu ensinar os homens a falar. Ele pediu então que o coelho ensinasse os homens a falar, mas por mais que tentasse, os homens não aprendiam. Animal após animal foi chamado para ensinar os homens a falar, mas os homens amedrontados não aprendiam. Então veio o sapinho vermelho, que olhou para os homens e viu que estavam assustados. Então ele parou na sua frente e começou a dançar. Os homens não resistiram e começaram a rir do sapo. E com isso aprenderam a falar. E esses foram os homens que primeiro habitaram essas terras, e era dito que eram um povo muito alegre, pois aprenderam a falar através do riso. E por isso era dito que esses homens, os Guaná, eram filhos do Yurikayuvakai, porque ele os retirou do ventre da terra, essa mesma terra em que vivemos, que é a sua mãe.

— E o que foi que eles disseram quando aprenderam a falar? — perguntou o pequeno Ivan para sua irmã.

— Ah, eles disseram que estavam com frio. E por isso o Yurikayuvakai mandou que o coelho roubasse o fogo dos Toqueore, os porcos-espinho flamejantes, para os homens. Mas essa é uma história para outro dia. Agora vai pro seu quarto, vai. Daqui a pouco a mãe te chama para tomar banho.

O menino obedeceu, saindo correndo. Kátia se sentou no lugar onde ele estava e sorriu para Tatiana.

— Essa é uma história bonita.

— As histórias dos Terena são bonitas — respondeu Tatiana. — Não tem muitos monstros d'água e mulheres afogadas.

— Você gostava das nossas histórias quando era criança.

— Claro, baba, eu não conhecia outras — continuou a jovem, sem prestar a atenção no tom de voz da avó. — Mas hoje, vamos admitir, não são histórias boas para crianças. Tem tantas coisas assustadoras, mortes e tragédias. Nem fazem muito sentido aqui, já que falam tanto daquela terra fria enquanto aqui temos tanto calor e tantas cores. Acho que, se eu for mãe um dia, vou contar apenas as histórias dessa terra para meus filhos, é menos melancólico e trágico do que as que ouvimos da senhora na infância — e se levantou de um salto, dando beijo rápido na bochecha da avó. — Aconselho que aprenda umas histórias locais também, baba, vai ser melhor pra todos nós. Vou tomar banho, até depois!

E saiu da sala na mesma empolgação que a havia tomado desde a Oheokoti, deixando a velha Kátia sozinha na poltrona, sem ao menos olhar para ela e perceber que seus olhos azuis seguravam lágrimas...

CAPÍTULO XXX: DE BELEZA E TRAGÉDIA

A noite chegou e ela se sentava sozinha no quintal. Um vento frio soprava, sinal do inverno que já se avizinhava, mas ela não se importava. Ainda se lembrava da sua infância à costa do Dniepre, onde os ventos eram muito mais frios. Aquele vento não era nada comparado aos que conhecera na sua infância. Mas os ventos não eram a única coisa que se lembrava do passado. Ela se lembrava das pessoas, mas não tanto quanto gostaria. Lembrava-se das roupas pesadas, ushankas de pele e várias coisas que nunca mais usaram no seu novo lar tropical; de início, nenhum deles sentiu falta do frio e todos amaram o calor, mas Kátia sentia falta, por vezes, de ver as pessoas utilizando as roupas da terra de onde vieram. Ela também se lembrava de canções, muitas canções, mesmo que por vezes as palavras fugissem e as melodias desafinassem. Mas a lembrança mais vívida na mente de Kátia eram os contos de fadas, contos que ela amou na sua infância no velho mundo e continuou a amar mesmo após atravessar o mar para construir um novo lar com sua família. Ela os ouvira na infância, por que seriam inadequados para crianças?

Ela conhecia as histórias tão bem que quase podia vê-las perante si. A donzela sem braços, tão maltratada pela cunhada que chegou a quebrar sua mobília, matar seu cavalo, decapitar o próprio bebê para culpá-la e finalmente fazer com que o próprio irmão arrancasse seus braços como punição. Kátia fez uma expressão de dor e então fitou as estrelas. Talvez não fosse mesmo uma história apropriada para crianças. Então ela se lembrou do Príncipe Ivan e as três irmãs, em que as mais velhas prometiam a ele uma bela vestimenta de gala no casamento, mas a mais jovem prometia que seus filhos nasceriam com o sol na sua fronte, a lua em sua nuca, e as estrelas ao seu redor. Obviamente, o príncipe a escolheu, mas quando seus filhos nasceram, as irmãs os raptaram e entregaram ao pai um filhote de cão, um filhote de gato e uma criança que não se parecia nem com o pai, nem com a mãe. O príncipe então colocou a criança dentro de um barril e a jogou no rio, enquanto se casava com a irmã mais velha. Kátia ponderou. Era realmente uma crueldade tremenda, talvez não fosse um bom exemplo. Com lágrimas nos olhos azuis, Koschei, o imortal, veio à sua mente, um feiticeiro e sequestrador de mulheres que não podia ser morto, pois através de artes negras ele havia selado sua alma dentro de uma agulha, que foi guardada dentro de um ovo, que permanecia dentro de um pato, que por sua vez estava dentro de uma lebre, que havia sido presa em uma caixa de ferro, que fora enterrada nas raízes de um carvalho, que por sua vez se encontrava em uma ilha solitária nos oceanos do mundo. Que feitiçaria maligna, ela pensou. De fato, talvez Tatiana estivesse certa e suas histórias não fossem um bom exemplo para as crianças.

— Isso não é verdade.

Por algum motivo, ela não se surpreendeu com a chegada do homem, mesmo que ela não o

visse desde a infância. Mesmo na costa do Dniepre, seus pais diziam que ela havia sonhado ao vê-lo, mas ela sabia que não era apenas um sonho. E ali estava ele, exatamente como se lembrava, vestido de cossaco, com a ushanka de pele e a espada curva na cintura. Ela se lembrava dele como um velho enquanto ela era uma criança, mas agora ela parecia mais velha do que ele, ainda que os cabelos e barbas fossem grisalhos como a neve do inverno. Ele sorriu para ela.

— Todas essas histórias têm finais felizes, você sabe.

Ela riu para o homem.

— Ah, sim, tem. Todas elas. Mas o que são os finais felizes, senão um alívio para toda a maldade que os precede?

— É por isso que eles existem – ele continuou sorrindo para Kátia. – Para ensinar para as crianças que, não importa o quão difíceis estejam as coisas, as trevas podem ser superadas. Dane-se se parece inverossímil. Dane-se se não é sempre possível vencer a escuridão. Os finais felizes nos dão, desde a infância, a esperança de que ela pode ser superada. Sem a esperança, aí já podemos nos dar por vencidos mesmo.

— Eu entendo o que quer dizer. Mas nossas histórias precisavam ter toda essa maldade? Toda essa crueldade, essa melancolia? Não podiam ser mais bonitas, cheias de maravilhas?

O homem deu uma pequena risada.

— A melancolia faz parte da vida. Aprender a viver com ela e não desistir por causa dela é uma característica do nosso povo. Podemos não sorrir com tanta frequência, nossa terra natal pode não ter tantas cores, mas isso nos trouxe algum bem. Sabemos como continuar, independente da tristeza e das dificuldades. Nós sobrevivemos porque não apenas fomos abandonados no inverno, mas porque fomos adotados por ele, o Ded Moroz, o Vovô Geada. Nós somos como Vasilisa, a Bela, que não importava quantas dificuldades sofresse nas mãos da Baba Yaga, continuava perseverando enquanto via a passagem dos Três Cavaleiros, Dia, Sol e Noite, seguidamente perante ela. Como nossas histórias nada têm a ensinar às crianças?

Os olhos de Kátia estavam marejados e suas mãos tremiam. Ainda assim, seu rosto sorria para o homem vestido de cossaco.

— Muito obrigada, senhor, muito obrigada! Spasibo! Muito obrigada por me lembrar que as histórias não são apenas histórias. Mas não vejo o senhor desde a minha infância. É o meu momento de partir? De encontrar meus pais, meus avós e ancestrais?

O homem sorriu carinhosamente para Kátia.

— Não, Kátia. Ainda não é seu momento de partir. Mas não se preocupe. Você fica aqui porque ainda tem o que realizar. Confie em mim.

Kátia foi acordada bruscamente pelo chamado de Sônia para o jantar. À sua frente estava apenas o seu quintal e, acima de si, as estrelas. Ela sorriu com a lembrança da sua infância, do

velho homem vestido de cossaco. Naquela época diziam que ele era apenas um sonho. Obviamente, ela sabia que o mesmo seria dito se dissesse o que acabara de ocorrer. Mas, de alguma forma, ela acreditava. Kátia se levantou e foi feliz e consolada para o jantar, sabendo que aquele homem, de alguma forma, a guardava desde os tempos em que havia atravessado o oceano.

Nas sombras, aquelas tão escuras que ninguém poderia ver, ouvir, ou mesmo tocar, o Domovik a observava sorrindo. Ele ainda guardava aquela casa, apesar de tudo.

CAPÍTULO XXXI:

DÚVIDAS E MEDOS

Os dias se passaram. Irina não ressurgiu. E a cada dia Tatiana se aproximava novamente do que era. A verdade é que sua imagem não fora tão afetada quanto ela pensava. Ela ainda era a garota popular da escola, ainda mais agora, sem a bela Irina por perto. E agora fazia por merecer essa reputação, tornando-se mais ativa, empolgada, simpática e falante do que nunca. Realmente a confiança após um momento de dificuldades fazia muita diferença na vida das pessoas. Obviamente, nem tudo era igual ou simplesmente uma versão exagerada do que era antes. Tatiana era muito grata a André por tudo o que havia acontecido e sempre o tratava bem agora, algo que deixava o tímido garoto extremamente desconcertado. Ela não costumava pensar em questões culturais, preocupando-se apenas com o mundo contemporâneo e rápido dos jovens, mas agora parecia se dedicar mais e mais à cultura Terena, utilizando-se do artesanato e acessórios étnicos para compor seu novo visual. Ainda que isso não fosse bem visto por algumas pessoas de origem indígena, é fato que a popularidade de Tatiana, bem como seu gosto pela moda, ajudou a criar uma nova tendência na escola, popularizando a arte local. Por vezes ela pedia conselhos a André, não apenas sobre o artesanato, mas também sobre velhos contos e feitiçarias. Outras coisas, contudo, não mudavam. Ela continuava um desastre em Física, por exemplo.

Outra coisa que não mudava era Caetano. Não mudava o fato de ele ser o rapaz mais popular da escola, nem de ele continuar interessado em Tatiana, nem de ela não saber se o interesse era recíproco ou não, mas em nome da própria popularidade, alimentava as chances do rapaz. Ele, por sua vez, dizia que não sabia o que havia ocorrido enquanto estava com Irina, alegando que não havia realmente namorado com ela, que sequer a via fora da escola, e admitia ter sido estúpido. Tatiana gostava principalmente quando ele repetia a última parte, rindo muito a cada vez que ele admitia sua idiotice. Na verdade, ela já o havia perdoado, principalmente sabendo que a paixão que ele sentira por Irina dificilmente era natural, mas achava divertido como ele tentava constantemente se desculpar.

— ... e eu não sabia o que estava fazendo, juro! Ela nem era legal como você! Eu fui muito burro!

— Sei. E o fato dos olhos azuis dela serem mais bonitos que os meus não conta nada?

— Existem olhos azuis mais bonitos que os seus?

— Seu sedutor barato! – ela riu. – Nem para prestar atenção e ver que meus olhos são verdes? Ou cinzas, sei lá...

— Ainda assim, são mais bonitos que os dela. Tudo em você é mais bonito que nela.

— Minha nossa, que bajulação. Isso tudo é desespero?

Eles estavam matando mais uma aula. Não era a primeira vez nos últimos dias. Na verdade, até estava se tornando algo constante. Tatiana nunca tinha sido a melhor aluna da escola, não seria naquele momento que aquilo mudaria. Principalmente agora que achava que tinha um motivo para deixar de assisti-las.

— Mas tudo bem. Eu posso ser generosa. Acho que você já pediu desculpas o suficiente.

— Isso quer dizer que estou perdoado?

— Isso quer dizer que está perdoado, principalmente por ter admitido que foi um idiota ao me trocar por aquelazinha.

— E isso quer dizer o que mais?

Ele tomou a sua frente, podendo olhá-la diretamente nos olhos. Ela sorriu, um sorriso meio debochado, meio sugestivo.

— Deveria querer dizer algo mais?

A mão de Caetano acariciou o rosto de Tatiana, que não se importou. Terminou a carícia nos longos cabelos castanhos, descendo pelo pescoço e permanecendo no ombro pálido da garota.

— Acho que sim.

E eles se beijaram. Tatiana não resistiu, pois ela mesma queria isso. Os lábios se encostaram inicialmente, mas depois se afastaram. Então novamente se encostaram enquanto os dois se abraçavam. Um beijo longo, um tanto desajeitado, mas nitidamente muito esperado pelos dois. Quando os lábios se separaram, Caetano sorria para Tatiana, mas Tatiana olhava para ele um tanto confusa.

— Tudo bem? – perguntou Caetano.

Não houve resposta imediata. O sinal da escola tocou. Tatiana sorriu para ele de uma forma um tanto desconcertada.

— Tudo. Mas agora precisamos ir – ela olhou para o rosto de Caetano, e agora quem parecia confuso era ele; ela então o beijou novamente, um beijo rápido, mas que serviu para que ele sorrisse novamente. – Depois nos falamos. Mas agora preciso ir mesmo.

Os alunos começaram a jorrar pelas saídas do prédio da escola, todos prontos para irem para casa. Tatiana se juntou a eles, virando-se rapidamente para Caetano e acenando, mas sumindo logo depois em meio à multidão...



— Nada?

Tatiana e Sandra caminhavam no caminho de volta para casa. Era a primeira vez que Tatiana ia para casa sozinha desde a Oheokoti. O pai ainda se preocupava, mas sabia que precisava deixar que a filha retornasse à sua rotina normal. Ambas estavam andando bem devagar e já tinham se desviado do caminho por duas vezes para poderem continuar a conversa. Parecia que o simples prazer de caminhar pelas ruas e conversar despreocupadamente era algo que fazia bem a Tatiana, então Sandra não se incomodaria com o pequeno aumento do caminho pela amiga.

— Nada – respondeu a menina paranaense.

— Você beijou o cara mais gato da escola e não sentiu nada? – perguntou de novo Sandra, embasbacada.

— Não, não senti nada – ria Tatiana. – Sei lá, de alguma forma não pareceu certo, por mais que ele beijassem bem. Eu ainda dei mais um beijo antes de sair de lá, tanto pra confirmar quanto pra não deixar ele tão sem graça. Mas a verdade é que o beijo rolou, mas nada mais. Acho que não combinamos, no fim das contas.

— Bom, você é que sabe. A escola inteira vai ter certeza que você é doida agora – Tatiana riu das palavras de Sandra. – Mas talvez a Andréa acabe te deixando em paz. Sempre achei que uma parte da birra com você é porque ela gostava do Caetano.

— Afe... – resmungou Tatiana. – O Caetano até que é um cara legal, pô. Não merece ficar com aquela coisa horrorosa. Acho que você combinaria bem mais com ele.

— Eu??? – exclamou Sandra.

— Claro. Você também acha ele gato. E acho que deve ser uma das meninas mais bonitas da escola – ela se virou para a amiga e moveu seu cabelo para trás da orelha, de modo a poder ver bem o seu rosto. – Na verdade, você é bem mais bonita que eu. Mas parece que se esconde. Nunca vejo você conversando com os meninos. E se produz tão pouco. Olha, eu posso te ajudar. Tenho certeza que alguns acessórios meus combinariam muito mais com você do que comigo...

— Eu não quero me produzir, ok? – a reação brusca de Sandra pegou Tatiana de surpresa. – E que acessórios? De origem Terena? Quer me transformar em uma índia de tribo agora?

— Calma, Sandra. Não tem nada a ver. Eu estou usando e não virei nada...

— Não virou porque você não é indígena! Não sabe o que é passar a vida não querendo ser vista como um personagem! Não sabe como é viver tentando ser tratada como gente normal!

Tatiana ainda tentava manter o tom apaziguador, sem entender a razão de tanto nervosismo por parte da amiga.

— Tudo bem, Sandrinha, desculpa. Eu não queria que isso ocorresse. Eu simplesmente achei a cultura do seu povo bonita, só isso. Depois de tudo o que vi e passei na Oheokoti...

— É, você foi na Oheokoti. E por isso acha que sabe muito sobre o que é ser Terena. Mas só quer saber das coisas bonitas. Quer saber de cultura, quer saber de enfeites, quer saber de

histórias, quer saber de artesanato, quer saber de magia. Mas o que você realmente sabe sobre a gente? O que sabe sobre as terras que perdemos para os fazendeiros e depois fomos obrigados a trabalhar pra eles? O que sabe sobre as condições das aldeias? Você foi até lá, você viu! Você fica falando de toda a magia e da beleza que viu na Oheokoti e esqueceu que ali não tem saneamento básico para as pessoas? Esqueceu a pobreza? Esqueceu as condições que sobraram para a gente? Agora não passa um dia sem que você fale de alguma coisa sobre os Terena, mas parece que não prestou realmente a atenção no que viu lá, ou entenderia porque eu não quero ter nada a ver com isso! – Sandra raramente perdia a paciência com alguma coisa, mas de alguma forma aquelas poucas palavras tinham mexido com ela de uma forma que Tatiana nunca havia visto.

— Sandra, calma! Sou eu, a Tati, sua amiga, lembra?

— Não sei se é. Minha amiga era uma menina normal, não uma louca metida a hippie indígena. Minha amiga era aquela que concordava comigo quando eu dizia que achava meu irmão estranho. Acho que, perto de vocês dois, quem é estranha agora sou eu.

E apressou o passo, deixando Tatiana sozinha para trás. E a garota paranaense não conseguia deixar de pensar se realmente não havia algo de errado na sua atitude em relação à cultura dos seus amigos...

CAPÍTULO XXXII:

O RIO

O itaaká fazia o seu som, acompanhando os seus passos. Dessa vez não estava sendo agitado em nenhum ritmo específico, pelo menos por enquanto. Ele apenas repousava na mão de André enquanto o jovem caminhava, chacoalhando com o andar. Por vezes, o rapaz parava em algum ponto na sua caminhada pela encosta do rio, e então se sentava e agitava o instrumento enquanto entoava uma melodia antiga. Nada muito demorado. Logo ele se levantava e continuava seu caminho, sempre andando pela encosta do rio, sempre procurando algo que não podia ser visto por olhos humanos. “Eles não podem simplesmente ter sumido”, pensava ele, enquanto continuava a sua busca. “Tatiana está sob a proteção do Vanuno, que certamente é mais forte aqui, mas isso não é motivo para desaparecerem completamente”. Intrigado, André continuava andando pela encosta do rio canalizado e poluído que batizava a cidade, apenas ele e o itaaká.

É bem verdade que a sua avó havia advertido contra aquela expedição. Disse que não era certo procurar os espíritos dos outros povos, que já tinham visto o tipo de problema que traziam. Mas André, quando se tornou koixomuneti, adquiriu um entendimento diferente da questão. Se todos os homens eram homens e não havia realmente uma diferença entre os dessa terra e os de terras distantes, então não deviam existir diferenças também entre os espíritos deles e os de seu povo. Se haviam sido trazidos até aquela terra, então eram espíritos daquela terra agora, não importando que tenham vindo de longe. Os próprios Guaná tinham vindo de longe, de além do Rio Paraguai, e simplesmente adotaram aquela terra como sua, reconhecendo os espíritos que ali existiam, tanto quanto os que trouxeram com eles. Não era uma parte muito conhecida da história do seu povo, mas André havia estudado e conhecia não apenas os contos que os velhos recitavam, mas também o que o homem branco havia registrado muito tempo antes.

André, em alguns momentos, se perguntava sobre o que estava fazendo. Mesmo que os encontrasse, o que faria? Pediria uma trégua? Imploraria por amizade? Ordenaria que partissem? Ele era um koixomuneti, mas extremamente jovem e inexperiente. Dificilmente teria autoridade para isso. Ele poderia até estar em risco. Ainda assim, ele caminhava. Já estava assim por quatro horas, andando, sentando, tocando, cantando e voltando a andar. Até então, nenhum sinal deles. De qualquer forma, não precisaria continuar por muito mais tempo. Ele já se aproximava dos limites da cidade de Rio Santo, bem como do poderoso Rio Paraguai, para onde corria o rio menor cujo curso ele acompanhava. O Paraguai com certeza não seria a morada de entidades estrangeiras. Ali era onde o Vanuno e outros espíritos nativos eram mais poderosos. Os espíritos de dezenas de povos indígenas viviam ali. Com certeza não seria onde eles se esconderiam. Mas

onde estavam, então?

André preferiu se sentar. No horizonte à sua frente estava o Paraguai. Ainda precisaria andar cerca de uma hora para chegar até ele, mas não tinha essa pretensão. Os espíritos não estariam lá. Ou eles estavam no rio menor, ou não estavam em lugar nenhum. O crepúsculo já se aproximava e André começava a se preocupar com perigos mais mundanos. Aquela área da cidade não era segura, principalmente à noite. Era melhor não se demorar. Ele pegou o itaaká e começou a girá-lo, entoando com a boca a melodia para entrar em contato com o mundo dos espíritos.

— Para que toda essa formalidade, gatinho? Nós já nos conhecemos. Ou não está procurando por mim?

Aquela voz. Bem atrás dele. André ficou paralisado. Seu coração disparou e ele começou a suar frio. O itaaká caiu de sua mão. Ele queria se levantar, mas não conseguia. Naquele momento ele estava com mais medo do que jamais havia estado na vida. A voz ressurgiu, dessa vez bem próxima do seu ouvido.

— Ora, ora. Bem que dizem que você é tímido. Mas tudo bem, bonitinho, vamos parar de agir como dois adolescentes. Agora vamos lidar com essa situação como russalka e shaman. Levante-se.

André ainda parou por alguns segundos, mas não conseguiu pensar em uma alternativa para a situação. Levantou-se e ficou de frente para a pequena e sorridente Irina. Ela não parecia diferente de antes, a não ser pelo vestido branco encharcado e grudado no corpo. A pele parecia mais pálida, mas o seu cabelo sempre parecia molhado. Seus olhos azuis expressavam deboche, mas André os fitou, tentando manter o controle.

— O nome é koixomuneti.

— Koixomuneti – ela disse, saboreando as sílabas. – Você sabia que a palavra “xamã” veio de uma região próxima à minha? Ela nasceu entre os povos da Sibéria. Com o tempo, a palavra passou a ser usada para várias espiritualidades nativas. “Xamanismo”. Acho que nunca perguntaram aos povos da Sibéria o que achavam disso. Não que eles se importem. “Xamãs” dos esquimós, que deveriam ser chamados de Angakkuq. “Xamãs” dos Lakota que podiam ser Wichasa Wakhan ou Heyoka, mas que se tornaram apenas “xamãs”. Tlamacazqui dos astecas, Ahmen dos maias, Paqos dos incas. Todos são xamãs? Todos são iguais? Aqui no Brasil existe o termo Pajé, dos Tupis. Para um estrangeiro, os pajés são xamãs. Para a maioria dos brasileiros, você é um pajé. Então você é um xamã? Mas você não veio da Sibéria, nem é Tupi. Você é Terena, portanto é um Koixomuneti – ela rolou a língua para brincar com as sílabas da palavra.

— Obrigado pela aula sobre xamanismo – resmungou André, ainda tentando manter o controle. Mas Irina começou a acariciar seus cabelos e ele percebeu que estava transpirando muito. Contudo, ele se sentia entorpecido, tendo dificuldades para organizar os pensamentos ou

reagir.

— Olha, até que você fica bonitinho quando está com medo. Não sei o que a Tatiana viu naquele troglodita do Caetano – ela deu um risinho e então segurou a mão de André. – Desculpe, eu sei que prometi que ia levar isso a sério. Bom, a verdade é que não me importa se vocês são todos iguais ou são todos diferentes. O que importa é que sei como agem. Se vocês têm o tempo, o preparo e as ferramentas, vocês conseguem lidar conosco. Mas se são pegos de surpresa, são tão inofensivos quanto qualquer mortal. E você não está preparado agora, está?

André olhou para o chão ao seu lado, vendo seu itaaká caído. Ele queria se jogar no chão e agarrá-lo, mas não conseguia. Ele se sentia tonto, com o corpo pesado e a visão turva, como se estivesse em um sonho em câmera lenta. Então Irina o abraçou, de forma até bastante carinhosa, e ele soube o que estava por vir. Não conseguiu evitar começar a chorar enquanto ela falava no seu ouvido.

— Não se preocupe, koixomuneti. Prometo que não vai demorar muito.

Os dois corpos caíram no rio e começaram a afundar. André nunca havia pensado que ele podia ser tão fundo. A água entrou nos seus pulmões e ele lutou, tentando expulsá-la, mas sem conseguir. O desespero tomou conta dele, mas o abraço da russalka era forte demais. Ele lutou, com toda a sua força e todo o seu medo, mas logo a visão começou a sumir e os pulmões pararam de funcionar. Eles ainda não tinham chegado ao fundo. Era incrível a profundidade daquele rio...



O telefone tocou quando a noite já era alta. A família já havia jantado, Ivan já estava na cama. Quando o telefone celular de Tatiana tocou, ela estranhou. Não era comum que ela recebesse ligações de amigos, principalmente naquela hora. Como a maioria dos jovens, eles preferiam conversar através de aplicativos de mensagens. Ao ver que era Sandra, ela atendeu. As duas não tinham se falado ao longo de todo o dia após a discussão na saída da escola. Tatiana havia pensado em mandar uma mensagem pedindo desculpas, mas tinha certeza que o problema não era tão sério assim, preferindo esperar o dia seguinte para conversar com ela pessoalmente. Porém, se ela estava ligando, com certeza devia ser algo importante.

— Oi, Sandrinha. Tudo bem?

— Tati? – a voz de Sandra estava chorosa e aflita. – Não, não tá tudo bem. Eu... eu não sei como te dizer isso. É o André...

A menção ao nome do irmão fez com que o coração de Tatiana disparasse. Toda a sensação de medo e urgência que havia desaparecido desde a Oheokoti voltou com toda a força e

ela pôde sentir os pelos dos seus braços arrepiando.

— Sandra, pelo amor de Deus, fala! O que tem o André?

— Acharam ele no rio, Tati – choramingou Sandra. – Levaram ele pro hospital mas dizem que está muito, muito mal... ele quase se afogou.

Tatiana deixou cair o celular. A voz de Sandra continuava falando, mas ela não escutava mais. Sua família a observava naquele momento. Perceberam que ela havia empalidecido. Com certeza perceberam as lágrimas brotando no seu rosto. Ela se levantou e partiu correndo em direção ao quarto, antes que percebessem os soluços. E ali ela se jogou contra a cama e começou a chorar. Chorava pela família da sua amiga. Chorava pelo rapaz que ela só havia conhecido mesmo há poucos dias, mas que agora tinha como um amigo querido. Mas chorava principalmente por si mesma. Como ela poderia não pensar que aquilo tinha a ver com ela? Como ela não poderia ver a mão de Irina e do Vodianoy nisso? O desespero tomou conta de si e ela chorou desesperadamente, pensando que, se André morresse, a culpa poderia ser sua.

Alguns minutos se passaram até que Kátia adentrasse o quarto, sentando ao seu lado na cama.

— Oh, minha querida menina – ela dizia enquanto acariciava os cabelos castanhos da neta.
– Seu pai pegou o seu telefone e terminou a conversa com sua amiga. Ela disse que o menino está no hospital. Vamos ter fé e acreditar que ele pode sair dessa situação.

Tatiana levantou a cabeça cheia de lágrimas e se virou para avó.

— Você não entende, baba! E se isso tiver sido culpa minha? E se ele tiver se afogado por minha causa?

— Mas como ele poderia ter se afogado por sua causa, minha querida?

Ela olhou para o rosto frágil da avó. Como explicaria a ela? Como diria o que havia acontecido? Como diria que os contos de fadas que ela trouxe com tanto carinho da sua terra natal tinham ganhado vida e agora poderiam levar um menino inocente à morte? Observando o rosto triste e cansado de Kátia ela soube que não podia. Sabia que não era possível. Assim, sem escolha, ela uma vez mais se sentia frágil e perdida. Uma vez mais, ela não tinha escolha a não ser pousar o rosto no ombro da avó e chorar...

CAPÍTULO XXXIII:

HOSPITAL

Tatiana visitou o hospital no dia seguinte. Os pais de André estavam lá, assim como Sandra. Tinham passado a noite ao lado dele, aflitos, sem saberem o que esperar. No nascer do dia, receberam a notícia. André estava em coma. O longo período afogado fez com que o cérebro sofresse com a baixa oxigenação. Não havia previsão de quando poderia despertar, nem eram descartadas sequelas. Ele vivia, mas dificilmente sua vida voltaria a ser a mesma. A sua família estava completamente desolada. Até mesmo Sandra, que considerava seu irmão tão estranho. Parece que as diferenças entre irmãos somem nessas horas. Ela tentou pensar em como se sentiria se fosse com Ivan, mas só a possibilidade era insuportável.

Tatiana conseguiu alguns poucos minutos para entrar na sala. Sandra preferiu não entrar. Não queria ver o irmão daquela forma. Ela olhou para ele, imóvel, entubado. Parecia muito frágil. André nunca tinha sido um rapaz vigoroso, mas ali ela percebia o quão frágil ele era. Ele podia morrer a qualquer momento e ela não conseguia tirar da cabeça que a culpa era sua. Na verdade, a sensação de estranheza, de medo e de urgência lhe dava a certeza de que havia sido Irina. Mas como poderia dizer isso aos pais de um menino em coma? “Olha, seu filho foi afogado pelo espírito de uma mulher russa morta que veio para o Brasil nos contos de fadas da minha avó?” Incapaz de continuar ali por muito mais tempo, ela voltou para o corredor onde Sandra se sentava, inconsolável.

— Não quer mesmo ir lá dentro? – Tatiana disse, sentando-se ao seu lado.

— Não quero ver ele daquele jeito. Quero vê-lo do jeito que me lembro. Insuportável, pedante, estranho, mas andando e falando.

Tatiana abraçou a amiga que começava a chorar.

— Shhhhhhh, calma, calma. Ele vai sair dessa. Ele está vivo. Não vai se entregar agora.

— Não é o que os médicos dizem. Eles nem tentam esconder – Sandra limpou o nariz com a manga da blusa. – Eu nunca pensei que ia me preocupar tanto com esse grande idiota.

Tatiana sorriu, ainda que fosse um sorriso triste e com lágrimas nos olhos.

— É, eu sei. Eu também nunca pensei que iria gostar dele. Mas hoje percebo o quanto ele é inteligente e capacitado. Entendo as preocupações culturais dele e sua visão sobre a vida. Acho que seu irmão é alguém muito especial.

— É. No fim das contas, acho que ele é. E eu já devia ter dito isso a ele. Por que isso tinha que ocorrer justo agora?

Tatiana continuou abraçando Sandra, que havia recomeçado a chorar. Ela ficou em dúvida se deveria dizer o que achava. Mordeu o lábio, pensando que era melhor que ela ficasse sabendo

o que passava pela sua cabeça.

— Sandrinha, sinto muito. Eu tenho medo... tenho medo de que tenha sido culpa minha.

Sandra se virou para ela, os olhos vermelhos de tanto chorar, mas ainda de voz firme.

— Como assim, culpa sua?

Tatiana tentou escolher as palavras, mas estava nervosa e não sabia direito se estava fazendo a coisa correta.

— Você lembra... ele me ajudou... me salvou de Irina e do Vodianoy... por isso acho que eles podem tê-lo atacado... para se vingar por não poderem mais chegar a mim...

— NÃO! NÃO! NÃO! – Sandra se desvencilhou do abraço de Tatiana, gritando através do corredor do hospital. – Dá pra você parar de querer ser o centro das atenções um pouco? O meu irmão está lá dentro, podendo morrer e você vem me dizer que é porque alguém queria você? Como você é ridícula!

— Sandra, calma...

— Calma nada! No fim das contas, você está se mostrando tudo aquilo que Andréa diz que é! Uma menininha mimada que acha que o mundo gira ao seu redor – uma enfermeira surgiu no corredor, fazendo sinal de silêncio para Sandra, que então se abaixou e ficou de frente para Tatiana. – Escuta aqui, eu não quero saber disso. Não quero saber o que vocês fizeram na Oheokoti. Não quero saber de magias, feitiçarias ou fantasmas, ouviu? O que aconteceu aqui foi real, não uma piração da sua cabeça. Aprenda a diferenciar as coisas.

E Sandra foi em direção ao banheiro. Todas as pessoas no lotado corredor do hospital público ficaram olhando para Tatiana. Ela preferiu se levantar e ir para casa, de cabeça baixa para que não vissem sua expressão abatida...

CAPÍTULO XXXIV:

EXPLOSÕES

Na manhã seguinte Tatiana decidiu que iria para a escola. Havia passado o restante do dia anterior fechada no seu quarto. Precisava de ar puro. Ela não tinha raiva de Sandra. Na verdade, até achava que a entendia. Era muito para a cabeça de qualquer um. O bastante para qualquer um implorar por normalidade, por uma explicação mundana para todas as coisas. Ela não duvidava que Sandra acreditasse. Ela havia visto Irina e com certeza percebeu o quão incomodada ela tinha ficado com as palavras de André. Também não devia considerar o seu desaparecimento após a Oheokoti uma mera coincidência. Ainda assim, tudo isso era muito estranho e difícil de lidar para jovens apegadas ao mundo “real”, ao aqui e agora. Tatiana entendia Sandra, pois ela também era assim. Ainda estava se acostumando. Não tinha ficado mais corajosa ou sábia desde que tudo havia começado, ou pelo menos achava que não. Mas de uma coisa tinha certeza. Ela passou a acreditar. Acreditava no sobrenatural. Acreditava na existência de espíritos. E acreditava na magia. Se acreditava na magia, precisava acreditar que estava segura. Pois havia sido isso que fora prometido na Oheokoti.

Curiosamente, por mais que acreditasse que a magia Terena a protegeria, a sua decisão de ir para a escola envolvia principalmente o desejo de voltar a ser uma garota normal. Não havia sido para isso que tinha ido à Oheokoti? Para ter sua vida de volta? Acreditava que seria um desrespeito ao Vanuno, aos Terena e, principalmente, a André, se não tentasse viver a sua vida de forma normal, depois de tudo o que fizeram para devolvê-la a ela. Dessa forma, preferiu não passar mais um dia trancada em casa. Ela sabia que Sandra não estaria lá, mas tudo bem. Ainda tinha as outras amigas e não tinha dificuldades em se dar bem com a maioria das pessoas. E ainda podia anotar a lição para ela, uma vez que iria precisar de alguns dias fora da escola. Ainda sem certeza do que faria com Caetano, sabia que não continuaria dando esperanças ao rapaz. Era melhor assim.

Ela chegou normalmente à escola. Não parecia que haveria algo de anormal. Conversou com Beatriz e Iara sobre André. Elas realmente estavam preocupadas com Sandra, mas pareceram entender que era André que estava em risco. Por vezes parecia que aquelas meninas sequer sabiam que ele existia. Quando sabiam, era para desprezá-lo e debochar do garoto. Ao menos não fizeram aquilo, ou Tatiana podia muito bem deixá-las falando sozinhas. Ela chegou a ver Caetano junto a seus amigos na entrada, mas optou por não falar com ele. Ainda não tinha escolhido as palavras certas, então preferiu ser engolida pela multidão do que se mover na direção dele. As primeiras aulas foram normais, o que significava que ela não entendia muita coisa. Nos últimos dias ela vinha percebendo o quanto sua atitude em relação aos estudos estava

sendo displicente. Não podia culpar o Vodianoy e Irina por isso. O problema vinha de antes. Do momento em que chegou na escola, vinda de longe, e descobriu que ali seria o centro das atenções. Ser a garota popular havia custado mais do que ela pensava.

Quando desceram para o intervalo, ela ainda não havia decidido o que ia dizer para Caetano. Não havia perguntado a opinião de Beatriz e Iara. Provavelmente elas não entenderiam bem a necessidade de Tatiana de dispensar Caetano. Assim, ela desceu para o intervalo junto com as duas amigas, torcendo para não encontrá-lo no pátio. Algo inútil, obviamente. Ele a aguardava, recostado no portão que levava ao pátio.

— Fugindo de mim, Tati?

Tatiana não conseguiu disfarçar o embaraço. Apesar de todo o tempo pensando, não conseguiu chegar a uma resposta. Gaguejou as palavras.

— Não... é que... sei lá... precisamos conversar uma coisa.

— Conversar o quê? Pensei que estava tudo certo entre nós – Caetano a segurou levemente pelo ombro, olhando diretamente nos seus olhos. Ela sabia que não seria fácil, mas não imaginava que seria tão complicado. Não havia magia que a pudesse ajudar ali. Queria que Sandra estivesse com ela.

— Espera – ela disse, retirando a mão dele do ombro. – Eu vou na cantina comprar um refri. Aí a gente conversa, ok?

Caetano pareceu contrariado, mas não insistiu.

— Tudo bem. Mas não esqueça de mim. Estarei esperando.

Ela não respondeu. Continuava pensando em como dizer a ele que não aconteceria mais nada entre os dois. Aquela reação, a mão no ombro, parecia um sinal de que ele não receberia a notícia bem. Mas não acreditava que ele pudesse agredi-la. Ele gostava dela, não? Mais do que ela gostava dele, ao que parecia. Ainda assim, ele só conseguiu deixá-la mais preocupada.

Ela não conseguiu pensar naquilo por muito tempo. Logo outra coisa chamou sua atenção. Uma voz familiar.

— Olha só, a patricinha sozinha, sem a amiga puxa-saco e o nerd babão.

Ela não conseguiu resistir à provocação. Se fosse apenas com ela, não teria problemas em ignorar, mas não iria aturar ofensas a Sandra e, principalmente, a André, que estava em estado tão grave no hospital.

— Escuta aqui, sua piranha – disse, virando-se para Andréa e suas amigas. – Caso não saiba, o André está hospitalizado! Demonstre um pouco de respeito, seu monte de lixo!

As meninas fizeram pouco da explosão de Tatiana, apenas rindo na cara dela.

— Pau no c* dele – continuou Andréa – Hipócrita do caralho! Ficava o tempo todo falando de “herança indígena” aqui, “tradição nativa”, “Terena”, “Guaná”, e o escambau, e para quê? Para apoiar que uma menininha branquela fique usando nossa cultura?

— Você não se importa com sua cultura! Nunca se importou! Você não passa de um monte de merda bugre que não dá a mínima para os seus ancestrais. Eles teriam vergonha de ver que deram origem à escória que você é! Foda-se você e suas amigas! Se bugres que nem vocês não conseguem dar valor ao que tem, então eu faço isso pra vocês, seus merdas!

Foi então que ela percebeu. O pátio inteiro olhava para ela. Até mesmo suas amigas. E principalmente o inspetor olhava para ela. Ela olhou de volta para ele com um olhar de súplica. Ela nunca havia feito comentários racistas antes, não podia ser punida pelo que havia dito em um momento de pressão. Mas a expressão do homem era irredutível. Ela o acompanhou em direção à diretoria, enquanto Andréa e suas amigas gargalhavam, enfim desfrutando de um triunfo contra Tatiana. Ela, por sua vez, não tinha defesa. Sabia o que havia dito. Sabia que termos havia usado. Sabia que não havia simplesmente ofendido Andréa, mas que havia usado termos sumariamente racistas. Ela tinha certeza que a direção da escola não seria gentil com ela, nem teria motivos para ser.

E não foi. Tatiana sequer prestou a atenção em tudo o que era dito. Ela olhava para o diretor Cláudio, via sua boca se movendo, via sua expressão enfurecida, mas ignorava completamente o som de sua voz. Sabia que havia errado, não precisava de um sermão. Queria que aquilo simplesmente acabasse logo. Dentre as poucas palavras que ouviu, conseguiu distinguir uma delas claramente. “Suspensão”. Ela aceitou o castigo passivamente. Recebeu a advertência do diretor sem abrir a boca. Voltou até a sala e recolheu seu material em silêncio. Toda a sala a observava. Ela não se importava. Sandra não estava lá, então entrou e saiu sem olhar para ninguém. Saiu da escola e foi direto para casa. Praticamente não olhou para os lados no caminho. Mas, ao passar pelo rio, ao chegar exatamente ao meio da ponte onde tantas coisas tinham acontecido, ela não teve como se segurar mais. Virou-se para o rio e gritou:

— Rio desgraçado e todos os que vivem nele! Desde que entraram na minha vida, tudo virou uma merda! Pois bem, vocês podem continuar tentando estragar tudo, mas eu continuo de pé, seus merdas aquáticos! Pouco me importa se são europeus, indígenas ou do inferno, vocês são um bando de perdedores e esquecidos! E se depender de mim, é isso que continuarão a ser! Vão para o diabo que os carregue!

Ela fitou o rio, como se esperasse uma resposta. Nenhuma veio. Então continuou o caminho para casa, ignorando todas as pessoas que a observavam. Adentrou o portão de forma apressada, como se não quisesse ver ninguém naquele momento. Mas, ao entrar na sala, encontrou com a mãe e a avó assistindo televisão juntas.

— Tatiana, o que é isso? Por que chegou em casa mais cedo? – perguntou a mãe, que havia tomado um susto com a entrada repentina da filha.

Mas Tatiana não se sentia no humor para dar explicações.

— Cheguei em casa mais cedo porque quis, sua bruxa intrometida! Se tudo o que você vai

fazer é me acusar e me ofender, que é o que sempre faz, então eu cheguei em casa porque quis, tudo bem?

— Tatiana, o que é isso? Sua mãe está preocupada! – interveio a avó.

— Porque isso é a única coisa que eu trago para vocês, não é, baba? Preocupação! Mas podem ficar sossegadas, eu estou muito bem e em casa, então não precisam se preocupar com mais nada, ok? Só me deixem em paz!

E foi direto para seu quarto, antes que qualquer uma dissesse mais alguma coisa. Nenhuma delas foi atrás e ela não esperava que fosse. Só queria paz e esquecer de tudo o que estava acontecendo. Esperava que, ao menos em sua casa, encontraria sossego, como ocorrera antes. Esperava que ali ninguém a incomodasse e ela pudesse pensar na sua vida em paz. E deitada na sua cama, ainda tentando se acalmar depois de tudo o que havia acontecido, Tatiana adormeceu...

Um vento gélido a despertou, um vento mais frio que ela jamais sentira. Ao abrir os olhos, percebeu que, uma vez mais, não estava em casa. Só que, ao invés de estar no mundo aquático dominado pelo Vodianoy, dessa vez ela não conseguia dizer que lugar era aquele. Tudo era muito claro, com uma espessa névoa ao redor. Era como o Céu aparecia em alguns filmes e, de fato, se a perguntassem onde estava, sua primeira resposta seria que acordara no meio de uma nuvem. Por um momento ela até achou graça. O que mais viria agora? Anjos? São Pedro nas portas dos Céu? Querubins e suas harpas?

— Não. Só eu.

Ela se assustou com a chegada da voz. Ao se virar, viu um pequeno homem sentado ao lado dela. Vestia-se com roupas eslavas tradicionais, mas parecia ter o corpo coberto de pelos brancos; tinha também uma longa barba, comprida até a barriga, cobrindo mal as bochechas vermelhas. Ele não estava ali um segundo antes.

— Você é...

— Sim, sou eu – respondeu ele, com uma voz cortês, mas aguda. – Domovik.

Ela não conseguiu segurar o riso.

— Da última vez que te vi, você parecia um personagem de filme épico. O que foi, cansou de bancar o machão heroico e resolveu virar um anão de jardim?

— Da última vez que te vi, você era uma menina assustada que parecia bem-disposta a aceitar a ajuda de qualquer um. Quando foi que virou essa criatura irritante e arrogante?

— Touché – respondeu Tatiana, voltando a fitar a névoa. – E o que você faz aqui?

— As lendas do povo do Vanuno são bonitas, não?

— São.

— Ivan só vai conhecer as lendas da terra onde vivem agora?

— E o que você tem a ver com isso?

— Na verdade, nada. Há muito tempo já nos conformamos com o esquecimento. Sua família seria apenas mais uma a nos deixar para trás.

— Então por que está perdendo seu tempo?

— Porque não me importo que nos odeie. Mas me importo que odeie o que é. Ou que odeie seus ancestrais.

— Não odeio meu ancestrais. Somente as merdas de criaturas de contos de fadas que eles trouxeram e que ficam aparecendo nos meus sonhos sem serem chamadas.

— Esses contos de fadas eram parte da cultura deles. Eram partes das suas próprias vidas, assim como são da sua.

— Então são uma parte de merda. E eu vou arrancar essa merda de mim.

— Não é verdade. Há muita beleza nas nossas histórias, muitos bons ensinamentos, muita coisa para criar pessoas melhores.

— Muita crueldade, muito humor negro, muitas trevas também. Acho que meu irmão não precisa disso para ser uma pessoa melhor.

— Você sabe que não é só isso. Caso contrário não teria amado tanto essas histórias quando tinha a idade dele.

Tatiana suspirou.

— Isso foi antes de uma criatura do folclore invadir meus sonhos. Como você está fazendo, aliás.

— Tatiana, nós tentamos protegê-la do Vodianoy. Se você ao menos nos ouvisse...

— Não tentaram nada! – gritou Tatiana, virando-se para o pequeno homem. – Eu fui até vocês! Vocês me ignoraram! Eu precisei ser protegida por um deus indígena, já que vocês são inúteis demais para proteger seu próprio povo!

— Eu concordo que o Vanuno é poderoso nessas terras, mas não quer dizer...

— Não quer dizer o quê? Que vocês são inúteis? Que não servem pra nada? Que não podem sequer cuidar de um de vocês, que continua vagando por aí e colocando vidas em risco? Pelo menos eu estou a salvo, mas é graças ao Vanuno, não a vocês!

— Tatiana, eu protegi sua casa...

— E veio cobrar o favor? Veio me dizer que é melhor que os deuses dessa terra?

— Não, garota teimosa! – disse o pequeno homem, já demonstrando desespero para com a garota que não o ouvia. – Eu estou tentando dizer que ambas as culturas existem e podem ter um lugar em você. Nós, os entes dos antigos eslavos no sangue, o Vanuno e os deuses dos Guaná na terra.

— Bonita a sua fala, mas dessas duas culturas, apenas uma se dispôs a me ajudar. Não vejo razão pelo qual eu deveria sequer me lembrar da outra.

— Tatiana, não faça isso, eu sou o protetor da sua casa e família...

Mas Tatiana estava irredutível. Ela se levantou da cama e olhou de cima para o Domovik.

— Domovik, eu dispensei os seus serviços.

O rosto do pequeno homem barbado demonstrou um choque inicial, seguido por uma tristeza imensa. As névoas se desvaneceram levando o Domovik com elas, que apenas pôde lançar um último olhar desolado para Tatiana. Quando as brumas desapareceram por completo, apenas seu quarto restava...

CAPÍTULO XXXV:

A JORNADA

A manhã seguinte chegou, mas Tatiana ainda não havia contado à sua família sobre a suspensão na escola. Achava que aquilo poderia esperar mais um pouco, uma vez que tinha preocupações mais importantes na sua cabeça naquele momento. As mensagens de Sandra ainda vinham frias e impessoais, mas diziam que o estado de André não havia se alterado. Ela e sua família passariam o dia inteiro no hospital com ele, pelo que havia entendido. Mentalmente ela pediu perdão, mas era justamente aquilo o que ela precisava. Saiu de casa como se fosse para a escola, sem levantar suspeitas adicionais da sua família, que já andava desconfiada demais. Mas a escola não seria o seu destino. Não naquele dia que havia começado chuvoso e sombrio.

Ela atravessou a ponte a caminho da escola, da mesma forma que fazia todos os dias. Encontrou os mesmos alunos que também iam para a escola, as mesmas pessoas que iam para o trabalho. Mesmo que por debaixo do guarda-chuvas, alguns olhavam para ela, lembrando-se do dia anterior. Deviam se perguntar a razão de ela estar indo para a escola, uma vez que certamente sua suspensão já devia ser notícia. Ela não se importou. Após passar pela ponte, contudo, Tatiana pegou um caminho diferente. Andou diretamente pela rua que levava para a casa de Sandra. Precisava falar com alguém e não era com sua amiga. Precisava de alguém mais experiente.

Ao chegar ao seu destino, ela logo tocou a campainha. A demora para alguém atender confirmou o que ela já esperava: Sandra e seus pais já tinham ido para o hospital para cuidar de André. Ela aguardou até que a velha Isildinha surgiu na porta, olhando para a garota de guarda-chuvas.

— Dona Isildinha! Eu preciso de sua ajuda!

A velha indígena, contudo, não parecia disposta a falar com Tatiana.

— Sai daqui! Você trouxe o mal para minha família! Sai! Não quero falar com você!

Ela estava preparada para aquilo. Sandra podia não acreditar, mas ela sabia que a avó ligaria facilmente os pontos que a levavam ao afogamento de André.

— É por isso que eu preciso da sua ajuda! Eu quero entender o que está ocorrendo comigo!

— Sai daqui! O Vanuno já disse que vai te proteger! Nos deixe em paz!

— Sim, mas ele não disse que ia proteger quem eu amo! O Vodianoy ainda está aí! Você sabe! Minha família e amigos não estão seguros! Se nem o André, que é um koixomuneti, estava seguro, ninguém mais está! Nem a Sandra!

A velha Isildinha olhou para ela, o olhar sério e concentrado de sempre. Então deu as costas para Tatiana, mas não sem antes dizer:

— Entre.

Tatiana entrou. Retirou os tênis antes de adentrar a sala e deixou o guarda-chuvas do lado de fora. Encontrou Isildinha sentada no sofá. Seu rosto era sério como sempre, mas havia também uma enorme tristeza que era perceptível nos seus olhos.

— Dona Isildinha, eu sinto muito pelo André...

— O que você quer? – interrompeu bruscamente a mulher. Tatiana percebeu que era melhor não fazer rodeios.

— Desde o que aconteceu com André, a senhora sabe, eu tenho achado que o Vodianoy ainda está por aí. Ele não pode chegar até mim, como foi o acordo feito na Oheokoti, mas acho que ele pode tentar atacar pessoas próximas a mim. Por isso acho que o que ocorreu com seu neto é culpa minha... e não quero que ocorra com mais ninguém...

A velha mulher não respondeu. Apenas continuou olhando para Tatiana, que preferiu continuar.

— Por isso eu queria saber mais sobre o que eles buscam. Quero evitar que mais gente se machuque. E queria saber se pode me ajudar com isso...

A velha indígena se levantou com dificuldade. Olhou firmemente para Tatiana então deu as costas, indo em direção aos fundos da casa, onde sempre estava.

— Vamos.

Tatiana a seguiu em silêncio. Chegaram à área coberta onde a velha Isildinha costumava fumar o seu cachimbo. Ela apontou para uma esteira enrolada e Tatiana entendeu. Ela a esticou e se sentou nela, desligando o celular para que não fossem interrompidas, enquanto a anciã Terena deixava o corpo pesado sobre o banco, como sempre. O kipahé e o itaaká estavam ali, bem como o cachimbo, e ela abriu uma pequena bolsa, retirando dela um punhado de ervas secas. Do lado de fora da cobertura, a chuva continuava. A esteira estava colocada em frente a Isildinha, de forma que uma pudesse encarar a outra. Tatiana observava enquanto a mulher acendia o cachimbo com as ervas.

— Dona Isildinha, eu sinto muito pelo que ocorreu com André. Eu nunca pensei que isso poderia acontecer. Pensava que Vanuno protegia a todos.

— Não é assim que funciona – disse a velha Terena após baforar uma pequena nuvem de fumaça. – A magia que foi feita em você fechou as portas para o mundo espiritual. Vanuno só deixou a chave com o pequenino, para que não perdesse contato com seus ancestrais. O Koixomuneti é aberto ao mundo espiritual. Ele precisa saber lidar com ele. Não pode se permitir ser dominado por ele – a velha Terena pitou mais uma vez o cachimbo, mas não sem olhar para baixo com tristeza. – André era jovem demais.

Tatiana procurou palavras de conforto para a velha senhora, mas não encontrou nenhuma que realmente fosse apropriada naquela situação. Pensou que ela poderia encarar como desrespeito se dissesse que André era um grande koixomuneti, então mudou de assunto.

— E o que faremos então?

— Vamos desfazer a magia – disse Isildinha; e diante dos olhos arregalados de Tatiana, acrescentou. – Temporariamente.

— Mas isso não é perigoso? Digo... para mim?

— Só se você fizer algo estúpido – respondeu a anciã Terena. – Só você pode fazer essa jornada, mas você vai para observar. Aprender. Se fizer qualquer coisa para chamar a atenção, é problema para todos nós. Entendeu?

Tatiana assentiu com um menear de cabeça tenso, ainda com olhos arregalados.

— Quer desistir?

— Não. Preciso fazer isso. Preciso perder o medo, ou alguém mais pode se machucar.

Isildinha assentiu.

— Então deita na esteira. Pense nos contos que ouviu quando era criança. Foque sua mente neles. Pense no significado deles. No que você sabe sobre eles. Sempre que sua mente quiser fugir, volte aos contos. Eles vão te guiar.

Tatiana obedeceu. Deitou-se na esteira e fechou os olhos. Tentou escolher um conto para pensar, mas logo se distraiu com o cheiro de ervas queimadas que tomou suas narinas. Ela tentou ignorá-lo, bem como rápidas e curtas rajadas de vento que ocorriam sobre seu corpo. Sabia o que estava ocorrendo. Isildinha estava soprando a fumaça sobre ela e a espalhando com o kipahé. Ela não podia se distrair. No fundo, escutava o som da chuva. Escolheu o conto do Vodianoy. Parecia apropriado. Relembrou a história, detalhe por detalhe, mesmo quando começou a ouvir a voz de Isildinha cantando e o itaaká soando. Chuva, canto, itaaká. Mas ela não se permitiu distrair. Fez com que a história se repetisse, dessa vez acompanhando o ritmo da canção. E ela conseguia vê-la com detalhe vívidos. Logo a música foi interrompida. Mais fumaça de ervas, mais vento. Ela estava relaxada, aquela fumaça não era muito diferente de um incenso. Então a música recomeçou. Chuva, canto, itaaká. Uma vez mais, ela permitiu que a história ocorresse no ritmo da canção. Uma vez. Duas vezes. Três vezes. Ela não sabia dizer quantas vezes a história foi repetida na sua mente. Logo ela era uma mistura de fatos e imagens bagunçados dentro da sua cabeça. Quem era o Vodianoy? Quem eram as russalki? O que eles queriam? Ela precisava reorganizar a história na sua cabeça para que ela fizesse sentido. E ela viu...

CAPÍTULO XXXVI:

NAS COSTAS DE UM VELHO RIO

O som de tambores cortava a noite, batendo como o coração da própria terra, como o coração da própria Mãe Zemlya. Se você andasse pelos caminhos daquela terra naquele momento, ouviria principalmente o som dos tambores vindo de dentro da floresta. Ouviria gritos selvagens, como o de demônios e espíritos zombeteiros da noite que se esconderiam por entre as árvores. Talvez ouvisse também flautas, cantos e vozes humanas, mas que estariam muito mais baixos que os gritos noturnos e as batidas secas nos tambores, um ritmo que seria muito difícil de identificar se era festivo ou de guerra. E todos esses sons vinham de dentro das árvores. Além das árvores seria possível ver um clarão irrompendo, cortando a escuridão. Nesse momento, qualquer um andando pelos caminhos daquela terra teria a opção de entrar por entre as árvores e descobrir a fonte daquela luz e sons. A maioria não o faria, ao menos se tivesse juízo. Por medo dos espíritos da floresta, do Leshiye? Também, mas o maior medo seria dos homens e mulheres que ali se esconderiam. Eles não gostavam de estranhos observando seus sacramentos.

Além das árvores, um mundo esquecido se mostrava. Uma grande fogueira acesa se erguia a uma altura muito maior do que qualquer homem, crepitando. Homens e mulheres dançavam ao seu redor, dançavam em uma roda que chegava às dezenas de pessoas. Crianças andavam em procissão, seguindo o sentido do sol, o sentido de Dažbog, carregando estandartes rubros com uma roda solar de oito braços entalhada em dourado. A temperatura gélida fazia com que nuvens se formassem com o hálito dos presentes, mas nenhum deles parecia se importar. Além da fogueira era possível ver um grande ídolo, esculpido em um tronco de madeira, elevando-se a mais de quatro metros do chão. Ele mostrava a imagem de um homem de rosto de austero, duro, de bastos bigodes, com uma cesta de peixes entre as mãos. Além dele, uma grande escuridão que mesmo a grande fogueira pouco iluminava. Mas mesmo essa pouca luz mostrava o movimento da escuridão, como se o chão ali andasse em direção ao sul. Era a corrente do Dniepre. E esta era uma celebração ocorrendo às costas do rio, um pedido para que a estação de pesca que estava para começar fosse próspera.

O som dos tambores continuava forte, bem como os cânticos. As pessoas dançavam ao redor do fogo em grupos alternados. Quando alguns se cansavam, outros tomavam o seu lugar, mas a dança continuava. Alguns homens lutavam em grupos, uns contra os outros, torsos desnudos apesar do vento gélido. As lutas pareciam possuir regras, mas não eram claras. Alguns apenas agarravam aos outros pelo tronco e pareciam tentar derrubá-los, outros estapeavam os rostos barbados dos companheiros, bem como seus braços e troncos. Não existiam armas, mas ainda assim feridas surgiam aqui e ali. Os que descansavam se sentavam próximo a fogueiras menores posicionadas ao redor do ídolo de madeira. Ali eram servidos por

homens e mulheres mais velhos, recebendo pequenas tigelas de um caldo de legumes ralo e claro. Era visível que aquelas pessoas estavam passando por um longo período de escassez, apesar da empolgação no festejo. Os rostos pálidos possuíam olhos fundos e com ossos marcados, características de uma fome que havia perdurado por tempo demais.

Em algum momento, os homens com os tambores se reuniram ao redor de um outro. A dança parou, pois a fogueira já começava a perder sua intensidade. O homem, vestido com um manto branco com detalhes vermelhos, nitidamente era o mais velho ali. Barba longa, grisalha e suja, usando uma coroa feita de longas gramíneas. Na sua mão, um cajado ornamentado com um rosto severo e barbado. Ele nada disse, e não parecia ser necessário. Todos ali sabiam quem ele era. Ninguém desafiaria sua autoridade. Ele olhou para as pessoas que começavam a se amontoar. Seus olhos repousaram sobre um jovem, provavelmente recém feito homem, ainda que, na visão dos de fora, ele seria pouco mais que uma criança. Era belo e nitidamente de nobre origem. Ao perceber que o velho o olhava, o jovem deixou a multidão, caminhando em silêncio para junto dele. Deu sua mão ao velho, e juntos andaram em direção às águas caudalosas do Dniepre.

Os tambores recomeçaram, seguindo em procissão atrás da dupla. O seu som era a única coisa ouvida agora. Era possível, se alguém tentasse, perceber o crepitar da fogueira ou o som do movimento das águas. Mas o único ruído humano perceptível era o soluçar de uma mulher que estava ao lado do jovem antes de ele ir para junto do velho. Ela era ignorada por todos, contudo. A dupla continuou andando em direção ao rio escuro. Nenhum deles pareceu se incomodar com as roupas se molhando enquanto entravam nas águas gélidas. Quando a corrente atingiu a cintura dos dois homens, o jovem se virou para o velho. Os dois se olharam de frente. Ele não tinha medo. O velho teria sentido orgulho, mas apenas fechou os olhos com uma expressão triste. Ele não tinha medo. Mas iria ter. A mão do velho pousou sobre sua cabeça, segurando seus cabelos claros firmemente. O jovem se abaixou, mergulhando a cabeça na água. Permaneceu com ela naquela posição. Logo seu corpo começou a se mover, mas a mão do homem velho manteve sua cabeça firmemente debaixo da água. Ele se debateu e começou a lutar, mas o velho continuou segurando firmemente a cabeça dele debaixo da água. Ele estava preparado para isso. Sabia que o jovem sentiria medo. Todos sentem. Nenhum deles está realmente preparado para morrer, mesmo que acreditem no contrário.

Logo o jovem parou de se debater. O velho segurou sua cabeça debaixo da água por mais um tempo, mas terminou por soltá-la. O corpo morto do jovem começou a boiar e logo começou a ser levado pela corrente do Dniepre. O velho saiu do rio sem olhar para trás, enquanto as mulheres jovens corriam na direção das águas para colocar sobre elas tábuas ornamentadas com flores e pequenas chamas acesas em resina de pinheiro. Era acreditado que essas tábuas levariam um recado aos Ancestrais, um sinal de que eram lembrados. Logo as tábuas

iluminadas pelas pequenas chamas começaram a dançar pelas águas escuras do rio, acompanhando a corrente e o corpo do jovem sacrificado. As pessoas na margem acompanhavam o movimento nas águas escuras, vendo as chamas se apagarem uma a uma. Alguns ofegavam. Estes podiam jurar terem visto mãos femininas surgindo das águas para pegar as tábuas e as levarem para as profundezas. O velho, já em terra seca, observou a correnteza enquanto as chamas se apagavam. Por um momento, antes que tudo sumisse na escuridão, ele viu um homem de traços poderosos e grossos bigodes, vestido no carmesim dos reis, pegando o corpo do jovem sacrificado em seus braços. Ele não saberia dizer se alguém mais o viu ou não, mas não importava. Quando a última chama se apagou, deixando o Dniepre novamente no escuro, ele sabia que a estação de pesca seria farta.

CAPÍTULO XXXVII:

SACRIFÍCIO

Tatiana abriu os olhos, despertando de forma súbita. Levantou o corpo, sentando e segurando a cabeça entre as mãos. Sua respiração estava acelerada, bem como os batimentos cardíacos, e sua cabeça rodava enquanto ela tentava organizar os pensamentos. Isildinha continuava ao seu lado, além de uma fina nuvem de fumaça de ervas, ainda com o rosto impassível. A chuva continuava.

— Encontrou o que buscava?

Tatiana engasgou as palavras enquanto tentava falar com a respiração acelerada.

— Eles... eles... eles querem um sacrifício...

A velha indígena não respondeu, ainda que parecesse entender sobre o que ela falava.

— O que eles queriam, o que eles queriam esse tempo todo, era a vida de alguém? Por quê?

— Você sabe. Procure dentro de você e descobrirá.

Tatiana respirou, tentando organizar as imagens na sua mente. Agora todos os contos que ouvira da sua avó na infância brotavam de uma vez na sua cabeça. Lágrimas rolavam de seus olhos quando ela chegou a uma conclusão.

— Ele queria uma nova russalka. Uma nova mulher d'água.

A velha pareceu assentir.

— Uma mulher d'água como as que seus ancestrais conheciam, mas que fosse nascida nessa terra, uma terra onde ainda existe a crença nas mulheres d'água. Uma ponte entre os dois mundos. Tem certeza disso?

— Eles precisavam de mim! Porque eu acreditei naquelas histórias quando criança! Porque elas vivem em mim!

Tatiana levantou-se rapidamente, procurando sua mochila e jogando-a nas costas.

— Tatiana? Não faça nada apressadamente...

— Você não entende! Eles não podem me alcançar! Vanuno me protege, mas eles não vão desistir assim! E eu retirei a proteção da minha casa, onde também há alguém que mantém essas histórias vivas dentro de si!

Tatiana correu pela casa de Sandra. Calçou rapidamente os tênis, mas acabou se esquecendo do guarda-chuvas. Correu pelas ruas, debaixo da chuva pesada e dos trovões. Sua cabeça estava tomada por diversos pensamentos. Eles nunca mostraram interesse em incomodar sua avó ou seu irmão antes. Parecia que seu único objetivo era a jovem Tatiana, que parecia estar em uma idade tão próxima das mulheres que eram escolhidas para ser parte das russalki. Mas

agora, depois de tudo o que havia ocorrido, não duvidava de que eles queriam vingança. Embora sua mente racional dissesse que não precisava correr, que haveria tempo, que não havia razão para que algo ocorresse logo naquele dia, ela ainda tinha a sensação de medo, de urgência, de perigo iminente. Exatamente como antes. Por isso continuava a correr debaixo da chuva incessante.

Ao chegar ao portão de casa, gastou alguns segundos recuperando o fôlego debaixo da chuva. Então ouviu um som e toda a sensação de medo ressurgiu com força. O choro de Ivan. Abriu o portão e entrou correndo na casa, encharcada e espalhando água a cada passo. Ivan estava na sala, sozinho, chorando. Ela correu até ele e o abraçou, pegando-o no colo.

— Ivan! Ivanzinho! Tá tudo bem, irmãozinho! O que foi que aconteceu? Conta pra Tati, conta...

Mas a criança não respondeu. Apenas continuava chorando. Tatiana percebeu que ele olhava para a cozinha. Ela respirou fundo, mas com a sensação de que já sabia o que encontraria. Seus olhos estavam cheios de lágrimas, enquanto caminhava lentamente em direção à cozinha. Tinha Ivan no colo, mesmo que suas mãos e braços estivessem tremendo. E ali encontrou.

Sua avó estava caída no chão da cozinha. O telefone sem fio da casa estava ao lado dela, bem como as frutas de uma cesta caída. Tatiana ficou paralisada e não saberia dizer por quantos minutos. Ficou ali, apenas observando o corpo de sua avó estendido no chão e ouvindo o choro de Ivan. Em algum momento conseguiu voltar a se mover. Deixou o seu pequeno irmão no chão e se ajoelhou ao lado de Kátia.

— Baba? Baba, fala comigo! Por favor, baba...

Sua voz era quase ininteligível pelo choro. Começou a chorar abraçada à avó caída, enquanto Ivan chorava do outro lado da cozinha. Onde estava sua mãe? Ela poderia ajudar. Ela poderia fazer algo que Tatiana não saberia fazer. Olhou para o rosto inerte da velha Kátia. Percebeu que ela ainda respirava. Então ainda estava viva. Alcançou o telefone caído e ligou para o serviço de emergência, esperando que houvesse tempo.

Tudo o que aconteceu a seguir ocorreu muito rápido. Ela falou com o serviço de emergência e eles mandaram uma ambulância. Tatiana procurou os vizinhos para que cuidassem de Ivan, pois ela teria que ir com a ambulância se sua mãe não chegasse. O veículo médico chegou após alguns minutos, mais do que haviam dito, mas ainda encontraram Kátia viva. Tatiana a acompanhou até o hospital, onde ela foi imediatamente levada para o setor de emergências. Os médicos pediram que ela não entrasse junto e disseram que chamasse um maior de idade o mais rápido possível. Contudo, Tatiana não conseguia sequer se lembrar do telefone celular no seu bolso, tamanho o seu choque. Ficou sentada no banco de espera, aguardando por notícias.

Demorou mais de uma hora para que o médico a chamasse. Permitiu que ela entrasse na

sala de emergências, onde a avó estava entubada.

— Ela está fraca, mas podemos considerar seu estado como estável agora.

— O que aconteceu com ela? – Tatiana perguntou ao médico, sem desgrudar os olhos da avó.

— Foi o coração. Mas precisarei de um maior de idade para dar mais detalhes. Você ligou para seus pais?

Ela se lembrou que precisava falar com a mãe. Seu pai deveria estar no trabalho, mas sua mãe estaria em casa naquela hora. Para onde ela havia ido? Decidiu que não importava, que ela precisava saber onde Tatiana e Kátia estavam. Pegou o telefone celular e viu que ele estava desligado desde o momento em que havia se sentado na esteira com Isildinha. Ao ligá-lo, percebeu que sua mãe havia ligado para ela várias vezes. Normal, ela pensou. Queria saber onde a filha e a sogra estavam. Ligou para ela de volta.

— Mãe?

— Tatiana! Onde você está?

A voz de Sônia estava nervosa, mas Tatiana considerava que isso era bastante apropriado à situação.

— Estou no hospital com a baba. Mas ela já está estabilizada.

— Hospital? O que foi que aconteceu? Cadê o Ivan?

Tatiana percebeu então que havia mais do que nervosismo na voz da mãe. Havia algo de desespero e choro no seu falar.

— O coração dela, pelo que o médico falou, mãe. O Ivan eu deixei com os vizinhos. Pensei que você o pegaria quando chegasse. Não chegou ainda? Onde você está?

— Eu estou perto do rio, Tatiana – e nesse momento o coração da garota praticamente parou. – O carro do seu pai... caiu no rio... Tatiana, ele morreu...

O celular de Tatiana ficou esquecido em sua mão, enquanto as lágrimas brotavam dos seus olhos e uma terrível sensação de culpa surgia no seu peito...

CAPÍTULO XXXVIII:

UMA DESPEDIDA

A chuva não parava. Os céus continuavam escuros, despejando águas sobre a terra. Apesar de pequenas tréguas ao longo dos dias, o clima chuvoso continuou por quase uma semana. Era como se a terra estivesse em luto, pranteando um pai ou filho morto. Ainda assim, o verdadeiro luto era reservado para os seres humanos. Poucos compareceram ao velório de Sansone. Alguns colegas de trabalho na fazenda – incluindo o pai de Sandra –, alguns amigos de bares da região, que costumavam acompanhá-lo nas tentativas de final de semana de apaziguar a própria realidade com a bebida. Tatiana e Sônia estavam lá, claro, mas não Ivan. Era muito novo, na visão das duas. Kátia ainda não havia se recuperado e qualquer outro familiar estava muito longe, ainda no Paraná. Eram apenas as duas da família na sua despedida.

A chuva não parava enquanto as pessoas se reuniam no velório público de Rio Santo. Não eram muitas, mas todas pareciam estar ali de forma sincera. Praticamente todos eram trabalhadores rurais da região, os “bugres” que a mãe de Tatiana desprezava, mas que tinham ajudado Sônia com os custos do velório e enterro. Ao que parece, Sansone era querido entre eles. Ou talvez fosse apenas a solidariedade entre pobres trabalhadores da terra. Ainda assim, não havia espaço para um lamento que não fosse sincero por parte deles, não havia um rosto cuja tristeza parecesse fingida entre eles. Para Tatiana o pai sempre parecera tão solitário e triste que até estava surpresa que ele tivesse amigos, principalmente leais o bastante para ajudar sua família e lamentar sua passagem.

Tatiana havia chorado a manhã inteira. Havia chorado o dia anterior inteiro. Ainda chorava naquela tarde chuvosa, enquanto via pessoa após pessoa se despedindo de seu pai. Ela se recusava a sair do lado de seu corpo. Continuava olhando para ele, sabendo que era a última vez que veria o rosto de Sansone. Ele parecia diferente do homem que ela conhecia. Mais pálido, mais inchado. Contudo, ainda que seus olhos estivessem fechados e a expressão séria, Tatiana não conseguia deixar de ver seu sorriso triste e preocupado ao olhar para ele. Sansone tinha muitos defeitos, na visão dela. Era um homem de pouco estudo e nenhum sucesso na vida, fosse profissional, fosse pessoal. Trabalhava como um empregado de fazenda enquanto muitos outros agricultores vindos do sul já tinham seus pedaços de terra. Tinha um casamento que dificilmente poderia ser considerado como feliz. Era teimoso e repleto de preconceitos. E, repentinamente, nada disso importava mais. Para ela, naquele momento, só lembranças do seu sorriso triste e cansado do trabalho vinham à mente, só lembranças da preocupação que ele tinha para com os filhos e sua educação. Ele faria de tudo por eles e trabalhava apenas por eles, deixando para trás qualquer possibilidade de alcançar alguma alegria na vida para cuidar da família. E isso era tudo

o que Tatiana conseguia pensar naquele momento. Era o que realmente importava.

Sônia permanecia com o olhar impassível, olhando como que incrédula para o corpo do marido. Tatiana olhava para a mãe e se perguntava o que passava pela cabeça dela. Será que estava triste? Ela sabia que o casamento dos pais não era caracterizado pelo amor há muito tempo, então tinha dúvidas quanto a isso. Estaria nervosa? Estaria culpando Sansone por deixar a família desamparada naquele momento? Ou estaria secretamente feliz por finalmente estar livre? Quando esse pensamento passou pela cabeça de Tatiana, ela odiou a mãe profundamente. Ela sabia que o casamento dos dois ainda existia mais por hábito do que qualquer coisa, ainda que os filhos servissem como desculpa também. Ainda assim, Sansone era totalmente dedicado à família. Ele havia abdicado da própria vida por eles e Tatiana acreditava que a mãe deveria ao menos reconhecer aquilo.

Eles receberam o chamado. Era a hora de levar o caixão com Sansone para a sepultura. Todos os ainda presentes se reuniram ao redor do corpo para olhar para ele pela última vez. Tatiana ofegou, não conseguindo conter as lágrimas. Era a última vez que veria o seu pai e só agora entendia o quanto ele faria falta na sua vida. Estendeu a mão para dentro do caixão, tocando as mãos dele pela última vez...



E ela viu. A sensação de deslocamento involuntário retornou, a visão embaçou por alguns instantes. Então viu. Viu a rua que corria ao lado do rio. Era um local distante da ponte, próximo dos limites da cidade e do encontro com o Rio Paraguai. Não muito longe de onde André havia sido encontrado. Via de forma embaçada, com gotas atrapalhando a visão, como se estivesse dentro de um carro. Chovia muito dentro de sua visão, mas conseguiu ver uma silhueta surgir repentinamente na sua frente. Alguém pequeno e magro, com cabelos negros e longos. Tatiana percebeu que olhava pelos olhos do pai, na manhã do acidente, através do vidro da caminhonete. E Irina estava lá, na frente dele. Ele tentou desviar dela, lançando o veículo na direção do rio. Ainda pôde ver a garota sorrindo, parecendo confortável mesmo estando encharcada pela chuva. Então o carro e a visão afundaram na escuridão...



As testemunhas disseram que ele havia perdido o controle com a chuva. Que os pneus da caminhonete estavam gastos. Mas Tatiana imaginou, desde o início, que Irina estava por trás do acidente. Ela tentou ouvir todas as explicações dadas pelas testemunhas, mas nada mudava a

terrível sensação de que seu pai havia morrido por sua causa. E agora, vendo o carro deslizar em direção ao rio e a visão escurecer, ela teve certeza. Começou a soluçar de forma convulsiva e as lágrimas brotavam em profusão dos seus olhos. A sua respiração pareceu falhar e por um momento pensou que fosse desmaiar. Mas não caiu. Foi amparada antes mesmo de começar a fraquejar. E buscando aquele que a havia segurado, em um abraço firme, mas carinhoso, encontrou o rosto de sua mãe. E apesar de ainda impassível, havia inegáveis lágrimas nos olhos de Sônia. E Tatiana se permitiu abraçar por ela, enquanto afundava o rosto em seu ombro para poder chorar.

A tampa do caixão foi colocada. Debaixo da chuva, o cortejo seguiu. Tatiana e Sônia, abraçadas uma na outra, iam por último. O esquife, contudo, só foi depositado na sepultura após a chegada das duas. Debaixo da chuva elas viram o caixão ser baixado no buraco escuro do solo. Debaixo da chuva elas viram a terra começar a ser lançada sobre ele. Debaixo da chuva viram que as pessoas aos poucos davam as costas ao local, tendo encerrado sua despedida. Debaixo da chuva elas deixaram o cemitério, abraçadas uma na outra...

CAPÍTULO XXXIX: DECISÕES PARA O FUTURO

Os dias seguintes se arrastaram. Kátia ainda não havia recebido alta, estando em observação no hospital. Apesar de estar desperta, seu coração estava bastante fraco com a morte do filho. Ivan, por sua vez, ainda não havia entendido o que ocorrera. Perguntava constantemente pelo pai, ainda esperando pelo seu retorno, mas cada vez que o fazia, trazia novas lágrimas e dores à irmã e a mãe. Tatiana preferiu não retornar à escola, pelo menos por alguns dias. Não conseguia deixar de pensar que a culpa pela morte do pai havia sido dela, por isso não tinha a pretensão de deixar o que restava da sua família desprotegido, mesmo sabendo que Sônia nunca acreditaria se ela contasse o que havia acontecido. Ainda assim, foram dias tristes, vazios e silenciosos, sem que ela ou a mãe dirigissem a palavra uma para a outra, a não ser para assuntos para práticos. A relação delas não havia piorado, mas simplesmente não sabiam como voltar a conversar sem falar de Sansone. Assim o silêncio predominava na casa, e mesmo Ivan estava mais quieto, com saudades do pai e da avó.

Porém o silêncio não duraria para sempre. A vida da família havia mudado radicalmente e esse tipo de mudança raramente vinha sozinho. Por isso Tatiana não se surpreendeu quando sua mãe entrou no seu quarto, na primeira manhã ensolarada desde o acidente.

— Posso entrar?

— Já está dentro.

Sônia se sentou na cama de Tatiana, ignorando a rispidez da filha.

— Tatiana, não há um jeito fácil de dizer o que tenho para falar. Mas como precisa ser dito, serei direta. Assim que sua avó tiver condições de viajar, voltaremos ao faxinal – fez uma pequena pausa, sem olhar diretamente para a filha. – Nós vamos para casa.

— Essa é nossa casa – respondeu Tatiana, após uma pequena pausa.

— Tatiana, não comece, por favor...

— Essa é a nossa casa! Foi aqui que o meu pai escolheu viver!

— Ele não está mais aqui, filha...

— Como você pode falar assim? Depois de tudo o que ele fez para tornar a nossa vida aqui mais digna, você vai simplesmente jogar tudo fora?

— Ele nunca perguntou a nossa opinião antes de nos trazer para cá! Você não entende?

Tatiana pulou da cama, ficando de pé.

— Entendo que você está cuspidando na memória dele! Está tão louca de vontade de voltar para onde veio, onde todo mundo se parece com você, onde pode se agarrar a um monte de coisas e tradições que vão morrer depois da sua geração, que não está sequer pensando no quanto ele trabalhou por nós!

— E no quanto eu trabalhei? O quanto eu fiz para manter essa família unida? O quanto trabalhei em casa e joguei fora minha própria vida para viver aqui? Eu posso não ser perfeita, Tatiana, posso ter mil defeitos, mas não pode dizer que não fiz sacrifícios pela nossa família!

Sônia se levantou e olhou nos olhos de Tatiana. Dessa vez eram os olhos da mãe que estavam cheios de lágrimas, mas sua expressão e atitude permanecia forte e irredutível.

— Eu não tenho como sustentar a família aqui. Eu preciso de um emprego, mas não sei como conseguir um. Eu nunca tive a chance de trabalhar, pois seu pai sempre cuidou de tudo e eu sempre tive vocês para me ocupar. Talvez conseguisse algo como doméstica, mas não tenho com quem deixar o Ivan. Sua avó ainda estará muito frágil quando voltar e não sabemos de quanto tempo ela precisará para se recuperar, se é que vai acontecer. Lá ela tem amigos e família. Assim como eu. Assim como você – Sônia se dirigiu à porta do quarto, completando sem se virar. – Não seja egoísta, Tatiana. Precisamos ir e você sabe disso.

Tatiana estava incrédula. Ela não queria abandonar a sua vida e tudo aquilo pelo qual seu pai trabalhou. Ela tinha Sandra, André e amigos ali, não queria voltar. E havia os Terena. Ela tinha aprendido tanto com eles. Eles a receberam tão bem, e pela primeira vez na vida ela se sentia perfeitamente ligada a algo daquela forma.

— Não. Não foi a primeira vez.

A voz veio de trás dela, mas Tatiana a reconheceu de cara.

— Domovik – ela disse, sem se virar.

— Você pode fingir que não, mas você amou a cultura do seu povo, suas histórias, suas comidas, suas festas, suas canções e suas danças. Você amava isso tudo na sua infância, amava com um ardor que as crianças de hoje não têm. De outra forma, o Vodianoy não teria escolhido você. Você amou tanto as nossas histórias que acabou por nos dar um propósito de existência. Depois, a necessidade de se tornar uma adolescente fez com que enterrasse essa chama dentro de você. Eu respeito essa escolha. É a sua época, o seu tempo. Mas a chama não se apagou. Você sabe disso. Dentro de você, ainda há espaço para os ensinamentos dos seus ancestrais.

— Isso foi antes de uma dessas aberrações tentar me matar! – ela se virou furiosamente para ele. – Antes dessas criaturas do outro lado do mar deixarem tudo aquilo que amo em risco! Os Terena pelo menos me protegeram!

— Eu entendo a sua raiva – o pequeno homem peludo respondeu calmamente. – E não digo que esteja errada. Vanuno é um dos deuses dessa terra. Aqui ele é mais forte, mesmo que não tanto quanto antes. As tradições dos descendentes dos Guaná desaparecem da mesma forma que as nossas. Mas não acho errado que se associe a eles. Eles a receberam e conhecem a magia dessa terra. Só não quero que pense que seus ancestrais não tinham nada a ensinar.

— Tinham? Não parece! Você não deveria proteger minha família?

O Domovik baixou a cabeça, nitidamente entristecido.

— Somos criaturas que seguem regras de um mundo antigo. É difícil para nós mudar, uma vez que temos vidas tão longas. Eu protegia a sua casa, mas pouco podia fazer fora dela. Quando você dispensou meus serviços, o pouco se tornou nada.

— Você deixou meu pai morrer!

— Eu não queria. Na infância, Sansone acreditou e amou as histórias tanto quanto você. Ele as ouvia de Kátia e sonhava com elas durante a noite. A vida dura as apagou dentro dele, mas ainda havia uma brasa. Algo que ainda lhe dava motivos para sonhar, mesmo com a vida difícil. Ele era um dos nossos.

Ao ouvir aquilo, algo surgiu na mente de Tatiana. Não era apenas ela. Era a sua família. Todos eles amaram as antigas lendas na infância, por isso o Vodianoy e Irina davam tanta atenção a eles.

— Nem sequer passou pela cabeça de vocês me dizer isso?

— Não achamos necessário. Acreditávamos que ele estaria seguro. Os velhos contos estavam tão ocultos dentro dele que não pensamos que eles o considerariam apropriado para o sacrifício. O sacrificado precisa acreditar também, ou então não é um sacrifício...

Tatiana não queria chorar na frente daquele duende, mas não conseguiu evitar que seus olhos se enchessem de água. Ainda assim, ela apenas os enxugou e o encarou.

— Bom, ao que parece, estamos retornando ao Paraná. Ele deve nos deixar em paz, certo?

— Temo que não, Tatiana. Temo que seja ainda pior. Nos faxinais, ainda há quem conte os velhos contos, senhoras como a sua avó. Também há crianças que acreditam neles. E ainda há quem os acalente, mesmo sem acreditar. Temo que lá o Vodianoy apenas se torne mais forte.

Tatiana lançou as mãos para o alto.

— Meu Deus do céu, o que vocês querem que eu faça, então?

— O que tiver que fazer. Você sabe?

Tatiana encarou o duende por alguns minutos, observando seu rosto peludo e entristecido. Ela não queria fazer mais nada, estava farta daquilo. Mas parecia que não teria opção ou nunca teria paz. Pior, poderia estar colocando o que restava da sua família em risco. Suspirou.

— Eu sei o que fazer.

CAPÍTULO XL:

AS LIÇÕES DOS VELHOS CONTOS

Tatiana chegou ao hospital no início da tarde. Ele não ficava tão longe da sua casa, assim como nada ficava longe naquela pequena cidade. Chegou sozinha, como havia planejado. Não foi difícil convencer a mãe a ficar em casa. Ela estava cansada e, apesar de se sentir responsável por Kátia, não tinha a vontade de visitar a sogra todos os dias. Dessa forma, permitiu que a filha fosse visitar a avó enquanto descansava, fazendo seus planos de volta para o Paraná. Ela estaria segura. Tatiana havia feito o pacto com o Domovik, garantindo que ele cuidaria de sua casa, ao menos até ser chamado. O que ela esperava não ter que fazer.

Kátia ainda estava muito fragilizada. Seu coração ainda não conseguia manter um ritmo constante e os médicos temiam que, com seu retorno para casa, ela não pudesse receber o socorro adequado a tempo em caso de nova crise, algo muito possível após a morte do filho. Ainda assim, ela retornaria logo para casa. Era um hospital público, em uma região de poucos recursos. Tão logo ela demonstrasse o menor sinal de estabilidade, seria mandada embora sem qualquer dúvida. Nem todas as dificuldades do mundo vinham do sobrenatural. Pelo contrário, o mundano podia ser muito mais cruel.

Tatiana encontrou a sua avó como a vira da última vez. Frágil. Cheia de tubos e eletrodos de medição. Parecia estar dormindo, mas quando tocou sua mão, ela se virou na sua direção e esboçou um sorriso cansado. Seus olhos azuis pareciam ainda mais claros e olhar para ela fazia com Tatiana temesse que a avó não fosse aguentar. Sentou-se ao lado dela.

— Zdravstvuytie, baba – disse Tatiana, enquanto acariciava os cabelos grisalhos da avó.

— Zdravstvuytie, krasotka – respondeu Tatiana, em uma voz calma, mas cansada. – Como você está?

— Estranha. Tudo está muito estranho.

— Vai passar. Tudo passa. No final, tudo o que importa é que a vida continua – disse a avó tentando consolar a neta, mesmo sem saber o que realmente ocorria.

— Espero que sim – sorriu Tatiana, agradecendo. – Quando a senhora sair daqui, voltaremos para o Paraná. Voltaremos para a colônia.

— E você não está feliz com isso.

— Não – respondeu Tatiana, com sinceridade. – Aqui eu tenho uma vida. Mas irei com vocês.

— Os jovens não deveriam viver em favor dos velhos.

— E os jovens não deveriam também ser egoístas. Vocês são a minha família. De que vale o que tenho aqui sem vocês?

A velha senhora sorriu e apertou a mão de Tatiana. Um aperto fraco, mas um sinal de que

estava com ela. A garota suspirou, criando coragem para, finalmente, perguntar o que queria.

— Baba, lembra das histórias que você contava? Do Vodianoy e das russalki? – Kátia fez um olhar de estranhamento, ao qual Tatiana continuou. – Como as pessoas se protegiam deles? Como os evitavam?

A velha Kátia parou por alguns segundos, fechando os olhos, em uma expressão tão serena que qualquer um poderia dizer que ela havia adormecido novamente. Mas logo os abriu novamente, enquanto trazia suas lembranças de infância de volta à mente.

— Era normal que as pessoas usassem amuletos de bétula e faia, que acreditavam que afastava maus espíritos...

— Hmmmmm, acho que não é fácil encontrar bétulas ou faias no Brasil, baba...

— De fato, de fato – a velha senhora pensou por mais algum tempo. – Era dito que os seres sobrenaturais tinham medo de ferro. Por isso colocavam tesouras ou agulhas de ferro debaixo dos berços dos bebês, para que não fossem tocados pelo mal...

— Obrigada, baba. Então o ferro podia ser usado para derrotar o Vodianoy?

— Isso não é sabido, Tatiana. Ninguém ia até o Vodianoy. Só os mortos e afogados. Ninguém podia se aproximar dele, a não ser as russalki, suas esposas, e outros seres das águas.

— Anotado, baba – disse Tatiana, enquanto se levantava e dava um beijo na testa da avó. – Vamos voltar para a colônia juntas, você verá. Agora preciso ir, mas espero que amanhã venha te visitar de novo.

— Mas Tatiana, espera... onde você vai com tanta pressa? E a sua mãe?

— Preciso resolver algo, baba, algo muito importante. A mãe está bem, ela virá te visitar amanhã, caso eu não possa. Do svidaniya!

Ela preferiu sair rapidamente para que a avó não percebesse o nervosismo. Já havia conseguido o que acreditava ser necessário. Agora precisava de coragem. Coragem e sorte. O que ela era, senão uma adolescente? Alguém cujas preocupações costumavam se restringir a baladas, meninos e escola? Porém as coisas estavam mudando. Ela não podia ser mais apenas uma adolescente. Tinha de ser algo mais. Se ela quisesse sobreviver. Se não conseguisse... ela não queria nem pensar. O que poderia ocorrer com sua mãe, seu irmão, sua avó... Kátia certamente não suportaria mais uma tragédia. Mas essa tragédia poderia atingi-los de qualquer forma se Tatiana falhasse...

CAPÍTULO XLI: NO CORAÇÃO DAS ÁGUAS

A campainha na casa de Sandra e André tocou. Isildinha não se surpreendeu ao ver Tatiana no portão. Andou com dificuldade até a garota, já imaginando o que ela poderia querer. Tatiana, por sua vez, acreditava saber o que estava fazendo. Antes de sair do hospital, passou na área onde André permanecia em coma. Viu que Sandra e sua mãe estavam ao lado dele. O pai já havia voltado ao trabalho, mas as duas continuavam ali. Tatiana as observou de longe, sem adentrar o recinto. Para ela, aquilo também era sua culpa. Algo mais na sua conta. Ao sair do hospital, voltou para casa rapidamente, mas rapidamente saiu dela também. Na tentativa de se manter incógnita, abriu o portão em silêncio. Entrou na casa pela área de serviço e por ela saiu. Uma busca rápida em uma velha caixa de ferramentas, outra nos materiais de costura de sua mãe, e acreditava que tinha o que precisava. Olhou pela janela e viu que a mãe dormia no sofá, com Ivan ao seu lado. Estava esgotada. Não era para menos. Mas aquilo terminaria. Ela havia prometido a si mesma. E assim, escondida de tudo e todos, ela chegou à casa de Isildinha.

— Se você está aqui, boa coisa não está passando pela sua cabeça.

— Acho que não, dona Isildinha. A senhora me ajuda?

— Hmmmm...

— Eu quero terminar isso. De uma vez. Eu fugi o tempo todo dessa merda. Não quero mais. Quero enfrentar esses desgraçados esquecidos de uma vez. Quero que isso tenha um fim.

A velha índia olhou para a garota. Suspirou.

— É perigoso. Pode não ter o fim que você espera.

— Perigoso é continuar vivendo assim. Perigoso é continuar sendo um risco para as pessoas ao meu redor. Não é melhor que, se alguém tem que ir, que seja apenas eu?

Isildinha assentiu. A anciã Terena era uma mulher sábia e prática. Sabia que a garota falava a verdade. Talvez ainda fosse movida pelo desejo de proteger a neta, amiga da problemática menina que havia vindo de longe. Mas ela também tinha a certeza de que essa era a única alternativa para que Tatiana encontrasse sua paz. Virou-se para dentro de casa.

— Entre então. Vamos terminar logo com isso.

— Não.

Isildinha se voltou para Tatiana. Percebeu que a garota agora olhava ansiosamente para a rua que se iniciava na frente da casa. Olhava para o rio.

— Se eu quero resolver isso, terei que fazê-lo na casa deles. Preciso de sua ajuda, dona Isildinha, mas não aqui. Nós vamos para o rio.

A indígena olhou de forma preocupada para Tatiana, mas assentiu.

— Vou pegar os meus instrumentos. Então iremos.



As duas caminharam em direção ao rio em silêncio. Isildinha sentia o nervosismo de Tatiana e temia que, se perguntasse mais, sua coragem poderia falhar. Da mesma forma, Tatiana estava grata por ela não perguntar, exatamente pela mesma razão. Por isso elas caminharam pela rua sem olhar uma para a outra, ainda que lado a lado, a jovem acompanhando o passo lento da mais velha. Logo chegaram à ponte. Ambas se entreolharam, mas Tatiana balançou a cabeça.

— Aqui não. Tem muita gente olhando.

Isildinha concordou.

— Concordo, mas onde então?

A garota olhou para o rio. Percebeu a direção de onde ele vinha e para onde caminhava. Não estavam tão longe dos limites da cidade. Não tão perto também. No passo de Isildinha, talvez uma hora de caminhada. Talvez fosse difícil para a velha senhora fazer tal esforço. Mas naquela direção estava o encontro dos rios. Ali ele desembocaria no poderoso Rio Paraguai. Perto de onde André havia sido atacado. Perto de onde seu pai havia perdido o controle do carro. Ela olhou para Isildinha, que não demonstrou qualquer dúvida.

— Vamos – disse a velha índia Terena, apertando o passo o mais que podia.

A caminhada demorou mais do que Tatiana esperava. Mais de uma hora andando no sentido do rio. Isildinha caminhava com dificuldade, mas fez todo o caminho sem reclamar. Elas se distanciaram da ponte, da região onde moravam. Passaram pelo local do acidente, onde ainda havia sinais a serem percebidos, como restos e peças de vidro, plástico e metal espalhados. Tatiana não interrompeu sua caminhada, mas era impossível para Isildinha não perceber que os olhos da garota examinaram rapidamente o local. Ainda assim, não houveram lágrimas. Não era momento para aquilo. Ambas continuaram em silêncio. Passaram por regiões da cidade que não seriam recomendáveis, mas muitas pessoas entre os pobres locais eram de origem Terena. Eles reconheciam a koixomuneti em Isildinha. Eles tinham tanto temor quanto respeito por ela. Eles ainda não haviam esquecido de todo.

Elas pararam ao chegar aos limites da cidade, próximo de onde rio desembocava no Paraguai. Onde André havia sido atacado. O olhar de Tatiana para Isildinha era claro. Ficariam ali.

— Você tem certeza, menina Tatiana? – perguntou a anciã, nitidamente preocupada. – Vanuno protege você. A magia dos Terena protege você. Não precisa fazer isso.

Mas Tatiana respondeu, enquanto fitava o encontro dos rios.

— Preciso, dona Isildinha. Eu preciso fazer isso – ela se virou para a indígena. – Eu sou

muito grata por tudo o que fizeram. Sua magia é poderosa, mas nunca poderei ser uma de vocês. Não dessa forma. Se respeito e sou grata a seu povo por me ajudar, eu devo mostrar essa gratidão com algo mais concreto do que enfeites. Preciso retirar o Vodianoy daqui, antes que ele machuque mais alguém. Agora ele tem o sacrifício. Está ficando mais forte. Logo não precisará de mim.

Isildinha assentiu.

— Então você vai usar os caminhos de seus ancestrais para expulsá-lo?

— Não – ela se voltou para o rio. – Esses caminhos estão fechados para mim. Eu não sou a minha avó. Eu não nasci na Rússia de décadas ou séculos atrás. Eu nasci no Brasil, dezessete anos atrás. Não posso resolver isso como alguém que pertence a um passado mitológico. Tenho que resolver isso como eu mesma, do jeito que sou – e sorriu para Isildinha. – Além disso, esse rio é a casa de Vanuno. Por respeito, entrarei nele usando os conhecimentos do seu povo. Lá dentro, usarei os conhecimentos dos meus ancestrais. Mas serei eu que estarei lá. Usando sangue e terra, mas não como uma filha dos Guaná, o que nunca serei, nem como os escravos antigos, que vivem em mim, mas não são o que eu sou. Uma vez lá dentro, será apenas Tatiana e a combinação de tudo o que passei e aprendi em dois mundos.

A velha Terena assentiu, sentando-se pesadamente no chão.

— Acho que é o certo. Que temos que nos acostumar com isso. Que essa terra não é mais apenas dos velhos espíritos, assim como não é mais apenas dos povos nativos. Que seus pais e avós trouxeram não apenas seus corpos, mas seus ancestrais e crenças. O que é hoje não é o que era ontem, nem para nós, nem para seu povo. Vocês, que vivem o agora, devem saber como unir o que veio antes, o que veio depois, para ter sabedoria no hoje.

Tatiana sorriu para Isildinha, um sorriso tímido, mas de agradecimento sincero. Então começou a tirar os tênis e as meias.

— Bom, agora vamos para a parte difícil – disse ela enquanto entrava nas poluídas águas do rio.

— Tatiana, o que está fazendo? Esse rio está imundo! Você ficará doente!

— Doente é algo leve perto do que pode acontecer se eu não o fizer – disse a garota, abaixando o corpo até que seus ombros estivessem submersos – Eu preciso entrar como um deles. Uma russalka. Uma mulher afogada – diante do olhar de dúvida de Isildinha, ela sorriu. – Não precisa me olhar assim. Você guia a minha entrada. Depois que eu entrar, se eu não subir logo, você me tira da água.

— E se não der tempo?

— Se não der tempo, aí o Vodianoy terá não só o sacrifício que precisava, mas também uma nova russalka.

Tatiana se sentou no rio, em um lugar onde ainda podia se encostar na margem. Sentada a

água batia pouco abaixo dos seus ombros. O rio não era completamente morto, ainda possuindo alguma vegetação aquática e alguns poucos peixes que ali conseguiam sobreviver, mas a água cinzenta e malcheirosa realmente era um incômodo. Ela começou a tremer com o frio também, ainda que não acreditasse que fosse possível parar naquele momento. Ela iria até o fim.

Uma onda de fumaça aromática atingiu a sua cabeça. Isildinha estava sentada logo acima dela. Tatiana se encolheu, agarrando os próprios joelhos enquanto a água suja corria ao longo do seu corpo. Sentia também o vento do kipahé, moldando e guiando a fumaça ao redor da sua cabeça. Ela tentou inspirar a fumaça como uma forma de relaxamento, mas percebeu que era impossível naquela situação. Só restava esperar. A velha indígena começou o antigo cântico, ao mesmo tempo em que o som do itaaká se iniciou. Tatiana tentou prestar atenção no cântico. Logo se deu conta de que nunca havia perguntado sobre o significado das palavras. Que bela admiradora da cultura Terena ela estava se mostrando! Não que aquilo parecesse importar muito. O ritmo em contraponto com o do itaaká é o que parecia importante. Tatiana tentou se concentrar nele. Mesmo sem saber o significado das palavras, ela conhecia o canto. Fechou os olhos e começou a acompanhá-lo, inicialmente com a voz tremida, tanto pelo medo quanto pelo frio. Por vezes ela deixava de ouvir a voz de Isildinha, apenas para ser envolvida por uma nova nuvem de fumaça. Nesse momento ela se dedicava a manter o cântico, em contraponto com o itaaká, este que nunca parava. E, com o tempo, o seu corpo se acostumou com o frio, a fumaça aromática estava tão presente que o cheiro da água do rio não a incomodava mais, e pouco havia na mente dela além da vibração do canto e do itaaká. Uma sensação de relaxamento começou a tomar conta de Tatiana e ela se permitiu afundar mais na água, ignorando a situação do rio. Era o que ela buscava. O que por tanto tempo tentou evitar. A sensação de calma e paz com o qual seus pesadelos se iniciavam. Ela ainda ouvia o canto e o itaaká, ainda sentia a água e a vibração, ainda percebia a fumaça ao redor de sua cabeça. Mas tudo isso parecia cada vez mais distante, cada vez mais longe, enquanto a água começava a subir pelos seus ombros, pescoço e rosto...

— Você veio...

Tatiana abriu os olhos. Estava novamente no mundo escuro e aquático dos seus pesadelos. Mas dessa vez não tinha a ilusão de estar sozinha. Virou-se de um lado para o outro, procurando o dono da voz que havia acabado de falar com ela. E encontrou. Vestido em rubro e negro, como um nobre eslavo antigo, com um grosso bigode que cobria a sua boca e descia até abaixo do queixo. Da sua esquerda pendia uma espada, de suas costas caía um manto. Ela estava perante o Vodianoy, o Rei Sob as Águas.

— Tudo teria sido mais fácil se você tivesse vindo antes, Tatiana.

— Pode até ser, mas acho que aprendo devagar as coisas – respondeu ela, de forma displicente. – Mas o que importa é que estou aqui, não?

O homem à sua frente riu da tentativa da garota de mostrar coragem.

— Sim, é o que importa. Ou talvez não importe nada.

— Nada?

— Nada. Eu recebi o sacrifício. Minha essência está ligada agora a esse rio.

Tatiana continuava tentando parecer calma, mesmo que estivesse morrendo de medo por dentro. Mas não teria como recuar agora. Tinha de ir até o fim. Permitiu-se andar lentamente na direção do Vodianoy, sob o mundo das águas.

— Sabe, eu não acredito em você. Se tudo o que precisava era de uma morte, então não teria tido tanto trabalho comigo. Irina podia tê-lo feito a qualquer momento. Eu tenho algo de que você precisa.

O sorriso do homem se deformou por debaixo dos bigodes, como se sua boca fosse muito maior do que parecia. Seus olhos brilhavam, apesar de serem de um negro profundo.

— Infelizmente, o tempo de Irina no mundo da superfície é limitado. Ela não é dessa terra, nem desse tempo. Pertence apenas ao mundo das águas agora. Mas você não. Você nasceu nessa terra, nesse tempo. Conhece as entradas entre os mundos daqui, pois aprendeu com os nativos.

Tatiana pareceu atordoada com as palavras do seu algoz.

— Então você sabia o tempo todo? Sabia que eu buscava a ajuda dos Terena e que eles me ensinariam?

— Ora, mas que surpresa! É claro que eu sabia! Não se chega à minha idade sem conhecer um tanto da natureza humana. Sabia de tudo. Do menino índio que havia acabado de receber sua iniciação, ávido para se mostrar útil. Da sua velha avó, sábia nos caminhos dos espíritos. Eu os conhecia porque os via através de você, enquanto me escondia junto com nossas histórias no fundo de sua alma. Mas parece que dei mais crédito a eles do que você, pelo menos no início, não?

— É isso que quer de mim? Que abra essas portas para você?

— O que eu quero de você? Eu quero que minha presença seja trazida ao mundo como era no mundo antigo! Quero que todos conheçam minha lenda! Quero que me reverenciem como a Vanuno! Nessa terra, onde tantos ainda acreditam em antigos espíritos, eu ainda tenho uma chance. Quero que minhas lendas sejam conhecidas! Quero que os ribeirinhos me façam homenagens! Quero que me amem e me temam como seus ancestrais um dia amaram e temeram! Quero uma vez mais ter propósito na existência, uma vez mais ser algo além de um conto de terror para assustar criancinhas!

Nesse momento, as águas do rio pareciam ferver, com bolhas surgindo por todo o lado ao redor do Vodianoy. Tatiana estava parada bem em frente a ele. Ela tremia, mas não sabia dizer se era por frio ou pelo medo que não conseguia mais esconder. Ainda assim, fez o máximo possível para manter a atitude desafiadora. Ele não podia perceber ou tudo estaria perdido.

— Sei... mas fica difícil, né? Esses espíritos em que eles acreditam estão aqui há séculos.

Você é um recém-chegado. Não vai ser de uma hora pra outra que eles vão te reconhecer. E olha que eu nem sei por onde começar...

— Podia começar retirando essa tesoura escondida na calça e deixando-a no chão. Seria um bom começo.

A voz vinha de trás dela. Logo sentiu uma mão forte segurando seu braço esquerdo e torcendo-o para trás. Era Irina. Tatiana se contorceu de dor. A pequena garota parecia tão forte quanto Caetano e sua voz foi sussurrada no ouvido de Tatiana.

— Eu não vou repetir. Deixei sua outra mão livre para me obedecer. Retire a tesoura e a jogue no chão.

Tatiana tentou lutar, mas não conseguiu. Tinha a certeza de que seu braço ia quebrar, então retirou a tesoura de ferro que havia escondido na cintura da calça e a deixou cair. Irina então a empurrou na direção do Vodianoy. Este tinha um rosto de pura fúria. Sua enorme boca se estendia para além dos bigodes e sua pele parecia mais pálida e manchada. Seus olhos haviam se tornado completamente negros e a água começava a formar redemoinhos ao seu redor. Tatiana precisou se firmar no solo para não ser arrastada, mas não sabia quanto tempo ia aguentar.

— Eu devia saber que não viria sozinha aqui sem um plano. Você é esperta, Tatiana. Traíçoeira, mas esperta. Eu preferia que me servisse em vida, mas não me incomodarei se o fizer na morte também.

— Você matou meu pai, seu desgraçado! É claro que eu viria aqui para acabar com você! Mas você errou em algo, seu otário! Eu não vim sozinha!

O som de passos chamou a atenção de todos. Tatiana nem estranhava mais conseguir ouvir passos debaixo da água. Ela sabia quem vinha em seu auxílio. Vinha vestido de cossaco, com uma alta ushanka sobre a cabeça de cabelos grisalhos, tão grisalhos quanto a longa barba que dançava sob a água. A longa espada curva em mãos e os olhos cerrados mostravam que ele não vinha para longas conversas. Estava ali para lutar.

— Não estou surpreso com sua presença, Domovik.

— Deixe a garota ir, Vodianoy. Acabaremos com isso aqui.

— Acabará aqui. Ela como uma das minhas russalki, servindo-me pela eternidade. Você não tem como impedir isso.

— Eu já te derrotei antes, posso te derrotar agora – disse o antigo guardião, apressando o passo em posição de ataque.

— Sim, mas acho que as coisas são um pouco diferentes agora – sorriu sarcasticamente o Vodianoy, puxando a espada da bainha.

E o antigo conflito recomeçou. O primeiro ataque foi do Domovik, carregado de fúria e velocidade. O guardião sabia que o Vodianoy estava mais forte, graças ao sacrifício que recebera. Ele não podia hesitar. Mas o golpe foi facilmente evitado pelo Rei Sob as Águas. O

guardião continuou avançando e forçando o monstruoso homem aquático para trás, mas seus golpes eram facilmente aparados. Ele era atrapalhado não apenas pelo poder do Vodianoy, mas também pelo próprio peso dos movimentos debaixo d'água. Tatiana observava a luta, tentando decidir o que fazer, mas Irina a segurou por trás, quase sufocando-a no pescoço.

— Será que senhor Vodianoy fará questão de matá-la pessoalmente? Será que se incomodará se eu o fizer? Não importa, eu estou disposta a correr o risco.

Parecia irônico. Tatiana morreria sufocada por estrangulamento debaixo d'água, em um momento em que já deveria estar morta por afogamento há muito tempo. Ela sabia que o tempo passava de forma diferente ali, mas não deixava de achar isso engraçado. Ainda assim, ela sabia que aquilo não podia acontecer. Soltoou a mão do braço que segurava seu pescoço e bateu até encontrar o bolso da calça jeans encharcada. Encontrou os pregos que havia pego na caixa de ferramentas. A maioria caiu no chão, mas ela só precisava de um. Cravou-o com força na mão de Irina. O grito agudo da russalka ecoou pelo mundo subterrâneo e a água pareceu ficar turbulenta. Tatiana ficou perdida por um momento, tentando se encontrar. Sua visão estava obscurecida, mas conseguiu perceber Irina encolhida atrás de si, agarrando a mão ferida pelo ferro. Voltou-se para a luta entre os dois seres mais antigos. Sua visão ainda estava turva e confusa, mas ela pôde perceber que o Vodianoy agora pressionava o Domovik. Este, prejudicado por lutar debaixo da água, sofria para se defender dos golpes do Rei Sob as Águas, tão poderosos quanto as correntezas de um rio caudaloso.

O guardião não tinha chances. Tatiana pôde vê-lo tentar aparar um poderoso golpe e acabar perdendo a espada. Conseguiu ver o Vodianoy pegá-lo e erguê-lo pelo pescoço em um aperto mortal. Ela tentou correr até ele, mas tropeçou e caiu. Percebeu que estava fraca e tinha dificuldades para se levantar. Seu corpo pesava e a cabeça parecia girar. Provavelmente estava perdendo a oxigenação por estar com o corpo físico por tanto tempo debaixo d'água. Mesmo que o tempo passasse de forma diferente ali, em algum momento o seu corpo sofreria os efeitos de afogamento. Então ela só teria dois caminhos possíveis. Morrer e se tornar mais uma vítima do rio e seus novos habitantes, ou ser despertada por Isildinha e se conformar com a derrota. Ela não podia aceitar nenhuma das duas alternativas. Assim, com dificuldade, ela se pôs de pé, ainda que mal conseguisse ver onde o Vodianoy e o Domovik estavam.

Ela ainda conseguia ouvir. Podia ouvir atrás dela o choro fraco de Irina. Ao que parece, o ferro realmente poderia feri-los gravemente. Podia ouvir os gemidos do Domovik enquanto tentava se soltar do aperto do Rei Sob as Águas. Acima de si, contudo, podia ouvir Isildinha ainda cantando, o itaaká ainda soando, a canção Terena que foi sua porta de entrada ao mundo aquático. Percebendo que estava prestes a perder a consciência, ela chegou à conclusão de que não tinha outra escolha. Ouviu o Vodianoy bravatear enquanto estrangulava o Domovik.

— Você é um tolo, Domovik. Como podia achar que poderia me enfrentar nessas

condições? Aqui e agora eu sou tão forte quanto as correntes do Dniepre! Ninguém poderia me derrotar agora!

— Que tal as correntes do Paraguai? – perguntou Tatiana que, mesmo no limite de suas forças, sorria para ele.

O Vodianoy se virou para ela. Demorou até entender o que ela queria dizer. Quando se voltou para o outro lado já era tarde demais. Vanuno, a gigantesca serpente, já o havia atingido com uma cabeça que era praticamente do tamanho de um ônibus. O Rei Sob as Águas rolou para longe, mas logo se levantou, com uma expressão furiosa no rosto cada vez mais inchado, pálido, manchado e deformado. Parecia nitidamente uma mistura de um homem e um sapo naquele momento, mas não havia se tornado menos assustador.

— Faltava você, não é? Acha que é mais forte do que eu? Acha que é poderoso apenas por ser nativo? Eu recebi o sacrifício de fundação! Esse rio é dedicado a mim também agora! Você não pode mais me enfrentar tão facilmente!

E ele correu na direção da grande serpente. Tatiana ficou aterrorizada ao perceber que ele conseguia enfrentar o Vanuno. A serpente o derrubava seguidamente e o batia contra as paredes do rio, mas ele sempre se levantava com um contragolpe da espada, por mais que a batalha fizesse o mundo aquático subterrâneo tremer. Enquanto isso, ela não tinha mais forças. Precisava retornar à consciência do seu corpo ou morreria afogada. Caiu de joelhos. Viu o Vanuno tentar engolir o Vodianoy inteiro, mas acabou por soltá-lo quando o alto de sua boca foi ferido pela espada. Ele então tentou esmagá-lo, mas teve a barriga ferida pelo Rei Sob as Águas. A grande cascavel urrou, trovões foram ouvidos e raios cortaram o céu acima das águas. Tatiana queria ajudar, mas já sentia a consciência se esvaindo. Tudo parecia escurecer, mas ela conseguiu ver, com um pingo de esperança, que o Domovik havia se levantando e agora segurava o Vodianoy por trás, esperando apenas o ataque de Vanuno. Dois mundos lutando juntos contra um pesadelo nascido de contos antigos...

O Domovik estava esgotado, mas ainda segurava firmemente o Vodianoy, aguardando o ataque do Vanuno. A grande serpente estava ferida e espreitava antes de atacar. O demônio aquático estrangeiro havia se mostrado poderoso após receber o sacrifício de fundação, o que ancorou seus poderes àquele rio. E não parecia particularmente preocupado por estar sendo segurado pelo Domovik, o que sugeria que ele ainda era perigoso.

— Vou te dar uma escolha, Vodianoy. Parta agora e permanecerá ileso. Permaneça e não irei me conter.

Mas o Rei Sob as Águas apenas riu.

— Não deveria se conter, Vanuno, você bem sabe. Ou aceitaria se tornar menos do que um deus? Aceitaria de bom grado ser apenas uma lembrança de tempos passados, uma história para assombrar as crianças? Aceitaria de bom grado o posterior esquecimento? Por que me culpa por

lutar contra isso?

— Não o escute, Vanuno! – gritou o Domovik. – Termine com isso! Eu vou segurá-lo!

— Nenhum de nós escolhe o esquecimento – respondeu o Vanuno. – Essa escolha só é dada aos mortais. O único a escolher esse destino para si mesmo está sendo você.

E a serpente deu o bote. Um grito foi ouvido antes mesmo que o Vanuno chegasse ao Vodianoy. A grande serpente tentou segurar o ataque, mas não conseguiu evitar atingir o Domovik. Irina havia se arrastado por trás, fraca e ferida, mas ainda conseguiu atingir o guardião com o mesmo prego de ferro que Tatiana havia usado para feri-la. Em uma fração de segundo, o veloz Rei Sob as Águas inverteu sua posição com o espírito protetor da família, arremessando Domovik em direção às presas do Vanuno. A grande serpente urrou de dor e fúria ao ver o que havia acontecido. Ao ser atingido, o Domovik retornou à forma de duende. Seu pequeno corpo peludo e encharcado estava inerte no submundo aquático. O Vodianoy pegou a sua espada com a mão direita, enquanto acariciava a cabeça de sua debilitada e ofegante russalka com a esquerda. Então voltou-se para Vanuno.

— Parece que isso será decidido apenas entre nós dois. Acontece. Culturas são dominadas ou substituídas por outras o tempo todo. O mesmo vale para os Deuses. Só temos de descobrir qual de nós prevalecerá.

A grande serpente o encarou, com os olhos faiscando com eletricidade e fúria. Arreganhou a boca, colocando as presas para fora, pronta para o ataque. O Rei Sob as Águas se colocou em posição de guarda. Dois mundos prestes a se chocar. Um pertencendo ao Leste Europeu antigo, a uma era anterior à escrita e à chegada do cristianismo. O outro pertencendo a uma tribo indígena que cada dia mais se integrava aos modos do homem branco. Pode ser que ambos estivessem destinados ao esquecimento, mas nenhum deles pensava nisso naquele momento. Para ambos, só restava saber quem seria o espírito tutelar daquele rio. E eles decidiriam isso no próximo ataque.

O Vanuno deu o bote. Vodianoy movimentou a espada em um arco ascendente, buscando atingir a boca da grande serpente com a lâmina. O arco foi parado na metade. O próprio Vanuno parou perante a expressão de surpresa do Rei Sob as Águas. Bolhas saíam da sua boca, enquanto ele se virava para trás. Tatiana estava ali. E a tesoura que ela havia deixado cair estava cravada nas suas costas.

— Não é possível... você havia...

Tatiana respondeu, de forma displicente.

— Morrido? É, acho que sim. Viva eu não tinha mais forças para continuar lutando. Precisava respirar, sabe? Mas morta não tenho esse problema. Posso ficar aqui o tempo que quiser e até chutar seu rabo de volta pro Dniepre.

O Vanuno interrompeu.

— Tatiana, você não deveria morrer. Você era minha protegida.

— Pois é, acho que você falhou – ela disse, olhando nos olhos da gigantesca cascavel. – Parece que até os deuses falham. Mas sabe o que dizem, se não consegue proteger os mortos, pelo menos podemos vingá-los. Ou só ouvi isso em algum filme, sei lá...

O Vanuno pareceu entender o que ela quis dizer. O Vodiano até tentou reagir, mas ferido com a tesoura de ferro nas suas costas, não conseguiu. Ele não era um deus, afinal. Ainda estava restrito pelas regras do mundo do qual havia vindo. O bote da serpente foi certo. Ela o prendeu com suas presas e inoculou seu veneno profundamente no seu corpo antigo. Então abriu novamente a boca e o mastigou com os dentes, para finalmente arremessá-lo de encontro à parede do rio. O Rei Sob as Águas caiu inerte, como um corpo carcomido, mais parecido com um sapo gigante do que com um homem. Irina gritou em desespero, mas, ao olhar para o Vanuno, decidiu fugir. Nem ele, nem Tatiana se preocuparam persegui-la. Aquela disputa estava encerrada.

— Acabou? – perguntou Tatiana para o Vanuno.

— Sim. De mais formas que seria aceitável. Não devia terminar assim. Você não deveria desistir da própria vida.

Ela se virou para a serpente, encarando-a.

— Se não tivesse feito, não teria acabado. E agora?



A ambulância chegou à encosta do rio quando o crepúsculo já se avizinhava. Encontrou a velha senhora de origem Terena abraçando uma menina branca afogada. No chão se espalhavam diversos objetos. Um cachimbo. Uma bolsa de fumo. Um bastão ornamentado com penas. Um tipo de chocalho indígena. Um par de tênis. Ao redor, um grupo de curiosos, os que haviam chamado o socorro. A velha indígena chorava, não com desespero, mas com tristeza, enquanto segurava o corpo pálido da jovem. Não como se esperasse que o socorro pudesse salvá-la, mas como que aceitando o que o destino houvesse reservado para ela...

Capítulo XLII: A Última Despedida

Os olhos da cascavel fitaram os de Tatiana.

— Eu sou um guia do Outro Mundo. Você era minha protegida. Se eu falhei em protegê-la, resta-me guiá-la ao seu destino final.

Tatiana abaixou a cabeça, fitando o chão.

— Então é isso. No fim das contas, para mim restou apenas a morte.

— Apenas a morte é definitiva e irrevogável. Você a escolheu quando abdicou da vida para derrotar o Vodianoy. Mas eu sou grato, pois não acredito que eu pudesse derrotá-lo naquelas condições. Assim, vou permitir que escolha para onde irá.

— Vai?

— Eu posso te levar ao antigo reino dos seus ancestrais, onde se reunirá com eles e sua família e conhecerá a fundo todo o mundo espiritual por detrás das histórias que ouviu de sua avó. Também posso te levar para descansar entre os Terena e seus espíritos ancestrais. Você mereceu isso. Mereceu seu lugar entre os nossos. Ou talvez apenas possa deixá-la na porta dos Céus...

Tatiana pensou por um momento.

— Acho que não seria apropriado. Eu me aproximei do seu povo, mas nada fiz por ele. Os Terena, os antigos filhos dos Guaná, me estenderam a mão e tudo o que fiz foi pedir mais e mais. Não acho que mereça a bondade de seu povo, sendo que em vida eu não fiz nada por ele. Também não sei se quero encontrar meus ancestrais tão cedo. Acho que já tive o bastante dos seus contos e espíritos por um bom tempo...

— O Céu então?

Tatiana permaneceu pensativa por algum tempo, mas olhou finalmente para a grande serpente. No mundo aquático do Vanuno – agora definitivamente do Vanuno –, lágrimas brilhantes brotavam dos seus olhos e se misturavam às águas do rio.

— Não existe um mundo onde eu possa ser eu? Somente eu? Tatiana? Uma adolescente que vai para a escola e tem amigos?

O Vanuno fitou os seus olhos lacrimejantes. Havia algo nos olhos da grande serpente que era quase hipnótico. Tatiana parecia estar ficando tonta ao fitá-lo. Sua visão obscureceu e ela pareceu cair em um pesado sono...



Ela abriu os olhos, mas logo os fechou, ofuscada pela luz. Estaria no Céu? Se estivesse, ele era ainda mais brilhante do que ela esperava. Ao abrir de novo, percebeu que não era o Paraíso. Era uma cama de hospital. Ela estava confusa. Não estava morta? O Vanuno havia dito que a

morte era definitiva e irrevogável. Então ela olhou para o lado e viu que sua mãe estava sentada ao seu lado. Lágrimas vieram ao rosto de Sônia ao ver que Tatiana estava acordada. Logo ela não resistiu e abraçou a filha, e Tatiana tentou se lembrar da última vez em que sua mãe parecera tão feliz em vê-la. Lágrimas vieram ao seu rosto também, teve a certeza que estava viva.

Ela permaneceu por três dias no hospital. A história que foi contada foi a de que Isildinha a havia encontrado boiando no rio. Ela confirmou a todos que havia escorregado e caído. Não tinha certeza de que a mãe havia acreditado, mas ela não podia permitir que a culpa pelo seu afogamento recaísse sobre a avó de seus amigos. Contudo, isso só fez com que sua mãe se decidisse ainda mais pela mudança e para se afastarem daquilo que ela agora chamava de “rio maldito” – ainda que não tivesse nada de maldito, pelo menos para Tatiana. Quando retornou para casa, encontrou Ivan e sua avó sentados na sala, uma contando e o outro ouvindo histórias. Kátia havia se recuperado, ainda que estivesse bastante debilitada. Mesmo assim, ela conseguiu se levantar para abraçar a neta, sendo seguida de perto pelo pequeno Ivan. Tatiana os abraçava como se a própria vida dependesse disso, mas havia uma sensação de alívio, de uma história que finalmente chegava ao seu final.

Ela foi aconselhada a repousar, mas não conseguia. Estava agitada. Passou os primeiros dias em intensa atividade. Brincava com Ivan, contava histórias, tanto nativas como de sua ascendência, junto com a avó, ajudava a mãe a embalar as coisas para a nova viagem. Ao contrário do que muitos esperavam, ela não se mostrava triste por retornar ao faxinal. Sabia que sentiria falta da cidade, dos amigos e de toda a vida que havia construído ali, mas não demonstrava. Ela era jovem, poderia recomeçar. Agora tinha mais certeza do que nunca de que poderia começar uma nova vida em qualquer lugar. E se a saudade apertasse demais, ela sempre poderia voltar no futuro. Assim, ela ajudava as mães com as últimas coisas sem reclamar. Sabia que, naquele momento, sua família precisava dela.

O quintal foi a última coisa que foi limpa. Muito do que havia lá não seria levado para o Paraná, sendo vendido para moradores locais. Mas algo seria levado. Ivan havia se lembrado. Correu até Tatiana e Kátia carregando a estátua de madeira do Domovik. Tatiana não conseguiu evitar ofegar ao ver o pequeno duende esculpido.

— Ele vai com a gente. Vai proteger a nossa família lá no Paraná também.

Tatiana e Kátia sorriram uma para a outra e a jovem se abaixou para pegar a estátua com o pequenino.

— Ele vai sim. Ele é um grande protetor.



Na véspera da mudança, tudo já estava devidamente empacotado e preparado. Mas ainda faltava algo. O mais difícil. A despedida humana. Tatiana a adiou o máximo que podia, embora tivesse trocado mensagens com Sandra desde o momento em que saiu do hospital. Sabia que André havia acordado e que se recuperava em casa, mas ainda assim Tatiana hesitava em visitá-los. Sabia que quando o fizesse, seria em tom de despedida e queria adiar esse momento o máximo possível. Mas não podia evitar mais. Assim, ela atravessou a ponte na direção da casa de Sandra uma vez mais.

No caminho, ao passar por uma casa, viu Andréa e suas amigas. Elas olharam para ela com desprezo, mas não fizeram menção de incomodá-la. Provavelmente porque a notícia de sua iminente mudança já era conhecida de todos. Ainda assim, Tatiana acreditava que não era correto ir embora deixando pontas soltas. Mesmo as pequenas como aquela. Caminhou na direção das garotas, que se viraram para encará-la.

— Oi! Eu sei que vocês já devem saber que estou indo embora e que estão livres de mim. Só que eu não queria ir embora sem trocar umas palavras com vocês – ela chegou em frente às meninas, que estavam incrédulas diante da simpatia de Tatiana. – Sabe, eu sempre me vi como uma pessoa legal. Claro que sei que não era sempre legal com todo mundo, mas não me via como uma pessoa má ou preconceituosa. Então eu ficava fula com a raiva que vocês tinham de mim e atribuía tudo à inveja. Mas veja só, parece que eu estava errada.

— Errada? – Andréa parecia confusa.

— É. Eu ignorava que nem todos nós temos as mesmas chances nesse país, infelizmente. Eu achava que, já que éramos todas pobres, não havia motivo para vocês me tratarem diferente das outras meninas. Só que eu nunca me incomodei em ser tratada de forma diferenciada pelas outras pessoas, desde que me tratassem bem, ou melhor do que os outros. Caetano, os professores, os outros alunos, a direção. Naquele dia, no portão da escola, o certo era que ambas fôssemos para a diretoria. Ficou ainda pior quando comecei a me interessar pela cultura Terena. Eu não tinha direito de falar sobre ela como se ela fosse mais apropriada a mim do que a vocês. Ela é sua cultura, não a minha, ela sempre será mais bonita em vocês do que em mim. Naquela última discussão eu percebi que, na verdade, eu dizia que não era preconceituosa, mas reproduzia todos os preconceitos que dizia abominar de uma forma passiva. Eu não ofendia vocês por serem descendentes de indígenas, mas achava que, se não estavam na turminha que me bajulava, então eram ralé. Eu achava que admirava sua cultura, mas achava que sabia mais sobre ela e tinha mais direito a ela que vocês, só porque eu usava um monte de acessórios e enfeites. No final, eu achava que era melhor que vocês, mais bonita, mais inteligente, mas só era uma menina “padrãozinho” e arrogante. E queria pedir desculpas por isso.

As garotas pareceram confusas. Elas se entreolharam, mas Andréa, como sempre, tomou a iniciativa.

— Olha, guria, eu acho que tudo isso o que você disse é legal e tal, mas não acho que precise fazer isso. Nós também não fomos legais contigo – ela olhou para baixo, pela primeira vez parecendo envergonhada com algo. – Fizemos coisas bem ruins contigo, na verdade.

— É. Me jogar da ponte realmente não foi legal. Mas de boa, tenho minhas razões para acreditar que não estavam no seu juízo perfeito naquela hora.

Andréa riu. Parecia que era a primeira vez que ela ria para Tatiana desde a primeira vez que se viram.

— Então é assim que acaba?

— Não. Prefiro acabar com um novo começo – e estendeu a mão para a garota. – Prazer, meu nome é Tatiana.

Andréa aceitou o cumprimento.

— Andréa. E elas são Sara, Paulina, Cássia e Clara – ela completou, se virando para as amigas. – Muito prazer.

Era algo que precisava ser feito. Ela não poderia ir embora com essa mágoa. Então continuou até a casa de Sandra. Podia ver que André estava sentado em uma cadeira no quintal, próximo ao portão, provavelmente tomando sol. Pelo que a amiga havia dito, ele havia sofrido sequelas pelo longo tempo debaixo d'água, ainda que provavelmente não fossem permanentes. Tatiana fez o possível para ficar fora do ângulo de visão dele enquanto se aproximava.

– Oi, koixomuneti gatinho. Vamos dar uma volta entre os mundos?

O rapaz virou a cabeça para trás, na direção de Tatiana. Apesar da dificuldade nítida de fazer o movimento, ele sorriu para ela.

— Acho que você consegue encontrar um koixomuneti melhor. Esse aqui está meio detonado.

Tatiana entrou pelo portão e abraçou fortemente André. Ele retribuiu o abraço, embora não pudesse se levantar como queria.

— Você quase me matou de susto, seu tonto. Você sabe disso, não sabe?

— Bom, eu quase morri também, mas não foi de susto – brincou o rapaz. – Mas o que importa é que acabou, não é?

— Não sei. Acabou? – Tatiana ainda estava cheia de dúvidas.

— Na verdade, não. Nunca acaba. Mas você venceu. Isso ninguém pode mudar.

Tatiana sorriu para o garoto debilitado e se abaixou para pegar suas mãos.

— Você sabe que nunca poderei te agradecer o suficiente pelo que fez, não é?

O rosto de André corou, mas por mais que quisesse, ele não conseguia formular uma resposta.

— Quem diria que, após tanto tempo, você teria um crush no meu irmão?

Tatiana correu para abraçar a amiga que havia acabado de surgir pela porta que levava ao

quintal.

— Sandrinha!

As duas se abraçaram longamente e ali Tatiana começou a chorar novamente.

— Você me perdoa? Eu sei que não tenho sido uma boa amiga, eu sei que não...

— Shhhhhhhh, tudo bem, gata. Esquece isso – Sandra se separou do abraço. – Eu não tenho talento para essas coisas estranhas que você e o Dé gostam, mas se você ainda é minha krasotka, então está tudo bem.

Tatiana sorriu para sua melhor amiga, ainda que com os olhos cheios de água. Abraçaram-se novamente, sabendo que era um dos últimos abraços que dariam uma na outra em muito tempo.

— Então você vai embora mesmo?

Os três estavam sentados no quintal da casa. Tatiana e Sandra preferiram ficar ali, para que André participasse da conversa.

— Vou. Minha família precisa de mim agora. Se isso tudo serviu para alguma coisa, foi para mostrar que somos muito mais ligados às raízes do que pensamos.

— Isso quer dizer que quando eu te ver de novo você vai estar usando trancinhas e vestida de camponesa?

— Vai se ferrar, sua vaca – respondeu Tatiana com carinho. – Eu continuo sendo eu. Apenas eu. Tatiana. Talvez um pouco mais sabida do que antes, mas apenas Tatiana.

— E quanto ao que aprendeu conosco? – perguntou André.

— É tão importante quanto. Vocês me ensinaram os segredos dessa terra. E acho que é disso que somos formados. De sangue e de terra.

— Vou sentir sua falta, Tati. Sabe disso não é?

Tatiana se voltou para Sandra e acariciou seu rosto.

— Mas quem disse que perderemos contato? Pelo amor de Deus, vocês parecem que pararam em 1500. Temos as redes sociais, serviços de mensagem. Não pensem que vou deixar vocês dois em paz – e com a outra mão pegou a de André. – E nos veremos de novo. Isso eu garanto.

— Então é isso? É o nosso adeus?

— Quase. Preciso me despedir de mais alguém. Ela está aqui?

Isildinha estava, como sempre, sentada nos fundos da casa, próxima à área de serviço. Ela e seu cachimbo. Tatiana se aproximou e se sentou ao lado dela.

— Você é uma pessoa estranha, menina. Nem eu pensava que você ia sobreviver.

— O Vanuno me trouxe de volta. E, pelo que me disseram, a senhora estava chorando enquanto me segurava esperando o socorro.

A velha indígena riu, um riso curto que logo foi interrompido pela pitada de cachimbo.

— Fico feliz que esteja bem.

Tatiana olhou para as próprias mãos.

— Mas eu deveria estar bem? O Vanuno disse que a morte é imutável e irrevogável. Se eu desisti da vida para derrotar o Vodianoy, como estou viva agora?

— Você não é a única que fala com os seres do outro lado, Tatiana. Assim que pareceu ao Vanuno que você estava em perigo, eu recebi a sensação de que deveria te puxar da água. Foi um risco. Se você já estava de volta ao mundo das águas, significa que já havia perdido totalmente a consciência aqui. Você estava praticamente morta, por isso o Vanuno ofereceu os caminhos. Mas você optou por voltar. Ele poderia negar, mas teria falhado como seu protetor. Então ele te trouxe de volta antes que seu corpo morresse de vez. Você já estava fora da água, então ele precisava esperar que você fosse forte o bastante para sobreviver.

— Então eu sobrevivi graças ao orgulho do Vanuno e a você.

— E aos médicos que te reanimaram quando chegaram. Sem eles, com Vanuno ou sem Vanuno, comigo ou sem, você teria morrido. Foi uma questão de sorte o fato de eles terem chegado a tempo. Ou providência divina, talvez.

Tatiana riu, mas logo ficou séria novamente.

— O André me disse que nunca termina. É verdade?

— Não termina enquanto a memória existir. Mas a memória existe de forma diferente para cada um. Talvez nas terras dos seus ancestrais ainda exista alguém que se lembre do Vodianoy como uma força da fertilidade e da fartura, e ali você poderia reencontrá-lo, mas ele seria completamente diferente. Mais antigo, solene e sábio, eu creio. O conto de fadas para assustar crianças é apenas um resquício desse ser antigo. E agora você se lembra dele derrotado. Duvido que ele possa vir a te incomodar de novo.

Tatiana sorriu e pegou a mão de Isildinha.

— Há algo que possa fazer para agradecer?

— Há algo que os jovens possam fazer para compensar nossa velhice? Não, menina. Mas digo que há algo que pode fazer. Você não é Terena, não é Guaná. É jovem e imatura, mas aprendeu a nos respeitar. Quero que carregue nossas tradições no seu coração tanto quanto carrega as de seu povo. Quero que as preserve, assim como quero que preserve as do seu povo. Assim nossos deuses ainda terão um lugar para viver, mesmo que um dia todos os nossos jovens se esqueçam deles.

Tatiana apertou a mão da velha senhora Terena e percebeu que ela tremia. Olhou nos olhos dela e os percebeu cheios de água. Sorriu para Isildinha.

— Eu o farei, dona Isildinha. É uma promessa.

CAPÍTULO XLIII:

EPÍLOGO

Tatiana voltava para sua casa. Havia se despedido de todos. Das pessoas. Ao menos das que importavam. Não precisava se despedir de Caetano. Ele não demoraria a arrumar uma nova namorada. Ele ficaria bem. Mas havia as coisas não vivas. Aquela ponte de metal era uma delas. Tanto havia acontecido ali! E agora era a última vez que ela a veria. Encarou-a por algum tempo antes de subir seus degraus para atravessá-la. A movimentação de pessoas nela tornava seu momento de reflexão menos profundo. “Que se dane”, ela pensou. Se era o momento de partir, que o fizesse logo. Colocou o pé no primeiro degrau e teve uma sensação estranha. Algo que ela não deveria mais sentir. Uma sensação de urgência, de que havia algo de errado. Mas sem medo dessa vez. Ela não tinha mais medo.

Um casal descia a ponte no caminho contrário. O homem era nitidamente muito maior do que a mulher, mas tinha uma enorme dificuldade de locomoção, tanto que a acompanhante praticamente o carregava. Ele usava um pesado casaco, mesmo em um dia bastante quente, e um chapéu na cabeça. A mulher usava um vestido comum, sendo magra e de braços pálidos, bem como de longos cabelos escuros.

Foi então que ela percebeu. Era como se o mundo parasse ao redor deles. De repente, nenhuma das pessoas ao redor importava mais. A mulher que carregava o homem era praticamente uma adolescente. Por debaixo do chapéu, ela podia ver a pele pálida e manchada de um homem com um grosso bigode. Ela estava perante Irina e o Vodianoy.

— Eu te dei a chance de ser imortal, Tatiana – gemeu o Vodianoy, com uma voz nitidamente fraca e com sinais de dor.

— Você me tirou meu pai. Você quase matou o André. Por que eu iria querer a imortalidade de alguém como você?

— Você poderia ser uma deusa...

— Uma deusa? Um espírito esquecido e rancoroso como você, quer dizer! Uma carcaça podre de um mundo esquecido que teima em se esgueirar dos pesadelos infantis e que não tem colhões para encontrar um novo propósito em um mundo novo!

— Tatiana, por favor, ele está muito fraco. Você precisa nos ajudar a fortalecê-lo...

— Fortalecer? Você está falando sério? Ele matou o meu pai! – Tatiana explodiu na direção dele. – A única coisa que eu deveria fazer era cravar minha tesoura no seu peito! É a única coisa que eu devo a ele!

— Então faça! – gemeu o Vodianoy. – Encerre com a minha existência e esqueça de mim para sempre! Assim você terá sua vingança!

Tatiana encarou a dupla. O Vodianoy parecia fraco e miserável, ferido gravemente e com o veneno das presas do Vanuno correndo por suas veias. Ele possivelmente nunca mais teria a força de antes, nunca mais poderia assombrar alguém. Ela mesma poderia acabar com aquilo de uma vez, pelo que achava. Contudo, preferiu se virar.

— Eu nunca esquecerei do meu pai, portanto não esquecerei do seu assassino. Você não será esquecido, Vodianoy. Continuará vivo na minha memória, como esse desgraçado maltrapilho que se tornou. Não quero que sua existência termine. Quero que ela permaneça por toda a eternidade, em um estado ainda mais miserável do que antes. Assim eu me vingo de você. Com a vida, não com a morte – e subiu a escada da ponte, acrescentando sem se virar – reze para que eu não te transforme em uma nova lenda local para esse rio. Uma que perpetue esse seu estado decrépito por toda a eternidade.

E Tatiana continuou seu caminho. Logo percebeu novamente as pessoas andando pela ponte. Algumas olhavam para ela, a garota que costuma falar sozinha na ponte. Ela riu. Pelo menos era a última vez. A única ponte que ela queria cruzar agora era para sua nova vida. Uma vida onde ela poderia ser apenas Tatiana. Que os velhos contos vivessem dentro dela. Ela não teria mais medo deles, nem permitiria que tentassem transformá-la em algo diferente do que quisesse ser. Quanto às águas, ela nunca mais as temeria. Quem já havia mergulhado tão fundo quanto ela não teria como ter medo de qualquer corrente. Quem já havia nadado nas profundezas da morte como russalka podia facilmente navegar pelos rios que guiam a vida.



**Editora
PenDragon**

Conheça nosso catálogo
Vendas: www.editorapendragon.com.br

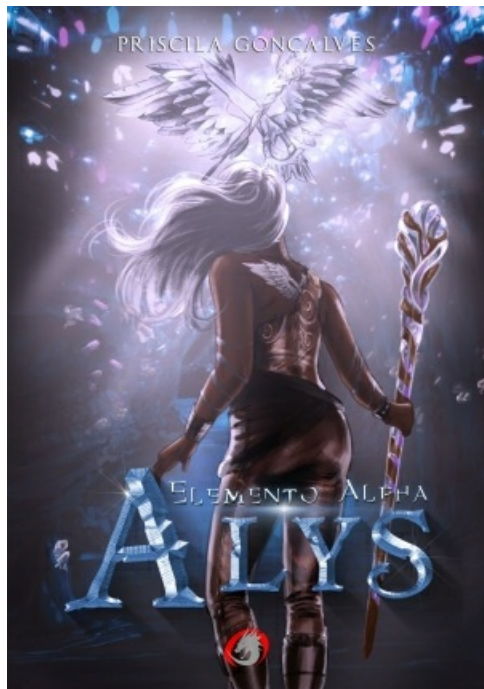
Notas

[[← 1](#)]

Um tipo de maracá. N.A.

[← 2]

Um bastão ornamentado com penas de ema. N.A.



ALYS

Gonçalves, Priscila

9788569782872

354 páginas

[Compre agora e leia](#)

Alys era só uma garota supervalorizando seus pequenos problemas adolescentes. Até que uma simples incursão abriu mais que o mundo que ela desejava conhecer. Abriu os seus olhos pra verdadeira natureza dos metais Nifrity e as responsabilidades de ser a única pessoa capaz de mantê-los em segurança. Agora, ela precisará desenrolar o emaranhado de segredos em que sua vida foi mantida, aprender a dominar seus poderes e encontrar seu guardião antes que a escuridão chegue. Uma aventura fantástica repleta de mistérios, aprendizado e superação, que levarão uma garota a se transformar em uma guerreira e encontrar o seu lugar no mundo.

[Compre agora e leia](#)



Erros... Nas Entrelinhas

Ripardo, Brenda

9788569782537

340 páginas

[Compre agora e leia](#)

Samantha é capitã do time das líderes de torcida e namora Devin, o quarterback do time de futebol. Mas para ela, as coisas não haviam sido fáceis, já que era o tipo de garota invisível. Logo no primeiro dia de aula ela conhece Benjamin, um garoto recém-chegado na cidade, cujo contato inspirador, desperta novamente nela o amor pela música, que há anos permanecia adormecido. Benjamin é diferente, envolvente, e faz com que os sentimentos de Samantha em relação a ele cresçam, e embora ela tente lutar contra isso, o destino parece sempre querer uni-los. O intenso envolvimento de ambos a deixa certa de que ele é o seu verdadeiro amor. Entretanto, nada parece estar a salvo, pois Samantha acaba cometendo erros e ferindo os sentimentos das pessoas que a cercam. Ela terá como lição que os segredos nem sempre estão seguros e que tomar certas decisões, podem trazer sérias consequências.

[Compre agora e leia](#)



Lendárias

Angel, Cristy S.

9788569782575

212 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em sua busca pela libertação de uma maldição, Kahlan, a líder das lendárias, é capturada pela legião em uma emboscada para ser levada ao rei das terras do norte. Na jornada, repleta de perigos e segredos através da floresta negra, têm seus poderes removidos por um bracelete mágico. Enquanto isso, o restante de seu clã guerreiro terá de decidir se partirá em sua busca ou se desvendará um novo mistério no forte das bruxas. Nesse meio tempo, a jovem e encantadora Líder é levada como prisioneira pelo comandante da legião, o belo Lian Ruthven, mas o que ambos não sabem, é que seus destinos estão mais ligados do que poderiam imaginar.

[Compre agora e leia](#)



A Casa das Hostesses

Felipe, Déborah

9788569782407

158 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que você faria se tudo o que planejou para a sua vida desmoronasse em um segundo? Para onde iria quando seu coração é partido e nada mais parece verdadeiro? Quem buscar quando você busca aconchego e conforto numa noite de tempestade? As hostesses podem cuidar de você... A Casa das Hostesses não se parece com um lugar que Souji frequentaria normalmente. A música é muito alta, as pessoas parecem menos inibidas, as luzes dançam muito rápido, as bebidas se parecem mais com poções mágicas... e as garotas... bom, ele não sabe ao certo como é que um trabalho como aquele funciona. Mas aquele lugar misterioso surgiu em seu caminho como se fosse um encontro marcado pelo Destino... Takeshi Souji sempre conduziu sua vida sobre três pilares: seu trabalho na empresa Takeshi, que um dia será sua; seu noivado com Juury, sua namorada do colégio e seus amigos de infância. Porém, dois desses pilares desmoronam quando ele descobre que sua noiva tem um caso com seu pai, deixando-o completamente sem chão. A Casa das Hostesses é um prédio de aparência antiga que germina como se fizesse parte do solo. Ninguém perceberia aquele lugar se não o estivesse procurando, e talvez isso faça parte de seu charme, como um lugar que sabe exatamente quem deseja conhecer a cada noite, como se fosse uma das hostesses que trabalha ali... A todos que estão para conhecer esse novo mundo... Sejam bem-vindos à Casa das Hostesses.

[Compre agora e leia](#)



As Crônicas de Ezorion - A Ascensão do Rei

Redfield, Alex

9788569782469

392 páginas

[Compre agora e leia](#)

Qual é o poder que sempre imaginou? Forges e Jack são irmãos e cresceram na pequena cidade de Sentene que, apesar de pacífica, vive na pobreza criada pelo ganancioso Rei. Os Jovens, insatisfeitos com o reinado de Isaac, decidiram treinar seus poderes e conseguir alianças para destronar o Rei. Ezorion é um mundo onde todos os humanos possuem habilidades especiais incríveis, desde que as treinem, esses poderes são divididos em categorias determinadas pelo próprio Rei. Jack possui a habilidade de transformar metade dos braços em lâminas, sendo da classe Fusionário e apesar de ser impulsivo, é extremamente forte. Forges, por sua vez, tem a capacidade de mover objetos com a mente, sendo um Extramental, e é apaixonado pelo estudo desse mundo. Eles lutam para derrubar não um só Rei, mas o Reino, e para isso, eles terão de forjar fortes alianças e descobrir que as melhores são forjadas no fogo da amizade.

[Compre agora e leia](#)